1956

FEVEREIRO - N.465

EU SEI TUDO

ANO 39 - Nº 9
CEA
FEVEREIRO - 1956

Viaje nos trens

VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"

CARROS DE AÇO INOXIDÁVEL

COM AMORTECEDORES

HIDRÁULICOS

MODERNÍSSIMAS CABINES E

CARROS RESTAURANTES

COM AR CONDICIONADO

PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS:

VERA CRUZ

IDA E VOLTA..... CR$ 405,00
IDA ..... CR$ 226,00

BELO HORIZONTE
SAIDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00

RIO DE JANEIRO
SAIDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

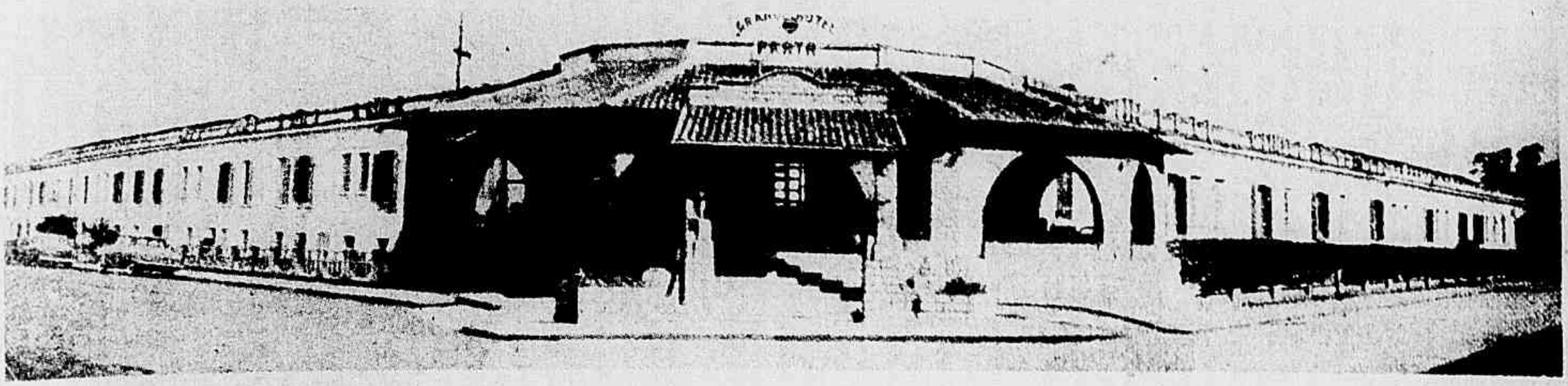
SANTA CRUZ

IDA E VOLTA ..... CR$ 356,00
IDA ..... CR$ 198,00

SÃO PAULO
SAIDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25

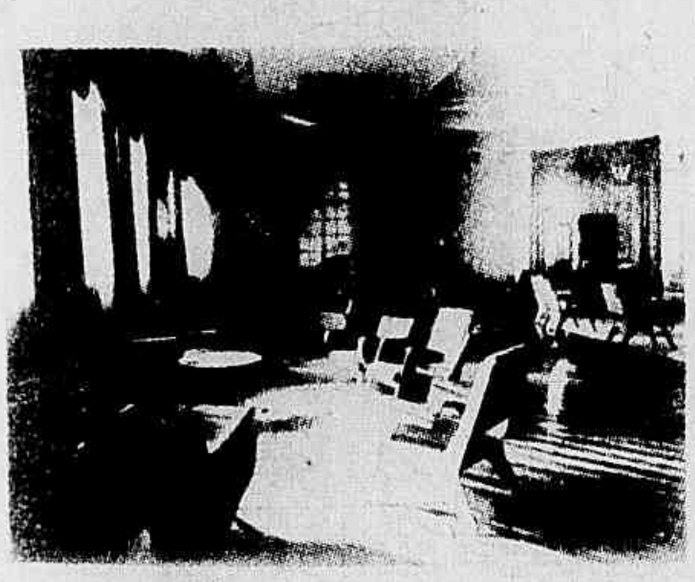
RIO DE JANEIRO
SAIDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE NESTA MARAVILHOSA ESTANCIA

•

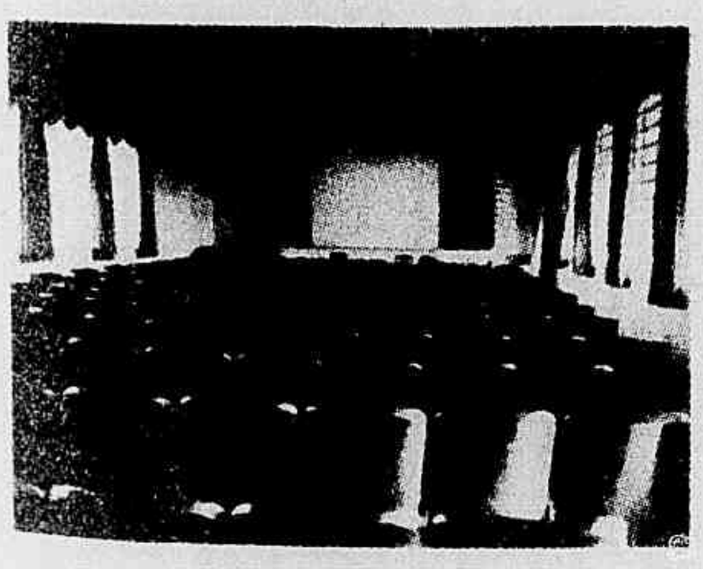
GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

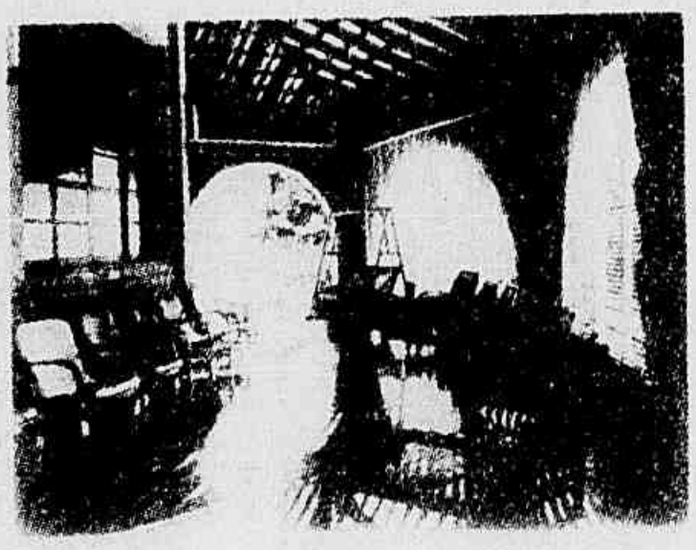
Diária para solteiro desde Cr$ 190,00
Diária para casal desde... Cr$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

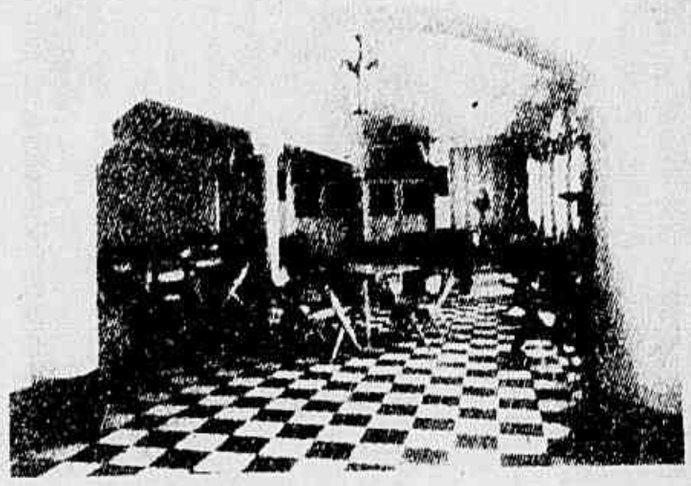
AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



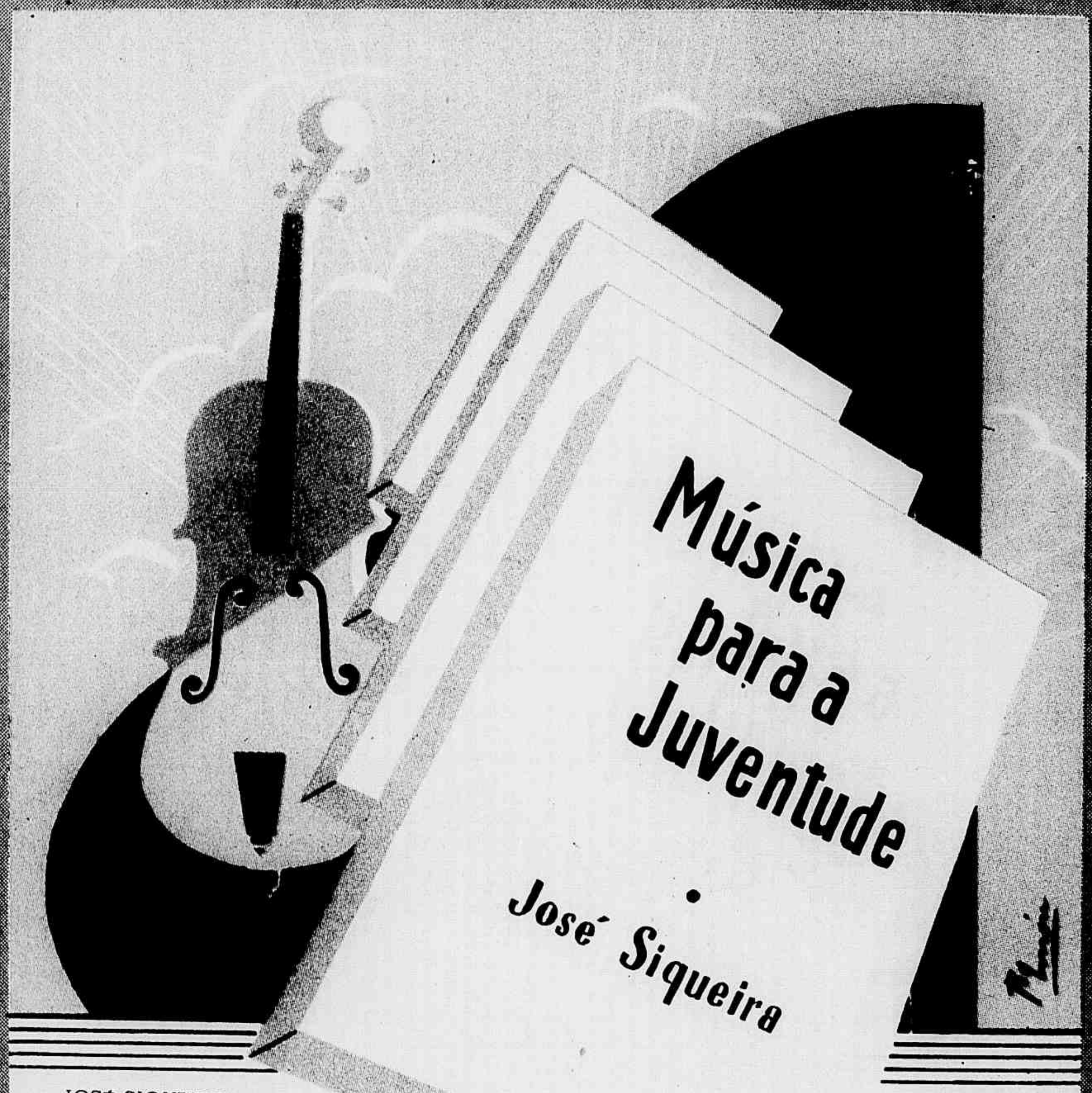
O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração** e **Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250.00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO FUNDADO EM 191

Propriedade da COMPANHIA EDITÓRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00; para o estrangeiro: Cr$ 150,00.

PASSOS NA NOITE

Conto de ALEXANDRE RICE GUINESS

E repente, o último véu do sonho se dissipou no nada e aquêle rumor sutilíssimo chegou a seus ouvidos com perfeita nitidez. Abriu os olhos na escuridão do quarto e ficou atenta, procurando ouvir sem respirar, enquanto perguntava a si mesma se estava adormecida ou acordada.

Um novo ruído, não mais forte que o anterior, foi a resposta que obteve. O sangue começou a fluir com intensidade na cabeça e no peito. **Alguém andava pelo quarto contíguo; alguém que movia os pés cautelosamente, para evitar o ranger das tábuas do soalho!**

Completamente paralisada, a mulher percebeu que era de todo impossível avisar ao homem que dormia ao seu lado. Mas, logo notou que o rumor havia cessado. O canto dos grilos e um balido muito longínquo faziam do silêncio uma coisa enorme, pesada como uma lápide.

Tentou, num esfôrço, ouvir novamente, porém o pulsar agitado do coração não lhe permitia distinguir com clareza. Sem mover a cabeça, dirigiu o olhar para a esquerda tanto quanto lhe foi possível.

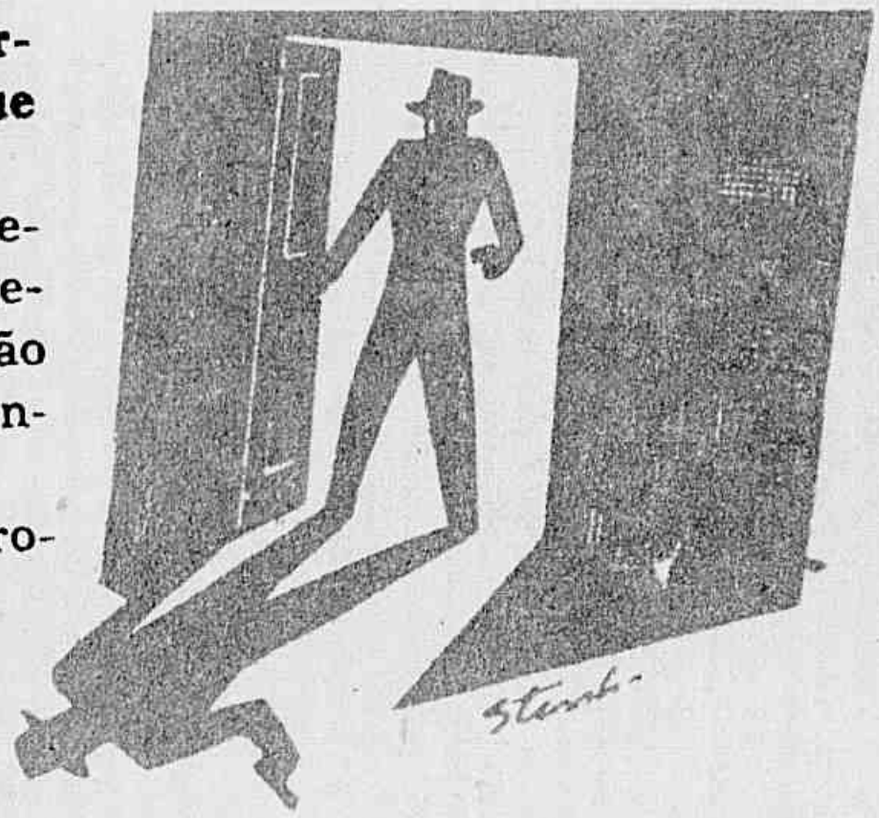
Ali estava a janela aberta, formando um vago retângulo pálido na escuridão do aposento. Nenhuma forma estranha se salientava nos abismos da noite. A porta que comunicava o dormitório com o quarto contíguo também estava aberta, mas as trevas haviam estendido diante dela um véu impenetrável que só deixava passar êsse...

Naquele mesmo instante o ruído se repetiu, agora mais distinto, mas detalhado e mais vigoroso do que antes. **Dois**

passos que não mais titubeavam, que sabiam perfeitamente a direção que seguiam !...

Ela sentiu que ia começar a tremer. Fêz um desesperado esfôrço para não gritar, e respirou profundamente.

"Talvez isto seja um produto da minha imaginação" — pensou, procurando reanimar-se.



Durante uma fração de segundo, um impulso repentino e incontrolável distendeu-lhe os nervos e a mão conseguiu atingir as espáduas daquele que dormia a seu lado. O homem voltou o corpo para o lado oposto e emitiu um grunhido. Ela buscou-lhe a orelha, e aproximando os lábios, cochichou:

— Há alguém no quarto ao lado...

Baixou o antebraço e sentiu que êle contraía os músculos do tórax e que já se achava inteiramente acordado. Através da porta aberta chegou, claramente perceptível, novo ruído, a seguir, outros mais. O homem uniu seu rosto ao dela:

— Espera aqui. Vou ver.

A mulher se apoiou nos cotovelos com súbita decisão.

— Vou com você !

— Não.

— Vou, sim !

As palavras voavam num movimento alternado junto ao ouvido um do outro. Enquanto no quarto contíguo, os pés voltaram a mover-se com uma decisão que parecia desprezar tôda cautela. Êle apertou com fôrça o ombro da mulher contra o travesseiro e deslizou para o solo por um dos bordos da cama. A mulher permaneceu imóvel durante um instante, mas endireitou-se, de repente, como se o leve ruído da pistola contra a madeira da gaveta, ao ser apanhada pelo homem, e o tilintar da lanterna ao roçar o vaso d'água, colocado sôbre a mesa, lhe tivessem servido de advertência. Teve tempo de se assombrar ante a lucidez com que agira ao perceber que **os cães não haviam ladrado,** e de como recordava que nessa mesma tarde mantivera uma discussão com o marido por ter êle lhe lançado em rosto a imprudência de ir sòzinha ao povoado, por aquêle caminho perigoso para qualquer um, homem ou mulher, desde a época em que as chácaras de Varela e Ubaldo haviam sido assaltadas por pistoleiros que perambulavam pela região. Nessa noite, o jantar havia transcorrido em absoluto silêncio; e se não fôsse a presença de Gonçalo, o empregado, que animou a conversação com seus tolós comentários, os dois teriam continuado naquele silêncio hostil, durante o resto da noite. Porém, quando Gonçalo se retirou, nenhum dos dois se mostrou disposto a dar **o passo pacificador**; ela foi deitar primeiro e êle meia hora depois, sem que houvessem trocado uma palavra.

Seu pé descalço bateu dolorosamente contra a perna da cama, mas o importante era alcançar o marido antes de que êle atingisse a porta aberta que os comunicava com o outro aposento.

Com uma espécie de gostosa abnegação, sentiu que nada tinha importância diante daquilo que esperava encontrar mergulhada nas trevas; nem a discussão da tarde, nem a terrível dor dos seus dedos machucados, magoados — talvez feridos — contra a dura madeira da cama... Avançou com os olhos muito abertos e as mãos estendidas para a frente, até que as pontas dos dedos tocaram nos ombros do marido.

Êle esboçou um movimento de ombro, a fim de a afastar, porém ela segurou num dos seus braços e o seguiu, apoiando o rosto em seu ombro.

Ao chegar à porta o homem parou e, de repente, o jato luminoso da sua lanterna percorreu todo o quarto. Sob aquela luz móvel e azulada, as mobílias, os objetos e as paredes, não haviam perdido, ante as pupilas dilatadas da mulher, o seu aspecto familiar.

— Aqui não há nada — murmurou o marido. — Você imaginou coisas...

— Mas você também ouviu ! — protestou ela, em voz baixa.

— É que fiquei sugestionado. Eu estava dormindo — disse o homem desprendendo-se dos seus dedos e dirigindo-se para a porta da frente. Porém, não chegou a dar um passo e a mão da mulher se aferrou à sua roupa, como que crispada por efeito de uma descarga elétrica.

— É ali!

Êle girou sôbre si como um felino.

— Onde?

— Não sei. Apenas ouvi...

Com efeito, ouviram um ruído. O homem dirigiu a luz da lanterna para um ponto do chão e descobriu uma bôlsa de papel grosso, deixada, por acaso, sôbre o soalho.

— Eis aqui o seu pistoleiro! — disse êle. — Apanhe a bôlsa!

Ela não se moveu. Os ruídos pareciam denunciar com maior fidelidade do que antes, a presença de alguém, que palpava com os pés o solo desconhecido.

— Abre a bôlsa! — insistiu o marido.

— Será uma cobra?

— Aqui não existem cobras. Ao menos ilumine isto aqui — disse êle, entregando-lhe a lanterna.

Colocou a pistola sôbre a mesa, apanhou a bôlsa e abriu-a. No fundo brilhou a carapaça polida de um inseto, um bezouro que tentava subir para libertar-se e infalìvelmente caía no fundo do saco. O homem deu uma pancadinha e o inseto voou para a penumbra do teto.

— Vamos dormir? — sugeriu êle, com um sorriso gentil.

— Você também acreditou — alegou a mulher, corando e com ar humilde.

— Creio sempre no que você diz...

— Fiquei muito assustada por causa dos pistoleiros que andam por aqui!... Além disso — acrescentou ela, recordando-se da sua dor — levei uma terrível pancada no pé quando procurava seguir você...

— Não devia ter saído da cama. Poderia ter sido perigoso se, na realidade, fôsse um indivíduo qualquer, um assaltante.

— Eu seria capaz de jurar que era um ladrão — desculpou-se ela, acentuando mais ainda a sua humildade. — E se matassem a você, eu queria que me matassem também!

A seguir, deixou-se cair numa poltrona. O homem travou a arma.

— Que está sentindo! — perguntou, carinhosamente, curvado sôbre ela.

— Meu pé está doendo muito.

O homem se ajoelhou, colocou a lanterna acesa no chão, e começou a examinar, solìcitamente, os dedos do pé de sua espôsa. Tôda a hostilidade entre ambos havia desaparecido...

★ ★

A ENERGIA SOLAR EM 1956

NO início do ano próximo será inaugurado, perto de Font-Romeu, França, um centro de pesquisas sôbre a energia solar, que disporá de um forno solar de uma potência de 1.000 kwt munido de um espelho plano de 30 metros de altura por 50 de largura. Espera-se assim poder obter temperaturas acima de 4.000º centígrados!

As temperaturas obtidas com os fornos solares de Mont-Louis (Pireneus Orientais) e da Bouzaréa (Algéria), os maiores do mundo, são apenas superiores a 3.000º.

Com essas novas instalações será possível a fabricação, por síntese, de certos ácidos complexos, impossível por outros meios. O centro de pesquisas disporá igualmente de laboratórios onde poder-se-á estudar a cultura artificial das algas, a foto-síntese, a utilização da energia solar para uso doméstico e a transposição da energia solar em corrente elétrica!

Um modêlo reduzido de forno solar foi o centro de atenções da recente exposição francesa de Milão.

★

UMA elegantíssima senhora, tendo na mão esquerda uma comprida e luxuosa correia de "nylon" e na extremidade da mesma um espalhafatoso cãozinho prêto, entrou recentemente numa das mais famosas casas de modas de Paris. Repentinamente, seu olhar se detém num aviso, pendurado numa parede e que proclama: "É vedada a entrada de cães nesta loja".

A linda criatura não insiste. Roda sôbre o salto de um sapato e prepara-se para sair, quando o gerente se precipita em seu encalço:

— Madame, por favor! — diz êle, com insistentes curvaturas. — Nosso cartaz é só para os cães que não estão acompanhados pela proprietária!

BÊNÇÃO A CAVALO — Em Colônia, Alemanha Ocidental, recentemente foi inaugurada uma nova e grandiosa escola de equitação para civis. Entre as várias solenidades constava a da bênção e para tanto foi pedida a presença de um padre. Eis quando os presentes tiveram duas surprêsas. A primeira devido a que o capelão era Paul Adenauer, filho do chanceler da Alemanha Ocidental. A segunda porque o religioso se apresentou montado num dos cavalos da Escola.

A MORTE CHEGOU SORRINDO — O conselheiro municipal H. V. Thompson, de Burbank, Califórnia, depunha perante a Comissão encarregada de apurar os responsáveis por uma série de negociatas escandalosas. Sorria (foto de cima). Repentinamente curvou-se sôbre o microfone e segundos depois estava morto. Um ataque cardíaco o fulminara. Emoção? Sentimento de culpa? Quem pode responder? Ressalte-se a coincidência do fotógrafo, ligar, nesse instante, a câmara-de-seqüência.

"ACHADOS" PRECIOSOS

relâmpago executou um último passo de baile no céu, e o trovão aplaudiu de muito longe. — Maureen Daly.

— Uma voz provida de um dedo indicador, para chamar a atenção. — Amil Sutter.

— Parou, no ar, um silêncio duro e nítido, que parecia sensível ao tato como a pedra. — Ciro Alegria.

— Que palavras fugiram ao cêrco dos teus dentes? — A Odisséia.

— Uma voz tão submissa que parecia vir de baixo, do porão. — Eduardo Blanco Amor.

— Demasiado orgulhoso para ser vão. — Balmes.

— Visto um leão estão vistos todos, e vista uma velha, tôdas estão vistas; porém, visto um homem, não está visto mais que um só, e assim mesmo não muito bem. — Gracian.

— Viajar é converter surprêsas em recordações. — Gil Rod.

— O coração não envelhece; o couro é que se enruga. — Dito popular espanhol.

— O velho cão concedera jubilação à cauda e já não a movia senão em ocasiões extraordinárias. — Shirley Garner.

— As recordações chegavam à sua mente como afanosas mariposas em redor da lâmpada. — L. M. Urbaneja Achelpohl.

10 MITOS ACÊRCA DA SAÚDE

EM dúvida, o leitor tem lá suas idéias predi-

exigem agilidade, resistência, fôrça, equilíbrio, flexibilidade, poder. Porém a velocidade da decadência pode ser diminuída.

letas referentes à saúde. Quase todo o mundo as tem. Os indivíduos soem aferrar-se a elas contra vento e maré. Muitas vêzes, são idéias razoáveis, sem dúvida.

Mas **nem sempre**!

Nem sempre, de fato, pôsto que as mais correntemente aceitas não se baseiam infalìvelmente em fatos comprovados.

Na realidade, algumas delas não passam de mitos. Foi essa, pelo menos, a conclusão a que chegou o Physical Fitnesse Research Laboratory, da Universidade de Illinois, Estados Unidos. O especialista Thomas Kirk Cureton, e seus colegas, ali se esforçam há mais de treze anos, contribuindo para que homens e mulheres — vários milhares — consigam alcançar o ambicionado equilíbrio físico.

UM AFAMADO CENTRO CIENTIFICO DESTRÓI CERTAS TEORIAS RELATIVAS AO EQUILIBRIO FISICO E REVELA ALGUNS SEGREDOS PARA CONSERVAR EM PERFEITO ESTADO

Os que intervém em suas aulas têm que submeter-se aos estudos dêsses homens todo entregues ao progresso da ciência. Em geral são sêres humanos chegados de tôdas as sendas da vida e que, como humanas cobaias, suportam pacientemente cento e vinte e oito provas, realizadas em cada uma das fases do bem-estar físico. O objeto do trabalho consiste não só em ajudar aos participantes, mas em promover a investigação. Foi êsse, recentemente, o tema de uma série de filmes documentais, televisados com o título "A Busca".

A seguir, relatamos dez mitos, entre os quais, talvez, estejam os que os leitores considerem "teorias aceitáveis".

1 — **A Idade Madura Começa aos 40** — Não é verdade. Começa na altura dos vinte e seis. Com as cento e vinte e oito provas como base de medição, descobriram os especialistas que a plenitude começa a declinar a partir dessa idade. As provas

2 — **O Endurecimento das Artérias é Parte Natural do Envelhecimento** — Não é verdade. Isso pode ocorrer em qualquer idade. Segundo o mencionado laboratório, é isso, freqüentemente, o resultado de um sistema de vida sedentário. O coração é uma víscera muscular — dizem — que com o uso funciona melhor e sua potência de distribuição do sangue pelas artérias e veias, mas que se mantenham flexíveis, depende, não tanto da idade que tenhamos, como das oportunidades que lhe tenhamos dado para trabalhar.

Afirmam os especialistas que é necessário manter livres os condutos sanguíneos e que o melhor modo de consegui-lo é um exercício ritmico regular.

3 — **Conforme se Vai Envelhecendo é Recomendável Praticar Menos Exercício** — Não é isso, realmente — afirmam o dr. Kirk e seus colaboradores. — A verdade é justamente o contrário. O coração funciona ùnicamente se se lhe pede que o faça. Um coração fraco, frouxo, fatiga-se com mais facilidade do que um forte; é menos eficiente e mais suscetível de enfermar, como o é uma pessoa de físico delicado.

No entanto, os breves e violentos acessos de atividade para nada servem. São, inclusive, prejudiciais. O coração pode ser fortificado mediante exercícios rítmicos vigorosos, persistentes, nos quais intervenha todo o corpo. O melhor será um plano progressivo, condicionado, no qual o exercício chegue, exatamente, até o primeiro sintoma de cansaço. E êsse exercício deve produzir respiração profunda e transpiração, devendo também ser realizado com constância, pelo menos algumas vêzes semanalmente. O melhor exercício é a

natação. Nadar vários dias por semana. No caso disso não ser possível deve o indivíduo procurar caminhar. Não vagar. O eficaz é uma marcha viva, com passos regulares. Também é bom andar em bicicleta e, depois disso, talvez seja conveniente iniciar um plano que inclua uma curta corrida. O que deve ser cultivado é a perseverança.

Se se deseja, realmente, obter um grande resultado caminhando, é conveniente andar cêrca de quatro quilômetros diários, umas cinco vêzes por semana. É, igualmente, muito útil, quando efetuada com regularidade, a calistenia doméstica, compreendendo flexões de joelhos e de cintura, até tocar as pontas dos pés com as pontas dos dedos das mãos.

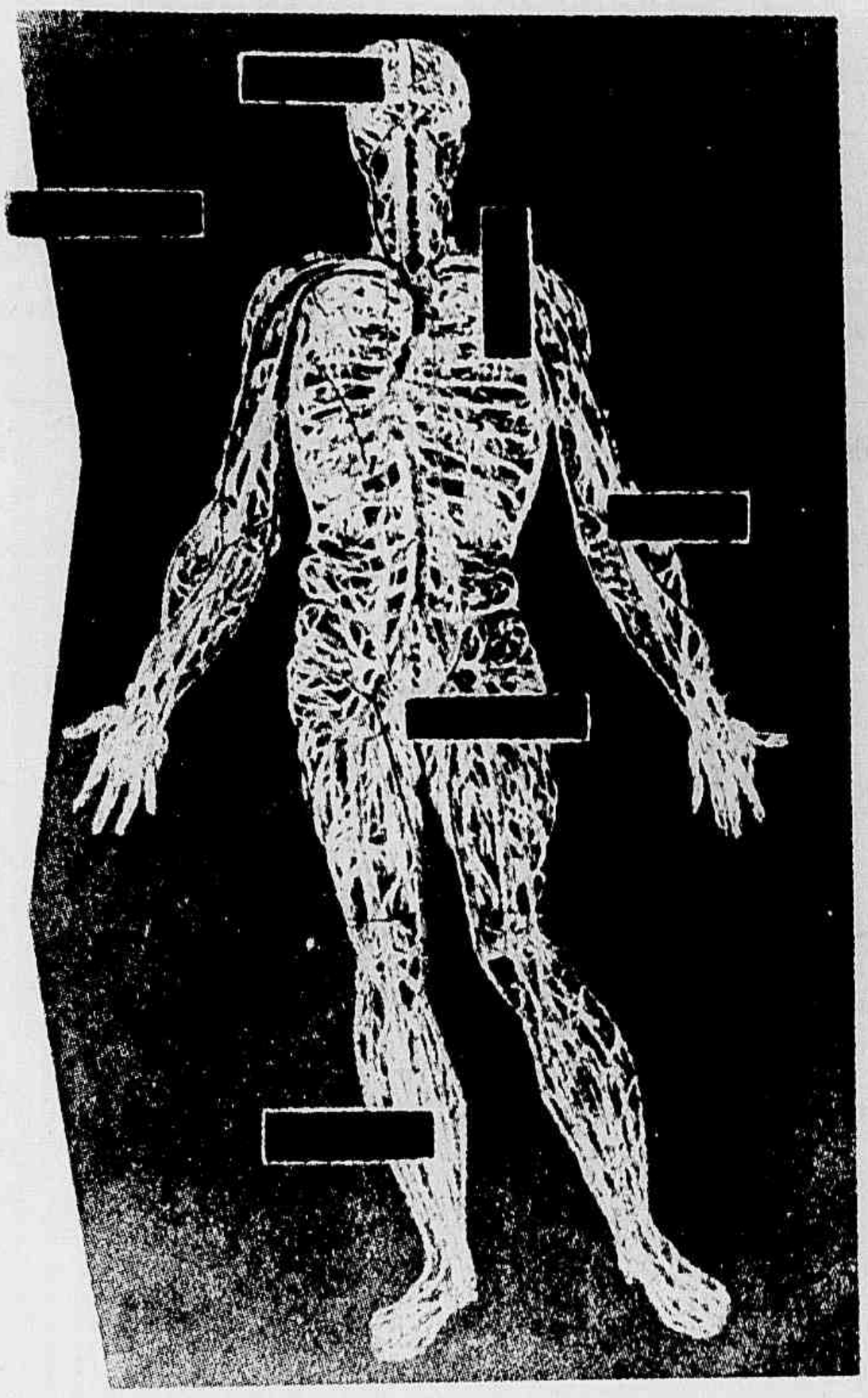
Naturalmente, todos êsses exercícios só podem ser empreendidos quando se tem um coração. são e com a aprovação do médico. Há indivíduos de cinqüenta anos que ocupam lugar destacado nos cursos instituídos pelo laboratório universitário.

4 — **O repouso ou o Sono São, Sempre, Excelentes Remédios Para a Fadiga** — Não é verdade. Às vêzes, depois de um dia de rotina ou de contratempos, uma vivificante sessão de ginásitca — ou uma caminhada — nos deixará remoçados.

5 — **Nosso Bem-Estar Emocional Nada Tem Que Ver Com Nosso Bem-Estar Físico** — Não é verdade. Todos os leitores devem ter ouvido, muitas vêzes, dizer que as emoções podem afetar o estado físico. Segundo os especialistas, que ora se entregam ao esclarecimento da questão, o estado físico também afeta as emoções. Se fazemos um exercício adequado, a ativada circulação do sangue influi nas glândulas endócrinas, e estas, por sua vez, influem nas emoções.

6 — **O Regime Alimentício é a Única Maneira de Perder Pêso** — Não é verdade. Com o regime perdemos pêso, mas também perdemos a saúde. Para manter o vigor e a sensação de bem-estar, nada mais indicado como um plano de exercício sistematizado, mas uma moderadíssima redução de alimentos que engordam.

Segundo acreditam os médicos especializados do referido centro científico, a questão do pêso serve apenas de relativa orientação no que concerne a uma boa ou má saúde. As imperfeições físicas são, acima de tudo, resultado de uma deficiente circulação do sangue. Freqüentemente, a melhor coisa para a circulação é um plano metódico de exercício físico, assim como uma prudente e saudável poupança das energias. O objetivo é enviar reservas de



sangue a tôdas aquelas partes do corpo onde se cria uma nova demanda.

7 — **O Álcool, Em Quantidade Moderada, é Excelente Alimento** — Não é verdade. Tem elevado conteúdo calórico e de engorda, porém, não contém nenhum alimento vital nutritivo, tal como vitaminas, aminoácidos, minerais e os chamados elementos de criação de substâncias diversas.

8 — **Não Devemos Fazer Caso dos Resfriados** — Em geral não é êsse um bom

POR QUE NÃO FAZEM...

FECHADURAS e chaves em várias côres combinadas, a fim de que a chave de que necessitamos possa ser identificada a um simples olhar?

FORROS brancos nos sapatos dos homens para evitar que as meias fiquem manchadas, primeiro — e depois se descolorem com as repetidas e enérgicas lavagens?

CASAS comerciais com o fim exclusivo de alugar mobílias para crianças? Assim se evitariam grandes despesas comprando certos móveis para uso em prazo curto.

MOLDES de fazenda, das fábricas de móveis, para que possam ser vendidos juntamente com os móveis estofados, a fim de facilitar o estofamento dos mesmos?

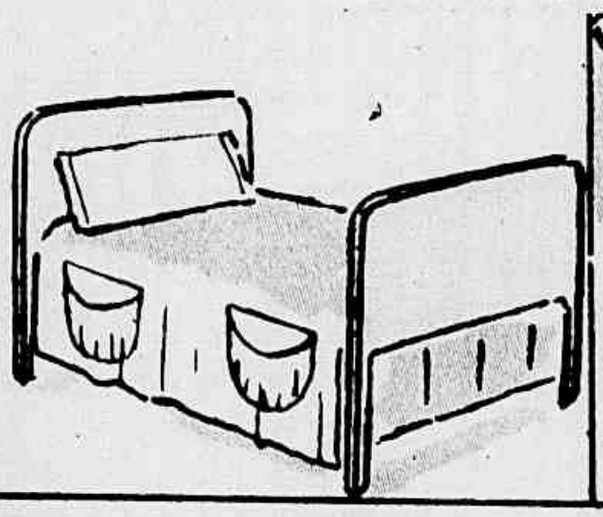
FRASCOS semelhantes aos pulverizadores dos toucadores femininos para guardar creme ou óleos destinados aos cabelos dos homens.

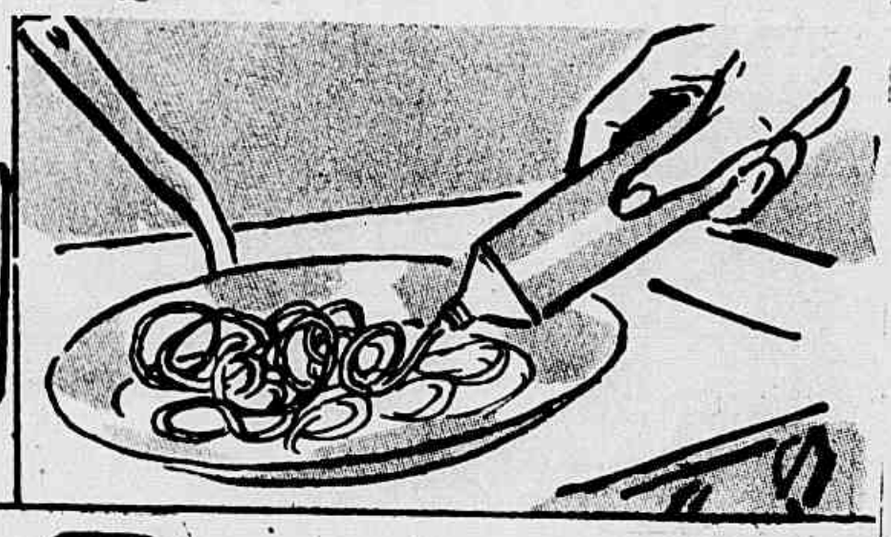
PACOTES de massa para fazer talharim em grandes tubos, semelhantes aos de pasta para dentes, a fim de ser comprimido diretamente dentro da caçarola, em fita contínua. Um dispositivo na bôca do tubo daria forma e calibre à massa.

ESTABELECIMENTOS comerciais que aluguem máquinas de escrever, máquinas de calcular, mimeógrafo, e coisas semelhantes.

DEGRAUS ajustáveis às banheiras, a fim de que as crianças não sintam dificuldades em entrar nas mesmas?

UM fecho automático para colocar na torneira das banheiras a fim de evitar que as crianças se escaldem com água quente em demasia?





LENÇÓIS de cama com um bolsão de cada lado, a fim de guardar livros, remédios, etc.?

TRAVESSEIROS para camas de solteiro da mesma largura do colchão?

conselho. Um exercício moderado ativará a circulação, e esta é a chave de um equilíbrio físico total.

Não curará o resfriado, mas em têrmos gerais será de grande benefício para o organismo.

9 — **As Crianças Não Têm Tanta Resistência Quanto os Adultos** — Têm, sim! O coração infantil não tem que distribuir o sangue por tantos metros de "canalizações" como o das pessoas adultas. O coração da criança vem a ser como um motor poderoso em automóveis pequenos. Quando estão bem ajustados, sua resistência é enorme.

10 — **Conheço Um Meio de Alcançar a Saúde** — Não é verdade. Os que assim acreditam estão enganados. Ninguém conhece um meio para alcançar a saúde. O segrêdo, verdadeiramente, está na constância para o exercício.

Esta é a conclusão a que chegaram os especialistas no "Physical Fitness Research Laboratory", e os que se prestaram a todos êsses longos e atentos exames, afirmam, por sua vez, que o que afirmam êsses cientistas está plenamente justificado. Todos repetem a mesma coisa, isto é:

— **Sinto-me perfeitamente.**

Observe o leitor as mesmas regras simples acima expostas, e poderá dizer o mesmo.

AS LATAS "IMPRESTÁVEIS"

(EPISÓDIO REAL)

PARA a maioria das pessoas existem poucas coisas tão inúteis quanto latas vazias. Mas Jim Ledford não era um homem comum, o que ficou evidenciado pelo fato de estar sempre acumulando latas de zinco em seu quintal, transformando o lugar num verdadeiro depósito, que depois o beneficiou com nada menos de 100.000 dólares!

Jim Ledford vivia em Butte, Montana, onde está situada a famosa mina de Anaconda, que, até 1905, fornecia um têrço da produção mundial de cobre

A água dos subterrâneos da mina era bombeada para a superfície e se escoava por uma estreita ravina que passava pelo quintal de Jim. Ledford era um mineiro de Kentucky e trabalhava em Anaconda, porém suspirava por uma coisa melhor do que passar o resto de sua vida enterrado em minás.

Jim Ledford e família, como a maioria dos moradores de Anaconda, alimentavam-se de conservas em latas, e quando estas eram esvaziadas costumavam lançá-las na ravina. Passando pelo quintal de Jim e através das latas, as águas provenientes de Anaconda começaram a formar depósito. Mas, sem que os cidadãos de Butte desconfiassem, as latas jogadas fora estavam armazenando uma verdadeira fortuna para alguém mais esperto do que êles... E enquanto as latas enferrujavam e eram roladas pelas águas impregnadas de minérios desperdiçados, iam extraindo o cobre do líquido rejeitado e depositando-o quase puro na superfície das latas, no córrego. Um belo dia Jim havia notado êste lamacento tesouro e o seu cérebro começou a funcionar.

Ledford pensou no assunto durante vários dias e, finalmente, arquitetou um plano. Entrou em contacto com as autoridades de Anaconda e requereu permissão para arrendar por um ano tôda a água escoada da mina. As autoridades pensaram que o mineiro de Kentucky estivesse louco, mas concordaram com a proposta.

O passo seguinte de Ledford na "Operação-Enriqueça-Depressa" foi tornar-se um comprador de latas. E começou a percorrer as ruelas de Butte e cidades vizinhas juntando grande quantidade de pedaços de metais, latas de zinco e semelhantes rebotalhos. Sua mulher ficava enraivecida quando o via amontoando vagões e mais vagões de lixo no quintal de casa e depois lançar tudo isso dentro da ravina.

— Jim — perguntou ela. — Você enlouqueceu? Não vê que tôda a cidade ri de nós?

— Deixe que êles riam à vontade — retrucou êle. — Depois, nós é que vamos rir às bandeiras despregadas!

Finalmente, Jim decidiu que já tinha bastante lixo dentro da ravina, e durante meses a fio permaneceu sentado e a olhar o horrível espetáculo de uma ravina cheia de monturo. E assim foi até que faltavam 48 horas para expirar o prazo do arrendamento. Então Jim Ledford deixou sua cômoda cadeira e transformou-se num verdadeiro castor. E dentro de pouco tempo o "louco" da cidade ganhava cêrca de 100.000 dólares em cobre. Foi só então que os engenheiros de Anaconda começaram a mostrar interêsse pelas atividades de Ledford. Enquanto isso, Jim e sua espôsa (que agora estava convencida de haver casado com um verdadeiro gênio) e seus filhos despediam-se da atônita cidade de Butte e voltaram para Kentucky, passando a viver à larga.

A GRANDE ESTRÉIA

Conto de Q. PATRICK

O tenente Trant, do "Departamento de Homicídios", da Polícia de New York, sentou-se numa das poltronas da segunda fila, no Teatro Macready, e ficou à espera de que o pano subisse e se iniciasse a apresentação da obra de estréia do jovem teatrólogo Larry Race, na Broadway. A seu lado, loura e atraente, Dodo Mulligan conversava e agitava o seu programa enrolado, na direção de cada celebridade que passava, mas tratando sempre de se colocar em evidência. Indolentemente, Trant a observava e admirava-se de que a bela Dodo escolhesse para sua companhia um homem tão sem atrativos como êle próprio se considerava. Mas, talvez, socialmente falando, o fato se revestisse de um **efeito** qualquer, dado, justamente, o seu absurdo: **"A ex-espôsa de um famoso comentador radiofônico em companhia de um simples detetive da Polícia de New York !"**

— Querido... divino... encantador...

O afluxo das palavras de Dodo Mulligan o oprimia ainda mais quando ela gesticulava com as mãos alvíssimas, numa das quais havia uma grande esmeralda encravada num simples aro de platina. E durante o jantar ela lhe explicara que o anel havia sido dado por um dos seus muitos admiradores.

— É uma jóia russa, querido. **Pertenceu ao grande Czar !** É tão interessante, não acha ?

Trant imaginou quão extraordinária não deveria ter sido a ex-espôsa de Willie Mulligan. A verdade é que no grande mundo da alta sociedade e entre as personalidades célebres, Willie Mulligan, com sua palestra radiofônica diária, conseguira a opulência de um verdadeiro Czar. E, a despeito de se ter divorciado recentemente, o seu prestígio tinha proporcionado grande evidência a Dodo, que era reverenciada e cortejada por todos.

Já começavam a apagar as luzes quando um homenzinho apareceu, trazendo em sua companhia uma mulher moça, morena e muito bela. Dodo fêz um gesto de surprêsa quando os dois surgiram na fila da frente.

— Oh, querida, como estás sedutora ! **Êle** vem aí !

— **Êle** ? Quem ?

— Hunt Bickell — o crítico teatral do "Standard". Ainda esta tarde êle dizia-se terrivelmente resfriado, mas suponho que tudo não tenha passado de estratagema. Assim, **esta noite haverá um homicídio**.

Trant apanhou no ar a sua palavra favorita.

— **Homicídio** ?

— Um sangrento homicídio, querido. — O pano subiu, e um sussurro geral, exigindo silêncio, abafou a voz de Dodo. — Essa pequena que está com êle é a sua própria espôsa e está loucamente apaixonada por Larry Race, o autor da peça.

AQUELA

MAS TRANT

ERA A PREMIÈRE DE UMA ALEGRE COMÉDIA...

ZI

SUSPEITAVA DAS INTENÇÕES CRIMINOSAS DE HILDA LARRY!

Hunt já descobriu tudo! E Larry está sem dinheiro; todo o seu futuro depende desta estréia. Uma crítica desfavorável de parte de Hunt será o fim! Oh, querido, não é mesmo sensacional?

DAí por diante, embora Trant estivesse prestando atenção à peça, parte das suas preocupações se achavam voltadas para o homenzinho que estava sentado na fila da frente, imaginando frases terríveis com que destruiria a carreira do homem que ameaçava a sua felicidade.

Esta era, certamente, a fórmula clássica dos assassinatos dessa natureza, em que a espôsa ou o autor da obra deveriam, òbviamente, eliminar o crítico antes de que o artigo fatal chegasse à redação dos jornais.

Trant, que gostava de empenhar-se em homicídio do mesmo modo que Dodo adorava tagarelice, esperava que, neste caso, a realidade fôsse um pouco melhor do que a ficção.

Durante o primeiro intervalo, Dodo correu ao "foyer", dando pancadinhas no ombro de famosas personalidades de Hollywood, agitando sempre o seu programa e exibindo suas riquíssimas jóias. Ativa que nem uma mariposa em tôrno da luz, ela impeliu Trant para um canto onde o pequeno crítico, amarrotando nervosamente o seu programa entre os dedos, encontrava-se juntamente com sua bela espôsa e um rapaz de cabelos louros.

— Queridos amigos! — exclamou Dodo, dirigindo-se ao grupo. — Êste é o tenênte Trant... Aqui o sr. e a sra. Brickell — e o nosso inteligente autor desta noite — Larry Race! Hunt, querido, você não devia ter comparecido ao Teatro com êsse resfriado. E volte para a cama logo que acabe de escrever o seu artigo! É o que deve fazer! Dê-me um cigarro. Estou que não suporto mais!

Com gestos excessivos, o crítico teatral desembaraçou a carteira de cigarros de uma infinidade de papéis que se achavam no mesmo bôlso.

— A cama terá que esperar — disse êle, batendo no bôlso significativamente. — Na realidade, depois de redigir o artigo irei ver o meu advogado.

Um silêncio de drama desceu sôbre todo o grupo. Hilda Brickell tentou recompor a situação tecendo uns elogios ao anel de Dodo. E Hunt Brickell auxiliou-a, dizendo:

— Êste é o último produto de sua mais recente pilhagem, não é verdade, Dodo?

Todos riram ruidosamente.

De repente, Hilda exclamou:

— Hunt, você deve tomar agora o seu remédio para o resfriado!

Larry Race, a vítima auxiliando o seu executor, falou:

— Conseguirei uma laranjada para o senhor, imediatamente.

Afastou-se apressadamente e voltou logo a seguir. Por algum tempo, permaneceu segurando o copo, com ar respeitoso, enquanto Brickell separava duas pílulas.

— Acho que isto deve ter um péssimo sabor...

— Quem pode avaliar? — respondeu Brickell. — Quanto a mim, não sinto o gôsto do que bebo ou como. Seja lá o que fôr!

Engoliu as pílulas, juntamente com o líquido e jogou fora o copo de papel.

Neste instante, Dodo se achava conversando num outro grupo, enquanto Trant continuava com os três. A grande tensão nervosa dos três, que naturalmente perturbaria a um homem qualquer, constituía um verdadeiro fascínio para Trant. Todos êles estavam a ponto de empregar a violência e, portanto, algum fato grave deveria ocorrer.

E foi realmente o que aconteceu. Quando Dodo retornou ao grupo, Hunt Brickell foi assaltado por uma acesso de tosse, deixou cair o programa que tinha em mão e caiu desmaiado sôbre o soalho. A sra. Brickell pareceu alarmada, mas, inesperadamente, abraçou-se a Larry Race, enquanto Dodo se aproximava precipitadamente de Hunt. E mesmo sem largar o seu programa retirou a manta do pescoço do crítico, e exclamou:

— Um médico! Depressa!

Quando Trant se aproximou de Dodo, o corpo de Hunt estava sendo abalado por violentos espasmos e a bôca se contorcia de maneira horrível!

Trant pensou, estupefato:

— Estriquinina! Deus do céú! Mataram o homem! Estriquinina na laranjada!

O médico chegou. Êle e Larry Race conduziram o crítico para a sala da diretoria

do Teatro. Dodo apanhou seus objetos, e Trant, segurando a manta e o programa de Brickell, acompanhou-os. Durante quinze angústiantes minutos, o médico fêz tudo o que estava ao seu alcance, mas quando descia o pano ao término do segundo ato, Hunt Brickel foi assaltado por novas convulsões e morreu.

Trant conhecia o assassino. Mas, de um certo modo, sentia-se culpado por não ter tomado providências imediatas com relação ao que já estava previsto.

Mas qual seria o assassino? Apenas um, ou os dois, de comum acôrdo? Trant começou a interrogar Hilda Brickell, e seu parceiro no amor, Larry Race. O cadáver foi coberto com uma cortina e Dodo ficou junto da porta, velando-o.

Trant interrogou primeiro a Race:

— O senhor admite que Brickell tenha descoberto a verdadeira natureza das suas relações com a espôsa dêle... e acha também que o morto tinha alguma suspeita sôbre os sentimentos dela para com o senhor?

— Penso que sim... Seria um contra-senso negar isto!

— E êle começou a ficar muito... agitado por causa disso?

— Não há dúvida. De um modo ou de outro, êle devia estar muito perturbado!

— Na verdade, o senhor mesmo podia muito bem ter envenenado a laranjada sem que alguém notasse, não é isso?

— Mas não fêz isso! — exclamou a sra. Brickell. — Larry não seria capaz!

— Não seria capaz? — disse Trant, voltando-se para ela. Pois êle tinha excelentes razões para matar o seu marido — antes de que o artigo sôbre a peça chegasse à redação!

— Artigo! — resmungou Hilda Brickell. — Hunt jamais permitiria que os seus sentimentos pessoais interferissem em sua honestidade profissional! Aliás, êle estava gostando muito da peça. Olhe êste programa, onde escreveu algumas notas. Leia isto!

Trant retirou o programa do bôlso do morto e desenrolou. Depois de examinar página por página, olhou desafiadoramente para a senhora Brickell e disse:

— Sinto muito; mas aqui não há anotações de qualquer espécie.

— Não há anotações? Mas eu tenho a certeza de que êle escreveu qualquer coisa!

A essas palavras Trant se sentiu um tanto confuso. De fato, o programa não havia sido totalmente desenrolado. Depois de examiná-lo minuciosamente, viu uns rabiscos ao lado do elenco, na contracapa. "Encantadora... na verdade; tudo indica que um espírito novo vem dar mais vigor ao mundo do teatro..."

Trant sorriu para a sra. Brickell.

— Perdão por haver subestimado a lealdade do seu marido.

A seguir, o seu olhar procurou o rosto de Dodo.

— É muito engenhoso — disse então — arranjar um policial, como escolta, a fim de ficar livre de suspeitas! Parece que você julgava que essas anotações lhe fôssem favoráveis...

— Querido!... Que está querendo insinuar?... — disse Dodo aparentando surprêsa.

— Foi o anel, naturalmente!

Trant retirou o anel do dedo de Dodo e comprimiu as duas extremidades laterais até que a esmeralda foi deslocada, deixando ver um pequeno compartimento que havia por baixo.

— O anel do grande Czar! É mesmo engenhoso! E bastante cômodo para lançar estriquinina dentro de um copo de laranjada. Creio que isto aconteceu exatamente

Brickell tragou o líquido e logo tossiu, angustiado...

no momento em que Race estava segurando o copo e Brickell apanhava as pílulas no tubo. Além disso, você sabia que o resfriado não permitiria que Brickell notasse o sabor amargo.

— Você... Você está completamente louco! — gritou Dodo, desesperada. — Por que razão? Por quê?

— Também pensei nisto. Porém, Brickell é um literato, e bastante inteligente. Lembra-se de quando êle disse que êste anel era o "último produto de sua última pilhagem?" Pois bem, aquilo não era mais que uma ameaça. Mas, que espécie de ameaça? A ameaça de denunciar as suas atividades extorsivas. E, segundo suponho, isto ocorreu esta tarde. Por isso, não é de admirar que você tenha tido pressa em assassiná-lo.

A acusação de Trant era terrível. Mas tudo dependia ainda de provas reais que pudessem esclarecer as causas determinantes do crime. Estendeu a mão e removeu a cortina que cobria o corpo do morto.

— A verdade é que quando Brickell declarou que pretendia procurar o seu advogado, bateu no próprio bôlso, como se nêle guardasse certos papéis... Por isso suponho... (E meteu a mão no bôlso interno da roupa de Hunt.) Os papéis desapareceram! Você os escondeu dentro do seu programa no momento mesmo em que desenrolava a manta do pescoço do morto!

Trant estendeu ràpidamente a mão para a ex-espôsa de Willie Mulligan e arrebatou o programa que se achava em seu poder. Dentro do livro havia um envelope lacrado. O policial rasgou-o e leu em voz alta:

"Caro senhor Mulligan:

Sinto-me na obrigação de avisá-lo, como pessoa reputada que é, de que vou apresentar à polícia uma denúncia contra sua ex-espôsa. Como esteja certo de que o senhor não tem conhecimento do assunto, devo dizer-lhe que ela, de há muito, vem fornecendo informações escandalosas retiradas do seu arquivo confidencial, visando, exclusivamente, proveitos ilícitos. Comecei a suspeitar quando soube que ela havia recebido um valiosíssimo anel de uma famosa atriz, que, mais tarde, confessou-me ter sido extorquida por sua ex-espôsa mediante a ameaça de divulgação de certos fatos lamentáveis do passado da atriz. E não é tudo: posteriormente, entrei em contacto com várias outras vítimas de Dodo Mulligan. Nessas condições, julguei que se fazia mister..."

Deteve-se para explicar, em outro tom, aos presentes:

— Na realidade, mr. Brickell era um homem íntegro. E, além disso, era cauteloso. Êle queria falar com o seu advogado antes de remeter a carta, sòmente para ter a certeza de que tal fato não constituía crime. Foi um êrro! Se não tivesse agido com tanta cautela ainda estaria vivo...

Voltou-se para observar Dodo Mulligan, não sem constrangimento. Talvez agora a ex-espôsa de Willie não lhe parecesse tão interessante como antes. Mas teria que sair novamente em sua companhia, com a diferença apenas que, agora, na direção da Divisão de Homicídios.

★

DOCE CARGA

ÈSTE sistema de carregar o filho pequenino em bandoleira não é novo. Mas oferece o contraste do deslocamento do pequenino do ventre materno para as suas costas, pois a anatomia da criança está concebida para adaptar-se a qualquer parte do corpo da mulher. E para a mamãe não é nenhum problema, pois que durante nove meses suportou outro desequilíbrio. Êsse suporte está sendo vendido aos milhares, em Paris

CONDENADO O BOMBARDEIO EM MASSA?

DESDE o dramático lançamento do "Matador" (famoso projétil dirigido) que os técnicos têm procurado explicar a sua significação. A maior parte das discussões foi travada em têrmos técnicos, interessando principalmente ao soldado e ao cientista.

Mas... Que pode significar tudo isso para a média do povo, ou melhor: do paisano?

Na realidade, é a mais importante notícia de que o mundo tomou conhecimento desde aquela terrível explosão sôbre Hiroshima. A fabricação de sucessivos projéteis-guiados, anunciados pelos meios oficiais das grandes potências, promete determinar três mudanças no aspecto da guerra — mudanças que poderão significar a diferença entre a vida e a morte para cada um de nós pessoalmente: 1 — É provável que **nunca mais,** mesmo numa guerra total, seja necessária a destruição de cidades indefesas mediante bombardeios. O morticínio, **em massa**, de homens, mulheres e crianças finalmente tornou-se desnecessário para as novas táticas militares.

2 — Alguns estrategistas acreditam que a combinação de projéteis dirigidos com bombas atômicas pode representar uma impenetrável defesa contra aviões inimigos.

Sabemos atualmente que, de cada dez bombardeiros inimigos, sete são capazes de passar as defesas e danificar as cidades. E esta razão nos leva a crer que, num futuro próximo, graças às novas armas já em uso, nenhum dêsses aviões atacantes conseguirá sobreviver.

3 — Finalmente (e êste é, talvez, o ponto mais importante) êste novo e gigantesco desenvolvimento pode fortalecer a posição moral dos povos mais ameaçados por um possível conflito, tanto aos próprios olhos quanto com relação ao resto do mundo. Muitos norte-americanos, por exemplo — incluindo talvez a maior parte dos seus cientistas — acham que o país está ferido por um sentimento de culpa, desde as terríveis explosões atômicas sôbre o Japão. E em geral culpam a ação maléfica da tensão nacional e a fraqueza do seu sentimento de piedade.

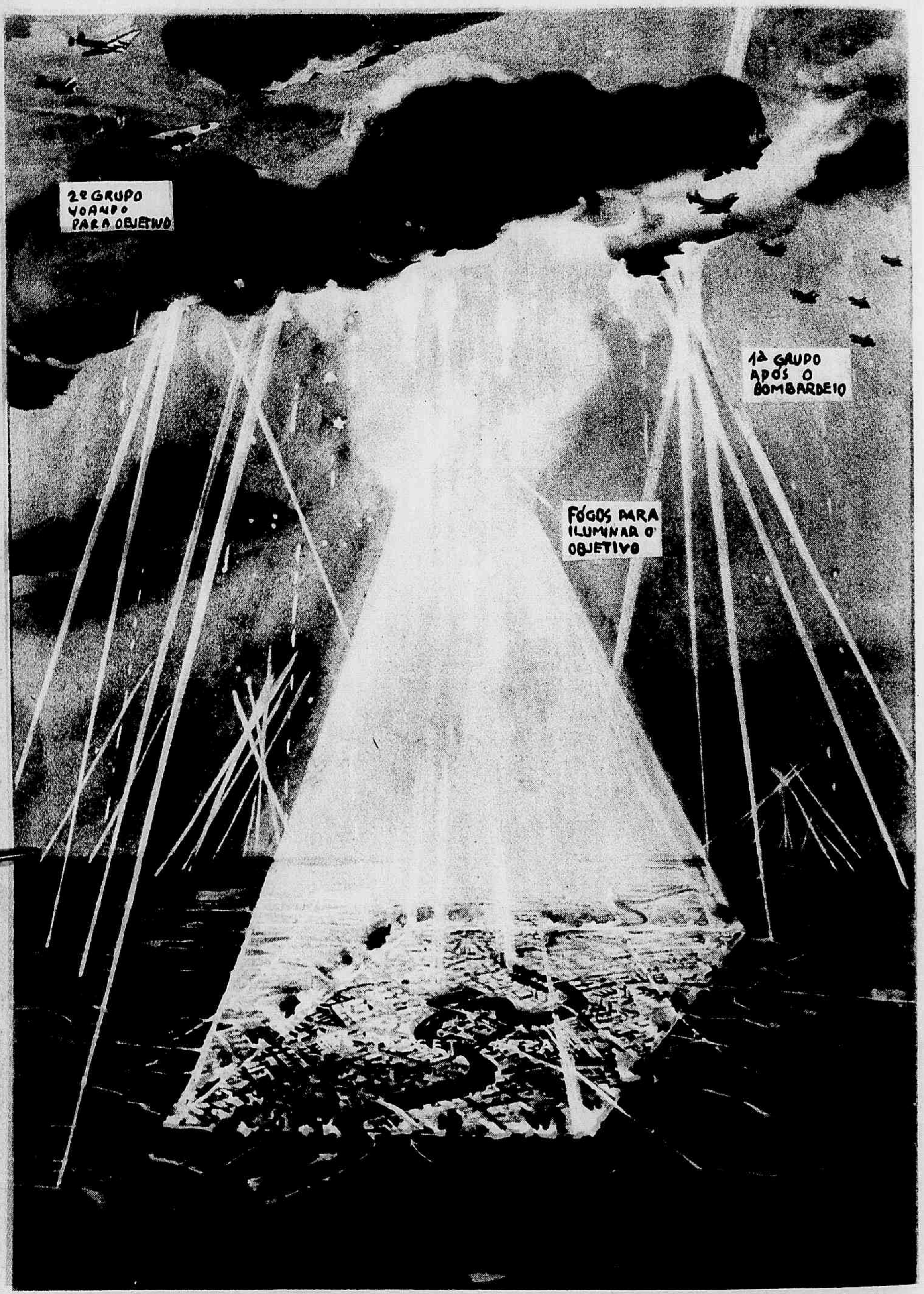
CONDENADO O BOMBARDEIO EM MASSA? — Quais os desenvolvimentos que determinaram essa revolução na técnica guerreira? O "Matador", primeiro projétil dirigido e considerado como **um alto segrêdo militar,** tem velocidade equivalente a mil milhas horárias e um alcance que vai de 150 a 300 milhas. A "V-2", alemã, tinha as mesmas possibilidades — **mas não era dirigida**, só podendo atingir objetivos do tamanho de Londres e com a metade da velocidade do "Matador".

A precisão de objetivo dêste projétil é um dos mais importantes segredos do exército norte-americano, e a notícia de que foi criado um **esquadrão especial** para empregá-lo, indica que o mesmo já ultrapassou o primeiro estágio experimental. Por sua vez, o bilhão de dólares gasto em 1951 com o desenvolvimento dos projéteis dirigidos é outra indicação de que os norte-americanos sabem que também podem ser bombardeados.

O segundo maior desenvolvimento por êles atingido é a produção de pequenas e baratas bombas atômicas. E acrescente-se a esta arma um grande número de aviões supersônicos, sem pilôto, e entenderão os leitores que os resultados serão fantásticos, como mostra o desenho que acompanha êste artigo.

NÃO HÁ MAIS "ÁREAS" DE BOMBARDEIO — O centro industrial de uma cidade pode ser completamente arrasado,

OS NOVOS PROJÉTEIS DIRIGIDOS E AS BOMBAS ATÔMICAS PODERÃO TRAZER A DESTRUIÇÃO TOTAL? ASSOMBROSA E ALENTADORA OPINIÃO DE UM PERITO



Assim era preparado um bombardeio em massa na última guerra. Antes da chegada dos bombardeiros pesados (em sucessivas e arrasadoras levas) os aviões ligeiros iluminavam a grande área lançando grande quantidade de fogos sôbre o objetivo marcado pelas bombas incendiárias.

enquanto que os lares, os centros comerciais e os escritórios têm possibilidade de permanecer intactos. Uma bomba voadora pode destruir uma cabeça-de-praia, um depósito de combustível ou uma estrada de ferro. Os exércitos da Rússia e da China Comunista, reunidos, nunca conseguiriam esmagar as fôrças norte-americanas com sua grande superioridade numérica — porque, na realidade, tão grande concentração formaria um ótimo objetivo e, portanto, evitarão reunir grande quantidade de tropa.

Mas a revolução da técnica guerreira encontra suas raízes em dois relatórios militares que o presidente Truman ordenou que se fizessem logo após o término da Segunda Grande Guerra. Os estudos sôbre os bombardeios estratégicos, realizados na Europa e no Japão levaram os técnicos norte-americanos a algumas conclusões — tanto do ponto de vista humano quanto do militar — no tocante ao bombardeio por área. O primeiro exemplo é Hiroshima.

UM INTENSO CLARÃO — Em têrmos humanos Hiroshima foi uma verdadeira catástrofe: uma cidade virtualmente vencida por um intenso clarão que durou o espaço de segundos; cêrca de 100.000 mortos e um número ainda maior de feridos e perdidos.

Militarmente falando, o Quartel General Japonês e as duas divisões que fizeram de Hiroshima um objetivo militar, ficaram completamente desorganizados ou foram destruídos. Mas a maior parte dos conjuntos industriais de Hiroshima não foram destruídos, pois, como em quase tôdas as cidades, os mesmos eram localizados nos subúrbios. Os relatórios oficiais sôbre o tremendo bombardeio revelaram que setenta e cinco por cento da indústria ficou incólume, e com amplas possibilidades de reiniciar a produção 30 dias após o ataque!

Nos grandes bombardeios em massa realizados na Europa, antes do aparecimento da bomba atômica, mais de 25 por cento da tonelagem total de bombas não objetivou um alvo específico, mas simplesmente "áreas". No fim da guerra os aliados encontraram uma Alemanha em ruínas — porém os fatos posteriores mostraram que a produção não havia sido atingida pelos

bombardeios nas proporções calculadas.

Com a inflexível determinação de vencer, os alemães elevavam mais e mais sua capacidade de produção, mesmo quando terríveis bombardeios eram realizados sôbre as áreas industriais!

Assim, muitos dos principais chefes militares norte-americanos, depois de estudar friamente as estatísticas da produção ini-

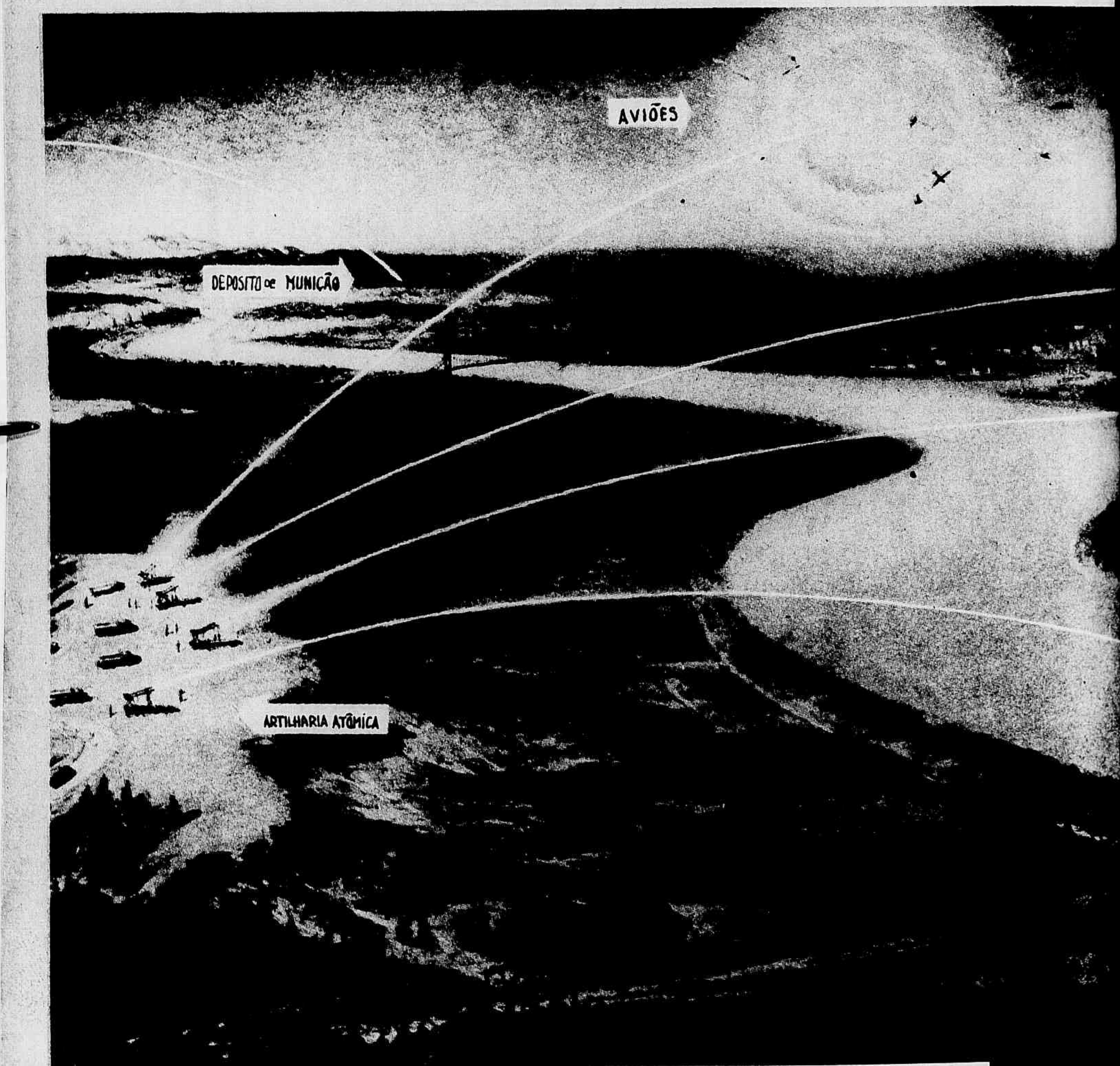
miga durante a última guerra, chegaram a esta dúplice conclusão:

1 — O bombardeio em massa não é tão eficiente quanto calculávamos; 2 — Sua brutal destruição de vidas e de bens materiais acarreta problemas de ordem política e moral tanto para o vencedor quanto para o vencido.

Os inglêses, que foram as maiores vítimas dos ataques aéreos, adotaram o sistema de "áreas" de bombardeio e o puseram em prática com mais rigor que os norte-americanos. E seu comandante do Setor de Bombardeios Estratégicos, declarou, em certa ocasião que **"na campanha aérea contra a zona industrial do Ruhr os inglêses nunca visavam uma fábrica particularmente... Os objetivos eram, usualmente, os centros das cidades"**.

A AUTO-DESTRUIÇÃO — Mas, atualmente, os chefes militares britânicos estão inclinados a concordar com o general J. F. C. Fuller (reformado) que diz o seguinte, em artigo publicado num jornal militar: **"Com a aniquilação do inimigo sobreviverá fatalmente a nôssa auto-destruição... É certo que tais bombardeios podem ser levados a efeito na mesma proporção com que o foi na última guerra... O inimigo pode ser derrotado, mas a Europa ficará econômicamente arrasada e a América mortalmente ferida... e os grandes ideais que defendem serão inapelàvel-**

BATALHA DO FUTURO: Foguetes atômicos, dirigidos com absoluta precisão e tremendo poder,



mente **pulverizados"**. Agora, as novas armas ameaçam lançar o morticínio **em massa** sôbre civis indefesos, coisa inteiramente inútil do **ponto de vista militar**.

Nos Estados Unidos a defesa civil é de importância vital. **E** a gravidade disto repousa no **fato de que um** inimigo derrotado e **em estado de desespêro** é capaz de lançar **mãos de todos os recursos**. Na realidade, **a guerra continua a ser** uma tarefa tremenda, inútil e cruel. Mas, futuramente, os moradores das grandes cidades deixarão de olhar temerosos para os céus quando da aproximação de um avião inimigo.

"Há, evidentemente, um forte indício de que êsses novos avanços no campo da arte bélica, farão a guerra restringir-se apenas aos soldados."

A acentuada tendência para o bombardeio tático e a grande confiança depositada nos bombardeios estratégicos não são produtos de uma fantasia. A mudança de estratégia depende de muitos fatôres, e entre êles o mais importante é a produção secreta de projéteis e bombas.

O secretário da Defesa, Lovett, ao confirmar os grandes progressos realizados na fabricação de novas e "fantásticas" armas, advertiu ao povo norte-americano: **"Devemos confiar inteiramente em que as armas devidamente testadas e experimentadas e os homens convenientemente treinados para**

podem **destruir o inimigo sem causar dano aos civis. Observem (alto dir.) área residencial intocada.**

fazer uso das mesmas vencerão as batalhas da guerra moderna !"

Mas as repetidas alusões do Pentágono às declarações do Comitê de Energia Atômica e as fotografias dos novos foguetes e projéteis dirigidos não deixam dúvidas sôbre a grande revolução que se processa.

AS LINHAS DE MONTAGENS — Há seis anos, a fabricação de uma bomba atômica custava um milhão de dólares, mas agora é considerada coisa barata. As primeiras eram tão difíceis de elaboração que técnicos e cientistas de fama mundial trabalhavam juntos nas linhas de montagem, e afirmavam que o ajustamento dos mecanismos era infinitamente mais delicado e complexo que o dos mais aperfeiçoados relógios de precisão. Atualmente, a Comissão de Energia Atômica e o senador Brien E. McMahon, presidente da Junta Congressional do Comitê de Energia Atômica afirmam que "o presente processo de fabricação de bombas repousa sôbre o sistema de linha de montagem". Quanto às despesas de produção, o senador McMahon acha que "o custo de uma bomba é menor que o de um tanque", e que "uma defesa atômica completa chegaria à metade do atual orçamento militar (60 bilhões de dólares)".

Quando uma bomba atômica **era** considerada **um mecanismo altamente complexo,** nenhum artilheiro, por mais bravo que fôsse, teria coragem de disparar um canhão com uma delas dentro. Mas, atualmente, o Estado-Maior das Fôrças Armadas dos Estados Unidos afirmam que a artilharia atômica já é uma realidade.

Há bem pouco tempo, todos êsses desenvolvimentos eram vistos como meras possibilidades para um futuro ainda distante. Agora, tudo isso tornou-se realidade; tanto assim que 5.000 homens do Exército, Marinha e Aeronáutica dos Estados Unidos fizeram manobras com novas armas atômicas de pequenas dimensões, nos desertos de Nevada. E a Marinha está pondo em prática uma técnica que visa o transporte de bombas atômicas por meio de aviões leves, partindo de porta-aviões.

UM GRANDE PROGRESSO — Isto representa um grande passo desde os dias em que uma B-29 lançou a primeira bomba atômica sôbre o Japão — e, além disso, indicà enorme progresso nos métodos de produção, pois mais tarde o Departamento de Estado revelou que quando do bombardeio de Hiroshima, os Estados Unidos não possuíam mais que duas bombas atômicas!

"A diferença entre o poder atômico norte-americano daquela época e o da atualidade é a mesma que existe entre uma vela de cêra e um holofote" — afirma o senador McMahon, que também falou na criação de um exército atômico, de uma marinha atômica e de uma fôrça aérea atômica. "Artilharia atômica... submarinos movidos a energia nuclear... projéteis atômicos... torpedos atômicos... minas atômicas..."

POR QUE ESTAREMOS MAIS SEGUROS — Mas que sucederá a um inimigo que, ou por não dispor de armas tão poderosas ou por mera crueldade, tentar lançar bombas atômicas obsoletas sôbre cidades norte-americanas? Existem razões para crermos que o "Matador" — ou um de seus sucessores — será capaz de reduzir o perigo dos aviões inimigos a proporções insignificantes.

Artilharia de projéteis dirigidos colocada sôbre plataformas móveis, do mesmo modo que os canhões anti-aéreos convencionais, pode ser disposta na periferia das cidades.

Avisados pelo radar, mesmo antes de que os aviões estejam à vista, os projéteis são lançados. Dirigidos pelo rádio vão ao encontro dos bombardeiros e são até capazes de segui-los em suas fintas táticas. A uma pré-determinada proximidade do objetivo o projétil explode, e se os bombardeiros inimigos estiverem em formação a explosão atômica destruirá tôda a esquadrilha. Porém, se os aparelhos estiverem dispersos serão prêsas fáceis para os interceptadores a jato.

Um pequeno tipo de bomba voadora, conduzida por bombardeiros a jato, pode ser arremessado contra as formações aéreas inimigas, enquanto ainda estiverem longe das praias norte-americanas.

Êsses progressos, que podem ser ainda maiores do que imaginamos, criam sérios problemas para a União Soviética. Os técnicos acreditam que o estoque de bombas

(Continua no fim da revista)

EPISÓDIO REAL

VEREDICTO NUMA BOLA DE CRISTAL

A cidade de Denver, no Colorado, por volta do começo do século não era lugar para gente pacata. De fato, ali havia indivíduos que davam tiros e matavam com a mesma facilidade com que comiam, dormiam ou contavam uma anedota.

Frank Sposato, cidadão de Denver, teve a infelicidade de encontrar elementos dessa espécie, numa certa noite de março do ano de 1901, quando cometeu a imprudência de andar desacompanhado por uma rua escura. Dois homens se aproximaram dêle. Um dêles empurrou contra a parede, e o outro, empunhando o seu revólver de calibre 45, tentou matá-lo.

Frank, que não era homem medroso e também tinha uma arma, puxou a sua e fêz dois disparos, rápidos e certeiros, atingindo em cheio o homem que havia atirado contra êle. A seguir, encurralou o outro assaltante — cujo nome era Brindisi — até que a polícia chegou ao local.

— Atirei neste homem em legítima defesa! — explicou Sposato, acrescentando que Brandisi o atacara também e que por isso devia ser prêso.

— Aqui está minha arma — continuou Sposato, entregando seu revólver à polícia.

A polícia verificou que três tiros haviam sido disparados. Um policial examinou o cilindro do revólver de Sposato e notou que três balas haviam sido detonadas. Não encontraram arma alguma com o morto. Depois relacionaram os fatos como puderam e chegaram a uma conclusão. Aquêle homem... mentira!

— O senhor está prêso — disseram a Sposato. — Quem é que vai engolir essa conversa de legítima defesa?

— Mas êste homem atirou em mim, primeiro! — insistiu Sposato, apontando para o cadáver. — Foi por isso que o matei.

— Se você fêz sòmente dois disparos, como é que sua arma acusa três? — perguntou um dos policiais.

— É que matei um cão hidrófobo, esta manhã, e não substitui a bala — explicou Sposato.

E continuou a protestar veementemente quando o levaram para a cadeia local. Ainda continuava a protestar quando teve início o seu julgamento.

O promotor se mostrou preocupado exclusivamente em mostrar aos jurados que três tiros haviam disparados e que as três cápsulas deflagradas no cilindro do revólver só podiam significar uma coisa — que Sposato era culpado! E a única testemunha existente — Brindisi — depôs contra Sposato. Assim, as coisas não iam lá muito boas para o assaltado.

— É provável que você seja considerado culpado — disse-lhe o advogado da defesa, cujo nome era Hawkins. — Mas vamos ver se conseguimos, pelo menos, uma leve sentença.

— Matei em legítima defesa! — insistia Sposato. — Não posso ser condenado nem mesmo a uma semana de prisão.

No dia seguinte, Hawkins apareceu no cárcere com ótimas notícias.

— Agora posso assegurar que, antes mesmo do meio-dia você estará em liberdade! — disse êle. — Consegui uma prova que encerrará o caso **imediatamente**!

Então, Hawkins fêz a leitura da verdadeira história do drama para os jurados, exatamente como fôra narrada por Brindisi.

O documento dizia que a vítima, juntamente com Brindisi, atacara Sposato. A

vítima atirou uma só vez, e Sposato matou-a, em seguida, com dois tiros. Ainda segundo o que se achava escrito no papel, a espôsa da vítima tirou o revólver da mão desta, sem que fôsse vista por nenhum dos dois homens.

A acusação ficou desesperada ao ver que Sposato estava a caminho da liberdade, mas nada pôde objetar, dado que aquela declaração havia sido escrita por Brindisi.

Então, Hawkins passou a explicar aos jurados como obtivera aquêle documento salvador do seu constituinte.

Brindisi, homem medroso, começou a ficar preocupado com o resultado do julgamento. E queria ter a certeza de que a verdade não viria à luz, pois do contrário teria que pensar na fuga; assim, procurou imediatamente uma mulher, que anunciava poder predizer o futuro através de uma bola de cristal. Chamava-se Cristina — e ganhava a vida largamente.

Cristina, porém, era amiga de Hawkins, e depois de examinar a bola de cristal, disse a Brindisi:

— O cristal não fará previsão alguma a não ser que os fatos sejam narrados por escrito!

Brindisi objetou: Porém Cristina assegurou-lhe que ela própria não leria a narrativa que êle fizesse por escrito e acrescentamos que destruiria o papel logo a seguir. Os fatos deveriam ser contados por escrito, a fim de facilitar a previsão metafísica do cristal...

Brindisi estava tão desejoso de conhecer o resultado do julgamento que apanhou a caneta e fêz uma narrativa completa e minuciosa dos acontecimentos. Cristina recebeu o papel dobrado em quatro partes, e o queimou diante do criminoso. A seguir entregou as cinzas a Brindisi, que ficou muito satisfeito, julgando, naturalmente, que tudo corria às mil maravilhas.

No entanto o que fêz Cristina foi trocar o papel por outro, colocando sùtilmente o original no próprio bôlso. Depois entregou o documento a Hawkins para que fôsse lido no tribunal.

TUDO SE EXPLICA

QUE SÃO POMBOS-MENSAGEIROS?

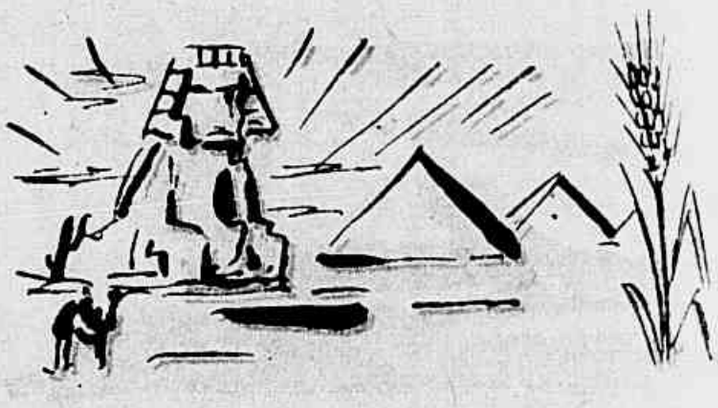
EXISTE uma teoria sustentando que estas aves possuem uma espécie de bússola, que atua como centro navegador e está situado na extremidade dos nervos óticos; êste centro magnético torna essas aves sensíveis ao magnetismo da terra.

Provas realizadas com pombos cegos demonstraram que os mesmos **não têm o sentido da direção**! Por outro lado não há outro animal capaz de realizar a façanha de um pombo mensageiro; ao ser abandonado nas praias do Mediterrâneo, qualquer dessas aves saberá encontrar o caminho para o seu ninho na Inglaterra.

Afirma-se que pode fazer esta grande viagem por ser sensível às perturbações elétricas causadas por seu vôo através do campo magnético da terra. Em diversas alturas, existem, aparentemente, certos "caminhos" dotados com maior ou menor intensidade magnética e os pombos costumam escolher os que os conduzem ao seu ninho.

QUE É A FEBRE?

A febre é um estado no qual a temperatura normal do corpo aumenta por um certo tempo. Numerosas causas interferem no mecanismo que regula o calor do corpo e provocam êsse resultado; porém, a mais comum é a ação de venenos produzidos por micróbios geradores de alguma enfermidade. Não são conhecidos os detalhes exatos do processo da elevação da temperatura. Entretanto, é claro que o calor se produz no corpo com maior rapidez do que dêle se desprende; e isto pelo fato de que os micróbios atacam as proteínas de que se compõem as células, e os elementos químicos produzidos por esta destruição estimulam a produção de calor. Ao mesmo tempo, o aumento da circulação do sangue origina o crescimento das reservas de oxigênio e a fabricação de substâncias para combater os micróbios.



PODEM GERMINAR OS GRÃOS DE TRIGO ENCONTRADOS NOS TÚMULOS DOS ANTIGOS EGÍPCIOS?

ESTA crença se generalizou desde quando o extinto professor Stuvernant, da Universidade de Ypsilonti, no Estado de Michigan, América do Norte, anunciou que havia plantado alguns grãos de trigo encontrados na tumba de Tutankhamon, e que os mesmos haviam germinados. Logo depois, várias entidades oficiais realizaram diversas experiências sem nenhum resultado satisfatório. A verdade é que, cientificamente, o trigo de mais de três anos **não germina**.

Entretanto, já se conseguiu fazer germinar grãos de trigo com sete anos de idade. Sabe-se, também, que algumas sementes de plantas leguminosas podem germinar depois de 80 ou 90 anos.

Porém, tudo isto constitui **verdadeira exceção**.

A COISA MAIS FÁCIL DO MUNDO É, NO ENTANTO, A MAIS COMPLICADA

O MISTÉRIO DA FALA

AQUI está! Não deixem de vê-la! É uma estupenda estação emissora ambulante — completa — que não necessita nem de fios nem de baterias. Conta com seu próprio gerador de energia, de funcionamento secreto. Como combustível utiliza dextrose e óleos vegetais. Rende 75 anos de serviço. Amplo campo de freqüência. Funcionamento tão simples que um menino pode utilizá-lo. Cada aparelho feito de encomenda e sob medida — não havendo dois idênticos. Para mais detalhes, chamar E X 4139.

Se alguma vez o leitor encontrasse num jornal anúncio como êsse, ficaria assombrado. Porém, embora se apresente assim fantástico, tôdas essas propriedades — e outras mais — caracterizam o método mais perfeito de comunicação que existe: a fala.

Todos os inventos do homem em matéria de comunicações parecem tolos, toscos e ineficientes comparados com o aparelho da voz humana.

Na realidade, nosso aparelho produtor de sons é um maravilhoso instrumento musical.

Como a flauta, a tuba, o órgão, a corneta... produz sons ao criar vibrações numa corrente de ar de velocidade alterável. Fundamentalmente, consiste num dispositivo mediante o qual se produz uma corrente de ar mais ou menos contínua, e de peças móveis, que servem para modificar a referida corrente.

O ar provém da compressão e expansão alternantes de duas bôlsas flexíveis: os pulmões. Mas, para tocar um instrumento de vento não é bastante uma pequena corrente de ar, que entre e saia cada poucos segundos. Os pulmões, ao contrário, contam com um mecanismo especial, do qual nos servimos quando começamos a falar, e que nos permite aspirar o ar ràpidamente e exalá-lo com lentidão. Êsse ritmo, muito diferente do ritmo da respiração ordinária, torna possíveis os longos períodos de produção de som, apenas brevemente interrompidos pelas aspirações.

Impulsionado pela contração muscular, o ar sai dos pulmões e passa para a traquéia, em cuja parte superior está o aparelho que fazemos funcionar quando desejamos produzir sons. Êste aparelho desempenha o mesmo ofício que a lingüeta nos instrumentos de vento, porém é muitíssimo mais perfeito e adaptável, e compreende as duas "cordas vocais". Não obstante seu nome, elas não têm nenhuma semelhança com as cordas dos instrumentos musicais, como o violino ou a harpa, pois na realidade se assemelham mais aos lábios do tocador de trombeta. As cordas vocais são aslientes cuneiformes de ligamento e músculo, que possuem propriedades especiais para vibrar rápida e uniformemente. As cordas vocais de um um tenor, que têm uns 13 mm de comprimento, vibram até 72.000 vêzes ao dar uma nota aguda e sustentá-la um minuto; as cordas vocais de um baixo, que medem uns 20 mm, vibram 2.400 vêzes por minuto. As ondas de ar produzidas pelas cordas vocais são ampliadas e modificadas por outras partes do aparelho vocal. O véu

UBICAÇÃO DAS CORDAS VOCAIS COMUNICAÇÃO DA BÔCA AO ESTÔMAGO

Eis a maravilhosa estação emissora humana

Dois casais de cientistas (o dr. W. N. Kellog e espôsa, em 1925, e o dr. Keit Hayes e senhora, em 1950) tentaram ensinar a falar a chimpanzés, criando-os desde recém-nascidos, como se fôssem criaturas humanas. Tudo em vão. Ao fim de meio ano os símios tinham aprendido a grunhir quando se lhes ordenava "Falem!". Ao fim de quatro anos podiam emitir quatro sons, não podendo, no entanto, agrupá-los em frases...

do paladar, a língua, os dentes e os lábios regulam a velocidade e o volume da corrente de ar, podem modificá-la ràpidamente e até mesmo interrompê-la por completo. Na traquéia, na bôca, no nariz e em outras cavidades, correntes se formam agregando ressonância e variedade de tonalidades.

A fala, por conseguinte, é um fluxo de ondas sonoras sumamente variáveis e complexas. A figura 1 mostra uma seção transversal do aparelho reprodutor da voz.

O domínio dos sons vocais exige uma regulação instantânea, realizada numa fração de segundo, de uns 72 jogos de músculos. A língua, as mandíbulas e os lábios executam, cada um, quando menos, 300 movimentos em cada minuto que falamos. Entretanto, as cordas vocais vibram como arames de mola, e os músculos respiratórios fazem passar **exatamente** o ar necessário, sem excesso.

O ar é um meio tão flexível, e o aparelho vocal é um instrumento tão perfeito, que a imaginação não pode sequer vislumbrar o número de possíveis combinações de sons, e suas variações de tom, fôrça, duração e qualidade, que pode produzir cada pessoa.

Eis porque nunca se conseguiu inventar qualquer máquina capaz de imitar perfeitamente a voz humana.

Em 1779, a Academia Imperial, de Moscou, ofereceu um prêmio a quem lograsse construir um aparelho capaz de emitir as cinco vogais: a, e, i, o, u. O prêmio foi, finalmente, conquistado, após fracasso de inúmeros cientistas, pelo professor Kartzenstein, que construiu um complicado sistema de tubos (figura 2). Cada tubo tinha uma lingüeta e produzia uma estropiada imitação do som de uma das vogais. Porém nenhum dos tubos era capaz de produzir o som de duas ou mais.

Para conseguir o efeito completo de uma só vogal, rica em tonalidades como é produzida por um bom cantor, é necessário tocar simultâneamente até uma dúzia de teclas do órgão. O homem emite mais de 25 sons de vogais e outros tantos de consoantes.

As inumeráveis mudanças e variações são produzidas com tanta rapidez e numa escala tão ampla, que nem mesmo os mo-

dernos aparelhos eletrônicos podem reproduzir, exatamente, o efeito da fala humana.

A moderna tecnologia inventou aparelhos que gravam e conservam a palavra ou o canto, que amplificam e transmitem êsses sons; porém tôdas as tentativas de construir um aparelho capaz de produzir por si sons semelhantes aos da fala terminaram em fracasso. O telefone, o fonógrafo, o rádio e a televisão são notáveis inventos, porém só podem transmitir e reproduzir sons produzidos originàriamente pelo homem.

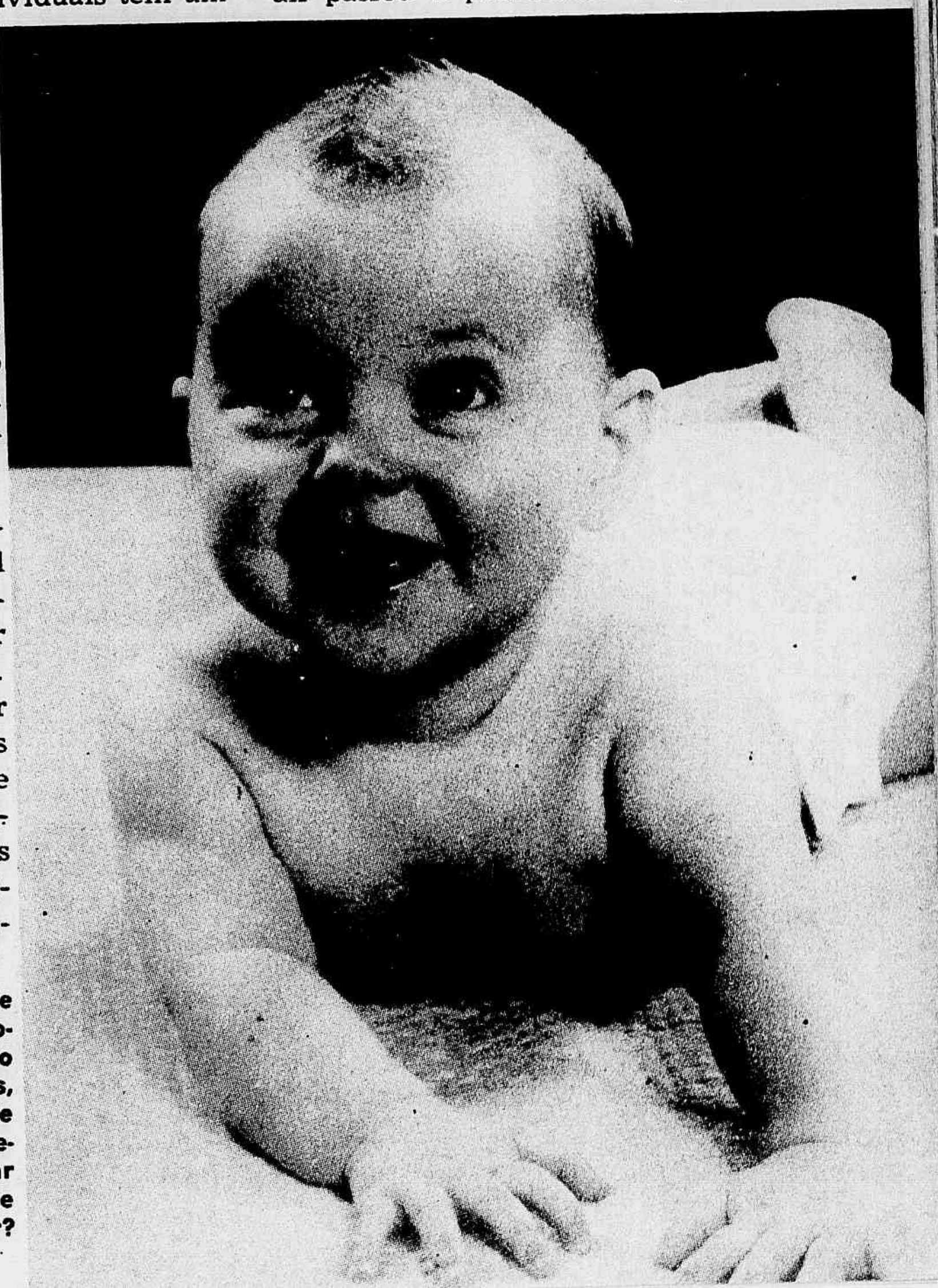
E embora nos admiremos da maravilhosa mecânica da emissão de sons por nossa garganta, na realidade tal maravilha é brincadeira infantil comparada com outros aspectos da fala. Não consiste a fala apenas de uma complicada sucessão de sons, sendo muito mais que uma sucessão de ondas de ar, e cada um dos sons individuais tem um **significado**. Para enunciar uma frase de umas vinte palavras, é necessário produzir em sua devida ordem pelo menos 50 sons e 19 pausas, saber qual será a última palavra antes de pronunciar a primeira e recordar esta primeira ao chegar a última. No canto e no verso, temos, além disso, a complicação de delicadas pautas rítmicas.

Em vista de tantas dificuldades, como é possível aprender a falar e a cantar? Ninguém pode dar resposta a esta pergunta. O mais que podemos fazer é analisar determinados fatôres separadamente e assinalar algumas hipóteses. Porém, quando nos encaramos com o problema, em tôda á sua amplitude, devemos afirmar que estamos de acôrdo com o autor do Eclesiastes e reconhecer que a fala é o "sexto dom divino", ao qual devemos acrescentar, como sétimo dom, a faculdade de compreender.

Os fatôres sociais são tão importantes quanto os biológicos, para aprender a falar; neste problema, contar com um aparelho vocal são não é suficiente; será inútil, sem uma longa aprendizagem para servir-se dêle.

Em fevereiro de 1938, as autoridades policiais dos Estados Unidos encontraram uma menina no desvão de uma granja de Pennsylvania. A menina não sabia pronunciar nem uma sílaba e não dava sinais de ouvir, quando se falava.

Quando nasceu, Ana era sã e normal; porém a mãe a internou num orfanato e ali passou a pobrezinha os primeiros seis



Para enunciar uma frase de 20 palavras é necessário produzir na devida ordem pelo menos 50 sons e 19 pausas, saber qual a última, antes de pronunciar a primeira e recordar a primeira ao chegar à última. Assim, como pode uma criança aprender a falar?

meses de vida. Ao fim dêsse tempo, a mãe, que nesse intervalo havia casado, foi reclamar a pequenina; mas ocorreu que o novo marido antipatizou com a pobre criança, entrando em verdadeira fúria sempre que nela pousava o olhar. A situação chegou a um tal ponto de desespêro que o casal decidiu apelar para os remédios extremos e assim amarrou a infeliz criança a uma cadeira e a deixaram num desvão onde por mais que chorasse ninguém podia ouvi-la. Durante cinco anos, a menina permaneceu isolada de todo contacto, e não aprendeu a falar. Quando, finalmente, êsse crime hediondo foi descoberto os jornais o noticiaram com grandes cabeçalhos e disso resultaram inúmeras ofertas de técnicos, decididos a salvar a pobre criaturinha. Uma junta médica examinou a menina e não encontraram nenhuma anormalidade em seus órgãos vocais. Ao fim de seis meses de assíduos cuidados, a menina começou a produzir sons de recém-nascido. Seis meses mais tarde, apenas conseguira aprender um balbúcie infantil.

MOISÉS — "A maravilhosa faculdade da palavra é prova viva de que Deus deu ao homem o domínio sôbre todos os animais da Terra."

O caso de Ana é o mais bem documentado que existe entre os mais recentes, de crianças criadas em isolamento. Foram estudados uns trinta casos semelhantes, e em todos, a anormalidade mais acentuada era a incapacidade de falar. Mesmo depois de receber ensino especial, poucos lograram progressos. Em conseqüência dêsses resultados, muitos especialistas na matéria opinam que o menino aprende a falar normalmente tão só quando "absorve" êsse conhecimento das pessoas que o rodeiam durante os primeiros anos de vida.

Embora o homem não possa construir um mecanismo igual a seu aparelho vocal, a natureza produziu um grupo de animais que possuem um órgão vocal bastante parecido com o do homem. Do ponto de vista anatômico, nada existe, segundo parece, que impeça de falar a diversas espécies de macacos. Os cientistas opinam que, talvez, falte a êsses macacos apenas um ambiente de cultura ou civilização, para desenvolver o dom da palavra. Foram realizadas experiências com jovens chimpanzés, que **foram** criados como se fôssem crianças. Citaremos, como típicos, os resultados obtidos pelo dr. Keith J. Hayes e sua espôsa, psicólogos dos Laboratórios Yerkes de Biologia de Primates, que adotaram uma chimpanzé de três dias. Viki se desenvolveu em forma comparável a uma criatura humana. Gozava de boa saúde e mostrava-se alegre e vivaz. Aos cinco meses, os balbucios do animal convenceram ao casal Hayes de que seu aparelho vocal era capaz de produzir quase todos os sons da fala humana. As faculdades motoras da símia se desenvolveram ràpidamente. Aos três anos, Viki abria a porta, ligava a luz, brincava com blocos de madeira e cortava com a tesoura. Mas não dava sinais de aprender a falar.

De fato, depois dos primeiros anos, raramente balbuciava, em contraste com a fala trôpega de qualquer criança normal. Então, a macaca foi submetida a um intenso curso de aprendizagem, no qual tentaram por todos os meios ensinar-lhe a falar.

Tardou meio ano para aprender a grunhir, quando lhe ordenavam: Fale!

Aos quatro anos de idade aprendera a acender um fósforo e a comer com uma colher, porém seu vocabulário se reduzia a quatro sons, não manifestando a menor disposição de agrupá-los e com êles formar frases.

Da mesma forma, foi impossível determinar com certeza se, ao valer-se dêsses sons elementares a macaca lhes atribuía

algum significado ou valor simbólico. Os "pais" adotivos se viram forçados a reconhecer que, não obstante as circunstâncias favoráveis, o animal carecia daquela faculdade difícil de definir, porém altamente significativa, sem a qual é impossível expressar-se com sentido.

Não era nova esta comprovação alcançada pelo casal Hayes, pois vinte e cinco anos antes, o dr. W. N. Kellog e espôsa haviam criado o chimpanzé Gua, sem melhor êxito.

Francamente, é desanimador o resultado de tantos esforços. E, principalmente, quando sabemos que o dr. Keith J. Hayes e sua espôsa, ao contrário do casal Kellog, que havia realizado experiências análogas com o chimpanzé Gua, escolheram para seus recentes trabalhos a chimpanzé Viki — **mulher, portanto!**

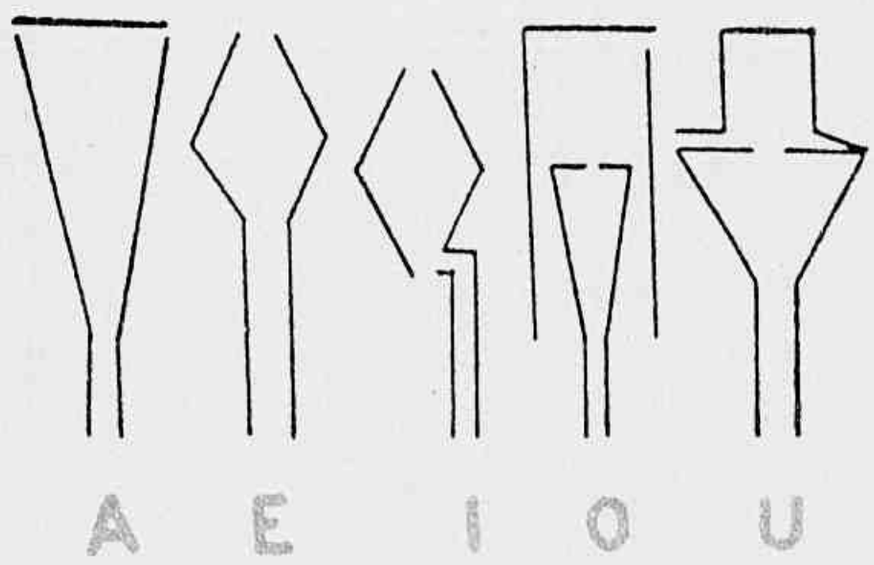
Porque bem sabemos das tendências das mulheres para a tagarelice; como vivem alertas, para não deixar escapar a menor ocasião de falar, falar, falar sempre, com ou sem motivo, pelo simples prazer de ouvir a própria voz!

Por isso, não acreditamos que outros cientistas venham a conseguir êxito — pelo menos com chimpanzés — no seu louvável empenho.

Louvável? Nem isso mesmo podemos afirmar, pois que, falando sòmente os humanos, o mundo já é muito complicado para nêle encontrarmos a paz. Imagine-se, agora, o que seria se qualquer macacão nos espetasse no peito um dedão, de qualquer das quatro mãos, e perguntasse: **"Sabe com quem está falando?"** ou simplesmente nos pedisse dinheiro emprestado!

E se se metessem na política? Isso nem é bom pensar.

Mas a verdade é que êsses resultados negativos, após tão grandes esforços dos cientistas não são muito do agrado dos



O complicadíssimo sistema de tubos, de invenção do professor Kartzenstein, para imitação da voz humana na enunciação das vogais.

que se aferram à teoria do desenvolvimento **por evolução biológica**; ao contrário, corroboram a convicção dos pensadores religiosos de tôdas as épocas. A maravilhosa faculdade da palavra é prova viva do testemunho de Moisés de que "Deus deu ao homem o domínio sôbre todos os animais da terra."

O tenor Mario Lanza. As cordas vocais de um cantor, que têm 13 milímetros de comprimento, vibram 2.400 vêzes por minuto.

A palavra não só é base da conversação, mas da própria civilização.

É alicerce em que repousa a escritura.

É o dom supremo, que tornou possível a transmissão de idéias complexas, de uma mente para outra, e que permite que os pensamentos, as invenções e descobrimentos humanos transcendam o tempo e o espaço.

★

TATO ORIENTAL

A "troupe" teatral japonêsa que efetua há alguns meses uma excursão artística pelos países que foram adversários do Japão durante a última guerra, decidiu suprimir um dos temas clássicos do seu repertório tradicoinal, dando assim uma prova do que vem a ser o tato oriental.

O tema se intitula, de fato: "Inimigo ontem, amigo hoje"...

A MULHER, ESSA DESCONHECIDA

ENTRE as censuras numerosas que os homens fazem ao caráter feminino, figura destacadamente: o espírito de contradição.

Mas, será isso um defeito?

O leitor mesmo não é da mesma opinião que o seu interlocutor; apesar disso sabe conservar bastante autoridade e independência intelectual para afirmar a sua opinião, mesmo que ela se encontre em absoluta oposição. E não hesita em contradizer...

Que mal há nisso?

Evidentemente, nenhum. A discussão não passa de uma livre troca de idéias.

Mas as mulheres, que têm o espírito da contradição, não sabem justamente discutir. Perdem a calma, a boa-fé, a confiança, a compreensão e a paciência necessárias. Limitam-se a contradizer tudo quanto se lhes diz, a ponto de parecer uma espécie de tique nervoso, de mania cega.

Essas "explosões" de contradições parecem ser, então, mais que tudo, "ataques", acessos de cóleras e não mais a uma livre afirmação do pensamento.

Compreende-se, fàcilmente, que êsse hábito de opinião cega e de oposição sistemática, essa forma de negação teimosa e partidária, que encontramos comumente nas mulheres, ajudou a classificá-las, durante muito tempo, como indivíduo inferior, incapaz de elevar-se acima de seus interêsses afetivos, de escapar do seu caráter passional para aceder ao mundo mais sereno do espírito. Alguém com quem não é possível discutir fica automàticamente colocado nas camadas inferiores da humanidade.

O ESPÍRITO DE CONTRADIÇÃO

CONTRADIZER por contradizer é, evidentemente, a própria negação da inteligência, significa que se tem um espírito fechado ao conhecimento, à investigação, à análise, à busca da verdade. Dizer NÃO, pelo simples prazer de dizer não, é ter um espírito estreito, é uma reação violenta e anormal, que denota, acima de tudo, falta de contrôle.

Significa dizer que tôdas as mulheres que têm o espírito de contradição sejam tolos? Não, evidentemente! E êsse é, aliás, o ponto curioso do problema. Mulheres muito inteligentes e dotadas se deixam levar por sua paixão e se abandonam a êsse estranho jôgo que desespera aos que a cercam.

Por quê?

É necessário recorrer à psicanálise para descobrir a explicação profunda.

•

UM DEFEITO, ÀS VÊZES, EXPLICA MUITAS COISAS — Aqui está de que maneira age o médico psicanalista a fim de descobrir numa atitude exagerada um defeito, uma mania, a "chave" da verdade psicológica:

Sabemos que o espírito de contradição é sinal, em geral, de boçalidade e teimosia. Ora, por que as pessoas tolas e de espírito estreito contradizem assim sistemàticamente seus interlocutores?

Porque, sentindo-se inferiores (ninguém gosta de ser vencido seja lá no que fôr e em que plano fôr), as pessoas que não têm grandes recursos de inteligência, pensam salvar-se pela negativa, a contradição: recorrem à recusa automática como a uma arma derradeira, sem réplica; é a única maneira que conhecem de não "dobrar", de não submeter-se aos que têm melhores argumentos que os dêles próprios, e principalmente sabem expor êsses argumentos. Não é lá muito "forte", realmente, mas é humano! Ora, é, pois, igualmente, por motivos de amor-próprio ferido, que as mulheres tomam essa atitude de timidez e revolta.

A mulher que tem o espírito de contradição é, de fato, uma mulher que sofre pelos efeitos de uma situação na qual se encontra insuficientemente considerada no seio de sua roda de amigos e parentes.

Também pode ser que seja apenas uma mulher particularmente autoritária, uma

dessas criaturas **que** sempre querem **ter ra**zão, assumir **o domínio** do seu interlocutor, **por qualquer** preço. Como **nem sempre têm** capacidade e **valor que lhes as**segurem **uma total audiência e** sofram com **isso, apelam para a** contradição, **a fim de não dobrar** à vontade **contrária.**

Alguns **psicanalistas quiseram** ver nesse **hábito o resultado de** longos séculos **de "escravidão e** humildade **feminina". A mulher,** não tendo **independência social,** sendo tratada **como ser inferior,** teria decidido **enfrentar seus se**nhores e donos **contradizendo-os,** e sem hesitar **— na ânsia de** atingir êsse **objetivo — a contra**dição a si **mesma!**

Outros **reconhecem, antes, nesse** espírito de **contradição um gôsto,** uma espécie **de prazer de exasperar** seu interlocutor, **e que estaria ligado** estreitamente **à tradicional faceirice fe**minina. **Muitas vêzes, devemos reconhe**cer, é o **homem quem mais sofre com êsse** espírito de **contradição feminino. É** de se jurar que é **principalmente contra êle que** ela se volta **com mais violência, elegendo-o** a sua vítima **número um. Mas, evidente**mente, êle **sempre se desforrou tratando a** mulher **como se fôsse uma criança irres**ponsável.

UMA ARMA **FORA DE USO** — **Êsse** movimento **quase instintivo era corrente** principalmente **nas gerações que nos pre**cederam. **Hoje, as mulheres com o mesmo** acesso aos **estudos concedido aos homens,** têm tôdas **as capacidades que lhes per**mitem discutir **com êles em pé de igual**dade. Inteligente **ou autoritárias, não têm mais que suportar uma inferioridade social, porque podem utilizar abertamente os seus dons.**

Para os especialistas nas questões psíquicas, é uma satisfação imensa verificar que o interêsse dedicado à psicologia por um público cada vez mais numeroso, permitiu um rápido progresso.

Entre os êxitos alcançados, devemos notar que o famoso espírito de contradição que valeu tantas e tão ingratas críticas ao caráter feminino, **está nitidamente em re**gressão. Infelizmente, não está ainda defi**nitivamente enterrado. Hábitos ancestrais,**

heranças de educação, ou faceirice exagerada ou mal compreendida, são responsáveis por êsse restinho impertinente...

Mas, de qualquer maneira, ainda encontramos muitas mulheres que levantam orgulhosamente a cabeça e, vermelhas como galos de briga, lançam altivamente o desafio:

— Não sou da tua opinião!

— Mas, querida, ainda ontem dizias justamente o contrário... — alega um jovem marido, totalmente desorientado.

— "Nunca!" ou "Não é a mesma coisa!", etc.

Senhoras! Um pouquinho mais de esfôrço. Devem procurar libertar-se de uma vez por tôdas dêsse defeito tão censurado e que por muitos anos justificou tôdas as críticas amargas. Não procurem ser inamistosas. Procurem, ao contrário, abandonar êsse tão famoso espírito de contradição.

★

A DIFERENÇA ENTRE UM DIPLOMATA E UMA MULHER

Se uma mulher diz NÃO, isto significa TALVEZ.

Se diz TALVEZ, quer dizer SIM.

Se diz SIM, **não é uma mulher**!

Se um diplomata diz SIM, quer dizer TALVEZ.

Se diz TALVEZ, quer dizer NÃO.

E se diz NÃO, **não é um diplomata**!

ÊSTE MUNDO LOUCO...

GALARDÕES — Surpreendido quando tentava roubar um armazém de bebidas em Paris, Robert Clier entregou seu revólver à polícia, vangloriando-se pelo fato de que cada uma das oito chanfraduras existentes no cabo de sua arma representava um roubo bem sucedido.

INJUSTIÇA! — Na cidade de Florence, no Arizona (Estados Unidos), Ted Mullen, guarda da Penitenciária do Estado, pediu demissão do cargo ao saber que seu requerimento, pleiteando o aumento do salário para 2.400 dólares, havia sido indeferido, a despeito de uma petição assinada por 500 convictos, que se ofereciam para pagar o aumento com os recursos de sua "caixinha" de recreação.

COISA INÚTIL — Em Frankfurt, Alemanha, Wilhelm Strauss, tendo sido acusado por crime de incêndio, declarou à polícia que havia ateado fogo a sua casa, recentemente construída, pelo único fato de haver sua espôsa resolvido, inexplicàvelmente, não mais morar na mesma!

FOGO INTERNO...! — Em Washington, Roger Maturin, de 28 anos de idade, explicou aos bombeiros — e à polícia — o motivo porque havia dado 28 alarmas falsos durante os dois últimos fins-de-semana;

— Eu só preciso de duas cervejas, talvez de três, para fazer isso; depois fico perfeitamente normal!

DINHEIRO ESCALDADO! — Em Bruxelas, Bélgica, ao interrogar Jean Sansom, em sua própria casa, a respeito de um roubo, a polícia notou que uma panela fervia sôbre o fogão; acontece que um dos policiais, desconfiando do fato, levantou a tampa da panela e nela encontrou 40.000 francos na água fervente!

GENEROSIDADE! — Em Los Angeles, Winford Johnson foi prêso por causa de uma queixa do proprietário do "Bar da Tentação", que lhe havia pedido para vigiar o estabelecimento "por um instante" e, ao voltar, verificou que Johnson havia retirado 450 dólares da gaveta, tendo com êste dinheiro pagado bebida para todos os que se achavam presentes no estabelecimento.

O MISTÉRIO DAS ESFERAS VERMELHAS

Romance de JOHN WYNDHAM

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O "Guinevere", **transatlântico de luxo, cruzava** as quietas **águas diante dos Açores, sob um luar** maravilhoso, **quando um casal, que nêle viajava,** observa a **queda no mar, de várias esferas ver**melhas, que **ao tocar a água dispendem vapor,** ficando a água a **ferver durante alguns minutos.** O mesmo **fato é observado em outros trechos** oceânicos **por passageiros de outros navios e** aviões e o **Almirantado decide fazer descer obser**vadores, em **um batiscópio, ao fundo das águas,** a fim de procurar **resolver o mistério.**

Desgraçadamente, **atingindo pouco mais de duas** milhas e meia **de profundidade, os exploradores** cessam qualquer **comunicação com o navio que lançara o batiscapo** e o cabo, içado às pressas, está cortado, fundido! Então, aqui e ali, navios começam a ser tragados pelas ondas, inexplicàvelmente, ou a explodir, pura e simplesmente, sem qualquer razão aparente, chegando-se à conclusão de que as tais esferas vermelhas continham sêres pensantes e que tôdas aquelas catástrofes lhes eram devidas. Por quê? Desejavam acabar com os habitantes da Terra? Pouco depois inimagináveis quantidades de peixes, de todos os tipos e tamanhos morrem e flutuam nas águas onde mergulharam as esferas. Inglaterra, Rússia e Estados Unidos decid em reagir e lançam bombas atômicas de profundidade. Só a primeira explode. As outras tiveram sua explosão *suspensa por alguma vontade desconhecida.*

Bocker falou:

— Há pontos **verdadeiramente inexplicáveis.** Por **exemplo, como é que aquêles** tentáculos **se movimentavam para agarrar** as pessoas, **apesar de suas roupas, e não** se moviam **para segurar ou envolver as** coisas **inanimadas?**

Fêz uma **pausa à espera de um comentário,** mas **como nada disséssemos, prosseguiu:**

— Outra **curiosidade: como é possível** que pudessem **ir diretos sôbre o caminho** de volta ao **mar em vez de alcançar a água,** servindo-se **de outra rota, em linha reta** e menos **longa?**

A primeira **dessas perguntas é a mais** significativa. **Implica ela em propósitos** especializados. **As coisas são usadas, como** vemos, não **no exato sentido de "armas de** combate", **como ordinàriamente compreendemos;** não **precisamente para destruir,** realmente. **São empregadas mais como armadilhas!**

Minha **espôsa Phyllis interveio:**

— O **propósito era agarrar e conduzir** gente como... **Sim! Como se êles procedessem conosco... como se estivessem a** pescar camarões... **Mas, embora a intenção** essencial **possa ter sido a de capturar-nos,** qual será o **objetivo real e final de tais** incursões?

— Precisamos **ponderar tudo isto. E** podemos **considerar uma vitória não es**tarmos hoje **deplorando a pesca de Phyllis** por êsses **tentáculos misteriosos e surpreendentemente "conscientes". Quase que ela faz parte da safra dêsses pescadores de camarão...** — disse o repórter, gracejando.

Bocker, que estava presente, falou:

— Verificamos que tiros de fuzil não lhes fazem dano nenhum; mas granadas de canhão têm poder de fraturar-lhes as couraças dos tanques.

Durante algum tempo permanecemos onde estávamos, cada qual ocupado em ruminar seus próprios pensamentos. Foi **Bocker** quem quebrou o silêncio:

— Antes de nós houve sêres donos destas terras. Alguns dêles em situação de grande firmeza, inegàvelmente. Existiram grandes variedades de tipos de dinosauros, os quais poderiam ter dado aos primitivos habitantes grande possibilidade de sobreviver. Em comparação com êsses sêres a nossa espécie é insignificante!

Ninguém se atreveu a eduzir qualquer comentário. Continuamos, entretanto, sentados no mesmo lugar, a olhar a superfície branda e poética de um mar inocentemente azul.

★

Quando regressamos a Londres, o capitão Winters, do Almirantado, imediatamente telefonou lá para a nossa casa. Phyllis foi atender. Depois de uns instantes de conversa, minha mulher me disse:

— Do Almirantado desejam falar-nos, e o cap. Winters nos diz que, se lhe dermos o privilégio de uma entrevista logo depois, num jantar, nós três, teria com isso muito

prazer. Eu respondi que podia contar com o nosso consentimento.

Quando chegamos ao seu gabinete, notamos que havia um jornal sôbre a secretária. Olhando-o de relance, disse-nos:

— Tivemos do dr. Bocker um relato geral sôbre o caso da ilha **Escondida**, fato que levantou grande número de controvérsias. Agora, porém, diz êle que **aquêles "tanques marinhos", umas "coisas" dotadas de "vida" e consciência**, a que passa a dar o nome de **"pseudo-coelenterata"**, são invulneráveis aos tiros de fuzil, mas não resistem ao impacto de granadas de canhão, avariando-se com as explosões na couraça. Concordam com êsse ponto de vista?

Fizemos um aceno de cabeça afirmativamente.

— Não deixaram êles qualquer fragmento material identificável?

— Apenas uns fragmentos de metal e peças de qualquer coisa desconhecida. Foi tudo.

— Nenhum sedimento ou lama?

— Nada mais! Sòmente os estilhaços.

— Poderia você aduzir mais alguma coisa sôbre o fato?

A pergunta, assim direta, não me agradava. Teria eu que dar uma reportagem oral? Contudo, informei:

— Houve uma inteligente "direção" naqueles engenhos de guerra — **ou de conquista**. Prova isso o fato de seguirem uma rota certa, até à praça, manobrando **conscientemente** logo que ali chegaram. E, quando tiveram que regressar ao mar, escolheram uma rota menos obstruída pelos destroços dos edifícios que êles próprios haviam demolido em sua investidá. Parece que obedeciam a algum contrôle distante, seguindo as ordens dêsse mecanismo diretor. Isso, realmente, não seria difícil...

— Então está o meu jovem amigo de acôrdo com a teoria do dr. Bocker, de que tais instrumentos são apenas **agentes**, uns **autômatos, obedientes a um centro diretor remoto**? Acha, também, aquêle cientista, que tais monstros agem por meio de comunicações e energia até agora desconhecidas de nós. Qual a sua opinião sôbre isto?

— Nada posso asseverar de definitivo, sr. almirante; mas, evidentemente, penso que a teoria do dr. Bocker é aceitável.

★

Continuamos a conversar sôbre os mesmos acontecimentos, durante mais algum tempo, mas nada mais adiantamos a respeito, que merecesse destaque. A palestra fôra cordial e, finalmente, o capitão Winters nos oferecera excelente jantar.

Incontestàvelmente, essa história dos "tanques, surgindo do fundo do oceano",

A contracampanha foi logo iniciada. Ao longo da costa tropas do Exército e da Marinha com o mais moderno armamento ficaram em estado de alerta, aguardando os monstruosos inimigos...

estava alarmando todo mundo e afetando o sistema nervoso de quantos dela tinham notícia. Parecia que respirávamos um ar de terror, como se a vida nacional estivesse na iminência de um colapso. A vida passou a subir vertiginosamente, chegando a cêrca de duzentos por cento, notando-se que milhares de famílias faziam exagerados abastecimentos caseiros, como se temessem prolongado sítio ou uma convulsão social de tremendos efeitos. Os transportes, tanto os marítimos como os aéreos passaram a

cobrar muito mais caro os seus fretes, contribuindo para o encarecimento da vida.

As companhias de portos e docas entraram em choque com a navegação, pois os navios ficavam encostados por mais tempo do que o contratual ou comum, já porque as tripulações se recusavam a viajar, já pelo fato de as emprêsas proprietárias dos barcos se recusarem a pagar as taxas de seguro.

Multidões de trabalhadores dos portos ficavam sem trabalho, enquanto os poderes públicos se mostravam sem ânimo para solver a crise, que crescia a todo instante.

As tripulações, por sua vez, exigiam melhorias de salários em face do alto custo da vida. Centenas delas iam sendo despedidas por falta de trabalho, mas isso vinha agravar ainda mais a situção, pois os trabalhadores do mar exigiam pagamento, mesmo sem prestar serviço. As indústrias de base começaram a sentir falta de matérias-primas. Não havia mais carvão, o que resultava em crise na fabricação do aço. Daí os protestos.

★

— Miserável! Trair-me com o galo do campanário!

Nesse ínterim, vinham notícias de outros ataques pelos temíveis "tanques do mar", em escala cada vez mais crescente. Na área das Caribes, muitos "raides" foram registrados em dez ou onze lugares. Tudo se processava sem que houvesse reação por parte dos atacados, a não ser ligeiro combate, sustentado por elementos de uma base americana das Bermudas, quando alguns aviões de guerra repeliram certos invasores.

Falava-se também de uma série de invasões na costa oriental do Japão. Confirmavam-se incursões dêsses monstros do mar, em número de doze, ou mais tanques, em Hokkaido e Honshu. Relatórios sôbre "raides" na área do mar de Banda, eram confusos, embora sustentassem a veracidade de tais acontecimentos. De Mindanao vinham notícias de que **várias cidades** da **costa leste tinham sido atacadas simultâneamente por êsses aparelhos misteriosos**.

★

Para os habitantes da Indonésia e Filipinas, espalhados por numerosas ilhas, situadas na zona dos mares mais profundos, as perspectivas eram piores e mais alarmantes do que em relação ao povo britânico, cujas ilhas atlânticas estavam em melhor situação, não sendo provável que os "tanques marinhos" viessem a surgir no mar do Norte. Apesar disso, em muitas ilhas centenas de pessoas arrumaram seus pertences e as abandonaram, procurando escapar do perigo em lugar mais seguro. O mesmo sucedeu em regiões das Índias, embora sem pânico ou alarma.

Apesar disso, mantinha-se a Europa apenas em expectativa. Distúrbios meteorológicos e comoções telúricas estavam ocorrendo então, em outros lugares do mundo: furacões, ressacas marítimas espantosas, terremotos, etc., ocupando a atenção de todos, o que fazia esquecer um pouco a existência dos perigosos e fenomenais "tanques do mar".

Em dado momento, o telefone tilintou, acordando-me de sono reparador. Eram cinco horas da manhã. Meio estremunhado atendi:

— Alô!

Era o meu chefe, lá na "English Broadcasting Company", que me dizia com voz

firme, como quem dá uma ordem e não quer ser contestado:

— Pegue o chapéu e vá para o auto que está à sua espera, já!

Não quis saber de mais nada. Pulei da cama e fui vestir-me açodadamente. Antes de terminar minha toilette, ouvi o chamado da campainha do nosso apartamento. Era o chofer da E.B.C., que vinha buscar-me.

— Que diabo é isso? — indaguei.

— Não sei, amigo. Mas vou levá-lo a um barco que está encostado ao cais em Northolt.

Pensando que ia para o exterior, meti também meu passaporte no bôlso. E lá fomos, apressadamente.

Chegando ao cais, porém, vi que não precisava de nenhum passaporte. Não ia ao exterior. A viagem se destinava à Irlanda, pois, segundo se confirmava, surgira ali pela costa do Donegal, um dêsses "tanques do mar", atacando a localidade de Buncarragh...

Haviam os "tanques marinhos" invadido a costa naquele ponto da Irlanda e atacado casas e habitantes, repetindo a mesma técnica que nós observamos antes, subjugando as pessoas por meio dos tentáculos alvacentos e as conduzindo com êles. Diziam que o estranho polvo apertara seus prisioneiros em verdadeiros casulos, levando-os irresistìvelmente.

Na noite seguinte se registrara outro "rande" mais ao sul, em Galway Bay.

Logo depois regressei a Londres. A mobilização contra tais incursões se desenvolvia com intensidade. O govêrno agia enérgicamente. Ao longo de tôda a costa ocidental e sul, tropas aguerridas guardavam as praias da Irlanda. Batalhões minavam praias e montavam artilharia pesada sôbre as colinas alcantiladas. Piquetes armados e municiados montavam guarda. Tropas cavavam trincheiras e montavam grandes canhões voltados para o mar. Durante dias e noites ali estariam a vigiar os mais traiçoeiros inimigos da humanidade: os tais "tanques do mar", dirigidos não se sabia ainda por que artes do demônio... Por tôda parte aviões de guerra, jipes, carros de combate, de sobreaviso, na expectativa do ataque.

No sudoeste da Inglaterra e nas costas rochosas da Escócia, semelhantes preparativos estavam sendo realizados.

Para quem conhecia os tais "tanques do mar", tais armamentos talvez não fôssem suficientes para deter uma ofensiva do invisível. Noites sôbre noites, tanto nas costas baixas da Irlanda, quanto no litoral britânico, na baía de Biscaia e mesmo em certos pontos das praias portuguêsas do continente, os "tanques marinhos" andaram fazendo sortidas. Mas, já agora, com a mobilização e preparativos gerais, tais monstros não tinham possibilidade de vencer pelo seu maior auxiliar na guerra: a surprêsa.

Através do Atlântico, sérios distúrbios se confinaram ao Gôlfo do México. Do lado do Pacífico, tais fatos se verificaram em San Diego. Mas era nas Índias, nas Filipinas e no Japão, que as populações mais sofriam.

Na Europa, foram os irandeses os que mais padeceram com os ataques; inteligentemente dirigidos, segundo o dr. Bocker, por uma base submarina profunda, talvez à altura de Rockall. A Escócia sofreu algumas visitas, de menores efeitos devastadores, em Outer Isles. Na Inglaterra prò-

★

— Sou um comerciante honesto, senhora. Não são os dois que falam! Um dêles é ventríloquo!

priamente dita ocorreram "raides" em Cornwall, também sem maiores conseqüências.

Mas, logo depois do ataque a Falmouth, cessaram as incursões, como por encanto. Pararam quase sùbitamente.

Uma semana mais e tudo parecia livre do pesadelo. A chamada "Lei dos Comandos", que arregimentara tanta tropa e montara tanto armamento, havia sido revogada. As praias continentais e das ilhas haviam passado por maus quartos de hora, mas estavam prontas para rechaçar o invasor do fundo dos mares. Os tais "tanques marinhos" haviam desistido.

Em face disso, quinze dias depois do último "raid", foi publicada uma proclamação dando por encerrado o estado de emergência. Isso deu aó dr. Bocker ensejo para pronunciar os seguintes comentários pelo rádio:

— Alguns de nós, se bem que não mais sensíveis do que outros, têm celebrado a vitória. Mas olhemos para essa vitória. Nós, inglêses, que construímos nosso poder através do domínio dos oceanos, graças à nossa fôrça naval, levando nosso prestígio a todos os pontos da terra, perdemos a soberania nos mares. Fomos derrotados por um elemento, com o qual construímos nossa própria liberdade. Nossos navios só estarão seguros em águas de praias, ou em zonas de pouca profundidade. E, quem pode afirmar, até quando **êles**, êsses dominadores do fundo dos oceanos, estarão dispostos a tolerar essa situação? Fomos forçados a depender de transportes aéreos para adquirir alimentos de que precisamos. Podemos dizer que obtivemos uma **vitória**?

"Quem poderá afirmar que alcançamos triunfo? Não vejo por que possamos dizer que os derrotamos com as armas de que dispomos. E os ouvintes? Que pensam? Duas formas de vida estão-se tornando mùtuamente intoleráveis. Ou nós nos dispomos a destruí-los, ou **êles** estão esperando o momento preciso para fazer o mesmo conosco. E posso assegurar: se não agirmos em tempo, êles voltarão aqui, surgindo em algum lugar..."

Mesmo que o dr. Bocker houvesse dito isto apenas por palpite, suas advertências se confirmaram, pois se registraram ataques sob novos métodos, seis meses depois dos comentários do sábio.

Apesar de os navios terem retomado seus cursos normais, os passageiros e viajantes preferiam fazer as travessias atlânticas por via aérea. Foi quando os pilotos começaram a observar misterioso e inexplicável nevoeiro ao oeste do Atlântico, em zonas onde só se registravam ligeiras cerrações. E agora se defrontavam os navegadores do ar, com densas camadas de bruma, fortes e extensas. Ao mesmo tempo se notavam tais fenômenos ao nordeste do Pacífico. Péssimas condições de navegabilidade aérea se notavam também ao nordeste das ilhas do Japão, em Hokkaido, a mesma coisa se verificando nas Kurilas, mais ao norte.

Com as viagens regulares dos vapores a cruzar os oceanos em tôdas as direções, esperava-se que surgissem informes interessantes; mas, apesar da afoiteza dos navios, passando justamente nos lugares de maior profundidade, nada de mais veio a público. As cerrações do verão inglês sempre foram, realmente, muito frias e notáveis; as de agora, mais fortes, foram suportadas com muito mais resignação do que com surprêsa.

Então, vinda de Godhaven, ao oeste da Groenlândia, dizia uma mensagem, que "a navegação estivesse atenta á grande quantidade de **icebergs** a flutuar, **e todos de proporções inusitadas**".

Expedições investigadoras foram autorizadas, partindo de bases aéreas americanas do Ártico, confirmando-se o aviso. Os mares ao norte da baía de Baffin estavam coalhados de **icebergs**.

À latitude oeste, 77, 60.º, um dos aviadores informou:

— Vimos do alto uma das mais assombrosas coisas dêste mundo. Enormes geleiras que se formam no àlto do Ice-Cap da Groenlândia, produziam uma espécie de tremor, fendiam-se e, logo depois, flutuavam numerosos **icebergs**, como se fôssem os **filhos** a que as montanhas de gêlo houvessem dado à luz."

Descrições idênticas fizeram outras expedições à mesma região. Na baía de Baffin inúmeros **icebergs** seguiam sua rota vagarosamente, unindo-se a outros a deslizar em direção do Estreito de Davis, em busca do Atlântico!

Foi quando o dr. Bocker deu uma entrevista aos jornais, dizendo:

"Estamos diante do mais perigoso assalto por parte de nossos inimigos, contra os quais não dispomos de nenhuma defesa. Só poderemos estar tranqüilos, quando conseguirmos destruir seu Comando Central, no fundo dos mares. Qual é esta arma contra a qual nada podemos? É o derreter do gêlo ártico, bem como o mesmo em relação ao antártico também.

"Acham isso fantástico? Inconcebível? Mas não! É apenas tarefa de que teremos que tratar, talvez só realizável por meio do poder atômico. O caso dos nevoeiros extemporâneos e inexplicáveis pela meteorologia, mostra que o inimigo prossegue no seu trabalho contra nós. A cerração, como todos sabem, é causada pelo encontro de correntes de ar, frias e quentes; como admitir que tal se verifique, sem que qualquer corrente de ar tenha havido no Ártico?

"Já li que, se o gêlo do Pólo Norte fôr liquefeito, o nível do mar se elevará de uns cem pés. É uma chocante estimativa. Pode ser apenas palpite, ou divagação de algum sábio; mas que o nível do mar subiria não há dúvida nenhuma, pois é exato que êle receberia mais água.

"Para robustecer a minha afirmativa, quero esclarecer que, em janeiro dêste ano, em Newlyn, onde se costuma medir as marés, foi notado o aumento de duas e meia polegadas. E notem que essas duas e meia polegadas representam enorme quantidade d'água, tendo-se em vista a área de sua expansão, por cento e cinqüenta e um milhões de milhas quadradas!"

A indiferença oficial acêrca dêsse fenômeno só despertou quando marés altas começaram a chamar a atenção dos poderes públicos e dos responsáveis pela tranqüilidade do povo. A muralha da reprêsa em Westminster fôra ameaçada, e as águas a sobrepujaram.

Levantaram-se renques de sacos de areia para evitar desmoronamentos e inevitáveis inundações.

Bombeiros, soldados da defesa civil, a polícia, montavam guarda e observavam a marcha da maré, entre angustiosa expectativa. De quando em quando alarmas se erguiam e eram repetidos os pedidos de socorro.

Algumas dessas muralhas de sacos de areia cediam diante da pressão das águas, como sucedeu em Lambeth, Southwark e Bermondsey, com várias ruas e praças alagadas. No alto Tâmisa a coisa estêve alarmante, com inundações muito sérias em Chiswick, o mesmo ocorrendo no baixo-rio, com as ruas de Limehouse inundadas. Nada mais se podia fazer do que estar vigilante e providenciar socorros até que as águas baixassem.

Quando eu, minha mulher e o dr. Bocker fomos ver os efeitos dessas avalanches d'água, motivadas pela "inchação" do mar, o sábio exclamou:

— Deve haver à sombra uma personagem, pelo menos, que vai rir disso tudo.

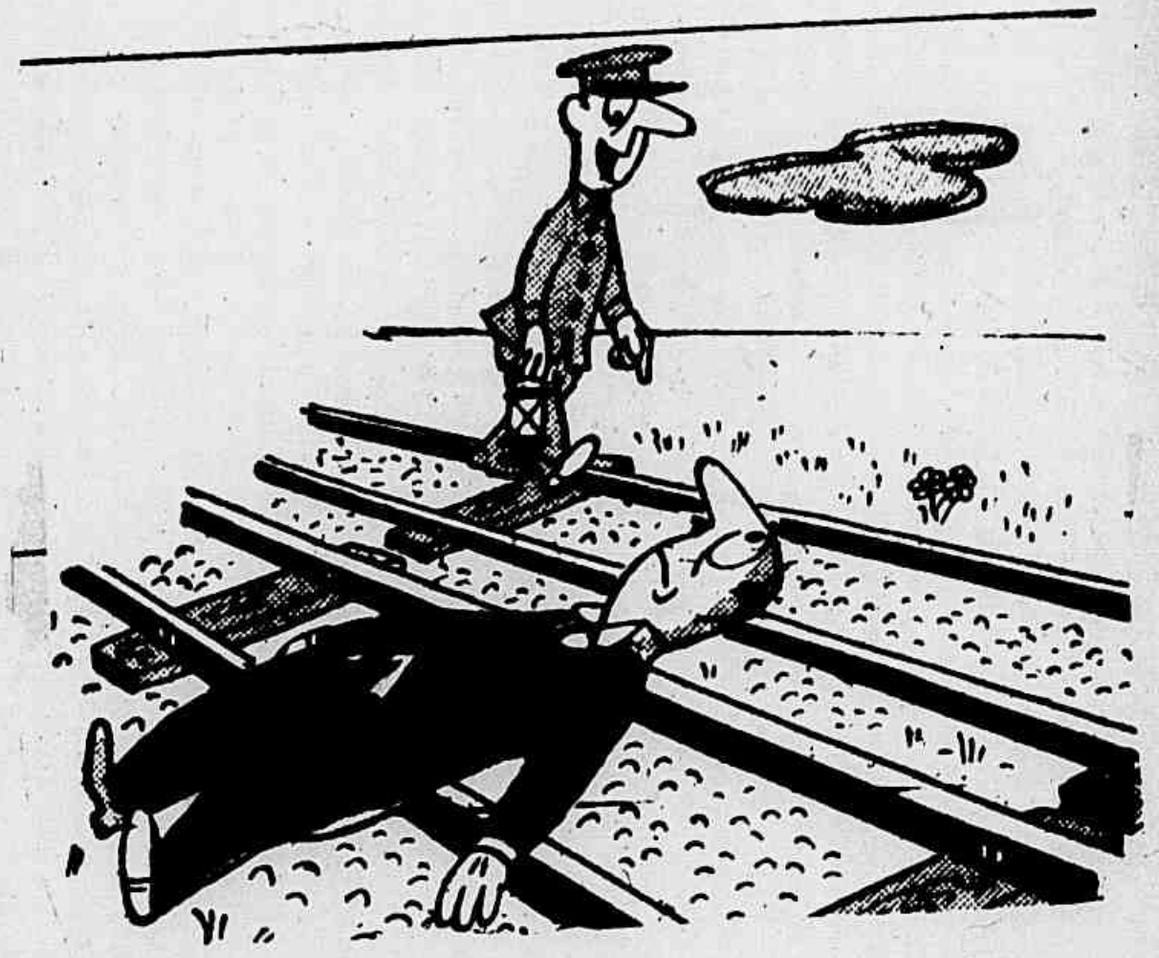
— É curioso saber quem será essa pessoa, dr. Bocker... — interveio minha mulher.

— O rei Canuto! — disse êle.

No mundo inteiro a ameaça fôra a mesma. A diferença era apenas que, enquanto nuns mais adiantados industrialmente, as barragens eram feitas por grandes máquinas, noutros mais atrasados, trabalhavam milhares de homens e mulheres na construção de diques.

Em todos, porém, as tarefas eram ingentes. Trabalhava-se àrduamente para evitar a catástrofe que vinha do intumescer do oceano, em marés desconhecidas até então.

★



— Sei que nada tenho com isso. Mas, se tem pressa arranje outro meio porque o trem está atrasado uma hora!

As mesmas dificuldades voltaram nas marés da primavera dos anos seguintes. Em Londres os ônibus foram retirados da circulação, enquanto as viagens dos trens subterrâneos foram proibidas a partir das oito da noite. A população, porém, atraída pelo espetáculo, apinhava-se nos pontos mais altos, especialmente nas pontes, para ver aquêle "show" inédito.

O lençol sereno e oleoso do Tâmisa inchava sob as pontes e de encontro aos cais, como se desejasse afogar todo mundo. O povo admirava, apreensivo, o espetáculo.

Parecia não haver perigo de maiores catástrofes, pois as muralhas têm altura suficiente para deter a marcha das marés altas do parapeito novo; mas, o que causava apreensão era a ruptura de alguma parte, em face da tremenda pressão do caudal.

Ouviu-se um ruído vindo de algum lugar, rio acima. O vento nos trazia o barulho. Os circunstantes que estavam, como nós, a apreciar a enchente, esticaram o pescoço, num sussurro de curiosidade. Instantes depois vimos a massa d'água que avançava. E vimos que passava abaixo de nós, barrenta, impetuosa, rugindo, investindo ameaçadoramente contra as muralhas do dique. Sùbito a avalanche força um certo ponto da barragem de pedra e a água inunda a rua, arrebentando o paredão, diante da estupefação de todos, encachoeirando por entre blocos de concreto, invadindo ruas e praças, levando tudo na enxurrada.

Antes que a próxima enchente viesse completar a obra de destruição desta última, o govêrno tomou providências. Seguindo-se a uma proclamação de Estado de Emergência, veio a ordem de atenção, a fim de que fôsse realizada a evacuação dos ameaçados.

Não vem ao caso descrever aqui as confusões e atropelos que os planos do govêrno provocaram. Difícil acreditar que as medidas delineadas pudessem ser postas em prática. Era inexeqüível a tarefa! Talvez sòmente pudessem ser executadas tais ordens, numa cidade pequena, de população mais simples; mas em nosso caso, com mais de duas têrças partes da população necessitando de remoção para lugares mais elevados, isso era humanamente impossível. Os holandeses foram também duramente castigados; mas tiveram a precaução de evacuar as áreas ameaçadas e, em seguida, inundadas. Mas, apesar disso, perderam a secular batalha travada com o mar. Também o Reno transbordou, inundando grandes extensões do país.

Por todos os recantos do mundo os mesmos fenômenos se deram, variando apenas a intensidade dessas incursões líquidas. Assim foi ainda na Bélgica e na Alemanha. Os rios Ems e Weser saltaram do leito, forçando imensas populações a emigrar para outras regiões mais elevadas. O mesmo sucedeu na Dinamarca e na Suécia, quando tôda sorte de embarcações passaram a servir de lar ambulante a centenas de famílias desabrigadas.

Em nosso país as inundações têm sempre forçado o povo a mudar-se do Eastern Counties para Midlands. As perdas de vida foram pequenas, em virtude da vigilância e socorros permanentes, dia e noite.

(Cont. no próximo número)

★

Jorge! Por que você não faz como os outros maridos e beija a criada, de vez em quando, para que não saia do emprêgo?

O CASO DOS JARDINS SUSPENSOS

Conto de KELLEY ROOS

ELSA Logan, para descansar os olhos, levantou a cabeça, que por muitos minutos mantivera sôbre a máquina de escrever. Por algum tempo, contemplou o alegre quarto que ocupava na mansão dos Powell; depois, ergueu-se, aproximou-se da janela e olhou a montanha e depois o rio, que brilhava atravessando o povoado, no vale. Era um quadro graciosamente combinado, banhado pelo sol da Pensilvânia ocidental. Sentia-se feliz por ser a secretária de Robert Powell.

E, sorrindo, pensou no engano que muita gente cometeu ao lhe advertir no sentido de que não aceitasse o emprêgo. Todos diziam que o sr. Powell era indivíduo intolerável; correto, sim, até à austeridade, mas não passava de **um solteirão tirânico**! Talvez, no passado, essas acusações tivessem um fundo de verdade, mas agora o sr. Powell estava bastante mudado. Especialmente depois que, com seus cinqüenta e dois anos de idade, decidira desposar a senhorita **Lola Kramer**.

A perspectiva de desposar Lola dentro de um mês seria o suficiente para alegrar o coração de qualquer homem. Elsa tinha sido sua colega de escola. E, já nessa época, Lola era uma garôta que valia a pena! Todos costumavam dizer que ela devia ser uma artista de cinema, tal era o seu encanto. Todos achavam que perdia o tempo em Mootsville, cidadezinha de uns 7.000 habitantes. Ninguém podia compreender, de fato, porque Lola, deixando de acompanhar a sua família, que se havia transferido para Pittsburg, preferira ficar nessa cidade, trabalhando como vendedora no "Dress Box". Mas logo todo mundo compreendeu o motivo de tal desprendimento. É que Lola havia **pescado** Robert Powell, fato que surpreendeu a cidade inteira. Porque estava claro como a luz do dia que Lola ia casar com êle por dinheiro, como todos diziam.

— E talvez tenham razão — pensou Elsa. — Lola vai desposá-lo por mero interêsse econômico.

O pai de Robert Powell enriquecera comerciando com carvão e lenha. Robert, filho único e solitário, crescera naquelas fazendas de milhares de acres. Porém, um acidente de automóvel deixou na orfandade três primos seus, muitos anos mais jovens do que êle, e Febe, Viviana e Nick Powell foram viver naquela mansão de pedra, que mais parecia uma fortaleza. E agora, vinte anos depois, eram os únicos parentes que Robert tinha. A gente da cidade os chamava de "os herdeiros Powell", e perguntava-se, por tôda parte, maliciosamente, que tal se Lola se colocasse entre êles e a fortuna de Powell.

Elsa não conhecia a opinião de Viviana e de Febe, mas sabia o que pensava Nick, o irmão mais moço. O que realmente inte-

ressava a Nick era terminar os seus estudos na Faculdade de Direito, e logo depois conseguir fortuna por si mesmo. Ùltimamente, Elsa se aproximara bastante de Nick, e não conhecia um modo mais agradável de matar o tempo. Não sabia o que Nick sentia por ela, entretanto esperava que também simpatizasse com ela. Agora que Lola Kramer estava fora de circulação e que Nick havia deixado de ser o chefe dos loucos da cidade, Elsa conseguira que êle se interessasse um pouco mais por ela. E, segundo lhe parecia, havia causado boa impressão no espírito do rapaz.

Uma voz rude e um tanto rouca interrompeu o sonho de Elsa.

— Olá, menina!

— Olá, Walter!

Walter Carr se aproximou da mesa de Elsa. Era homem de pequena estatura e idade incerta; dava a impressão de ser um jóquei aposentado.

— Arranjei, hoje, uma nova piada... — disse. — Posso experimentá-la com você?

— Não é possível evitar? — perguntou Elsa.

— Não.

Êste era uma espécie de ritual entre Elsa e o diminuto guia das vizinhas "Grutas de Ryan". Havia passado um dia inteiro apanhando sol na estrada para pedir um dia de trabalho a Woody Ryan. Woody e sua mulher, Febe Powell, gostaram dêle e arranjaram-lhe imediatamente um emprêgo. Agora, depois de três anos, era o principal guia das "Grutas". Woody admirava as suas habilidades e o seu gênio folgazão que fazia rir o seu público subterrâneo.

— Senhoras e cavalheiros — gritou Walter. — Vamos agora entrar na "Sala do Diabo", a quatrocentos e cinqüenta pés abaixo do nível do solo. Lamento que o Diabo não esteja presente. É que êle quase não gosta de vir a êste aposento, porque... não pode suportar a altura!

Walter não viu o sorriso de Elsa. Sempre fechava os olhos ao rir de suas próprias brincadeiras. Mas êste riso foi interrompido quando foi aberta a porta da sala.

Robert Powell, com um sorriso que suavizava a dureza do seu rosto pálido, cumprimentou o visitante e disse:

— Ouvi a sua brincadeira, Walter. É, de fato, muito interessante.

— Muito obrigado, senhor... Aqui está o correio; encontrei o carteiro lá em baixo e evitei que êle subisse até aqui.

— Está bem — disse Powell. — Não se incomode, Elsa. Obrigado, Walter.

— De nada, senhor. Venho da parte de Woody, que lhe pede um favor. A secretária está de férias e é preciso tirar à máquina algumas cópias dêste artigo de propaganda que deverá ser enviado aos jornais ainda esta noite, porque, se assim não fôr, não sairá nas edições de domingo. Êle disse que talvez Elsa...

— Claro que sim — disse Elsa. — Quantas cópias?

— Cinco.

E olhou os papéis amarelados que Walter lhe entregou.

— Ah! Trata-se da nova seção da Gruta, que Woody pretende abrir ao público. Parece muito emocionante!

— Os Jardins Suspensos! — disse Walter, com orgulho. — Fui eu quem arranjou esta denominação.

— E já está todo pronto?

— Woody terminou hoje a iluminação. Realmente, é algo que assombra e emociona.

— Darei a vida para conhecê-la — disse Elsa. — Durante quase dez anos ouvi Woody falar sôbre essa gruta, aos delírios; mas jamais consentiu que eu lá fôsse. Dizia que era muito perigoso entrar nela.

— E tinha razão — falou Walter. — Mas agora já pode vistá-la. Foi um trabalho dos demônios para abrir uma entrada. Por que o sr. Powell não vai visitá-la também?

Elsa viu que o rosto de Robert se endurecia, e dirigiu a Walter um rápido olhar de advertência. Estava certa de que Walter devia ter ouvido falar do acidente, ocorrido seis anos antes, e que quase custara a vida do sr. Robert. Fôra assim: um dia, êle encontrou, casualmente, uma abertura até então desconhecida, e se aventurou a explorá-la, sòzinho, na escuridão. Ao voltar, verificou, cheio de horror, que uma pequena pedra havia bloqueado a abertura, deixando-o debaixo da terra. Passaram-se seis terríveis horas antes de que, graças aos seus gritos de socorro, conseguissem localizá-lo, e mais outras doze horas, tôdas de grande sofrimento, até que pudesse ser

desenterrado. Quando Woody, que dirigia os escavadores, conseguiu, finalmente, trazê-lo à luz, Powell estava meio enlouquecido pela dor das feridas e pelo choque nervoso. Teve de passar alguns meses em vários hospitais antes de recuperar o equilíbrio físico-mental e, desde então, não podia conter o seu horror às grutas. Os ferimentos da perna o aniquilaram como atleta, e lembravam-lhe, constantemente, a terrível experiência porque passara.

Walter, porém, sem dar atenção à muda advertência, continuou no mesmo tom.

— Eu sei que uma vez o senhor passou bastante mal ali dentro. Mas agora as coisas são muito diferentes! Já não há o que temer. Com um pouco de coragem... e certamente isto não lhe falta... Claro que avalio os vexames porque passou, mas...

— Você avalia?

O rosto de Powell tornou-se um pouco rígido ao sentir o matiz de desafio que havia nas palavras de Walter. — Você, por acaso, já passou por uma experiência semelhante?

— Na realidade, não — respondeu Walter, desconsertado — mas...

— Então, não pode avaliar nada!

Calou-se por algum tempo, e depois continuou, falando com voz calma, como se julgasse sentir a obrigação de justificar o seu mêdo perante Walter; como se quisesse mostrar a Elsa que não era um covarde. Disse-lhes como havia tentado acalmar o pânico que se fôra apoderando dêle e de como fizera fôrça para pensar com serenidade. Arrastara-se, lenta e cuidadosamente, na direção que julgava verdadeira, com as mãos sempre para a frente, como um cego, tateando. Na segunda vez em que seus dedos encontraram a mesma pedra de forma tão peculiar — como um leque aberto — percebeu que se movera em círculo. O espaço, no qual havia caído era amplo, e considerava-se perdido sem esperança. Mais tarde, depois de procurar longamente o seu caminho, agachado e dando voltas e mais voltas em meio a pavorosa escuridão, encontrou a abertura pela qual havia entrado. Mas, justamente, no momento em que vislumbrou um pouco de luz filtrada, o deslizamento da rocha o soterrou vivo.

Na voz calma de Robert havia uma sombra de morte, e depois de ouví-lo, as

grutas já não eram para Elsa o lugar de beleza e encantamento como até então imaginara. Haviam sofrido uma transformação e agora surgiam em seu pensamento como algo ameaçador, que se havia preparado durante milhões de anos para engolir o recém-chegado: o intruso. Um simples engano, uma inadvertência de qualquer mortal, e a morte era o castigo por sua invasão do abismo.

Quando Robert deixou de falar houve um longo silêncio.

— Contudo ainda parece-lhe, Walter, que não passo de um covarde, não é mesmo?

— Não! Um momento! — pediu Walter, com veemência. — Não quis dizer isso. Eu... Olhe, sr. Powell, não o censuro por ficar em terra firme, afastado dessa gruta. Acho que faria o mesmo se estivesse em seu lugar.

O sorriso feliz, que já se havia tornado um hábito nos últimos meses, voltou a aparecer no rosto de Robert Powell, que, a seguir, caminhou para o seu gabinete.

— Bem; agora vou ler esta correspondência.

— Um momento, sr. Powell — disse Walter. — Ainda não tive a oportunidade de felicitá-lo pelo seu próximo casamento. Que o senhor e Lola sejam muito felizes!

— Obrigado, Walter; obrigado!

— Walter — falou Elsa — tenho de redigir primeiro umas cartas do sr. Powell; mas, em seguida, copiarei a propaganda de Woody quando fôr para casa.

— Agradeço-lhe. Tenho muito o que fazer. Até logo.

Em quinze minutos Elsa terminou as cartas de Powell. Dirigiu-se, depois, ao gabinete de seu chefe, a fim de colhêr as assinaturas; abriu a porta e ficou parada, olhando com assombro para o sr. Robert Powell, que estava de pé, rígido, por trás da escrivaninha. Com uma das mãos colocava o fone no aparelho telefônico, enquanto com a outra batia sôbre a mesa, num ritmo nervoso. Involuntàriamente, Elsa chamou-o pelo nome. Êle, sem olhar para a sua secretária:

— Não! Agora não, Elsa! Vá para a sua casa.

Elsa fechou ràpidamente a porta e parou desconsertada no meio da sua sala de trabalho. Era evidente que êle não queria ajuda. Pensou em ir buscar Nick, mas sabia que não o encontraria em casa. Certamente ainda devia estar no clube, onde trabalhava como professor de gôlfe. Perguntou a si mesma se a sua irmã Viviana estaria em casa, mas logo renunciou à idéia de causar alarma. O mais provável é que êle tenha ficado indignado pelo fato de Lola se ter intrometido em seus assuntos.

Passados alguns instantes, conseguiu refazer-se e pôs-se a trabalhar no artigo de Woody. Como se encontrava muito nervosa, levou quase uma hora para concluí-lo. Recolheu os papéis, retirou sua bôlsa da gaveta da escrivaninha e aproximou-se da porta do gabinete de Powell. Chamou, então, num tom vacilante. Não obteve resposta. Ou Robert Powell havia saído do gabinete pela outra porta ou, voluntàriamente, não fazia caso de seu chamado. Assim pensando, girou fazendo meia-volta e saiu do prédio, naquela agradável tarde de junho. Na calçada, entrou em seu velho automóvel e partiu, descendo a ampla estrada, pela qual percorreu meia milha até chegar ao grande cartaz recém-pintado, com côres vivas e fosforescentes, e que assinalava o caminho para as **fabulosas Grutas de Ryan, a maravilha da Pensilvânia ocidental!**

Anunciava ainda o cartaz que na quinta-feira próxima as grutas estariam novamente abertas ao público, com a inauguração dos "Jardins Suspensos", assombroso acréscimo à emocionante viagem subterrânea. A crescente concorrência de uma outra gruta, localizada no lado oposto da montanha, despertou em Woody Ryan a idéia de abrir uma nova seção.

Para se chegar à entrada da gruta era necessário subir meia milha por um caminho particular, que cruzava uma espécie de língua de terra da grande fazenda de Powell e, a seguir, serpenteava através da granja de Ryan, que já não era mais cultivada e, finalmente, passava pela casa de trabalho, para onde Woody Ryan, dez anos atrás, havia trazido como espôsa a belíssima Febe Powell. Elsa passou por êsse "bungalow", assim como pelo deslumbrante edifício todo de pedra e cristal, que haviam construído quando as grutas se tornaram um êxito comercial.

A estrada deslizava através do cimo da montanha e logo descia, precipitando-se

para um imenso grupo de árvores de troncos grossos e direitos que guarneciam a entrada das grutas. No enorme parque de estacionamento não havia, quando Elsa nêle entrou, mais que o automóvel prêto de Woody.

A portaria estava vazia. Passou através das cadeiras e sofás de couro, e chegou ao mostruário onde eram vendidas "recordações da excursão", junto da imensa chaminé de pedra; depois passou pela "borboleta", onde eram recolhidos os bilhetes de entrada. Vestiu um dos abrigos próprios para proporcionar maior comodidade aos visitantes que não vinham suficientemente agasalhados para suportar a temperatura das grutas. Um dos grandes elevadores estava fechado, e o outro, embora estivesse funcionando, encontrava-se no fundo do poço. Elsa resolveu descer pela escada de ferro, que atingia, em espiral, cêrca de cento e cinqüenta pés de profundidade.

Empreendia a tarefa de procurar Woody Ryan por todos os andares e percorrendo os intermináveis corredores que se estreitavam e se ampliavam alternadamente entre reluzentes e intrincadas paredes de pedra. À luz das lâmpadas elétricas brilhavam tôdas as côres do arco-íris. As cavernas de Ryan eram verdadeiramente maravilhosas; encantava a todos e justificavam todos os adjetivos dos folhetos de propaganda, e Elsa não se cansava nunca de percorrê-las.

Passou pela chamada "Gruta do Inferno" e seguiu por um corredor que ia para o lado esquerdo. Já podia ouvir o rumor da água, e, dentro de um minuto chegaria à cascata subterrânea e o rumor se converteria em fragor. Através do vapor da água luzente vislumbrou uma figura alta e familiar, que se ia afastando do outro lado da cascata.

— Nick, Nick; espere um momento! — gritou Elsa.

Mas o outro não se voltou, nem se deteve, e Elsa continuou chamando até que o vulto que ela perseguia desapareceu em um dos corredores. Elsa, ràpidamente, rodeou o agitado tanque onde a água caía e começou a correr no encalço de Nick. Mas logo parou, ao pensar que talvez se tivesse equivocado e que, provàvelmente, o homem a quem havia divisado não era Nick! Assim pensou porque nunca ouvira Nick falar com entusiasmo sôbre as "Grutas de Ryan". E, depois, êle já as conhecia de sobra. — "Sim, são muito bonitas — dizia êle — mas já as vi." Woody havia contratado vários homens a fim de preparar a nova seção para o dia da inauguração; talvez o homem que avistara fôsse algum dêles.

Continuou descendo pelo corredor e seguiu pelo túnel da direita, que conduz à "Câmara de Ouro", no caminho principal. Então, deteve-se e chamou, com certa vacilação:

— Woody!

Como o som ecoava nas altas paredes da gruta, subia, também, ràpidamente, por um

túnel que conduzia ao "Cabo do Tonto". Logo ouviu umas pancadas de metal contra metal e dirigiu-se para o lugar de onde vinha o som. Deu uma volta e encontrou Woody trabalhando, ou melhor "jogando"

com um efeito de luz nas "Bruxas Gêmeas". Ergueu os olhos quando a sentiu aproximar-se, e um sorriso amistoso iluminou-lhe o rosto. Woody tinha quarenta anos, quase o dôbro da idade da moça, e não obstante, ela sentia que estava diante de um dos "seus".

— Olá! — disse. — Olha! Quase consegui o que me propunha... Espere um segundo só!

E manejou um pequeno interruptor.

— Como estão o seu pai e sua mãe?

— Perfeitamente bem. Sempre perguntam por você.

— Há um mês não os vejo. Nunca vou ao povoado. Quero que explique a êles que estou muito ocupado com estas cavernas. Ah! É isso! Veja, agora!

Apagou tôdas as luzes do corredor, exceto as que correspondiam ao pequeno interruptor. O raio de luz foi de encontro à saliência da rocha que tinha a forma do perfil dos rostos de duas bruxas. Mas, agora, com um pouco de imaginação, via-se uma terceira bruxa.

— Woody! Que maravilha!

— As três bruxas! Você deve saber que me refiro a Shakespeare!

— Macbeth! Minhas felicitações, Woody!

— Obrigado. Até a mim agrada, confesso...

Nesse instante, viu os papéis que Elsa levava nas mãos.

— São as minhas lendas, Elsa? Qualquer dia farei também alguma coisa por você.

— Por que não faz agora mesmo?

— Então fale, senhorita! Que deseja? — perguntou, com uma reverência teatral.

— Mostra-me a nova seção!

— Os "Jardins Suspensos"? Ainda não estão completamente prontos. Por que não espera pela inauguração solene?

— Walter disse que já estava tudo pronto. Deixa que eu veja, Woody!

— É que ainda quero acrescentar algumas novidades...

— Está bem. Esqueça o que pedi. Eu irei sem a sua companhia!

Tendo falado, com ar zangado e sem olhar para trás, Elsa desceu pelo largo corredor, passou pelo "Cabo do Tonto" e voltou à "Câmara de Ouro". Ali, virou para a esquerda, atravessou uma gruta pequena, chamada "O Belo Templo" e dirigiu-se para os "Jardins Suspensos". Parou na entrada, aberta recentemente com dinamite, e ficou olhando, completamente maravilhada.

A gruta era larga, alta e comprida. Seus muros eram de pedras douradas formando "cascatas" líquidas; seu teto formava um arco de inúmeras e pequenas estalactites, que se haviam formado na proporção de uma polegada cúbica por século. Poucos homens viveriam o bastante para notar alguma transformação. As côres da gruta eram o dourado e o azul, mas havia toques de marfim, róseo claro e o brônzeo. Era um pedaço do país das fadas, coisa absolutamente encantadora!

A seguir viu o que era chamado a jóia da câmara: "o peixe que navega à vela" e dirigiu-se ao centro do cenário para contemplá-la mais de perto. Do solo surgia um retângulo de rocha arredondado, e nêle a natureza havia pintado, em azul prateado, um enorme peixe. No seu dorso estava esculpida a barbatana nadadora, perfeitamente estriada.

Avançou mais um passo e estendeu a mão para tocar em sua fria suavidade, e então viu as pernas imóveis e retorcidas que se encontravam por trás da rocha. Num esfôrço supremo, moveu-se, em tôrno da rocha, e obrigou o próprio olhar a subir desde as pernas estiradas até ao rosto sem vida e coberto de sangue. Robert Powell havia sido morto a golpes de algum objeto pesado, de maneira brutal e selvagem. Segundos depois, Elsa começou a correr, gritando...

ELSA fechou a porta do gabinete de Woody, deixando o delegado sózinho. Havia passado meia hora respondendo às suas intermináveis perguntas. Desceu lentamente pelo corredor. E quando chegou ao local de onde podia ver a sala principal da portaria, deteve-se sem querer entrar, temendo defrontar-se com as cinco pessoas que o assassinato havia reunido ali.

Na realidade, ali estava Nick, que havia perdido tôda a sua atraente animação, mostrando-se nervoso e aterrado. Ali estavam as suas duas irmãs. Febe parecia a mais mudada, porque sua beleza era mais suave e mais cálida. As feições de Viviana eram

mais firmes: a tragédia produzira menor alteração em seu rosto. Woody também ali se encontrava, com o ar de espanto e de incredulidade que chegava a dar pena. E, sentado próximo do grupo familiar, olhando-os com desolada comiseração, estava Walter Carr.

Elsa ouviu passos que a seguiam. Wes Gelb, um jovem policial da cidade, achava-se recostado à parede, e disse, em voz baixa:

— Você sabe, Elsa, que está diante do assassino?

— Oh, Wes, isto não!

— Com certeza! É um dêles. Nick ou Viviana Powell, Febe ou Woody Ryan. Agora, o dinheiro dos Powell vai para êles, não é verdade?

— E você julga que um dêles foi capaz de matá-lo para conseguir o dinheiro?

— Claro que sim. Se Lola Kramer houvesse desposado o velho Powell, teria levado todo o dinheiro. Já pensou nisso?

— Ah! Wes, nem gosto de falar!

— A morte de Powell, agora, era justamente o que êles queriam. E, depois, você conhece a Lola... Por que razão ela ia casar com Powell? Um homem muito mais velho do que ela! Acontece que o assassinam um mês antes do casamento, antes de que Lola pudesse **meter as mãos na massa**. Agora, morto Powell, os priminhos são os únicos herdeiros.

Elsa deu-lhe as costas e começou a andar, porém Wes acompanhou-a.

— Ninguém pode provar nada. Todos podem ser assassinos. Viviana disse que estava fora de casa, passeando... sòzinha. Febe disse que estava em sua casa; mas ninguém pode provar!

— Já sei isso, Wes — falou Elsa, mostrando-se cansada.

— Mas talvez não saiba que encontramos a arma! Um pedaço de tubo de ferro de meio metro de comprido. Qualquer um dêles poderia ter manejado essa arma. E com certeza foi pessoa serena e fria. Não deixou impressão digital; limpou tudo, tudo mesmo, exceto ligeiras manchas de sangue. Lamento muito, Elsa, mas trata-se de um assassinato...

Elsa curvou a cabeça e afastou-se ràpidamente do policial. Sempre achara que Wes Gelb era um bom rapaz, cuja principal preocupação era a ordenação do trânsito; mas não tardou a notar que igual transformação se processara no espírito do delegado Haney. O assassinato de Powell os havia feito mudar, como havia mudado a todos os que estavam reunidos naquele lugar. Haney se mantivera da maneira mais fria possível. E dirigiu-lhe perguntas de modo a fazê-la compreender a sua importância e a responsabilidade que assumira no caso. Na realidade, ela tinha sido a última pessoa a ver Robert ainda vivo; além disso, ela é que havia descoberto o corpo destroçado.

Tôdas as suas perguntas pareciam apontar uma única resposta: Por que razão Robert Powell havia ido à gruta? E por que perdera o seu mêdo psicopático àquelas cavernas onde, anos atrás, sofrera um tremendo acidente?

Elsa disse que o sr. Powell estivera muito alegre e feliz durante tôda a manhã e tôda a tarde, só se mostrando preocupado depois de receber o telefonema. Nem sequer o fato de haver comentado com ela e com Walter o acidente da gruta, foi capaz de torná-lo triste. E até chegara a gracejar com Nick e com ela própria. Porém, depois da chamada telefônica...

Elsa descreveu como o havia encontrado, ao abrir a porta do gabinete, com o ar transtornado, angustiado, colocando o fone no gancho com gesto vagaroso e dramático, que a impressionara realmente.

Haney lhe havia perguntado, ainda:

— Você não tem uma idéia da pessoa com quem êle falava?

— Não...

— Você era secretária dêle, Elsa. E não era você quem atendia às chamadas?... Ah! Compreendo... Pode ter sido uma chamada direta para a mesa dêle...

— Sim... Só existe uma extensão.

— O fato é que êle falou com alguém, que lhe disse algo que o transtornou, que o fêz vir até às grutas. Mas não lhe disse, ao menos, para onde ia?

— Nem sequer o vi sair. Talvez tenha saído por uma das portas que dão para a garagem. Suponho que êle próprio tenha dirigido...

— Sim. Encontramos o automóvel dêle no pequeno estacionamento, nos fundos da portaria.

— Ah! Foi por isso que não o vi ao chegar aqui.

— Elsa; pense em alguma pessoa para quem êle possa ter telefonado!

— Não posso imaginar. Geralmente pedia-me que fizesse a ligação para êle; mas desta vez...

— Está bem.

Então Haney deixara Elsa sòzinha na sala. E ao retornar, minutos depois, perguntara:

— Elsa, você não viu alguém mais, além de Woody Ryan, dentro das grutas?

— Sim. Vi... Quer dizer... havia outra pessoa, um homem. Estava próximo da cascata... Depois, encontrei Woody.

— E reconheceu o tal homem?

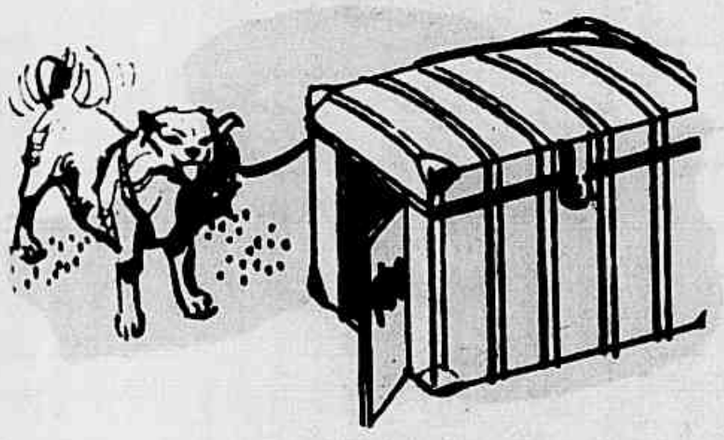
— Só consegui divisar uma figura humana, ao longe, através do vapor da cascata. Talvez fôsse algum dos trabalhadores.

Elsa passou a mão sôbre os olhos, como se quisesse esquecer a cena do drama.

(Continua no fim da revista)

10.º SOS para o seu lar

A leitora está precisando urgentemente de um canil? Qualquer mala velha resolve o seu problema. Mande fazer uma porta numa das extremidades, coloque gonzos e um trinco e pinte da côr que achar



melhor. Geralmente as malas de grande tamanho são sólidas e impermeáveis; a alça pode servir para prender a corrente, e a tampa aberta facilita a entrada do sol e do ar; e, além disso, os cães adoram deitar-se em cima da mala nos períodos de calor.

★

SE môscas e mosquitos penetram através das frestas das portas e janelas, um pouco de óleo de rícino cuidadosamente esfregado ao longo das mesmas pode evitar a invasão, pois o rícino afugenta êsses insetos.

★

ENVOLVAM uma chapa de alumínio ao redor da garrafa plástica do bebê, a fim de transformá-la numa mamadeira inquebrável, capaz de conter líquidos de tôdas as espécies e de resistir às artimanhas da criança.

★

APROVEITEM todos os pequenos fragmentos de sabão, colocando-os dentro de uma caçarola, misturados com um pouco de azeite de oliveira. A seguir, ponham a caçarola no fogão e deixem que o conteúdo derreta. Como resultado terão conseguido um excelente bloco de sabão, que servirá tanto para o banho como para limpar objetos de cozinha.

★

QUANDO a máquina de lavar estiver funcionando com excessiva vibração (devido à pequena quantidade de roupa que está sendo lavada) convém colocar pedacinhos de papel de lixa sob o rodízio do pé da máquina; assim estará resolvido o problema.

★

PARA evitar que o piso de cimento encerado permaneça constantemente coberto de poeira, convém esfregar sôbre o mesmo uma mistura de quilo e meio de sulfato de zinco e uma relativa porção de água; depois, deixar secar por alguns dias.

★

PARA consertar buracos numa chaminé misturem óleo de linhaça com detritos de tinta para pintura de parede; a seguir acrescentem areia limpa até que a mistura fique tão consistente como um denso creme, ou mais ainda. Depois, quando aplicada, endurece logo, obstruindo completamente o buraco.

★

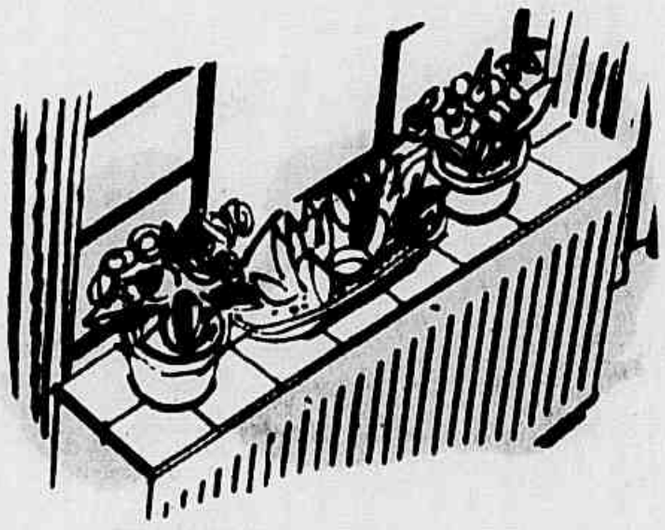
SE a leitora está mudando de residência, numere a porta de cada aposento da nova casa, e a seguir, numere também cada mobília de acôrdo com o aposento a que está destinada. Isto facilita o trabalho dos encarregados da mudança e evita futuras dores de cabeça quanto à instalação dos móveis e outros objetos domésticos.

★

SE o leitor quer remover uma telha velha aplique um saco cheio de gêlo sêco, que obterá ótimos resultados. A experiência tem demonstrado que isto torna o barro da telha tão quebradiço que pode ser removido com extrema facilidade; o processo poupa horas e horas de trabalho.

★

TELHAS de barro, colocadas em cima dos aparelhos da calefação, além de melhorar o

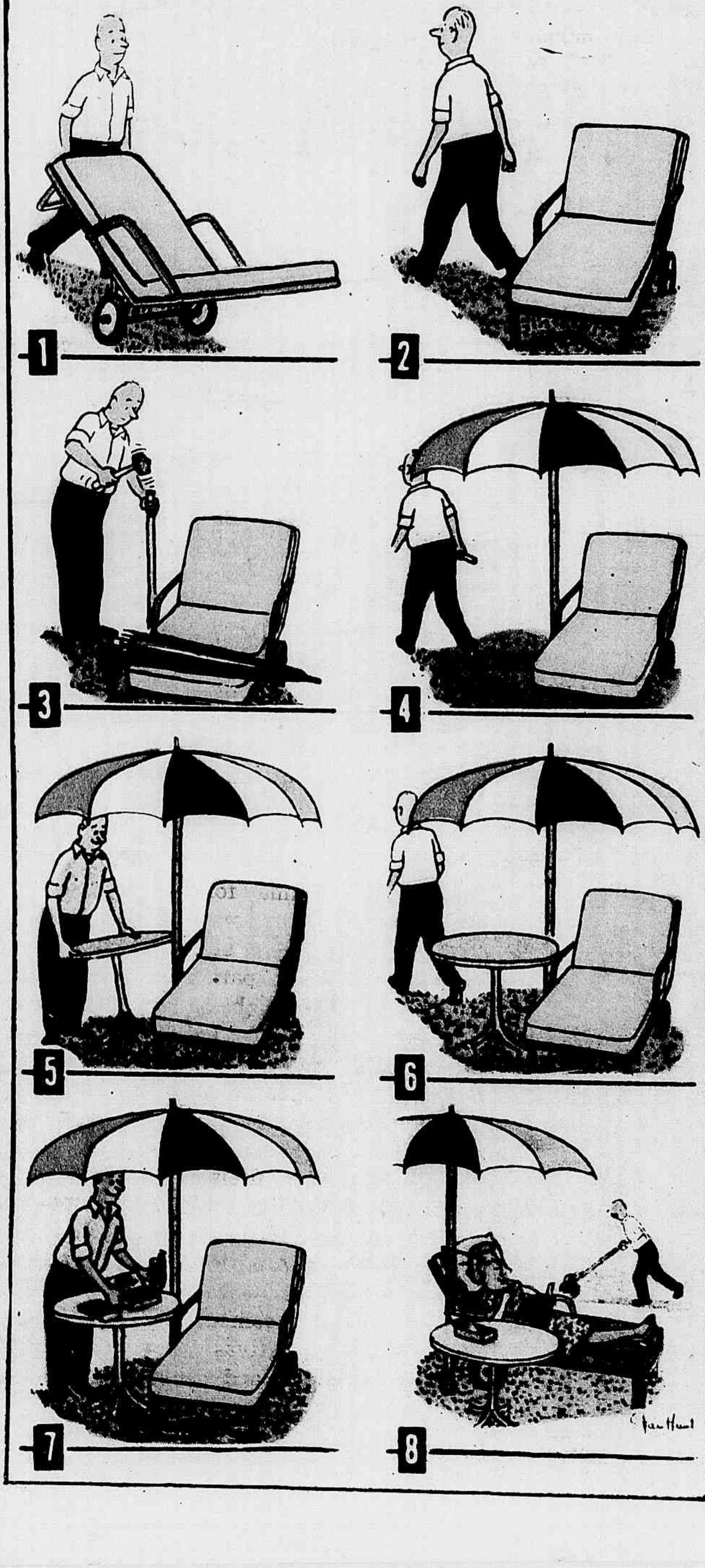


seu aspecto estético, tornam o aquecimento mais eficiente. O calor não penetra nas telhas, que, por outro lado, são fáceis de limpar.

★

SE o leitor sempre usa escadas, apoiando-as contra as paredes de sua casa, é uma excelente idéia envolver as extremidades das mesmas com capas de borracha, a fim de evitar arranhaduras nas paredes.

FERIADO! — Por Stan Hunt



PERTINÁCIA

ESTA nos vem do Texas, o gigantesco Estado norte-americano. Um desconhecido chega à estação de uma pequenina cidade do Estado, procurando trabalho.

— Bem — diz o chefe da estação. — Apanhe aquela brocha de graxa e engraxe os troncos dos trilhos.

— Sim, senhor — disse o homem, logo iniciando o serviço.

Durante oito dias, o chefe da estação não teve notícias do seu novo operário. Depois, recebeu um telegrama:

— Cheguei fronteira México. Impossível franqueá-la.

★

DIREITO DE PROPRIETÁRIO

UM garotinho estava sentado na praia, com a pázinha de fôlha e o pequeno balde... e chorava estridentemente. Um senhor, que passava, aproximou-se, quis saber a razão daquele pranto, perguntando à ama, que inalterável, ao lado do chorão, continuava com o seu bordado.

— Por que chora êsse menino tão desesperadamente?

— Por nada... Êle fêz todos êsses trabalhosos buracos na areia e agora... não pode levá-los para casa.

★

PLÁGIO

NA época em que o pintor Monet, chefe da escola impressionista, lutava penosamente para impor suas concepções revolucionárias, uma de suas primeiras admiradoras, encontrando-o num salão, segredou-lhe:

— Regressei a Paris esta manhã, pelo cais do Sena. Havia na atmosfera uma bruma deliciosa, que me lembrou alguns dos seus quadros...

— Sim, sim — respondeu Monet gravemente. — Aos poucos a Natureza vai imitando o meu estilo.

Os médicos, que há tempos sorriam e erguiam os ombros, com desprêzo, quando alguém lhes falava acêrca dos curandeiros e feiticeiros das tribos consideradas selvagens, estão hoje usando drogas baseadas em raízes de plantas exóticas e poções mágicas, a fim de curar a pressão alta de seus clientes, assim como os distúrbios cardíacos. E isso parece ser apenas o início de uma volta à natureza, estando atualmente vários milhares de "excursionistas médicos" vasculhando as matas e juncais, interrogando seus "colegas", os feiticeiros das tribos, na África, na América e na Malásia, gastando milhões de dólares para encontrar as drogas maravilhosas de amanhã.

OS DOUTÔRES FEITICEIROS

EM algum lugar da África, cientistas norte-americanos, ingleses, alemães e suecos, estão percorrendo longas distâncias, visitando choças de todos os tipos e tamanhos, observando como um doutor-feiticeiro de uma tribo primitiva prepara misteriosa poção que bem poderá vir, algum dia, salvar a nossa vida de supercivilizados. Um dêsses cientistas tem avultado entre os demais, pela sua pertinácia e o muito que já pode alcançar em seu objetivo de encontrar uma ligação mais útil e já existente entre os métodos dos selvagens e dos modernos doutôres, formados nas grandes universidades.

Trata-se do dr. Edson F. Woodward, de trinta e sete anos de idade e que ostenta o título de chefe farmacognosista(*) numa das maiores firmas produtoras de drogas botânicas em todo o mundo, a S. B. Penick & Company. Mas, para os seus auxiliares e também para os povos primitivos de pelo menos três continentes, é mais conhecido como um "batedor de campo", um dos que percorrem o mundo em busca de ervas e outros remédios das matas imensas, que possam ser adaptadas para uso nos modernos hospitais e também possam vir enriquecer os medicamentos de urgência, na valise dos médicos.

Máscara Bayaka (Congo) própria para afugentar as mulheres da aldeia no início do ritual para os iniciados nas artes mágicas.

Numa dessas viagens de exploração, Woodward, com outros médicos da Archbold Expedition, organizada pelo American Museum of Natural History, cruzaram em todos os sentidos a espêssa floresta do Congo, muitas vêzes sob chuva diluvial, esta porém com mais de quarenta dias de duração, numa viagem de sete meses, num total de 11.000 milhas, em busca de uma fonte natural de cortisona.

Em outra ocasião viajou para a Índia, a fim de obter amostras de raízes de Rauwolfia, compridas e enroscadas como serpentes, remédio maravilhoso que, repentinamente, revelou-se uma das mais úteis e estupendas drogas dos tempos modernos.

Uma terceira missão o levou à América Central, onde conseguiu colhêr alguns secretíssimos remédios usados pelas tribos nativas.

Woodward é apenas um entre muitos médicos e cientistas dedicados de corpo e alma a essa incessante busca

(*) Ramo da farmácia que trata das drogas ao natural.

Máscara do feiticeiro Mbuya, da aldeia de Nioka Kakese. (Pertencente a tribo· Bapende, do Kwango.)

de novos recursos para aliviar as dores da Humanidade. Êsse trabalho, entretanto, não deixa de ser uma cruenta competição e, nessas condições, Woodward não está sòzinho nessa missão, que vem a ser, em linguagem popular "um páreo muito duro", pois que a descoberta de uma droga pode representar milhões de dólares e por isso êle deve evitar discutir os detalhes do seu plano de viagem antes de embarcar com todos os membros de sua expedição. Um bom explorador — segundo costuma dizer — não revela aonde pretende verificar se existe ouro...

Um negócio para aventureiros. Era isso, certamente, o que afirmavam os médicos até uns quinze anos atrás. Estavam aférrados à idéia de que os homens modernos nada tinham que aprender realmente valioso com os ignorantes, miseráveis povos que viviam em estado selvagem, nas matas e juncais. Hoje, entretanto, êsses mesmos médicos vêem o fato através de um prisma diferente. Sabem mesmo que podemos aprender muita coisa útil e realmente lucrar com o conhecimento dessa remotíssima medicamentação dos feiticeiros das tribos africanas, malásias e americanas.

Êsse movimento de volta à natureza já tem proporcionado novas e grandiosas adições para a ciência de curar. O exemplo mais espetacular é a Rauwolfia, uma planta que cresce em estado selvagem nas montanhas da Índia. Usada como droga, acalma o indivíduo mais excitado, corrige a pressão arterial e aquieta até mesmo os loucos em seus mais violentos acessos, sem que possa ser considerado um entorpecente, pois realmente não o é.

Pois bem, os médicos ocidentais "descobriram isso sòmente há uns dez anos, enquanto os doutôres indianos já vinham usando êsse medicamento há mais de 2.000 anos! MARAVILHOSA DROGA NATIVA — Uma lenda indiana afirma que o mangusto come essa planta, a fim de ganhar fôrça e coragem para lutar contra a cobra. Isso pode causar o riso, mas a verdade é que os feiticeiros das tribos selvagens consideram as raízes dessas plantas, longas e enroscadas como serpentes, possuidoras de virtudes realmente mágicas. Por isso a prescrevem para curar a insanidade, a insônia, a epilepsia, o cólera, a desinteria, a fraqueza visual, a febre, as úlceras do estômago e as picadas de cobra. Os ocidentais, naturalmente, consideram tudo isso uma insensatez, porém cientistas indianos, atendendo a uma ordem governamental, começaram a investigar o que de verdadeiro podia haver, em tudo isso. Essa investigação teve início em 1931. Entre os pioneiros estavam dois médicos de nomeada, os drs. Gananath Sen e Kartick Chandra Bose. E após meticulosa investigação, concluíram que as raízes da Rauwolfia vinham a ser "uma droga de méritos raros" quando empregada no tratamento dos distúr-

bios nervosos. Mais tarde, outros cientistas indianos confirmaram as palavras daqueles pioneiros. Em 1940 já haviam usado a droga para curar cêrca de um milhão de indivíduos, sofrendo de alta pressão arterial.

Apesar de tudo, os ocidentais não prestaram qualquer atenção ao fato. E sòmente em 1950, quando o dr. Robert W. Wilkins, de Boston leu uma comunicação do govêrno indiano, os grandes centros de pesquisas médicas dos Estados Unidos tiveram conhecimento da existência dessa planta. Muitos ainda desconfiaram, acreditando que o dr. Wilkins fantasiava. Mas já não estavam mais inclinados a rir e a erguer os ombros com desprêzo. Decidiram obter amostras da droga preparadas pelos cientistas indianos e experimentá-la. Logo ao fim de um mês de experiências, o mundo médico ocidental estava perplexo. Para os casos de elevada pressão sanguínea, mal considerado "grande matador" nos Estados Unidos, ocupando lugar destacado no obituário, principalmente nas grandes cidades, a Rauwolfia provou ser tratamento dez vêzes superior a qualquer outro até então empregado. E sem o perigo de outras drogas que amainando a alta pressão do sangue... levam o paciente, em certos casos, para o túmulo. A Rauwolfia, ao contrário, age devagar e cautelosamente, de acôrdo com a prescrição médica. Na verdade, ficou provado que a Rauwolfia permite um novo sistema de tratamento da insônia. "Não força o indivíduo a dormir. Simplesmente varre do nosso espírito o mêdo e também as preocupações... E assim podemos dormir tão logo começam os seus efeitos" — declara o dr. Wilkins.

A Rauwolfia também não cura a loucura, porém os feiticeiros das velhas tribos não estão muito avançados a êsse respeito. Receitam a droga ùnicamente porque a mesma provoca maravilhosos efeitos de calmante não apenas nos indivíduos nervosos como também nos atacados de loucùra. Os psiquiatras estão usando agora essa droga para aquietar seus pacientes e assim se apresentem mais predispostos para sarar de outras enfermidades nervosas.

Vemos no clichê acima outra máscara Mbuya, para os bailados do feiticeiro da aldeia de Nioka Kakese (tribo Bapende).

O êxito no emprêgo da Rauwolfia levou êsses cientistas ocidentais a examinar com

atenção os poeirentos e durante muito tempo desprezados textos da medicina Ayurvédica velho sistema curativo indiano, no qual a Rauwolfia é apenas um dos 2.000 remédios usados. Os outros também podem ser bons.

Outros grupos de cientistas percorrem o interior da África e da América do Sul em busca de medicamentos receitados pelos curandeiros das diferentes tribos. Muitos dêsses remédios são naturais, podendo ser ingeridos sem qualquer transformação essencial. Outros são venenos mortais — e armas terríveis dos guerreiros das selvas — que podem ser adaptados para uso bem diverso daquele empregado pelos selvagens.

O curare é um bom exemplo. As tribos selvagens da América do Sul usam o curare para envenenar a ponta de suas flechas que usam como armas fatais, a que nada escapa, nem homens nem animais. Já andavam armados com essas flechas envenenadas, quando os primeiros brancos ali desembarcaram. Entretanto, os nossos cientistas precisaram de quatrocentos anos para saber o que isso era e como funcionava.

Hoje todos sabemos que o curare age como poderoso meio de relaxar os músculos. Usado como veneno, bloqueia o coração e os pulmões, tirando tôda a sua ação muscular e causando, assim, a morte em poucos instantes. Hoje está sendo usado nos maiores centros científicos e hospitais dos países civilizados para controlar os espasmos musculares no pólio e no tétano e também para anestesia em certos tipos de cirurgia, e muitas vêzes como um elemento auxiliar nos partos.

E os médicos ocidentais já trabalham agora com um novo tipo de curare, que obtiveram graças às explorações do dr. Bassete Maguire, que trabalha por conta do Jardim Botânico de New York e regressou a seu país, recentemente, após percorrer imensas regiões da América do Sul, levando para os laboratórios duzentos sacos cheios de curare de cabaceiro, veneno violentíssimo e que está sendo analisado devidamente pelos peritos da Universidade de Rochester.

Os índios Vollahuaya, que são os maiores "droguistas da região amazônica forneceram ainda outra qualidade de veneno realmente "especial". Os cientistas aprenderam isso quando viram êsses nativos lançando raizes dessa planta na água. Os peixes comiam essa raiz... e logo morriam. Os nativos, porém, comiam por sua vez êsses peixes envenenados... e não morriam! Dêsse prodigioso veneno os cientistas ocidentais derivaram o Rotenona, poderoso inseticida que, no entanto, não é nada tóxico para os humanos.

Mas podemos ainda encontrar outra droga Collahuaya em nosso armário de remédios. Foi êle descoberto pelo dr. Henry Hurd Rusby, deão do Colégio de Farmácia da Universidade de Colúmbia, recentemente falecido. Foi êle um dos grandes médicos exploradores, tendo visitado essa mesma tribo vinte anos antes a fim de ali estudar a sua solução de cortiça para curar a "opressão do peito". Dali regressou com a cocillana, uma droga pela moderna medicina para curar a tosse e... a opressão do peito.

O AMAZONAS CONSERVA MUITOS SEGREDOS — Os curandeiros da tribo Collahuaya encontram suas ervas nas florestas perenemente encharcadas pelas chuvas torrenciais, área onde abundam as plantas exóticas e vão distribuindo sua medicina por longas distâncias acima e abaixo da bacia amazônica.

O dr. Alfred Metraux, famoso antropologista suíço que estudou êsses espantosos droguistas selvagens durante vários anos, revela que êles devem guardar outros segredos estupendos e que muito viriam auxiliar a moderna medicina.

Muitas outras tribos também contribuíram com diferentes remédios para a medicina civilizada. Os nativos do Peru descobriram o extrato da coca, que adormece a dor. A êsse produto chamamos "cocaína". Uma tribo brasileira deu-nos a ipeca, uma droga estomacal, que age de maneira rápida e infalível, enquanto outra tribo, do Peru, contribuiu com uma casca balsâmica que é poderoso medicamento contra as chagas purulentas. Hoje é usada no combate ao tracoma, infeccioso mal dos trópicos.

MEDICINA, FRUTO DE TEIMOSAS EXPERIÊNCIAS E DE ERROS — Os doutôres das selvas, naturalmente, aprenderam muitos dos seus segredos através de infatigáveis e ousadas experiências... e de

muitos erros, assim como de pertinaz observação do mundo selvagem em que sempre têm vivido. Muitos de seus tratamentos são, porém, de tal forma espantosos que é necessário assisti-los várias vêzes, a fim de poder explicá-los convenientemente.

Assim, por exemplo, o relativamente a uma certa tribo do Congo belga, cujo tratamento para o câncer da pele consiste em rolar em determinada lama "mágica". Os médicos ocidentais analisaram essa lama e descobriram a "mágica": a lama era riquíssima em urânio!

Diante dessa realidade, os assombrados cientistas apenas puderam mover a cabeça, como se não pudessem acreditar. O urânio é a matéria-prima do radium, e o radium é valioso tratamento para o câncer da pele,

Feiticeiro-chefe congolês com poder sôbre os três elementos.

mas convém, acima de tudo, que não haja uma concentração acentuada em determinado ponto. De qualquer forma os nativos escolhem a lama que contém urânio como bálsamo para seus males. Agora, perguntamos: Por que escolheram **essa** lama e não outra qualquer? Pela mesma razão pela qual os cães em certas ocasiões vão comer determinada grama.

Os naturalistas afirmam que as criaturas selvagens têm um instinto miraculoso, que lhes indica tudo aquilo que o corpo necessita. Essa medicina primitiva também está baseada numa espécie de instinto.

Essa teoria provocou uma verdadeira marcha para a selva, que se encheu de médicos caçadores de remédios abrindo ao mesmo tempo um novo e vasto campo de estudos, cujos valiosos resultados, apesar de muito grandes, estão ainda no começo, esperando-se muito e muito mais após o cuidadoso exame dos milhares de plantas colhidas entre o arsenal dos "feiticeiros".

As maiores companhias droguistas norte-americanas, como a Parke-Davis, Ciba, Squibb e Upjohn organizaram suas próprias expedições, embora outras grandes organizações estejam dando preciosa ajuda. Assim o Slon-Kettering Institute for Cancer Research, de New York, está entregue a exaustivos estudos de 400 plantas medicinais, originárias do Brasil. Outro projeto, entregue aos médicos da Armada Norte-Americana, organiza o estudo de cêrca de 1.100 plantas dêste hemisfério, muitas das quais são usadas pelos índios, como miraculosos medicamentos. Por sua vez, a Universidade de Johannesburgo realiza pesquisas similares com as drogas africanas, entre as quais se destacam dois remédios dos feiticeiros Zulus para a tuberculose e o câncer. A maior contribuição africana, até o presente, é um veneno usado nas flechas de certa tribo e que, segundo declarou o grande explorador Livingstone, há cem anos "parece baixar a pulsação". Os laboratórios modernos com a mesma planta, extraída da **strophanthus,** fabricam uma droga para regularizar o coração fatigado.

Feiticeiro dançarino da província de Katanga (Congo) pronto para "enxotar os males que afligem os homens da tribo Batshioko".

Essa mesma planta causou grande emoção no mundo médico, quando recentemente s químicos descobriram que dela podiam extrair a cortisona. Hoje, seis colossais expedições (inglêses, franceses, suíços e norte-americanos) percorrem os sertões africanos em busca do **strophanthus**.

E a penicilina, que tantos benefícios trouxe para a Humanidade?

Os camponeses da Europa oriental estavam muito mais avançados, nesse sentido, conhecendo muito bem o poder curativo de certo fungo.

Em seu livro The Story of Penicillin, o dr. Boris Sokoloff conta ter visto uma mulher sérvia cobrir a ferida da perna de seu marido com um pedaço de pão bolorento depois do mesmo ter ficado espetado, alguns dias no chifre de um touro.

— Êsse homem vai piorar e ter uma infecção

muito séria! — protestou o médico.

— Não. — afirmou a mulher. — Vai ficar bom. Temos usado êsse tratamento há muitas gerações!

Por sua vez o antigo povo do deserto de Gobi usava "ossos de dragão" (ossos calcificados de dinossáurios) para as crianças que sofriam de convulsões.

A mágica era conseguida com o que hoje denominamos: calcium.

HAVERÁ UMA ÁRVORE DA VIDA? — Muitos fatos análogos poderiam ser citados. Há um folclore, porém, para os quais os cientistas não puderam encontrar qualquer base na medicina. Trata-se de poderosa e persistente lenda afirmando que a vida pode ser prolongada além dos limites hoje considerados normais.

Ponce de Leon percorreu quase a metade do mundo em busca dessa Fonte da Eterna Juventude.

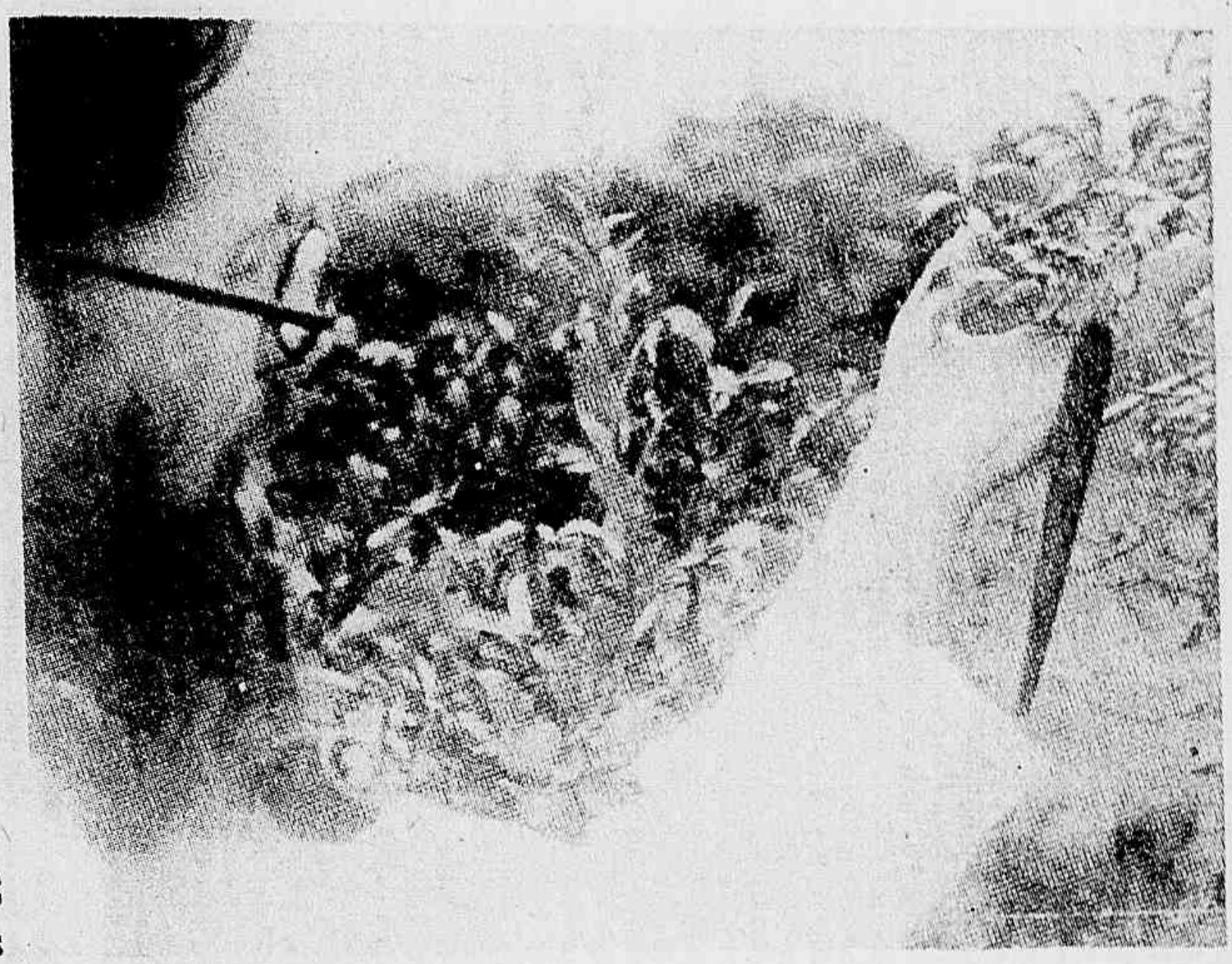
Por sua vez, a Bíblia nos fala de homens que atingiram idades que parecem fantásticas para o nosso presente "standard" de vida.

E podemos ainda encontrar outras versões ou histórias análogas através do folclore e da tradição religiosa de tôda a Humanidade.

Será isso apenas o resultado da esperança de todos os povos por uma vida mais longa?

Os antigos conheciam algum segrêdo para preservar a vida, segrêdo que se perdeu lamentàvelmente na longa sucessão das centúrias?

Essa é uma pergunta que ainda hoje impressiona e que tem feito o dr. Woodward pesquisar nesse sentido.



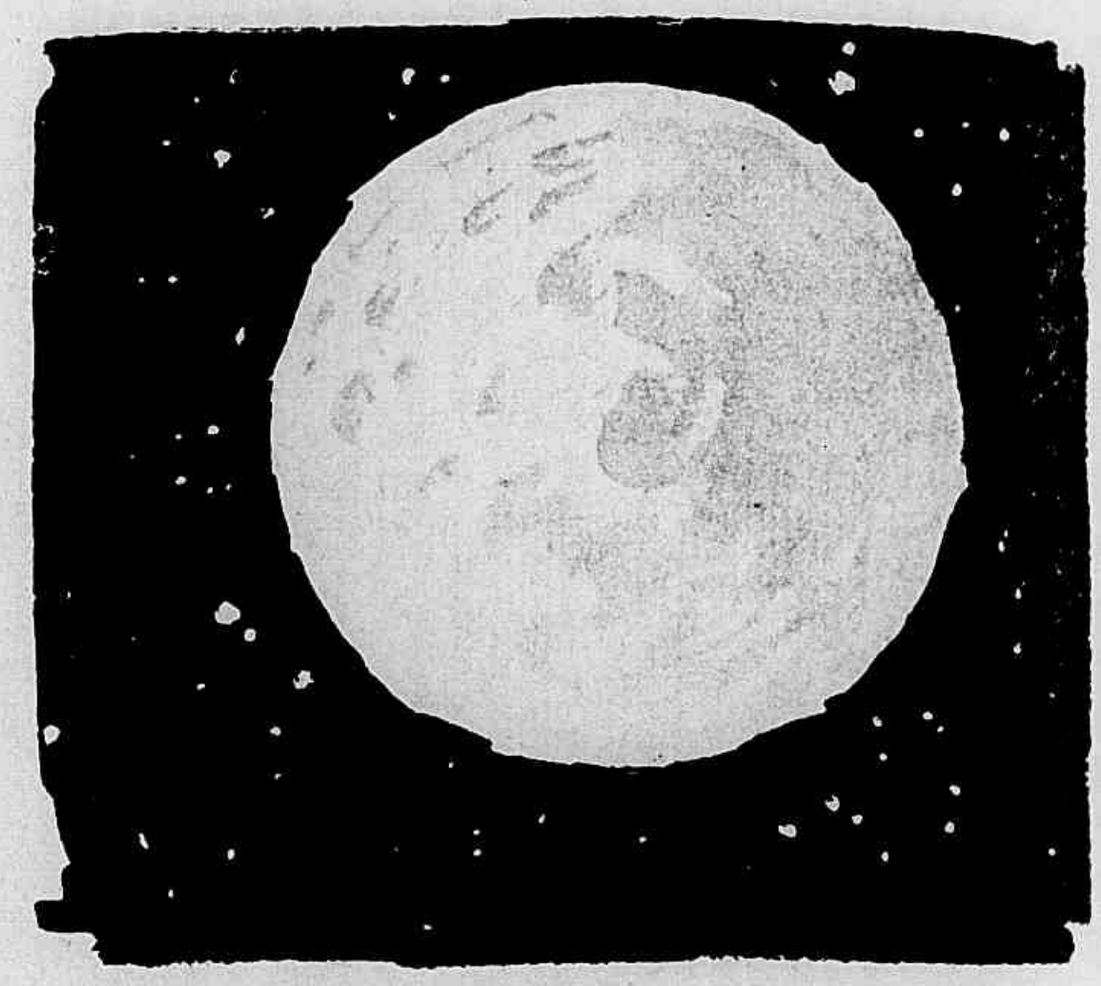
O irmão Callens, missionário no Congo e auxiliar do dr. Woodward, examinaram uma variedade de strophanthus. Embora tenham os exploradores encontrado vinte e duas variedades dessa planta, nenhuma, entretanto, era fonte de cortisona.

— Bem pode ser que essas lendas — declarou — venham a ser simplesmente lendas e nada mais que isso. Em todo caso, quando ouço contar que uma certa tribo come da árvore da vida, jamais desprezo a informação. Viajo e vou investigar a respeito. E ainda não examinamos tôdas essas informações.

Fim de pesquisa. O dr. Woodward examina algumas sementes de strophanthus. Woodward dirigiu um safari africano ùnicamente para caçar plantas tropicais que possam ser fontes de cortisona.

EM NOSSA EPOCA UTILITÁRIA, JÁ NÃO RESPEITAM, SEQUER, A TRANQÜILIDADE DO NOSSO BELO E POÉTICO SATÉLITE...

A LUA TERÁ QUE TRABALHAR!



TALVEZ o homem nunca chegue a pôr os pés na lua; porém, já obtém do pálido satélite uma colaboração prática provàvelmente ignorada pelos românticos que a contemplam.

A ciência começou a descobrir o verdadeiro valor da lua quando achou meios de usar o nosso satélite para calcular com maior precisão o tamanho da terra e as grandes distâncias através de desertos e oceanos, para determinar exatamente a marcha do tempo, e estudar a velocidade da rotação do planêta em que vivemos.

É verdade que a lua, isoladamente, não serve para nos fornecer informações acêrca do universo circundante. Mas, quando o satélite se interpõe entre a terra e o sol ou qualquer estrêla afastada, permite a revelação de muitos segredos. Quando há um eclipse solar total, a lua ajuda a examinar as capas exteriores do sol, tendo, dêsse modo, contribuído infinitamente para que se pudesse conhecer a composição dêsse astro.

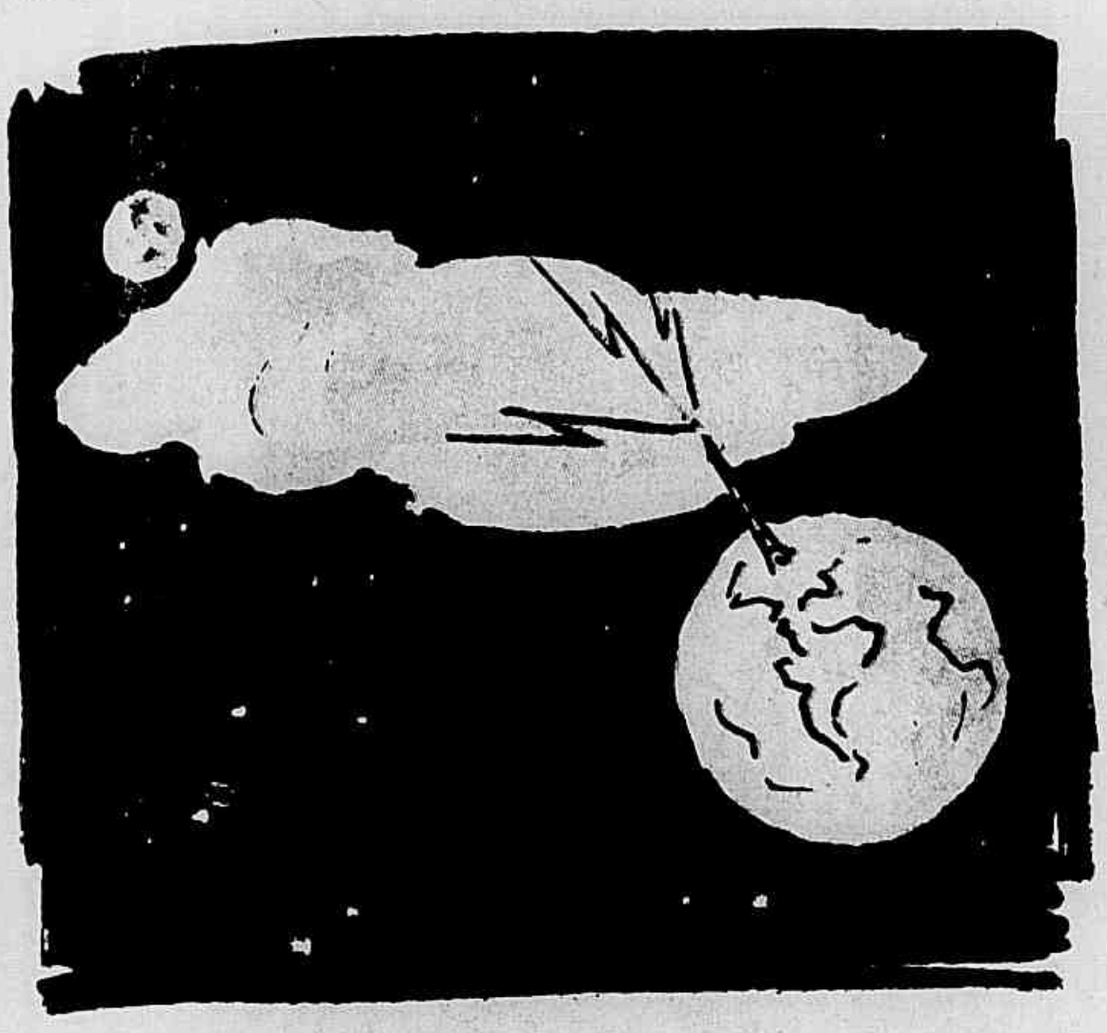
Durante os últimos anos, os astrônomos usaram a lua para calcular o tamanho de certas estrêlas e para comprovar que muitas outras, antigamente consideradas como uma única estrêla, na realidade eram duas que se achavam muito juntas.

A lua, por ocasião dos eclipses solares, contribuiu para provar que a luz proveniente das estrêlas muito afastadas faz uma curva, por fôrça da gravidade, tornando possível, assim, a teoria de Einstein sôbre a relatividade. Também foi muito útil no que diz respeito à retransmissão de mensagens radiofônicas; mesmo que se encontre oculta atrás de densas nuvens, devolve à terra os sinais de ondas curtas que recebe, fazendo-os chegar a receptores situados a milhares de quilômetros da estação transmissora.

É possível que o homem não chegue a conseguir bom êxito em seu projeto de colocar um telescópio na lua — numa posição evidentemente muito superior à interferente atmosfera terrestre — porém, a própria lua pode ser utilizada como um telescópio. A borda lunar pode desempenhar função semelhante à de uma simples câmara escura de pequeno orifício que, para certas investigações, equivale a um telescópio de dois metros de diâmetro e dotado de uma distância focal de 320.000 quilômetros. Sòmente agora os astrônomos estão começando a valorizar e utilizar convenenitemente os serviços que pode prestar a borda lunar.

A lua vem sendo observada pelo homem durante mais de mil anos e, não obstante, continua sendo objeto de estudos contínuos e minuciosos. Seu movimento ao redor da terra, por exemplo, é bastante irregular. Ora, se a lua é empregada como meio para medir as grandes distâncias terrestres sôbre um oceano ou um deserto, ou para calcular com precisão as rotações da terra, aquêle inconstante movimento lunar deve ser previsto com mais exatidão. O contôrno da lua, que nas noites claras fica destacado contra o fundo azul-escuro do céu salpicado de pontos estelares, transforma-se constantemente; por isso, as diferentes regiões lunares que, geralmente, são vistas de perfil, devem ser gravadas em mapas abundantemente detalhados.

A lua leva um tempo quase igual para completar sua órbita ao redor da terra e



para dar um giro sôbre o próprio eixo; de modo que é sempre o mesmo lado que a lua apresenta à terra. Mas, a distância da lua em sua órbita excêntrica varia, enquanto sua rotação axial se mantém constante, de maneira que podemos ver um pouco além, sôbre uma de suas bordas.

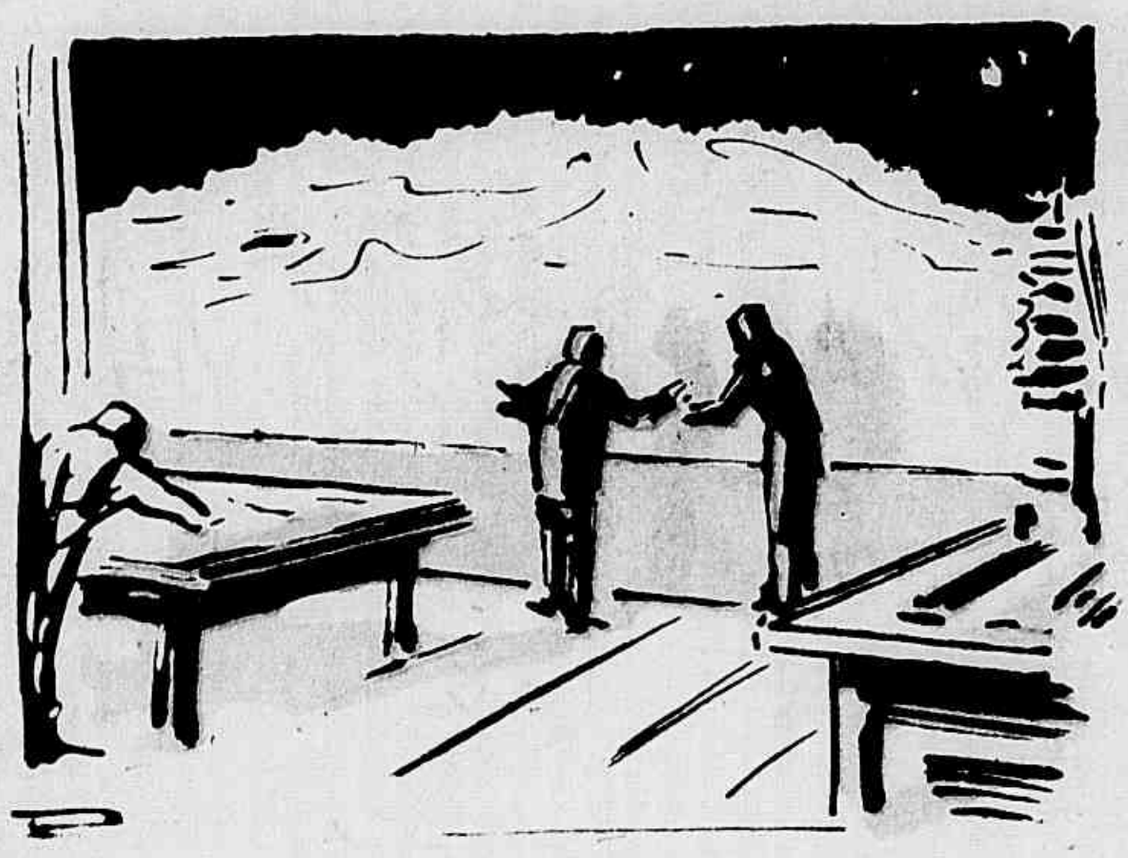
Reunindo as várias ocasiões, os observadores terrestres conseguiram ver quase 60 por cento da superfície total da lua. Essa zona marginal do satélite, vista em diversas oportunidades e que compreende aproximadamente uma quinta parte de sua fração visível, é objeto dos estudos iniciados pelo dr. C. B. Watts, pesquisador do observatório naval de Washington.

Estão sendo construídos perfis lunares de grandes dimensões graças às fotografias tomadas pelo citado observatório naval dos Estados Unidos; ocorre o mesmo com a estação austral que a Universidade de Yale instalou em Johannesburg, na África do Sul, e com o observatório Lowell, situado em Flagstaff, no Estado do Arizona.

Por meio de um aparelho automático que emprega um microscópio equipado com células sensíveis à luz, mede-se a parte da lua que o perfil destaca: os mapas elaborados de tal maneira chegam a medir mais de dez metros de longitude.

Espera-se que por volta de 1956 estejam prontos para publicação os mapas que mostram as variações da borda lunar, as quais agora estão sendo objeto de muito maior cuidado do que anteriormente se julgava

No Observatório Naval de Washington, o astrônomo Alvah D. Allen e a matemática Becky Lichtenstein estudam a linha quebrada que representa as montanhas do bordo visivel da Lua e que foi traçada mediante fotografias e máquinas especiais. Até agora as observações gráficas ocupam dez quilômetros de tiras de papel e contam terminar o trabalho antes do mês de maio do ano de 1956.



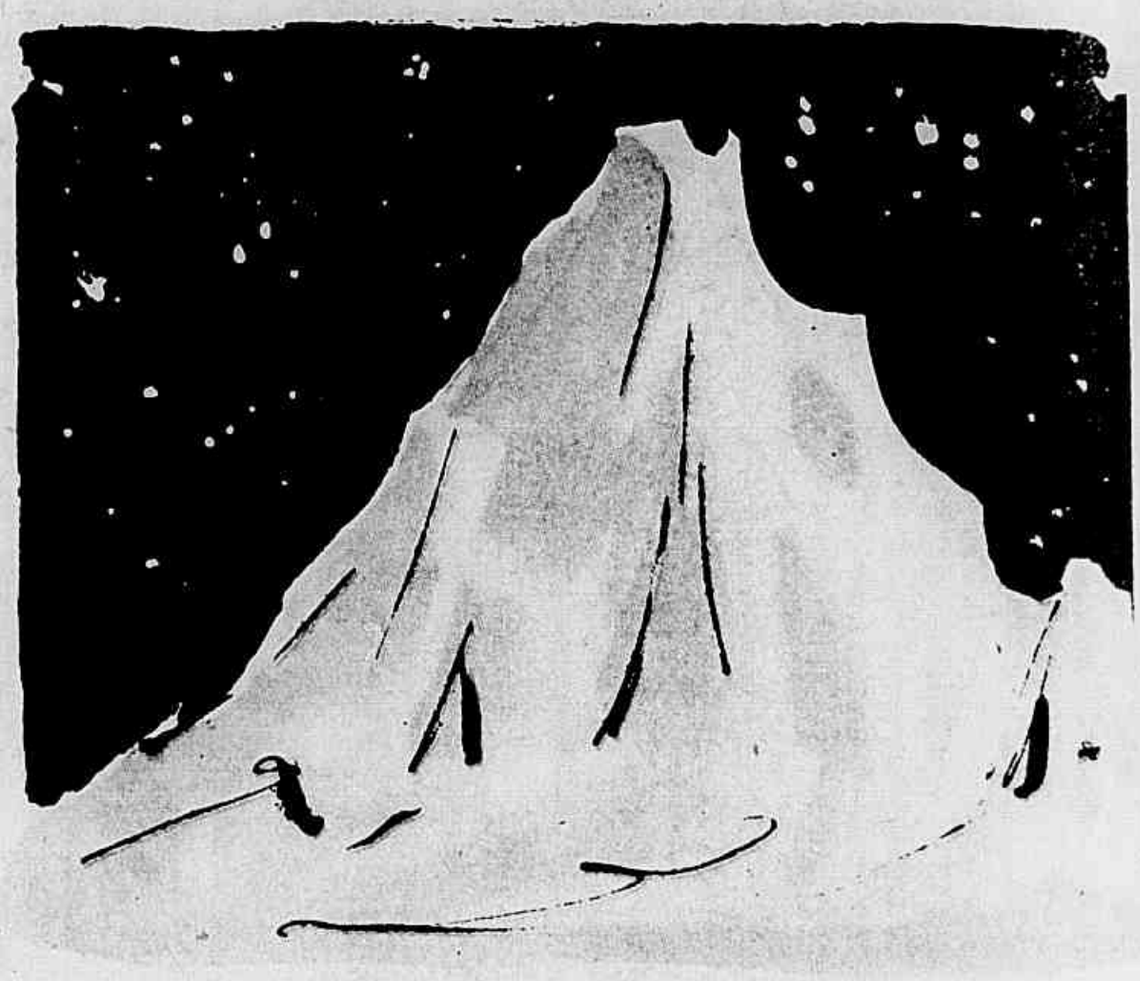
necessário. Quando tais cartas topográficas estiverem disponíveis é provável que sejam as mesmas aproveitadas para o levantamento de mapas de grandes superfícies terrestres. Acredita-se também que tenham muito valor para aperfeiçoar as determinações do tempo, pondo em evidência as pequenas mutações que se produzem na rotação da terra.

Dentro de algum tempo será perfeitamente possível fotografar a posição exata da lua em qualquer ocasião, contra o fundo estelar. O dr. William Markowitz, do observatório naval de Washington, desenvolveu novo tipo de câmara que permite aos astrônomos fotografar, com a máxima clareza, a lua em seu movimento através do céu, juntamente com as estrêlas mais estacionárias e de luz mais débil.

O recente invento permanece sincronizado com a lua e com as estrêlas circundantes, durante os quinze segundos requeridos para que a luz das estrêlas de brilho mais fraco chegue a impressionar as chapas fotográficas. O segrêdo de sua eficácia reside na existência de um denso filtro. O filtro escuro intercepta a maior parte da luz brilhante da lua, de modo que apenas um milésimo dessa luz chega à chapa fotográfica. Consegue-se dessa maneira que as estrêlas que rodeiam a lua se destaquem claramente. A velocidade regular com que o filtro é movido por um motor permite que a lua permaneça aparentemente imóvel durante o tempo suficiente para que a exposição fotográfica capte todos os seus detalhes.

Estabeleceu-se a seguir que um "cérebro" eletrônico, com sua extraordinária capacidade para manipular complexas operações, devia ser utilizado exclusivamente para fazer uma tábua astronômica de tempo para lua. Devido a essa máquina eletrônica, de calcular, tornou-se possível a determinação das futuras posïções da lua entre as estrêlas com uma exatidão anteriormente considerada inatingível. E tal efeméride lunar foi completada durante o ano de 1953; além disso, determinará as posições da lua até o ano de 1971.

Há algumas décadas não era considerado necessário conhecer, com semelhante precisão, as posições lunares; porém, no momento atual, tal operação se tornou imprescindível tanto para os estudos astronômicos quanto para as medições geográficas. O "cérebro" eletrônico parte das fórmulas originais e chega a obter cifras dignas de tôda confiança e que, futuramente, permitirão aos homens de ciência utilizar a lua, do mesmo modo que o sol e as estrêlas, para a determinação precisa da marcha do tempo.



Porém, não só a lua como a terra gira a uma velocidade ligeiramente irregular, fato claramente demonstrado pela posição aparente da lua, vista da terra. Quando o homem dispuser de tábuas que determinem as posições lunares com maior exatidão, poderá utilizar o satélite como um relógio que assinale as irregularidades da velocidade da rotação terrestre e de outros corpos celestes.

Por outro lado, os topógrafos terrestres descobriram a grande utilidade da lua no que se refere ao cálculo de enormes dis-

tâncias. Durante os eclipses, totais ou parciais, o satélite é de incalculável valor para medir com precisão os pequenos ângulos. E agora já se sabe como utilizar a lua nas ocasiões, aliás muito freqüentes, em que a mesma se interpõe entre a terra e uma estrêla longínqua e intercepta, temporàriamente, a luz estelar. Não é possível ver a sombra da lua provocada pela luz de uma estrêla, mas o instante mesmo em que se produz a aludida sombra pode ser registrado por um sistema foto-elétrico. A interceptação da luz estelar é realizada sùbitamente, de modo que êsse instante pode ser medido com absoluta exatidão.

Quando dois observadores, colocados em diferentes pontos da terra, registram o instante em que um determinado trecho do bordo lunar aparece em seus telescópios, calcula-se fàcilmente a trajetória seguida pela sombra dêsse trecho. Durante os últimos anos, equipes de observadores providos de aparelhos foto-elétricos e topógrafos do serviço geográfico militar dos Estados Unidos, mediram o tempo da passagem da sombra lunar de uma localidade para outra. Em cada ocasião, na mesma noite pelo menos, dois observadores registraram o tempo em que aparece a sombra da lua provocada pela luz de uma estrêla. Todos êsses trabalhos permitem assegurar que a sombra lunar constitui meio bastante promissor para medir grandes distâncias na terra.

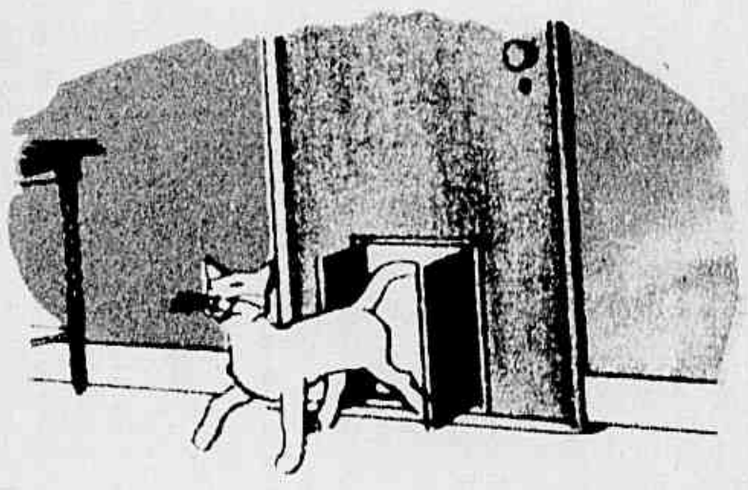
AGORA JÁ FIZERAM isto!

SE o telhado de sua casa é demasiado inclinado e o leitor necessita de mais luz e ventilação para os quartos do segundo pavimento, uma nova clarabóia pode resolver fàcilmente o problema. A janela do telhado, cujo vidro tem uma área de 25x45 centímetros, podendo ser aberto até 12 centímetros, é dotado de um anteparo que proteje a abertura; tôda essa instalação é feita com cobre soldado e convenientemente colocada no lugar.

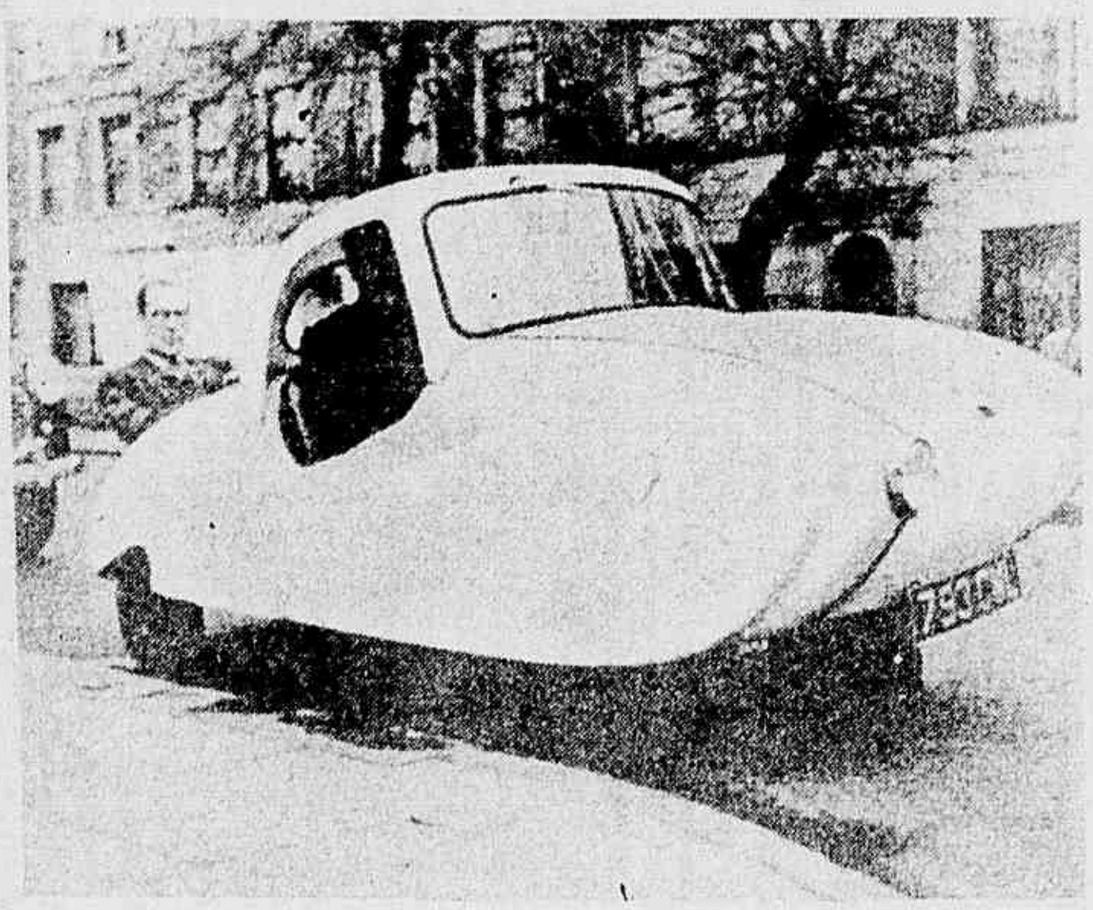
SE o leitor deseja ter paredes deléveis, a fim de sôbre elas desenhar pequenas figuras, deve adicionar uma substância química recentemente descoberta à tinta de qualquer parede já pintada e, sem qualquer mudança na pintura da mesma, poderá escrever ou desenhar qualquer coisa sôbre a superfície, como se fôsse num quadro negro. Êsse mesmo preparado pode ser aplicado sôbre matéria-plástica, papel, madeira, ou qualquer outra superfície pintada com tinta comum.

UM novo aparelho destinado às oficinas domésticas tornou possível a produção de mesas de metal, para lares; prateleiras, para lojas, e muitos outros utensílios. Trata-se de um tôrno mecânico com banco giratório que faz a montagem mediante a laminação e a moldagem de alumínio e de ferro em barras, formando tubos de cobre e alumínio e unindo êstes a fôlhas de metal. No tôrno há um dispositivo que lhe permite transformar o aparelho perfurador elétrico comum num perfurador à pressão, a fim de realizar uma melhor centralização e, por conseguinte, um trabalho mais perfeito sôbre os objetos colocados no tôrno.

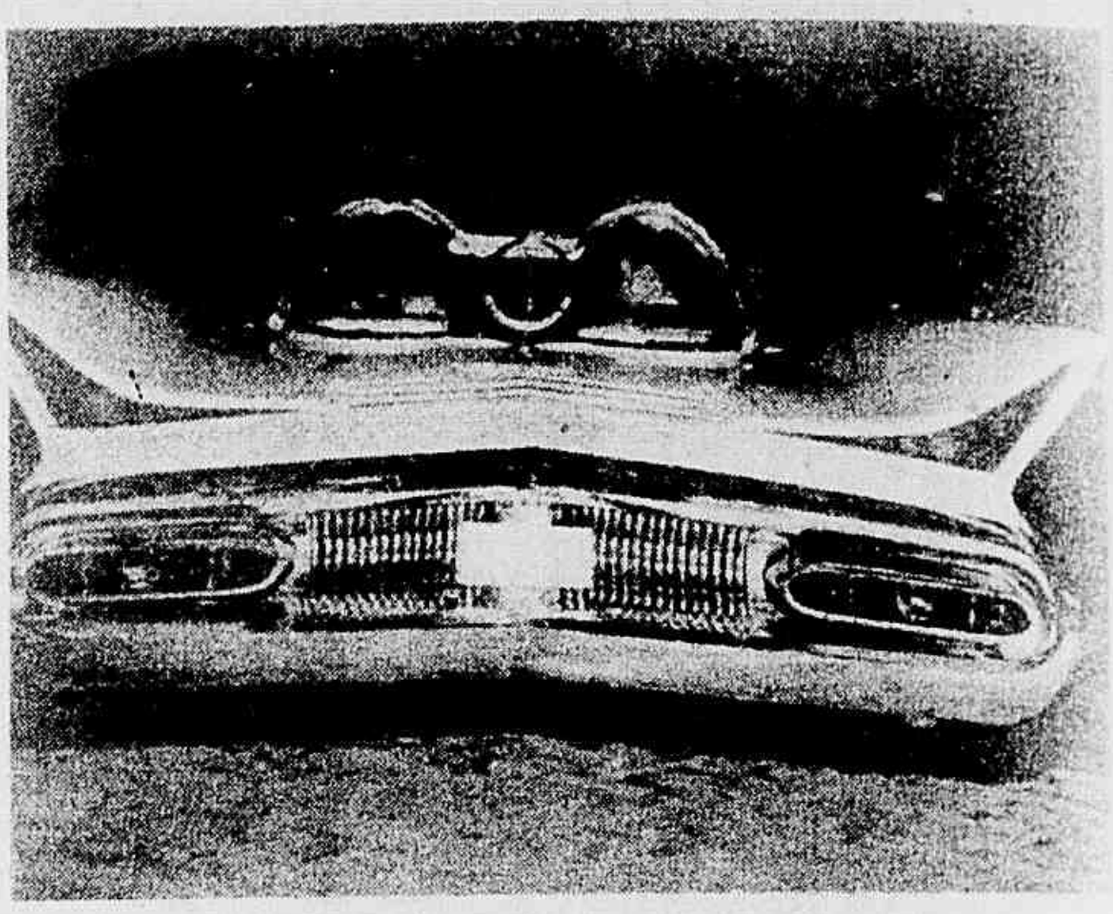
NOVA fita "tipo durex" está sendo muito utilizada nos lares norte-americanos. Reforçada com fibras de vidro para uma maior resistência, sensível à pressão e muito fácil de ser aplicada, ela serve para consertar cabos de ferramentas quebrados, pernas de mesas, aparelhos elétricos e uma infinidade de objetos de uso doméstico.



PARA os proprietários de cães e gatos existe uma portinhola móvel que pode ser instalada em qualquer porta de casa, e no espaço de alguns minutos, a fim de permitir que um cão ou um gato entre e saia livremente sem que seja preciso abrir a porta maior. Esta "portinhola" (digamos assim), cuja moldura é de madeira leve inteiramente coberta de borracha, abre-se ao menor empurrão. Após a passagem do animal, dobradiças de mola retraem os dois lados da mesma, a fim de evitar a entrada de outros animais.



OS VEÍCULOS CONTINUAM ENCURTANDO — Um novo tipo de automóvel de três rodas, exposto em Londres e desenhado por Sydney Allard, pode levar 3 pessoas na frente e duas atrás. Sua velocidade é de 80 k por hora.



ANDAREMOS NISTO? — "Futura", o revolucionaríssimo automóvel construído pela "Divisão Lincoln-Mercury" da Ford; será lançado brevemente. Na foto, vemos a parte traseira.

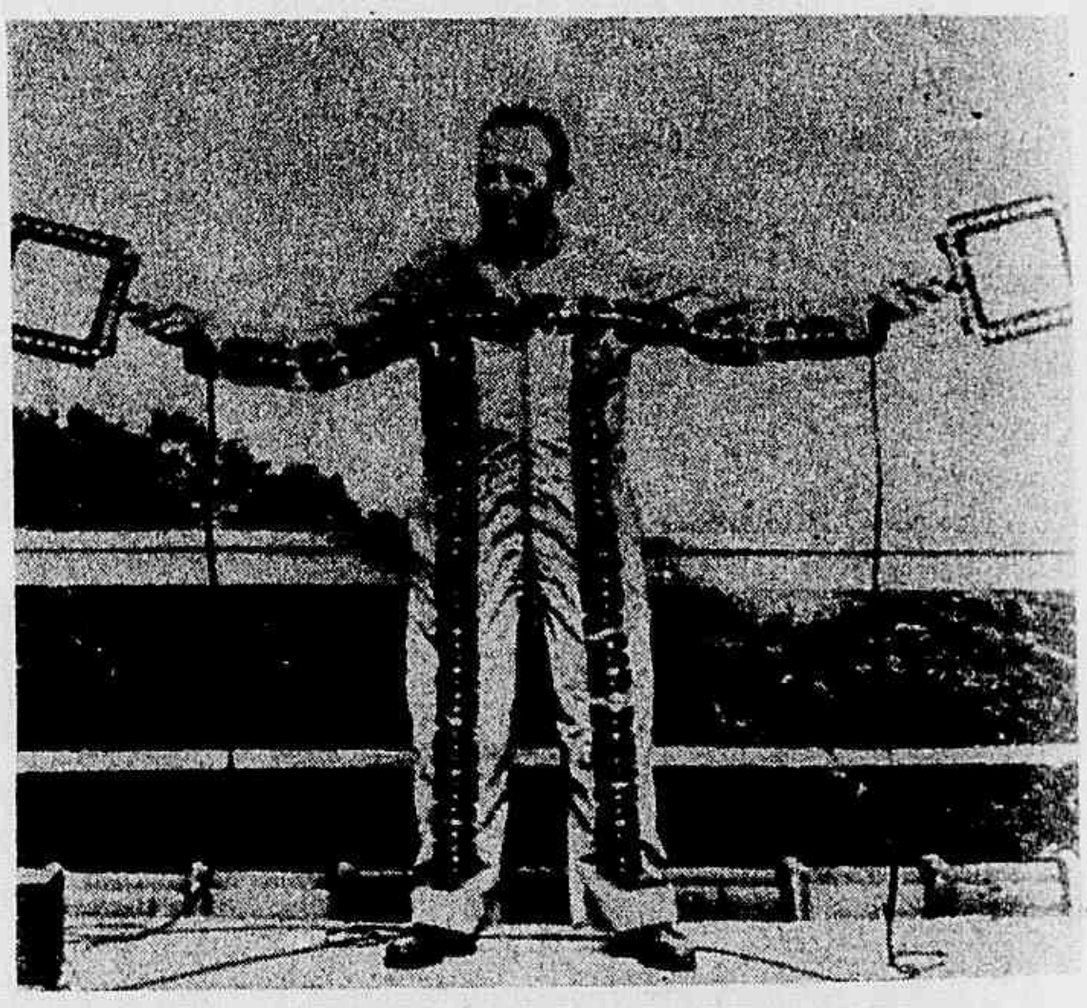
★

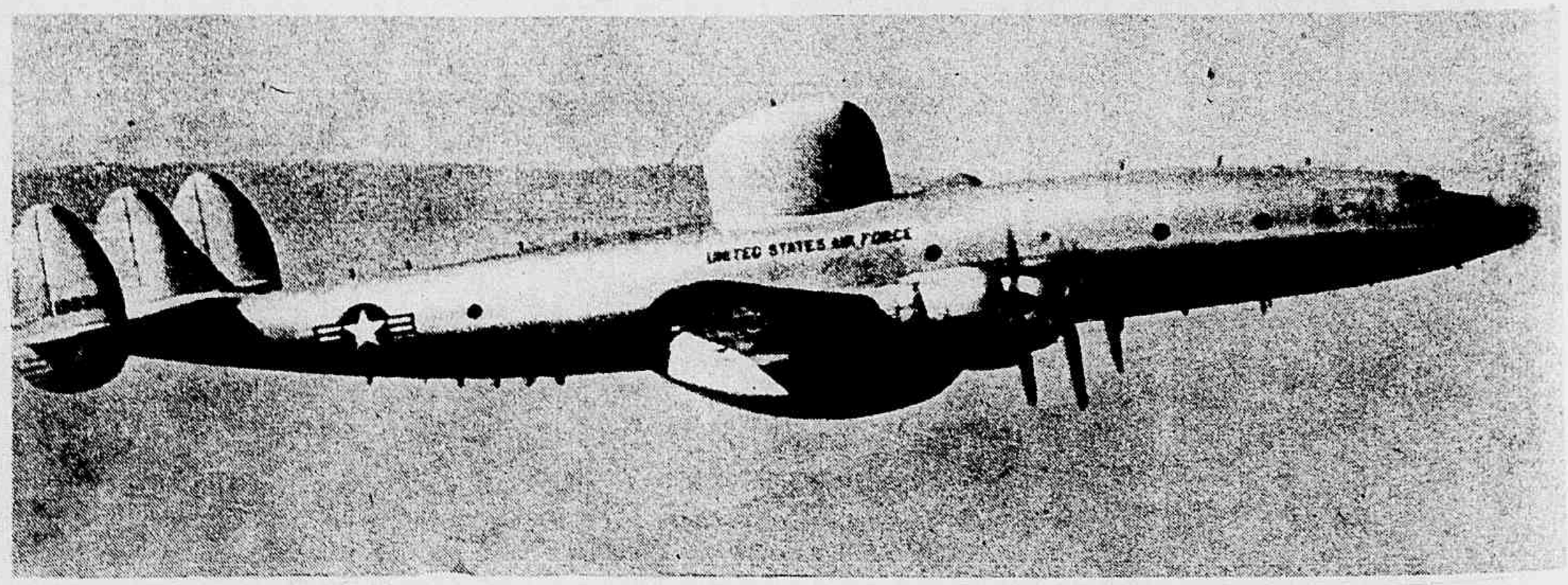
AS RADIAÇÕES DO CORPO HUMANO

O professor Sievert, de Estocolmo, revelou que as pessoas que vivem em regiões montanhosas ou em casas construídas com blocos de granito estão expostas a uma mais forte radiação natural do que as demais. Acrescentou, ainda, que todos os sêres humanos emitem radiações, os homens mais que as mulheres, e os homens musculosos mais que os obesos, porém estas radiações são insignificantes. Por outro lado, os tecidos adiposos protegem contra as radiações.

★

MAIOR SEGURANÇA — Roupas e sinaleiras luminosas estão sendo empregadas nos aeroportos inglêses, a fim de auxiliar o pouso de aviões durante a noite. ⟶





PRECAUÇÃO! — Aviões "Constellations" como o do clichê são dotados de equipamento de radar, instalado numa tôrre especial, a fim de alertar o exército norte-americano contra os possíveis ataques de surprêsa. O radar funciona até estabelecer contacto com as áreas desprotegidas do Ártico!

SEGREDOS DE SCOTLAND YARD

O CASO DAS PISADAS REVELADORAS

O crime não é assunto para novatos. Muitos homens inteligentes e muito versados em outros caminhos da vida, fracassaram no do crime. Inclusive devemos somar à lista muitos doutôres e eruditos, que, diante do verdugo, tiveram que desabotoar, com dedos trêmulos, o botão do colarinho.

Jerry Hayward sabia isso tão bem como qualquer outro quando decidiu assassinar a dona da Hospedaria Nova. Por que Jerry Hayward havia lido muitos livros relacionados com crimes, da mesma forma que o indivíduo que quer aprender a nadar estuda prometedores diagramas, destinados a demonstrar como isso é fácil.

Jerry Hayward acabava de perder seu emprêgo como corretor de sabonetes, principalmente porque em suas contas faltavam sessenta libras esterlinas. Nada contara à sua jovem espôsa, mas não pudera ocultar-lhe que devia várias semanas de aluguer de sua branca morada, uma casinha situada no centro de agreste e elevada colina de Derbyshite, a uns 32 quilômetros da famosa montanha inglêsa Kinder Scout, que enfeita um amplo horizonte.

Também devia algum dinheiro dos móveis.

NO vale, a um quilômetro escasso, encontrava-se a solitária Hospedaria Nova, em cujo andar superior havia um pequeno cofre com cinqüenta libras esterlinas em seu interior e apenas guardadas, durante o dia, por uma mulher, pois o maior movimento das tabernas de Derbyshire é depois das sete da noite, e o proprietário da Hospedaria Nova, sr. Arthur Collinson, ia tôdas as manhãs, em sua bicicleta motorizada, para o emprêgo que tinha em certa fábrica de papel de lixa, na cidade de Glossop, deixando só a sua espôsa Amy, para que atendesse a algum eventual cliente que pudesse aparecer lá pelo meio-dia. Jerry Hayward não queria cometer nenhum êrro, ao assassinar a dona da Hospedaria Nova, porque adorava a sua mulherzinha e, segundo muitos condenados têm confessado, o pior castigo é pensar que as amadas do seu coração tenham que passar o horrível calvário da noite anterior à execução, que, de acôrdo com o invariável costume britânico, é às nove horas da manhã.

Devemos esclarecer que, na época em que Jerry Hayward decidiu tornar-se assassino, Roberto Fabian, superintendente aposentado da Scotland Yard (e que reuniu num livro esta série de fatos) era simples detetive-sargento, recém-graduado por Scotland Yard, pôsto que, embora sendo muito estimado nessa famosa instituição policial, não dá direito para dirigir uma investigação de homicídio.

Jerry Hayward entrava no bar da Hospedaria Nova e ouvia atentamente cada vez que a sra. Collinson subia com dinheiro, para aumentar a pilha que se formava diàriamente na gaveta. Ouvia rinchar seus sapatos, a cada pisada que dava sôbre as incertas tábuas do soalho... Seis passos até o extremo mais distante do cômodo de cima... Seis passos de volta, até a porta do dormitório... Todo sábado, o sr. Collinson ia ao Banco e depositava cêrca de cinqüenta libras esterlinas. Por conseguinte, o assassinato praticado numa sexta-feira, pela manhã, seria lògicamente o que proporcionaria maiores lucros. Jerry Hayward, ouvindo pacientemente, des-

cobriu outros dois fatos importantes: a sra. Collinson se preocupava muito a fim de que as suas contas saíssem exatas. E o grupo sanguíneo a que pertencia era o "O". Êstes são temas que freqüentemente comentam os freqüentadores das tabernas nas cidades pequeninas, enquanto fora sopra o vento nas longas noites de inverno.

Traçou hàbilmente seus planos: aplicar-lhe um golpe, quando estivesse só, e degolá-la a seguir, para que parecesse suicídio. Apoderando-se ùnicamente de parte do dinheiro, era provável que a polícia pensasse que a mulher praticara o suicídio, porque não conseguira fazer exatamente as suas contas. Jerry Hayward sabia perfeitamente o que se experimenta, quando as contas não andam bem...

Continuou o planejar o delito durante a noite, na escuridão do seu quarto, enquanto ao seu lado a espôsa dormia inocentemente, aquecendo o travesseiro com o seu hálito juvenil.

Sim. Vestiria a sua pesada capa impermeável, para que o sangue escorresse. Manchinhas de sangue em algum outro lugar? Jerry sorria na escuridão do quarto. A resposta já estava bem estudada e seria bem clara: o grupo sanguíneo de Jerry Hayward era também do tipo "O"!

NA sexta-feira, 11 de novembro de 1927 — aniversário do armistício que pôs fim à primeira guerra mundial — ao barbear-se, cortou-se deliberadamente e enxugou o sangue, várias vêzes, na toalha branca, do banho. Aquela era a sua defesa! Sangue do grupo O! Aproximadamente, às dez e quinze da manhã, os operários das fábricas Clough, situadas a um quilômetro da Hospedaria Nova, viram Hayward dirigir-se para o auto-ônibus que o conduziria até a bôlsa do trabalho, onde ia, diàriamente, em busca de emprêgo. Porém não viram que dobrava, furtivamente, além da esquina.

Às dez e meia, estando a sra. Collinson ajoelhada, limpando o chão da cozinha, Jerry se colocou às suas costas e, com uma arma contundente, aplicou-lhe um golpe que a deixou inconsciente.

Às dez e quarenta e cinco, respirando aliviado, Jerry Hayward subiu para o rápido e pequeno ônibus que ia a New Mills. No bôlso da sua capa impermeável levava quarenta libras esterlinas. A faca de cozinha da própria sra. Collinson, brilhava metàlicamente no talho rubro que a infeliz tinha na garganta. Jerry executara o seu plano sem a menor vacilação.

Às onze, o ônibus parou. Jerry Hayward e os demais passageiros guardaram dois minutos de silêncio. Enquanto os outros pensavam em seus mortos de guerra, a imaginação de Jerry retrocedia até a hospedaria e o crime que acabava de cometer.

Às seis daquela tarde, o dono da hospedaria chegava pontualmente, de volta do trabalho, montado na sua bicicleta motorizada.

— Olá, **Arthur! Não podemos entrar!** O dia todo **tua mulher nem sequer abriu** a porta...

Surpreendido e apreensivo, o sr. Collinson entrou **em casa**, usando a própria chave. **As luzes estavam desligadas** e não havia **fogo nem cheiro de chá no fogão**. Sua mulher, **morta, jazia, rígida**, contra a parede **do fundo e o fogão permanecia** cinzento e **frio**.

A TÉ aqui **jogara o assassino**. Jogara sòzinho. **Agora começava a jogar** a equipe **contrária**. **Da vizinha cidade de** Derby **chegou uma camioneta da polícia** e o subcomissário **Garrow**, da polícia do condado, **examinava o cadáver**, tranqüila, detida, **profissionalmente**.

— Alguma coisa roubada? — perguntou alguém, fazendo uma pergunta de rotina, a fim de procurar investigar o móvel.

— Cêrca de quarenta libras esterlinas — anunciou o sr. Collinson.

O detetive-chefe, superintendente Walter Martyn, observava intrigado.

— O senhor guarda sempre o seu cofrezinho no baú metálico do seu dormitório? Alguém sabia onde o senhor guardava a caixa?

As tábuas do soalho, rangentes, deram a resposta, enquanto o sr. Collinson tragava penosamente a sua dor pela garganta sêca. Qualquer pessoa que escutasse assìduamente do salão do bar, podia descobrir

onde era guardada a caixinha com o dinheiro.

A equipe destinada à investigação criminal começou a trabalhar com afinco. Superintendentes, inspetores, comissários — inclusive sargentos-detetives estudantes — foram catalogando todos os beberrões locais e reunindo dados acêrca das atividades de cada homem entre dez e doze daquela manhã fatal.

— Sei, por casualidade, que ùltimamente andava um pouco apertado econômicamente... — declarou o comissário local P. C. Glynn, que pràticamente "lançava à casualidade" a culpa de saber tudo a respeito dos habitantes de Hayfield, segundo o valioso sistema dos policiais das pequenas localidades.

Entretanto, na casinha branca, no vale, Jerry Hayward desfrutava do grato espetáculo dos brilhantes olhos de sua espôsa ao experimentar um par de bonitas luvas de inverno, que comprara para ela. No vazio porta-moedas colocara duas notas de uma libra esterlina.

De agora em diante, as coisas irão um pouco melhor para nós. Consegui um emprêgo novo... — dizia êle, quando bateram à porta.

Era a polícia que o procurava. Foi interrogado a respeito de seus movimentos aquela manhã.

— Sim — respondeu. — Parei um instante na hospedaria, para comprar cigarros, antes de tomar o ônibus para New Mills. Não estive ali nem sequer dois minutos. A sra. Collinson estava perfeitamente.

Mesmo quando os olhos inquisidores descobriram uma gôta de sangue em sua gravata, permaneceu impassível.

— Cortei-me ao fazer a barba — disse, mostrando a toalha manchada. — Suponho, aliás, que os senhores poderão fàcilmente verificar se se trata do meu próprio sangue. Não existem diversos grupos sanguíneos ?

O paletó, entretanto, não continha sangue.

— Pois claro ! Por que não me barbeio com o paletó vestido — respondeu.

Também não havia sangue na capa, embora se notasse que tinha sido lavada recentemente — e meticulosamente.

— Não penso que seja um crime uma pessoa lavar a própria capa !

— Tem tôda a razão — replicou o chefe Martyn Else. — Mas vamos examinar o seu chapéu. Os cortes que uma pessoa dá, fazendo a barba não pingam para cima...

E logo acrescentou, pensativo:

"Tem que haver salpicos de sangue, pois quando se dá mais de uma pancada isso ocorre... E as lesões do crânio da vítima revelam que foram dois golpes na cabeça... O sangue só salpica quando se dá mais de um golpe. O primeiro faz apenas brotar o sangue. O segundo o espalha e faz saltar.

Sob os microscópios do laboratório de Scotland Yard, foram descobertas quinze gotículas de sangue, quase imperceptíveis, no chapéu de fêltro marrom de Jerry.

Outra prova igualmente desfavorável, pôde ser conseguida. Na chaminé do quarto de dormir de Hayward foi encontrado dinheiro escondido. Num depósito de material imprestável, numa área aos fundos da Hospedaria, descobriram um **cassetete** ensangüentado, feito de um pedaço de cano de chumbo, envolto num papel escuro. Foi examinado o sistema de encamentos da casa de Hayward, comprovando-se que num certo trecho, externo, faltava um pedaço do mesmo tamanho. Mais ainda: as extremidades do **cassetete** usado pelo assassino e do encanamento interrompido casavam perfeitamente. No depósito de ferramentas foi encontrada uma serra de finos dentes, em cujo bordo cortante apareceram resíduos do mesmo encanamento.

No julgamento que se seguiu, na cidade de Derby, julgamento a que assistiu, pálida, sua jovem espôsa, que o amava, Hayward foi declarado autor do assassinato.

— Nada tenho a declarar ! — anunciou Hayward ao juiz, com voz enfraquecida.

A voz do juiz Hawke também se comoveu ao erguer-se, dentro de sua roupagem de arminho e escarlate, para pronunciar o inevitável veredito do tribunal. (Aquela era a primeira vez que ditava uma sentença de morte.)

O que nos faz volver ao nosso ponto de partida: os homens mais inteligentes e muito versados e hábeis em outros caminhos da vida fracassam no do crime, não conseguindo jamais realizar o que seria chamado de "o crime perfeito".

VISÃO MUNDIAL

O FANTASMA DA GUERRA FRIA

Por DE MATTOS PINTO

COMO OPERAM OS IMPACTOS DO EUROPEÍSMO

JÁ nas derradeiras batalhas da Segunda Guerra Mundial, pressagiavam os peritos em política econômica e nos impactos das raças e aparições do fantasma da Guerra Fria, êsse novo tipo de hostilidade entre os povos. O recente fracasso da maratona diplomática da Conferência de Genebra, integrada pelos chanceelres Foster Dulles e Vacheslav Molotov, Antoine Pinay e Harold MacMillan, para recuperar a confiança entre os estadistas norte-americanas, russos, franceses, inglêses e outros, restaura a crise em tôda sua plenitude, agora agravada por novas explosões de bombas de hidrogênio. E outras divergências virão, quando nenhuma paz consegue superar o ódio se os tratados ferem os legítimos princípios da inteligência humana, relegam o direito das gentes, deformam o curso natural da vida e sobrepõem o brutanismo militar às realidades psicológicas dos povos.

Podem os juristas redigir protocolos hábeis e bem concatenados sem com isso solucoinar o fenômeno do choque das raças nos dias atuais. A paz mundial condiciona outros fatôres além da sagacidade política entre diplomatas ardilosos.

Convênios não faltam na história e novas reações destrutivas trabalham para tumultuar o mapa da Europa, tantas vêzes corrigido e mutilado pelos conquistadores. A filosofia da guerra não trouxe nenhuma verdade salutar aos chefes de Estado. A antiga Sociedade das Nações nasceu para amparar a execução dos acordos e acabou servindo de museu aos destroços dos tratados. Quem lesse as controvérsias de 1914-1918 ouviria voz exaltada dos partidários sustentar que uma nova Europa sairia do grande conflito.

Ninguém admitiria que os tradicionais rancores do europeísmo pudessem subsistir com as suas duplicidades e com as inces-

Turene. A êsse marechal e visconde, Luís XIV mandou ocupar e anexar a Alsácia-Lorena, na campanha do Mosa de 1670 a 1673. Bismarck não esqueceu isso e assim a França teve os erros de 1870 e uma boa parte dos que foram praticados em 1914.

santes ameaças. E que viríamos no cenário de 1939? Reajustamentos em Stressa, conversações em Londres, planos em Berlim, conferências em Praga, expectativas em Moscou, eis os sintomas que anunciavam a enfermidade dos povos. Depois de tantas

John Foster Dulles e Eisenhower. Otimistas, porém cautelosos. Agora não tão otimistas como antes da Conferência de Genebra, pois a partir dessa Conferência a Rússia reiniciou com maior intensidade (e habilidade) a sua guerra fria.

ruminações sôbre a paz, complicam-se as probabilidades de imobilizar o espectro da guerra, cuja sombra ressurge tanto na Ásia como na Europa.

A REPULSA CONTRA AS VINDITAS HISTÓRICAS — A autopsia dos acontecimentos convence-nos de que os estadistas perdem a memória dos revezes políticos e insistem nos métodos de represálias. Durante o conflito franco-prussiano de 1870, Adolphe Thiers interrogou de Bismarck a quem a Prússia fazia a guerra, se contra os franceses ou a Napoleão III. E o decidido Otto von Bismarck replicou lacônicamente: "Contra Luís XIV".

Referia-se ao fato remoto de Luís XIV haver mandado o marechal e visconde de Turenne ocupar e anexar a Alsácia-Lorena na Campanha do Mosa de 1670 a 1673. Por isso, muitos dos erros de 1870 infiltraram-se na paz de 1918 de modo a reproduzir sob uma geografia diferente as mesmas causas desastrosas e as mesmas alianças defensivas. Os germânicos veneram Otto von Bismarck por ser o criador da unidade dos povos alemães e esquecem que êsse mesmo Bismarck deixou-se hipnotizar pelo historicismo quando reconquistou a Alsácia-Lorena, anexada ao território francês por Luís XIV e colaborou inconscientemente para a vitória do Tratado de Versailles. A propaganda francesa converteu em tema de odiosidade essa reconquista e abalou a estabilidade do Império Germânico. O patriotismo bismarckiano conseguiu ser ao mesmo tempo benéfico e maléfico à Alemanha, dando à Prússia o direito de aplicar a espada sob o pretexto das vinditas históricas. Sem compreender o equívoco do seu predecessor, Beethmann-Hollweg deixou-se dominar pelo fatalismo histórico e acelerou a Primeira Guerra Mundial levantando os povos balcânicos oprimidos e nacionalizados à fôrça contra os Impérios Centrais.

Nascida do instinto de defesa e do impulso de represálias, inseparável das minorias étnicas da Europa, a Pequena Entente manteve por muitos anos o clima da Guerra Fria. Lembremo-nos do Tratado austro-germano-búlgaro de 1915, assinado em plena confusão internacional, entregando o território macedônico e a metade das terras sérvias, enquanto a Áustria e a Hungria saciavam-se com o território da Morávia. Já se esboçava nessa época a repulsa contra o historicismo como base de reconstrução do mundo e a crença sadia de que a civilização moderna não pode mais depender do molejo das vinditas militares, sedimentadas em campanhas obsoletas de Frederico, o Grande e Napoleão III, Guilherme II e Clemenceau, nem muito menos de reformar o mapa europeu baseado na geografia política de Carlos Magno e de Carlos V.

Dispensamos o parecer de J. P. Gasc sôbre a estreiteza mental do gênero humano, sempre escravo da guerra psicológica e das campanhas militares. Prova a civilização bárbara dos europeístas que se alguma coisa infinita deve ser a cupidez dos estadistas, todos maus analistas, compiladores de erros históricos. Subjugada por interêsses particulares, a diplomacia despreza a fôrça imponderável dos aconte-

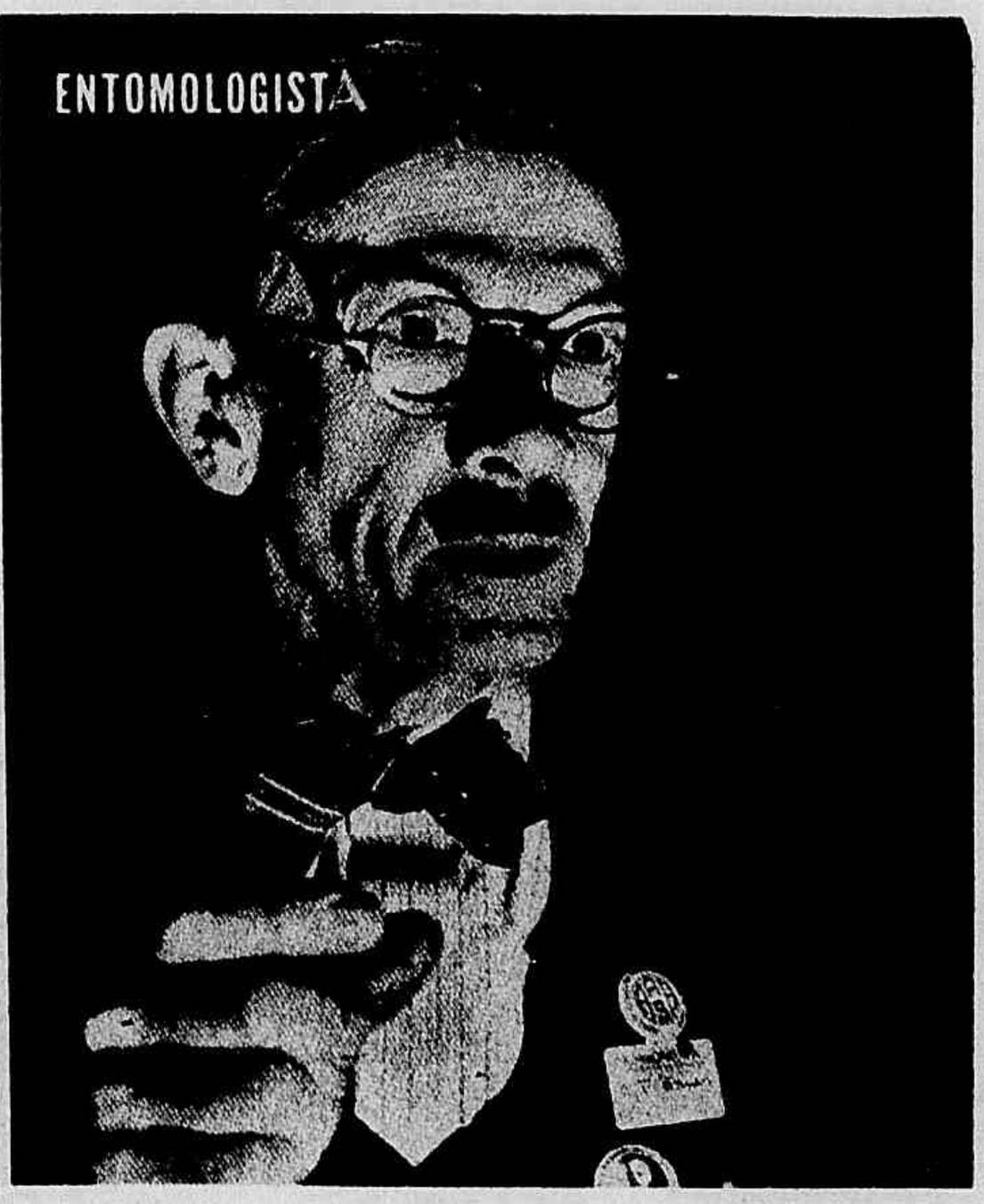
cimentos mais poderosa do que as conveniências protocolares. A Guerra Fria impera no continente europeu desde a queda do Império Romano, nunca havendo cessado o clima das revanches historicistas e das desforras imperialistas.

Expropriando a Alemanha das suas colônias asiáticas e africanas, o Tratado de Versailles forjou novo êrro de psicologia mundial e preparou a teoria da revisão de todos os tratados dentro e fora da Europa, advogada por Hitler e Mussolini nas vésperas da Terceira Guerra Mundial. Um povo pode esquecer uma derrota militar, mas nunca a opressão dos direitos vitais e o esbulho dos meios de subsistência econômica. A vitória do Marne ainda não produzira todos os seus efeitos jurídicos e sociais, quando eclodia o espantalho hitleriano alimentado pelo próprio Tratado de Versailles. Despojados de matérias-primas para suas indústrias, os italianos voltavam-se para a África e os alemães marchavam para os trigais da Ucrânia. Povoado por raças contraditórias e favorecido por seculares divergências, trabalhado por culturas litigiosas e heranças belicosas, o continente europeu jamais conquistou a homogeneidade moral em virtude da incongruência dos seus nacionalismos.

E projeta-se o clima da Guerra Fria com planos em Genebra ou Potsdam, Londres ou Washington, Moscou ou Tóquio. O atavismo da horda impele os povos a assaltarem uns aos outros, como se viu no século XVIII com a partilha da Polônia, fenômeno típico da violação dos direitos das gentes. Pertence a Mirabeau o dito de que a Prússia não podia ser considerada como uma nação que possui um exército, mas como um exército que possui uma nação. Mais justo deveria ser que se dissesse o mesmo de todos os países da Europa onde o militarismo coopera com a

A RÚSSIA É GRANDE ADEPTA DA GUERRA FRIA — Olhando-se para o mapa da Europa, como da Ásia podemos apontar as principais ações comunistas dos últimos doze meses, em sua incessante guerra fria. De fato, o govêrno soviético concedeu à Alemanha Oriental soberania e contrôle sôbre suas fronteiras; estabeleceu relações diplomáticas entre a República Federal da Alemanha Ocidental e Moscou; com ajuda da Alemanha Oriental aperta o cêrco contra o ocidente de Berlim; apoio ao bloco árabe-asiático anticolonialista; provocou o impasse da Conferência de Ministros do Exterior, em Genebra, com a questão da unificação da Alemanha; fazendo explodir a maior bomba de hidrogênio soviética, na Sibéria; censura ao Irã por haver aderido ao Pacto de Bagdá; incitação dos indianos contra o Ocidente e principalmente contra Goa e Portugal; cessão de armas ao Egito contra o algodão dêsse país, perturbando todo o Oriente Médio; recusa do plano "céus abertos", proposto pelo presidente Dwight Eisenhower, da América do Norte; insuflação de ódio contra os Estados Unidos e a Inglaterra na Birmânia neutra; promessa de auxílio econômico à India bem assim como a outras nações asiáticas e do Oriente Médio.

política e ocupa o seio dos diplomatas. Os estados modernos adotaram a teoria da superioridade de raça e cultura que sabemos ser falsa tanto no sentido sociológico como do ângulo da antropologia. O moralista Pierre Nicole previa no século XVII que o mundo inteiro viria a ser a cidade



O entomologista, professor Charles T. Brues, que livrou os Estados Unidos do prejuízo de muitos e muitos milhões de dólares, descobrindo métodos de combate aos parasitas das plantas. E com isso ficou definitivamente ligado à situação econômica do mundo atual... e a guerra fria.

do homem, como vai suceder com domínio do espaço pela aviação a jato e pela supressão das distâncias geográficas. Mas, ainda hoje cada nacionalismo se julga a metrópole do mundo e pensa em transformar o mundo em colônia da sua metrópole saltando sôbre as aspirações das outras culturas.

AUSÊNCIA DE UNIDADE ESPIRITUAL — Tôda vez que uma nação invade territórios extra-fronteiras e cujos elos culturais diferem, arrisca-se a viver permanentemente armada e implanta o clima da Guerra Fria.

A política de equilíbrio continental prevê uma combinação de tratados pelos quais nenhuma potência pode distender sua esfera de influência além de certos limites e mantém as nações em perspectiva de impactos. Para equilibrar o poderio, as grandes potências assaltam os pequenos países balcânicos, zona eminentemente estratégica e econômica de cujo domínio não pode dispensar qualquer império do centro da Europa.

Certos vales, alguns maciços montanhosos e determinados estuários figuram nos atlas militares dos exércitos que tentem invadir a Rússia, Turquia, França, Polônia e Alemanha. Todos os invasores conhecem as encruzilhadas estratégicas dos Balcãs.

Bem recentemente, turcos, gregos e iugoslavos compilaram novo Tratado Balcânico, agora ameaçado de fratura pela questão da Ilha de Chipre, disputada pela Grécia, Turquia e Inglaterra. Rivalidades políticas e impactos doutrinários, atritos econômicos e petulâncias históricas sacodem os europeus. Êsses e outros fatos mundiais excitaram a filosofia de Claude Adrien Helvetius, que negava a liberdade de escolha entre o bem e o mal, as idéias de justiça e crime mudando com os costumes. Os estadistas olvidaram a formação de uma cultura europeísta para reajustar as gerações e as raças. De nada valem os tratados quando os homens persistem em introduzir os fenômenos zoológicos na psicologia. Destut de Tracy denunciara as nações de proceder umas com as outras como os selvagens entre si. O europeísmo advogado por Robert Schuman choca-se ainda contra a superstição das nacionalidades egolátricas, cuja ânsia de hegemonia renega a universalidade da civilização.

Podemos levar a sério a moral de um continente cujos homens vivem a se massacrar e depois erguem monumento aos mortos? Urge uma penalogia para as nacionalidades que infringem o direito das gentes e sacrificam os outros povos à sua expansão comercial. A política de usurpar víveres e de engrandecer sôbre a escravidão de outras raças mais fracas mantém cada vez mais vivo o fantasma da Guerra Fria.

A CRUZADA PELA UNIFICAÇÃO DA EUROPA — O continente europeu continua abalado pelo seu passionalismo hereditário, cujas erupções recrudescem a qualquer

movimento dos interêsses adormecidos e pela fome insaciável de matérias-primas. As minorias étnicas como os tchecos e poloneses, eslovenos e rumaicos, finlandeses e búlgaros, albaneses e croatas, excitam periòdicamente a cupidez dos impérios econômicos. A Pequena Entente tentou em vão liquidar o colonialismo balcânico sob a forma de alianças defensivas e o patrocínio de uma grande potência como a Inglaterra. As fôrças se deslocam secretamente e como nesse continente os interêsses econômicos não coincidem com as leis geográficas, afasta-se qualquer fusão das raças e das unidades geográficas.

Três potências digladiaram-se durante o século XIX, o pan-germanismo, o pan-eslavismo e o princípio das nacionalidades. Econômico e industrialista, o pan-germanismo visava expulsar as finanças britânicas e russas da área balcânica diretamente pela vitória militar ou pela astúcia diplomática. Social e étnico, o pan-eslavismo ambicionava a libertação total das raças eslavas dispersas no centro europeu, entre o Danúbio, o Volga e a Macedônia.

O princípio das nacionalidades sustentado pela França e Estados Unidos desfralda a idéia liberal do direito das gentes e favorece a renascença eslavista. Nessa secular inquietação de Guerra Fria, a civilização européia passa por refluxos caóticos, cobre-se de opróbio e ilumina-se com as retóricas dos doutrinadores. E pensamos em Hermann Keyserling e Oswald Spengler, que profetizaram a morte da cultura e a decadência do Ocidente. A União da Europa Ocidental, integrada por franceses, belgas, holandeses, luxemburgueses, alemães e italianos, só obterá resultado medíocres.

Atravessamos uma época de alternativas morais e intelectuais em que determinados problemas devem ser excluídos e outros selecionados. Jean Thomas reconhece como causa dos fracassos da democracia a sua imobilidade em face do crescimento do mundo. Jean Paul Milou manda desconfiar do esquematismo e das sutilezas históricas

O IMPERADOR GUILHERME I EM SEU LEITO DE MORTE — Êsse soberano, elevado a imperador da Alemanha unida pelo gênio de Bismark, após 1870 e o esmagamento da França, reconhecendo em seu chanceler um homem à altura do cargo e do momento europeu, apoiou e chegou mesmo a incentivar o Chanceler de Ferro a desencadear a sua inigualável guerra fria.

GRANDES MESTRES DA "GUERRA FRIA" — Ao contrário dos franceses e inglêses, pouco versados, na arte da guerra fria, os alemães, como os russos, sempre foram mestres absolutos, desde Frederico, o Grande, Birmarck, revelando-se mais uma vez utilíssima e bem orientada com Hitler e seus auxiliares imediatos. O clichê apresenta Hitler, com o velho general Von Mackenses e Goering, depois da instalação do III Reich, quando o Fuehrer anunciou o retôrno da Alemanha à fronteira natural do Reno. Estávamos em março de 1936 e êsse era o primeir daquela série de golpes e manobras que, começando como guerra fria, transformou-se, pouco mais tarde, em atos objetivos e ofensivos que conduziram os povos à segunda guerra mundial. Enquanto isso acontecia a França se limitava a construir a sua "Linha Maginot"...

devendo-se distinguir nacionalismo e nacionalistas. Bertrand de Jouvenel argumenta sôbre o absurdo de se considerar os alemães inimigos hereditários da França, pois o ressentimento do orgulho nacional só data de 1870. Robert Schuman só compreende a salvação continental pelo europeísmo e Alfred Lajusas prescreve uma revisão dos manuais de história para a juventude francesa e alemã como o melhor método de aliviar a agressividade do passado. Joseph Perrin exige a vitória do espírito para a conquista de uma paz durável analisando os vícios da mentalidade histórica. Marcel Beaufils raciocina que o homem supera o humanismo latino e o humanismo nórdico apregoando a condenação dos profetas e fariseus latinistas e germanistas. M. von Beethmann constata entre o mundo francês e o mundo alemão muitas convergências que poderiam ser aperfeiçoadas para transpor a barreira dos nacionalismos. Franz Thierfelder increpa contra as contradições da política oficial e do sentimento popular como o grande obstáculo para as soluções internacionais do presente.

O Conselho da Europa reuniu-se em Estrasburgo e formulou um plano estratégico para exterminar a Guerra Fria com garantias recíprocas de segurança e a edificação da Europa Unida.

A cruzada pela unificação européia prevê consórcios com faculdades supranacionais para abolir os impactos das egolatrias nacionalistas. Personalidade estranha às rivalidades ministeriais e às represálias históricas como o entomologista Charles T. Brues, descobre uma definida relação entre o mundo econômico e a situação atual

preconizando uma revisão dos problemas entre os povos. Só nos libertaremos do espantalho da Guerra Fria quando as maratonas diplomáticas trabalharem para uma civilização unificada.

O historiador Arnold J. Toynbee repele a concepção de uma vida beatífica ou catastrófica tanto para o indivíduo como para as nações, desenhando o progresso como uma série de sucessivos avanços tecnológicos exigindo operações de reajustamentos seriados. Reconhece o espírito agressivo da civilização ocidental do século XV ao século XX, advertindo que essa fase se acha superada e o Oriente vai tomar uma atitude cada vez mais ativa na dinâmica do mundo político e econômico. E aceita a inevitabilidade da união do Ocidente pela supressão dos hiatos geográficos e raciocina em que a tecnologia aniquilou a distância entre os povos da Europa, reduzindo os atritos e unificando os espíritos. A ciência imporá ao mundo uma civilização homogênea pela unidade das suas descobertas e das suas conquistas materiais banindo o fantasma da Guerra Fria, cuja tensão psicológica vem nos flagelando desde a queda do Império Romano.

A tradição dos grandes historiadores começou com Herodoto de Halicarnassus, que viveu antes de Cristo, e continua, hoje, brilhantemente, por Arnold Toynbee, escritor inglês, cujas pesquisas e cujas obras o tornaram o maior filósofo historiador vivo.

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

A popularidade dos "waffles" nos Estados Unidos é enorme, sendo êles muito usados tanto no café da manhã como na sobremesa. Em geral, são realmente deliciosos e merecem essa popularidade. Se a leitora quiser ter a certeza poderá preparar as receitas abaixo.

"WAFFLES" SIMPLES E RÁPIDOS

4 ovos; 2 e meia xícaras de leite; 3 e meia xícaras de farinha de trigo; 1 colherinha de sal; 3/4 de xícara de manteiga derretida; 6 colherinhas de fermento em pó.

Colocam-se os ovos, o leite e a manteiga numa batedeira e bate-se a velocidade média, durante cêrca de um minuto. Mistura-se a farinha e depois o fermento e o sal à massa primitiva e bate-se de novo, a velocidade média, durante um minuto, ou até que a massa fique bem compacta.

Esquenta-se, prèviamente, a máquina de fazer "waffles" a temperatura média e coloca-se a massa bem nivelada. Deixa-se assando até que o indicador luminoso se apague.

Êsses "waffles" podem ser saboreados, no café matinal, com mel ou compotas, ou com "bacon", e no almôço, com galinha ou presunto.

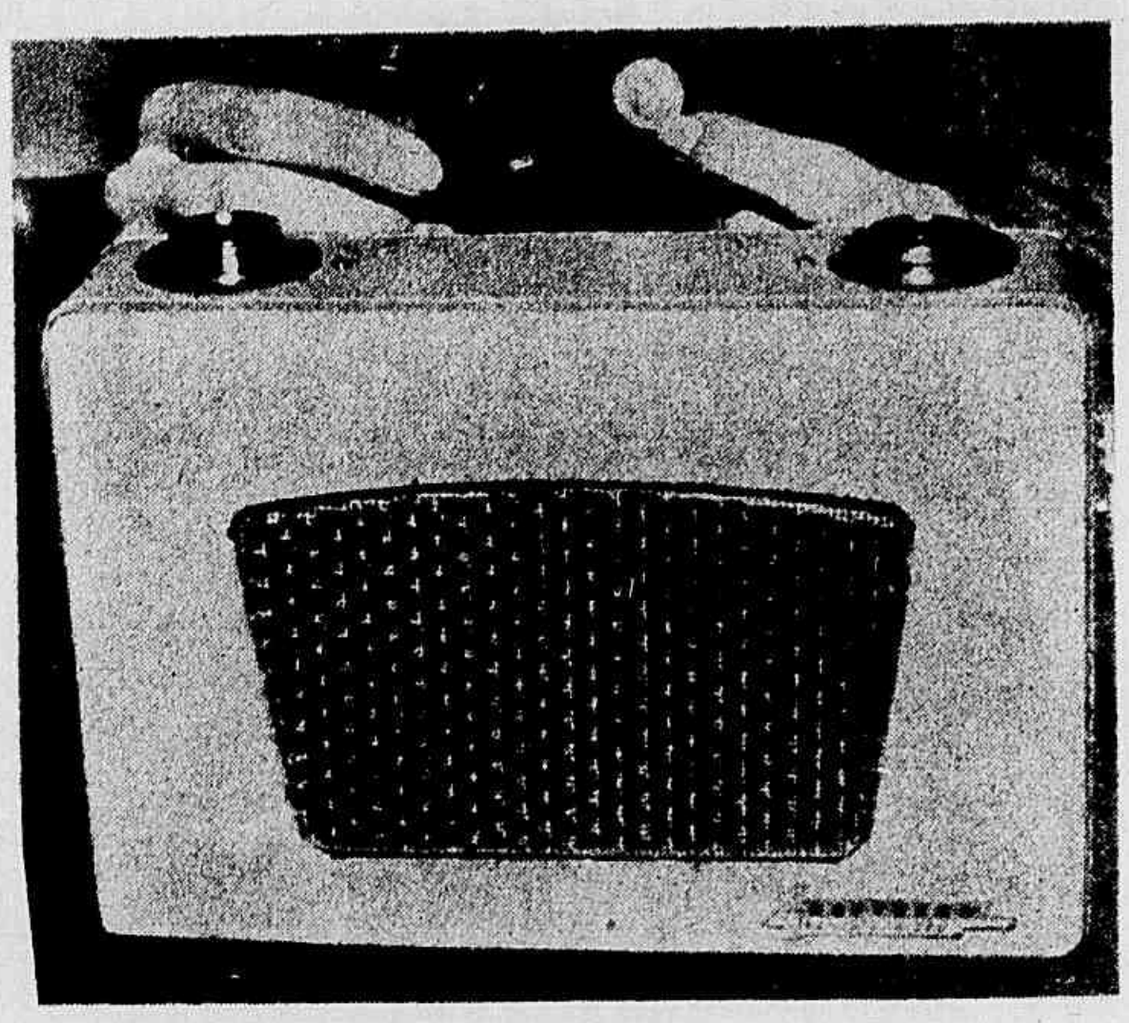
"WAFFLES" DE CÔCO COM MÔLHO DE LARANJA

1/3 de xícara de manteiga; 1/2 xícara de açúcar; 1 ôvo; 1/2 colherinha de essência de limão; 1 xícara de côco ralado; 1 e meia xícaras de farinha de trigo; 2 colherinhas de fermento em pó; 1/4 de colherinha de sal; uma xícara de leite.

Colocam-se a manteiga, açúcar, ôvo e essência de limão numa batedeira e bate-se, a velocidade média, até que a massa adquira uma consistência esponjosa, isto é, durante cêrca de 2 minutos. Mistura-se a farinha de trigo com o sal e o fermento. Ajunta-se farinha e leite, alternadamente, enquanto se bate, a baixa velocidade, durante dois minutos, mexendo-se bem, o fundo e os lados. Espalha-se o côco. Aqueça a máquina de fazer "waffle" na temperatura média. Unte-se a grelha com 1 xícara de manteiga. Asse até que a luz do indicador se apague.

MÔLHO DE LARANJA

Mistura-se uma colher de maizena com meia xícara de açúcar e 1/4 de colherinha de sal numa caçarola. Tempera-se com uma xícara de caldo de laranja e ajuntam-se 2 colhedinhas de casca de laranja. Cozinha-se a temperatura media, até ferver, mexendo-se constantemente. Tira-se do fogo e ajuntam-se 2 colheres de manteiga e gomos de laranja. Combina-se com o "waffles".



RÁDIO SEM VÁLVULAS — Oito finos transitores instalados no novo rádio "Raytheon", tipo portátil, substituem as válvulas ordinárias, a vácuo. Cada transitor é menor do que uma moeda de dez centavos e, além disso, jamais queimam!

★

DO CATECISMO DOS NAMORADOS

ESTA oração amorosa foi retirada de um livro do século XVII, mas serve para qualquer época.

"Que oração deve fazer um amante a Cupido e de que maneira pode obtê-la?

"Deve ficar em atitude suplicante e tanto com os lábios como com os gestos deve dizer: Oh! Amor que estás no coração, respeitado e venerado sejas para sempre.

"Manda-nos os teus favores, assim nos campos como nas cidades.

"Concede-nos tudo o que te pedimos humildemente.

"Perdoa as nossas impertinências, assim como perdoamos as tristezas que os outros nos causam.

"E não permitas que entremos no paraíso.

"Porém, livra-nos dos rivais."

★

ESTATÍSTICA

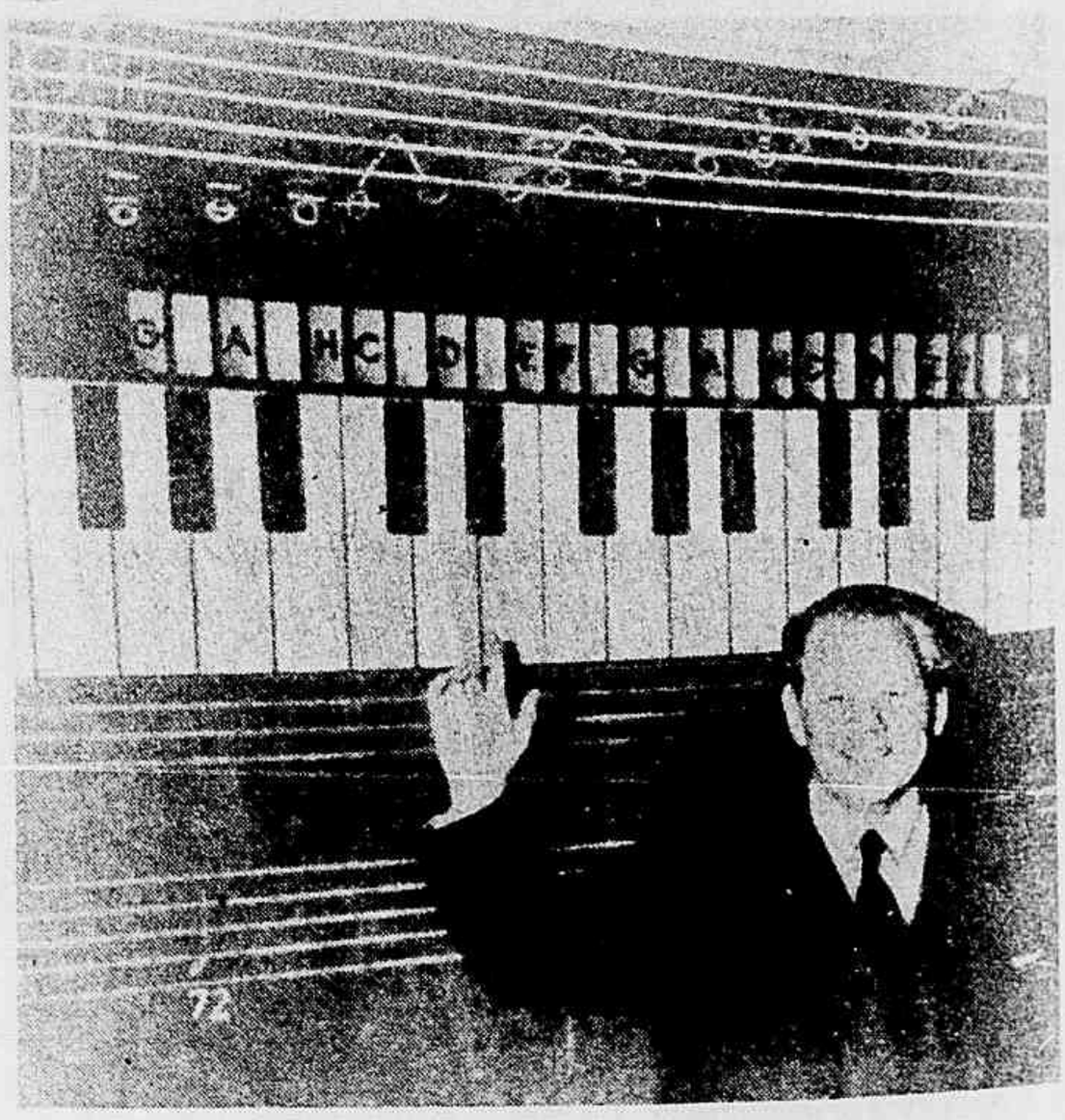
DURANTE a Idade-Média a média de vida humana era de apenas oito anos. Atualmente é de aproximadamente sessenta! Quer dizer que em seis séculos a média de vida aumentou de mais de cinqüenta anos.

★

TOCANDO DE OUVIDO — O teclado didático que vemos fica sôbre o piano do professor de música sueco, Roberto Westling. O pentagrama desenhado acima mostra como as notas são impressas. →

PARA A FUTURA GUERRA ANDAREMOS ASSIM — Um uniforme à prova de guerra foi desenhado exclusivamente para proteger os trabalhadores alemães contra os gases venenosos, os germes espalhados pela guerra química e as partículas radioativas. Máquina especial purifica o ar que fica sob a roupa. A exibição desta inovação foi patrocinada pelo govêrno de Bonn.

★



ENQUANTO O CÃO SALVA VIDAS, O GATO AS ENVENENA

DESCOBERTA NOVA ENFERMIDADE TRANSMITIDA POR INTERMÉDIO DOS FELINOS

ÊSSE pequeno hóspede ingrato de muitas casas suporta a partir de agora uma responsabilidade mais grave que os seus conhecidos e incuráveis egoísmos.

Um côro de três doutôres — e para público tão respeitável como o das Academias de Medicina dêste planêta, acaba de acusá-lo de transmitir uma enfermidade nova, batizada cientìficamente com o nome de "linfodenitis viriásica, produzida por arranhadura". Os gatos, portanto, são os causadores — involuntários — de certas doenças que. antanho eram atribuídas a Deus sabe que infecções. Os três médicos, drs. Gsell, Forster e Klaus, deram o brado de alarma depois da concentração, no hospital suíço de St. Gallien, de dez pessoas que sofriam dos mesmos estranhos males: febre alta, vertigens e enormes protuberâncias em diferentes partes do corpo.

A única base de relação entre umas e outras afecções ficava estabelecida pelo fato dos dez enfermos terem tido contacto com felinos. Vários dêles ainda apresentavam na pele as marcas de arranhões recentes.

O DIAGNÓSTICO EM DUAS VERSÕES — Em linguagem pura, da qual terão usado aquelas eminências para dar conta a seus colegas do êxito de suas investigações, transcreveremos o diagnóstico correspondente.

Aquêles que não sejam devotos do tecnicismo podem saltar sôbre o parágrafo: A nova enfermidade consiste em uma infecção linfógena, que se estende pelos gânglios linfáticos regionais, sem rebaixá-los ou limitando-se, em todo caso, à série seguinte.

O ponto de inoculação se encontra em uma lesão traumática da pele ou das mucosas, muitas vêzes imperceptível. Há reação inflamatória variável, formando-se uma papila com círculo vermelho, que, eventualmente, apresenta uma vesícula ou pústula e a seguir se transforma em crosta. A incubação dura de dez a doze dias. Poderá, em certos casos, alongar-se até sessenta. Os linfomas principiam a aparecer nas regiões imediatas ao trauma e fo-

Êsse pequeno hóspede ingrato de muitas casas é hoje acusado de delito mais grave que seu incurável egoísmo.

ram localizados na cubital-axilar, mentoniana, pré-auricular-cervical e inguinal-íliaca. O infarto chega a ganhar o volume de um ôvo de galinha; abre-se com facilidade e, em geral não deixa cicatriz. Raramente é registrada uma inflamação geral; há, entretanto, variação de temperatura. Os abcessos com febre alta duram uns 15 dias. Vírus produtor: talvez um agente, do qual se origina a linfogranumatose inguinal, embora não tenha sido possível isolá-lo.

E agora a versão para conhecimento geral:

Um certo dia o indivíduo nota que começa a doer-lhe um braço ou uma perna; o mal surge numa zona estreita e alongada, que corre na direção de um lugar do corpo onde se forma uma inchação. Ao mesmo tempo sente calor interno, embora ocorra também o caso, nos primeiros momentos, da queda da temperatura abaixo dos trinta e seis normais. A inchação não é dolorosa, mas cresce, cresce sempre. O médico, verificada a exploração correspondente, encontra, por fim, a estria vermelho-azul de um arranhaço, e logo declara: "Ferida infectada! Aqui está a prova."

Porém voltemos à tese dos médicos suíços, que homologaram a enfermidade.

Sabe-se, por exemplo, que o vírus é injetado pelas unhas ou os dentes de um gato; entretanto, êsse animal não sofre da doença. Age simplesmente — e inocentemente, devemos reconhecer — como veículo.

Onde está a verdadeira origem da linfodenite?

Na terra, em algumas plantas, na plumagem de certas aves ou nos ninhos que elas constroem entre as telhas?

Mistério!

CRíTICA APAIXONADA DO GATO — Sem negar sua qualidade de objeto de adôrno, sentinela de despensas ou com-

O cão, amigo vigilante e dedicado do homem, que leva ao extremo o espírito de sacrifício.

panheiro de espíritos com complexos de isolamento, o gato é um dos acessórios que o homem incorpora à sua vida com menos proveito. E a partir de agora, conforme se verifica, sua presença nas casas representa um perigo importante.

A quem ocorreu, pela primeira vez, dar ingresso ao gato do seu lar?

Porque, convenhamos, assim como em outros animais são apreciadas sua fôrça, sua agilidade ou sua nobreza, ao felino doméstico ninguém pode, até hoje encontrar uma virtude.

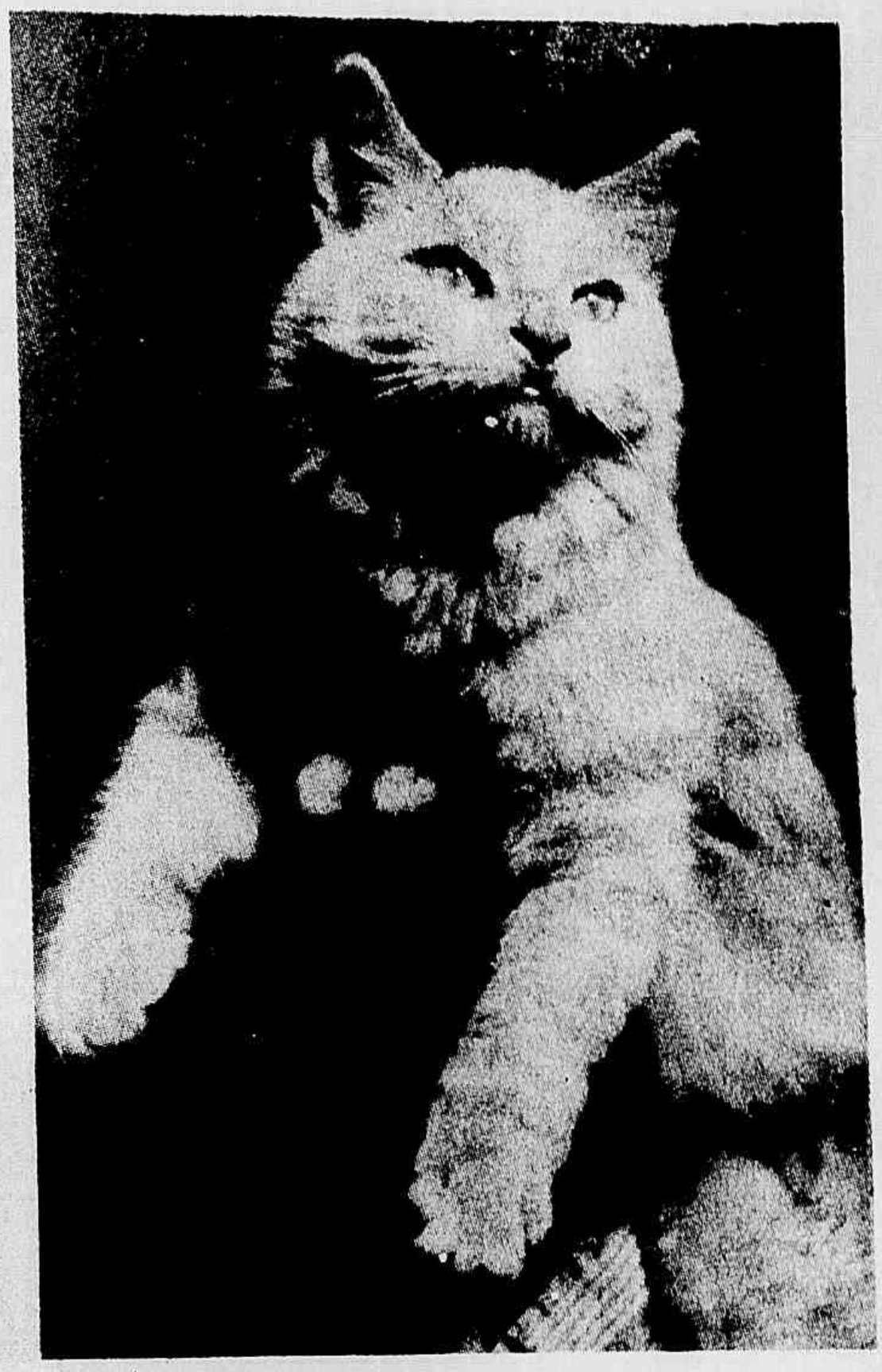
Os povos primitivos chegavam a divinizar o leão, o touro, a águia, a serpente e até mesmo o cão (entre os persas) e a vaca (entre os indus).

Ao contrário, ao gato só eram concedidos poderes malignos, como aquêles entes de opressão da mitologia nórdica, capazes de inundar de enfermidades uma casa e de sevandijas um campo.

É comum ouvir dizer que, na vida, o primeiro impulso é o que vale. Ora, que faz um gato ao topar com uma pessoa? Pôr-se em guarda. Vamos, agora, compará-lo com o cão. O cão! Com exceção dos de pastor ou de chácara, que, por ofício, tem que suspeitar de tudo o que caminhe sôbre dois pés, o cão nos saúda amistosamente; ou, no pior dos casos, com tácita indiferença.

Onde convivem tantos animais domésticos, que integram uma espécie de família irracional, o gato é como o filho mau dos donos da casa: notívago, preguiçoso, ladrão de cozinha, assassino de galinheiro e de gaiolas, falso, nunca abrindo o seu coração... Eis o gato! Quando dêle nos aproximamos, o gato olha primeiro para nossas mãos, pensando no peixe ou no pau; o cão olha para nossos olhos e logo manifesta sua boa-vontade, agitando a cauda.

Se o cão soubesse fazer mais coisas, teríamos nêle um colaborador insubstituível. É bastante observar a alegria que demonstra quando utilizamos os seus serviços em casa. Que latidos alegres e que saltos acrobáticos, a princípio! E que dedicação, que empenho em ajudar!



O gato, que ocupa lugar de confiança em tantos lares, é veículo involuntário de uma nova enfermidade, transmitida por seus arranhões...

E será preciso, por ventura, dizer mais alguma coisa de sua fidelidade?

O cão moribundo demonstrará seu contentamento pela companhia do dono, enquanto tiver um nervo são na cauda. E com a vida prestes a extinguir-se olhará para o dono como pedindo perdão por todo o incômodo que lhe tenha causado.

Ao contrário, que poucos méritos cabe aduzir em favor do gato! Só nos faltava a linfodenite viriásica, produzida por alguns de seus arranhões!

Nem todos os felinos caseiros aportam, como é lógico, a enfermidade. Mas bom será prevenir-se, no entanto, e colocarmo-nos o mais distante possível dêles.

O cartaz dêsses felinos vai caindo cada vez mais. O gato está irremediàvelmente condenado. Sôbre sua cabeça, miúda e dura, cai agora êsse novo e frio anátema dos médicos...

NÚMEROS FABULOSOS DE HOJE

ATÉ agora foram identificadas quarenta e sete espécies diferentes de dores de cabeça.

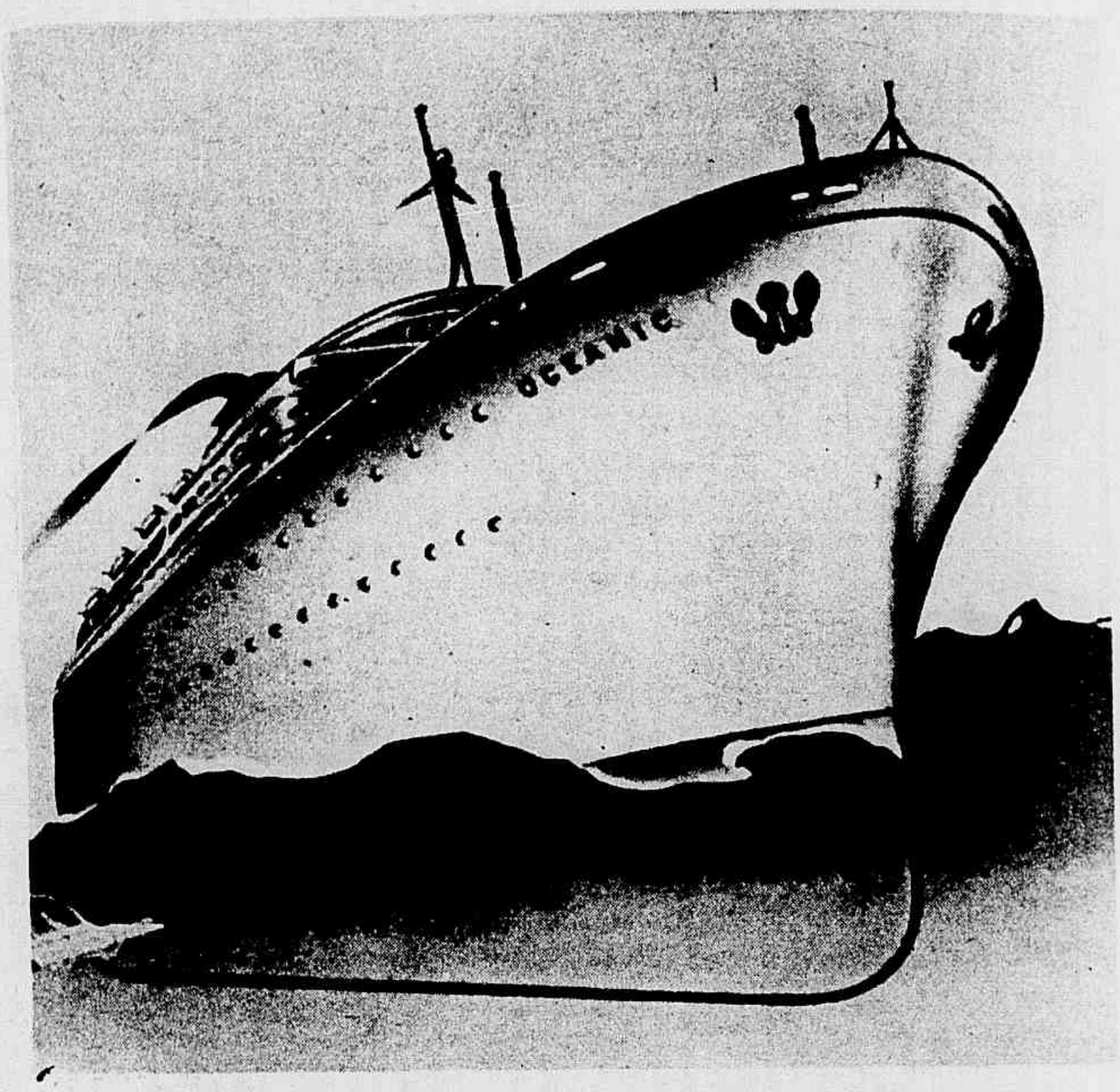
NOS Estados Unidos, ao contrário do que em geral se afirma, existe um número muito pequeno de pessoas demasiadamente ricas. Pois dos 55.042.597 de indivíduos que pagam impôsto de renda, de acôrdo com estatísticas, feitas em 1951, apenas 171 tinham renda igual ou superior a 1.000.000 de dólares anualmente, e apenas 5 pessoas atingiam a casa dos 5.000.000 de dólares.

A sabedoria antiga afirmava que o sangue é mais denso do que a água. De acôrdo com os cálculos da ciência moderna, o sangue tem uma densidade seis vêzes maior.

UM par de meias de "nylon" em sua fabricação requer quase cinco quilômetros de fio e cêrca de 2 milhões de pontos num tear mecânico, que apronta uma média de três pares por minuto. Se uma pessoa pudesse fazer **à mão**, com fio de "nylon", levaria três meses de constante trabalho, numa proporção de um ponto por segundo durante oito horas por dia, para produzir um único par dessas meias.

A avaliação da energia humana, realizada mediante o emprêgo de uma engenhosa máquina pesquisadora, demonstrou fatos surpreendentes. Em têrmos de energia dispendida, uma mulher que passa a ferro uma camisa, trabalha duas vêzes mais do que um homem que pinta um teto. E o fato de levantar uma valise de 22 quilos e meio de pêso, requer um trabalho 6 vêzes maior do que o correspondente à pintura de um teto ou à passagem de uma camisa a ferro; do mesmo modo, tal esfôrço equivale ao empregado no **serviço** numa partida de tênis!

ENFIM, VAMOS NAVEGAR



UMA notícia que vai alegrar, sem dúvida, os muitos indivíduos que sofrem de enjôo. Novo "estabilizador" foi inventado, para reduzir os efeitos do balouço dos navios, em razão das vagas. Trata-se, segundo mostra o desenho acima (e à direita) de **aillerons**, que, colocados nos dois flancos do navio, sob a linha de imersão, reduzem quase totalmente o rolar das vagas de cêrca de noventa por cento. O dispositivo será aplicado em dois novos transatlânticos de luxo, a entrar breve em serviço para a companhia norte-americana "Oceanic".

★

COMPETIÇÃO

SEGUNDO as declarações feitas por Yoshio Jufioka, existe, a três horas de Moscou, um sincro-ciclotron (que como todo mundo sabe é um aparelho destinado à desintegração de átomos) de seiscentos e oitenta milhões de volts!

Yoshio Jufioka é presidente da Comissão de Energia Atômica do Japão, de modo que fala com conhecimento de causa. Além disso, acrescentou que os dois maiores sincro-ciclotrons existentes nos Estados Unidos e que se acham instalados nas universidades de Chicago e de Columbia, têm, no máximo, 450 milhões de volts cada um.

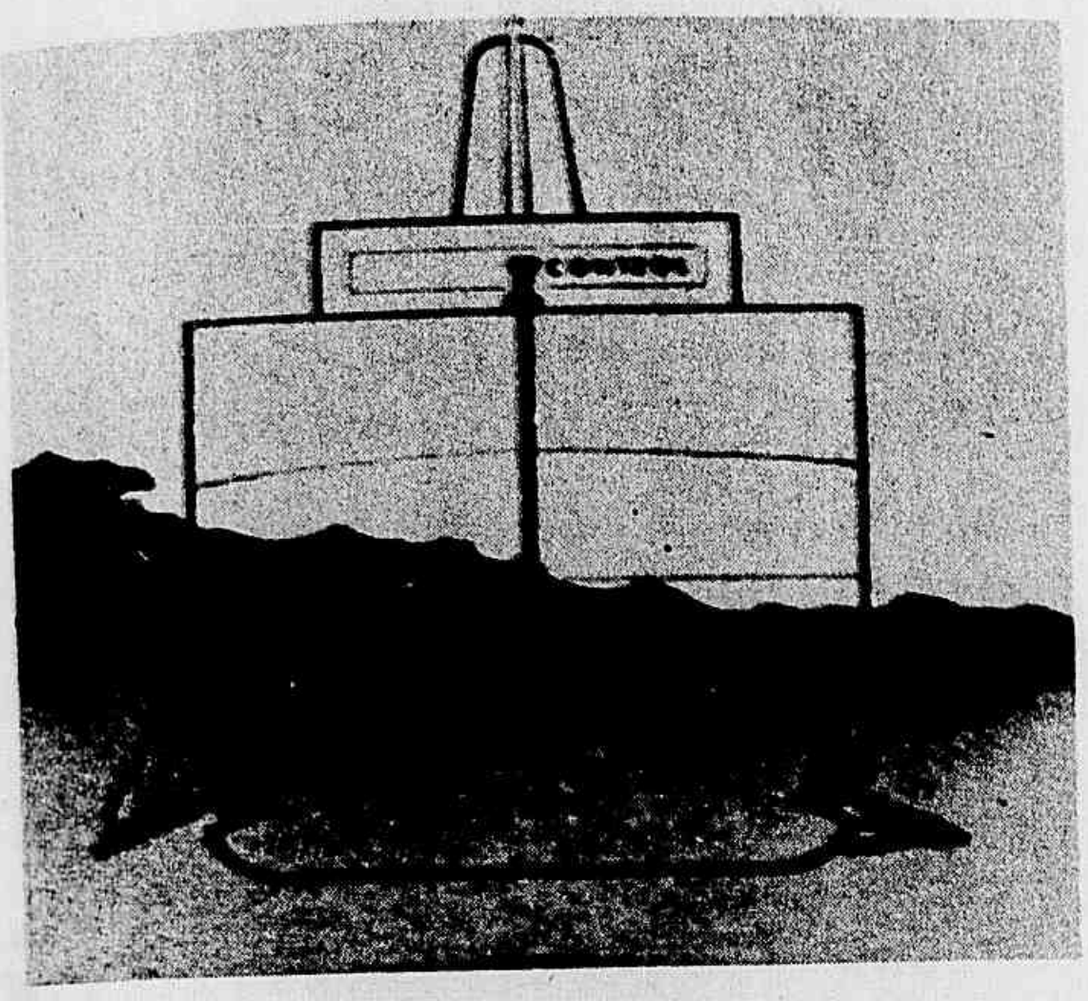
O diâmetro do pólo magnético do aparelho russo é de seis metros, enquanto o do de Chicago mede apenas cinco.

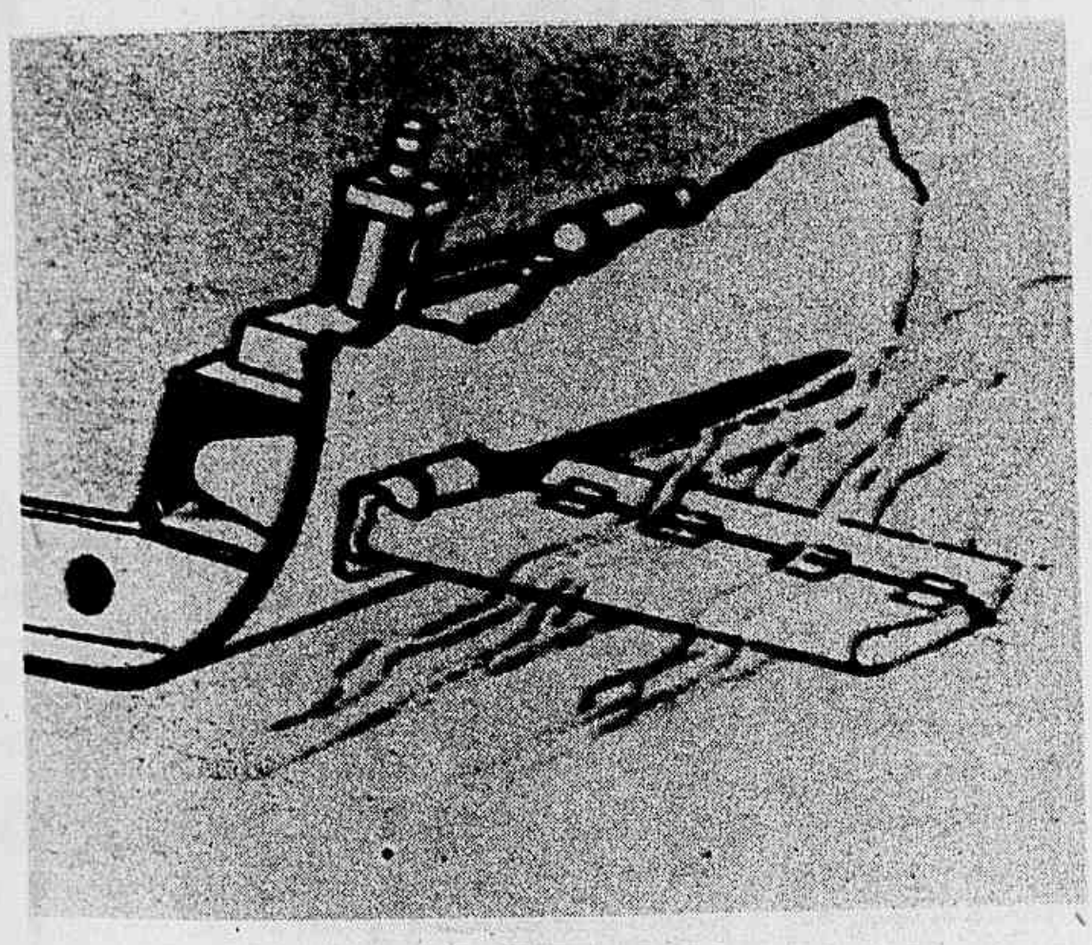
O campo magnético do russo é de 17.000 gaus. O do americano, de 16.000 gaus.

PROVÉRBIOS POPULARES

Cem amigos é pouco, um inimigo é muito. (Alemão)
Quem se livra de um tolo ganhou o seu dia. (Francês)
Vão sempre as leis para onde querem os reis. (Espanhol)
Quem segue um môcho vai ter a ruínas. (Arabe)

SEM ENJOAR!





★

DEFESA OPORTUNA

UM jovem irlandês, Denis Patrick Murtagh, foi condenado à fôrca por um júri de Manchester, sob a acusação de haver assassinado, mediante um atropelamento voluntário, o seu inimigo pessoal William Jackson.

Não obstante proclamar insistentemente a sua inocência, ninguém lhe dava ouvidos, até que a brilhante defesa de sua advogada, doutôra Pose Hellbron, produziu o milagre.

Depois de reexaminar o caso, os juízes declararam que, de acôrdo com o grande jurista inglês do século XIX, Baron Gurney:

"Mais vale, na falta de provas concludentes, deixar livres numerosos culpados, do que matar um só inocente."

E puseram em liberdade o jovem Murtagh que, por sua vez, jurou não mais dirigir carro pelo resto de sua vida.

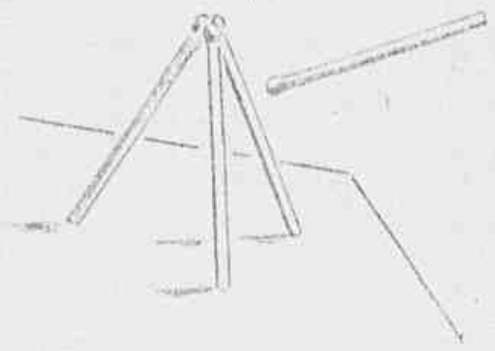
DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

AQUI estão alguns truques próprios para distrair, distraindo os outros. Não juramos que sejam, todos, absolutamente desconhecidos para os nossos leitores. Entretanto, para a maioria, sem dúvida, vai constituir novidade e das mais agradáveis.

E, por camaradagem, não vamos esconder os resultados aos nossos leitores, mas simplesmente ensinar como se realizam êsses truques, a fim de que possam desafiar a argúcia dos amigos e familiares.

LEVANTAR TRÊS FÓSFOROS COM UM SÓ

— Pergunta-se ao amigo, lançando sôbre a mesa 4 palitos de fósforos se pode êle levantar 3 dêsses palitos usando para tanto o palito restante.

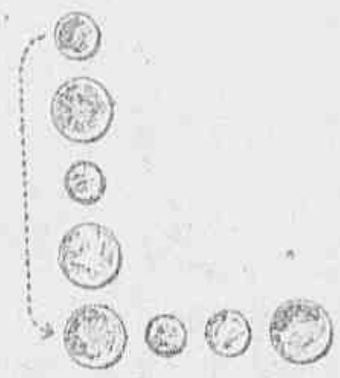


Como se faz a "mágica": Junte os três fósforos em forma de tripé, unindo-se muito bem as cabeças, às quais se encosta, em seguida, a chama do terceiro fósforo. Mal acabem de queimar, as 3 **cabeças,** sopra-se para apagar a chama. Estarão os três fósforos assim "soldados" entre si... o que facilitará o levantamento dos mesmos com o quarto fósforo.

★

BOM PARA DISPUTAR DESPESA EM MESA DE CAFÉ

— Colocar 8 moedas em forma de ângulo reto, com 5 moedas num dos lados e apenas 4 no outro. Propor a um amigo colocar 5 moedas em cada perna do ângulo reto... movendo apenas uma moeda.

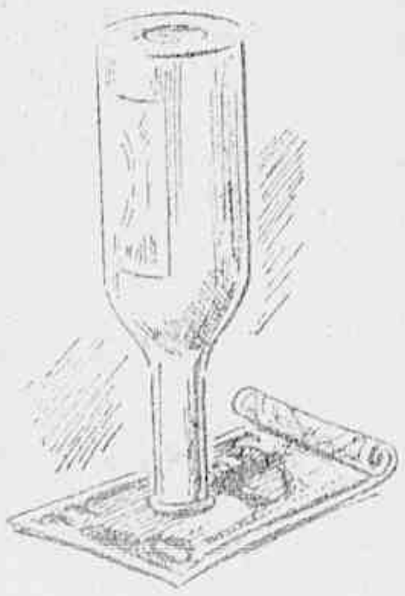


A "mágica" é realizada apanhando-se a moeda da extremidade da perna maior e colocando-se a mesma sôbre a moeda do centro, na junção das duas pernas.

★

ÊSTE É MAIS INDICADO PARA A MESA DO JANTAR OU DO BAR

— Colocar sôbre o dinheiro-papel uma garrafa na posição indicada no desenho e propor ao amigo que retire o dinheiro sem tocar na garrafa.



Cuidadosamente, sem tocar na garrafa com as mãos, enrolar o dinheiro pouco a pouco, até retirá-lo completamente de sob o gargalo.

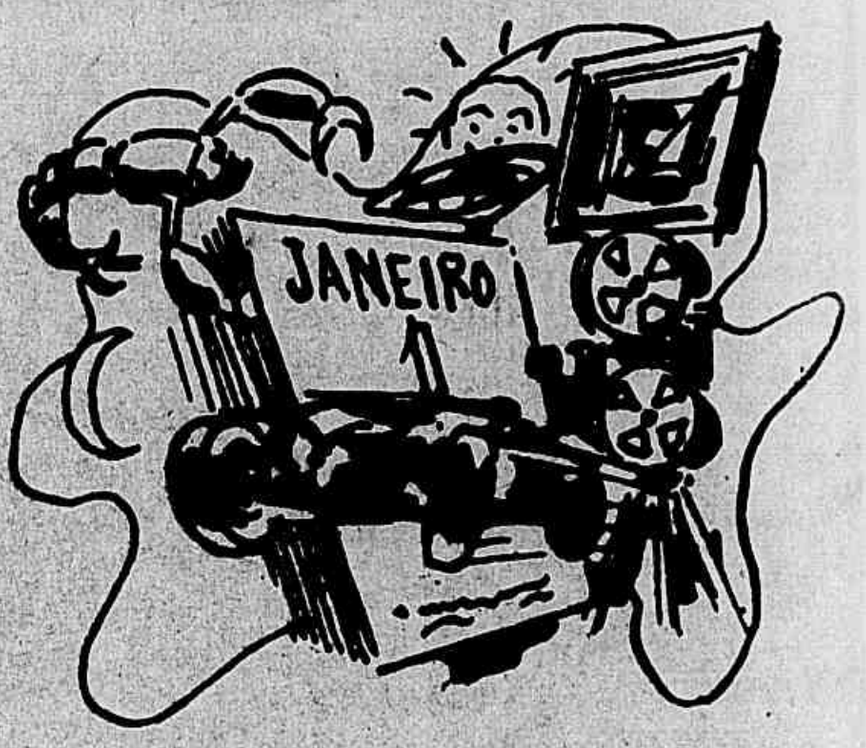
ALMANAQUE EU SEI TUDO

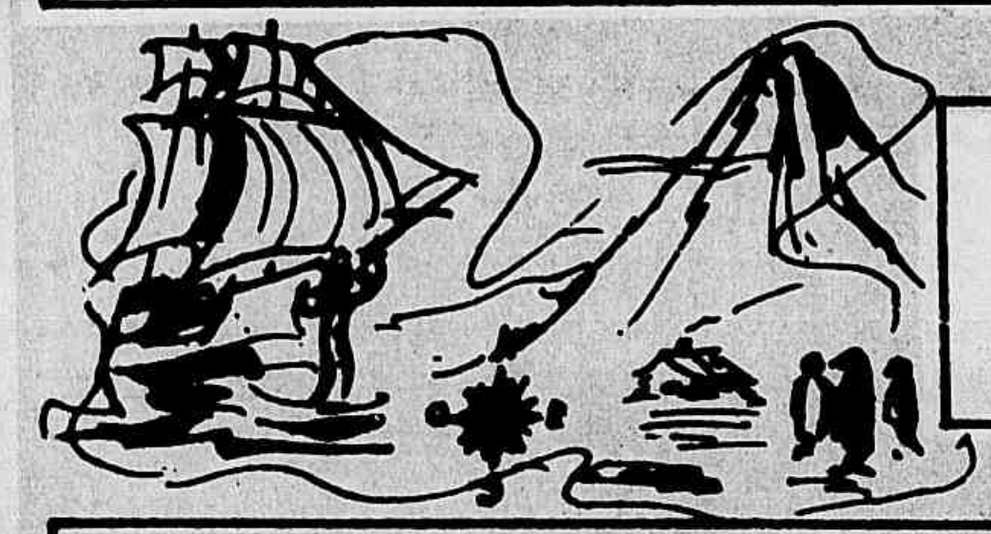
para

1956

O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

CALENDÁRIO PERPÉTUO ★ CALENDÁRIO PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDÁRIO CATÓLICO ★ CALENDÁRIO PROTESTANTE ★ CALENDÁRIO CIVIL ★ CALENDÁRIO CRISTÃO ★ O ANO AERONÁUTICO ★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRÁFICO ★ O ANO ARTÍSTICO ★ O ANO AUTOMOBILÍSTICO ★ O ANO CIENTÍFICO ★ O ANO EX-LIBRÍSTICO ★ O ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRÍCOLA ★ FASES DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS ANOS, CONCORDÂNCIAS COM AS DEMAIS ÉRAS





A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SÔBRE O AVANÇO DO HOMEM SÔBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE.

«O FIM DO DESCONHECIDO»

RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES, MAPAS E CARTAS MARÍTIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR

Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações

UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape. 15 — RIO

ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

A TÔRRE DE LONDRES

O fato histórico, cuja narração fazemos a seguir, minuciosamente contado e estudado nos seus pormenores, como temos feito nesta série de mistérios aqui publicados, em busca de uma explicação plausível que desvende o enigma, tem vivamente interessado os investigadores pacientes que procuram encadear num desenvolvimento lógico e justificado os motivos de um crime que não pode ser atribuído apenas à crueldade. Aqui interfere o acaso, cujas leis incompreendidas a matemática sòmente tem tentado definir, para desnudar o crime; mas para lhe determinar o móvel tem de se recorrer à análise psicológica e também ao estudo comparado das paixões que — na época em que vivemos atualmente — prende sobremaneira a curiosidade dos espíritos

NO ano de **1613 sucedeu dentro dos muros** da **Tôrre de Londres, célebre e histórica** prisão, **um dêsses acontecimentos obscuros** e extraordinários **que os historiadores** debalde **têm tentado deslindar.**

Naquela **ocasião o tenente governador da** Tôrre era **Gervásio Helwysse, pessoa muito** digna e **religiosa, cuja conduta** discreta **lhe merecera o nome** do douto **sr. Gervásio. Sentando-se êle, um dia, à mesa,** para **jantar, observou que,** dentre **os criados, um carcereiro recentemente entrado** para o **seu serviço, e chamado** Weston, **fazia disfarçadas e furtivas diligências para lhe** chamar **a atenção.**

Curioso **de saber o que queria** aquêle **homem, o tenente mandou-o aproximar-se sob um** pretexto **qualquer e Weston** curvado sôbre **seu amo e baixando a voz,** dirigiu-lhe **esta pergunta singular:**

— Devo **fazê-lo agora?**

E ao mesmo tempo, os seus olhos percorriam de um modo significativo as travessas que estavam sôbre a mesa.

— **Fazer o quê?** — perguntou Gervásio, verdadeiramente intrigado.

A atitude de Weston tornou cada vez mais inexplicável. Em vez de responder, recuou muito atrapalhado, fitando o seu amo com modo surpreendido.

Não foi dado sem alguma razão justificada o nome de **douto** a Gervásio, por isso, interrompendo qualquer inquirição intempestiva naquele momento, contentou-se em dizer serenamente:

— Não; ainda não.

Ao mesmo tempo, deitou ao carcereiro um severo olhar de admoestação, e êste saiu da sala.

Resolvido a aprofundar o mistério, Helwysse se apressou em acabar de jantar e, logo que finalizou, dirigiu-se para o seu

quarto particular e mandou chamar Weston. Naquele tempo, a situação de um tenente de prisão era, amiudadas vêzes, bem perigosa. Havia duas espécies de prisões; as destinadas ao público e as reservadas a personagens poderosas e presos

O miserável caiu de joelhos...

por motivos particulares. Os prisioneiros da primeira classe davam pouco trabalho; simplesmente bastava vigiar que não fugissem; mas os da segunda classe eram fonte de maiores ansiedades, e nem sempre era a fuga o principal perigo de que tinha de precaver-se o tenente governador.

Fazendo Weston aquela pergunta, demonstrara estar convencido de que o governador estava informado de algum secreto desígnio. Aproveitando-se o tenente, prudentemente, dêste mal-entendido, diligenciou e conseguiu descobrir, por confissão do criado, que a tentativa dêste desígnio era nada mais nada menos do que eliminar um prisioneiro que estava então e desde alguns meses sob a sua guarda. O prisioneiro era Thomas Overbury.

Mal o sr. Helwysse se apoderou desta delação, deixou cair a máscara e ameaçou Weston com a Câmara Estrelada (antigo tribunal de Inglaterra), e com a aplicação da tortura, se não desvendasse imediatamente tôda a conspiração. Aterrorizado pela situação em que se achava o carcereiro caiu aos seus pés e ofereceu fazer-lhe inteira confissão.

A sua narrativa foi breve, mas sobressaltada. Algum tempo antes de ter entrado para a Tôrre, tinha sido sondado por uma mulher chamada Turner, uma daquelas perigosas criaturas que prosperavam então — e ainda existem — preparadoras de filtros e outras perniciosas drogas, mulheres cujos proventos maiores não resultavam tanto, talvez, da venda dessas mercadorias, mas, sim, da posse dos mil vergonhosos segrêdos, confiados a elas no decorrer dos seus negócios. Esta mulher, que evidentemente conhecia Weston, incitou-o a empreender o assassínio de sir Thomas Overbury, e a entrar como carcereiro na Tôrre, procurando ela conseguir-lhe essa colocação com o fim de o meter dentro dos muros da prisão.

O assassínio teria de ser feito por meio de tcrtas e geléias envenenadas que a bruxa havia de preparar, sendo levadas para a Tôrre por um criado chamado Symonds e, depois, postas na mesa do prisioneiro por Weston. A fim de o animar a desempenhar-se da perigosa tarefa, a Turner afirmou que o tenente governador sabia do segrêdo, mas ao mesmo tempo prevenira Weston de que só com ela poderia falar abertamente desta infame trama.

Tal foi o resumo da confissão do carcereiro. No momento decisivo faltara-lhe a coragem, e, de tal modo, que estava esperando um sinal do sr. Gervásio para executar o ato. Além da Turner e seus agentes, êle afirmava não conhecer o verdadeiro mandante do crime, nem o motivo.

O governador Helwysse ouviu com horror a espantosa revelação, mal podendo conter a indignação de o terem designado como cúmplice em tal projeto. O seu primeiro impulso foi de mandar entregar o assassino à Câmara Estrelada com que o havia ameaçado. Infelizmente, porém, como sucede quase sempre, prevaleceram outras deliberações mais cautas. Helwysse sabia mais do que o que Weston lhe havia contado. Atrás do carcereiro e da feiticeira Turner, descobria tênuemente o vulto de outras personagens mais poderosas, que receava

arrontar. Contentou-se, portanto, em solenemente exortar o homem a abandonar aquêle propósito, apontando-lhe as conseqüências neste e no outro mundo, imprimindo-lhe bem no espírito o perigo em que se encontrava quem possuísse um segrêdo que tão fundamente afetava tantas personagens nobres.

Finalmente, Weston não só jurou abandonar o projeto do crime, mas agradeceu gratamente a seu amo tê-lo salvado de o cometer. O digno e douto tenente, satisfeito com o arrependimento do guarda, perdoou-lhe, ordenando-lhe ao mesmo tempo que todos os pratos mandados a Thomas Overbury pela Turner fôssem trazidos diretamente para o seu quarto.

Desde êsse momento o sr. Gervásio Helwysse guardou uma estrita vigilância sôbre o seu prisioneiro. Dias após dias os pratos levados à Tôrre por Symonds eram submetidos a sua análise, que consistia em os dar a comer a gatos e cães. Em alguns casos os animais morriam instantâneamente, em outros sofriam muito tempo, mas o fim era o mesmo. Depois de fazer essas horríveis experiências, Helwysse eliminava secretamente os corpos dos animais e os restos das comidas envenadas.

Quem era que urdia tão diabólicos planos em volta de sir Thomas Overbury, e por que crime fôra êle levado prêso para a Tôrre?

A resposta a estas perguntas serve, à primeira vista, só para agravar o mistério. Overbury era o amigo íntimo e confidente de Roberto Carr, visconde de Rochester, e conde de Somerset, a quem uma monstruosa parcialidade de Jaime I tinha elevado da condição de um homem desconhecido à de primeiro personagem do reino. O crime cometido por Overbury fôra bem simples: recusara ir como embaixador para Moscou.

Na verdade, pela lei inglêsa, ninguém podia ser obrigado a aceitar uma embaixada, mas Overbury tinha-a aceitado quando lhe foi oferecida esta comissão, e depois recusou-a, sem alegar motivo justificável. O conselho privado considerou êsse ato como desobediência a sua majestade, e internou o insolente cavaleiro na Tôrre.

Tal era a causa **conhecida** do encarceramento, ao qual o prêso parecia não dar alto valor. Tinha recebido muitas mensagens e visitas do conde de Somerset, com o poderoso auxílio do qual contava para a sua libertação. Foi depois de uma dessas visitas que o sr. Gervásio Helwysse entrou na cela, um dia, para satisfazer o desejo secreto que tinha de saber da saúde do seu prisioneiro.

Overbury recebeu-o na mais bela disposição.

— Não terá de cuidar de mim por muito mais tempo, sr. tenente. Lord Somerset estêve há pouco aqui comigo e deu-me esperanças muito animadoras.

Helwysse olhou atento para o confiado prisioneiro.

— Não deponha as suas esperanças em príncipes, sr. Overbury! — observou tristemente. — As promessas dêles são sempre falazes.

O outro sorriu com desdém.

Entrou precipitadamente para ver a vítima...

— Há razões, meu caro tenente, pelas quais me atrevo a esperar a proteção do conde. Sou muito íntimo dêle para me ser falso. **Pela minha vida não creio que o seja!** Demais, deixou-me agora mesmo para ir receber uma ordem pela qual sairei imediatamente daqui!

Helwysse pensou nos cães e nos gatos que há pouco tinha visto expirar e estremeceu.

Outro caso sobreveio; foi a nomeação de um novo carcereiro para a Tôrre. Chamava-se Franklin e em breve parecia viver em relações de muita intimidade com Weston. Sir Gervásio vigiou-o por algum

Embriagaram o aprendiz de drogaria...

tempo com certo desassossêgo. Estas nomeações não eram feitas por êle, mas pelo conde de Northampton, governador da Tôrre, e o tenente não tinha poder de os demitir sem consentimento superior. Mesmo que Helwysse se atrevesse a impor uma decidida interferência, era já então muito tarde. Suprimindo a confissão de Weston, tinha incorrido em parte na culpabilidade. Estava sentenciado a ver a cena como impotente espectador da tragédia.

Aproximou-se breve o fim. Numa manhã, cedo, trouxeram ao tenente a notícia de que sir Thomas Overbury tinha sido repentinamente acometido de doença mortal. Tendo dado ordem para que se chamasse sem demora um médico, Helwysse saltou da cama e apressou-se a ir ao quarto do prisioneiro. Encontrou à porta Franklin e Weston, que saíam com as fisionomias pálidas e assustadas. Passou por êles precipitadamente, para ir ver a infeliz vítima estendida no leito e já morta.

O tenente ficou aflito de ver o resultado da sua polícia timorata. O seu primeiro expediente foi escrever a lord Northampton, participando-lhe a morte e pedindo-lhe instruções. A resposta que trouxe o portador foi a mais contraditória possível. A princípio o conde autorizava o tenente a entregar o corpo aos amigos de Overbury, e mencionava o desejo de Somerset de que seu amigo fôsse enterrado decentemente. Depois, num **post-scriptum,** sugeria dúvidas sôbre a legalidade desta cerimônia, e lembrava que melhor seria um entêrro apressado e particular.

Enquanto o tenente estava embaraçado no proceder com esta carta ambígua, recebeu outra que dizia asim:

"Digno senhor tenente.

Peço-lhe chamar Lidcote, e alguns dos seus ajudantes, se êstes também forem precisos, para examinar o corpo, se acaso ainda o não tiver feito; e logo que tenha sido examinado, sem esperar a vinda de um mensageiro da côrte, veja-o enterrar imediatamente, na capela, dentro da Tôrre.

Se já o tiverem examinado, então enterre-o sem demora porque houve tempo já de atender às disposições daquela gente que só procura meios de mover piedade e de levantar escândalos. Não se deixe levar por pedidos de ninguém a adiar, seja por que motivo fôr, e traga-me estas cartas mais tarde quando me encontrar.

Não deixe de executar estas instruções, se estima os seus amigos; nem espere um minuto depois do exame de Lidcote, mas tenha o padre pronto; e, se Lidcote não estiver aí, mande-o chamar com brevidade, pretextando que o corpo não pode esperar.

Urgente, às 12

seu muito afetuoso."

O conde propositalmente omitiu a assinatura.

Lidcote era, evidentemente, o encarregado oficial de indagar as causas das mortes repentinas, examinando os cadáveres. Em resposta a esta urgente e aterrorizante missiva o entêrro foi feito no dia seguinte no precinto da Tôrre. E assim finalizou o caso **por algum tempo**.

Passou-se um ano, quase dois, e parecia que o culpado tinha escapado à penalidade de seu crime. Mas sucede muitas vêzes que os acontecimentos que parecem sepultos nas trevas do mistério vêm à luz quando aquêle que está nêles implicado conta estar esquecido para sempre. Os perpetradores julgam que têm apagado os últimos vestígios do crime; seguem o seu caminho, abraçando a doce esperança de que se preveniram contra qualquer possibilidade de detenção; e, como o tempo vai passando, até cessam de se recordar do seu próprio crime. Mas, depois, em meio da segurança e da tranqüilidade, por qualquer acaso trivial, que não puderam prever, através de qualquer obscuro e insignificante canal desprezado, a cruel verdade irrompe à luz e o seu crime é revelado à história.

No verão do ano de 1615 um rapaz inglês, atravessando as ruas de Bruxelas, encontrou-se com um grupo de patrícios, à porta de uma taverna. O rapaz trazia uma mochila às costas, apresentava-se sujo e fatigado, e vinha com os pés dolorosamente magoados, tendo feito a pé longa jornada. Ao ouvir a língua natal parou, e aproximou-se do grupo. Num país estrangeiro os laços de raça se apertam com facilidade. O recém-chegado foi amàvelmente recebido e entraram todos juntos na taverna.

Bem depressa se informaram de que o caminheiro era aprendiz numa drogaria da cidade de Londres, e que fugira dali em conseqüência dos maus tratos recebidos do patrão. Aconteceu que os homens com quem se encontrara eram criados do representante inglês na côrte de Bruxelas e um dêles deu aos rapaz conselhos de amigo.

— Tenha cuidado que as suas façanhas não vão ter aos ouvidos do sr. Turnbull, porque êle poderá prendê-lo e mandá-lo de novo para o seu patrão.

— Faço pouco caso disso; são falatórios. Talvez que se eu contasse tudo, o meu patrão desejasse não me ver mais. Poderia narrar coisas extraordinárias, quisesse eu fazê-lo, não só do meu patrão, notem bem, mas de alguns trunfos da terra.

Estas misteriosas insinuações provocaram curiosidade nos ouvintes. Embriagaram o rapaz, e pouco a pouco lhe extraíram uma revelação completa, que êle ingênuamente comunicou. Sem darem tempo a reconsiderações arrastaram-no para casa do agente diplomático, e nessa mesmá noite, Turnbull expedia uma carta ao secretário de Estado em Londres, pedindo-lhe licença para ir à Inglaterra e comunicar ao rei, de viva voz, um segrêdo bastante sério e perigoso para ser confiado a uma carta.

O secretário de Estado, cujo nome era Wynwood, notou a fisionomia de seu real amo enquanto lia a carta na sua presença. Reparou no seu olhar de espanto, seguido de terror e depois de ansiosa curiosidade. Finalmente, Jaime I levantou a cabeça e encarou o olhar do secretário.

— Ordenai ao sr. Turnbull que venha! — disse no seu claro acento escocês, acrescentando em voz baixa: — Não podeis dizer nada disto a Rabbie!

Wynwood tinha estado bastante tempo ao seu serviço para perceber o secreto intento do rei. Para um cortesão menos experiente, o proceder de sua majestade durante as semanas seguintes ter-lhe-ia parecido bem enigmático. Fechou-se com Turnbull quando o enviado chegou a Londres, e o resultado da conferência foi a prisão do droguista, de Turner, Weston e Franklin. Simultâneamente, Jaime I dispensava, como sempre, a Somerset a mesma amizade, como se inteiramente ignorasse onde deviam com certeza chegar as inquirições sôbre o assassínio de Overbury.

Abafaram o desgraçado com os lençóis da cama

Naquele meio tempo começaram as averiguações por todos os lados. O tenente da Tôrre fizera clara confissão da sua parte no crime. Um antigo criado do assassinado instruíra diretamente o chefe da justiça, Coke, o famoso autor do comentário sôbre Littleton. Finalmente, no dia da sua par-

Ansioso esperava à janela, de onde via o rio...

tida para uma viagem pelo país, o rei intimou os juízes da cidade encontrarem-se com êle em Whitehall. A cena foi comovente. Jaime I, de pé, no meio dos seus cortesãos, recebeu os juízes e falou-lhes sôbre o assunto da investigação. Depois de se ter referido ao crime de envenenamento como sendo um costume italiano, que havia de trazer a desgraça ao reino, continuou expressando-se nestas palavras solenes:

— Portanto, lordes, encarrego-vos, e por isso tereis de responder no grande e terrível dia do julgamento final, que o examineis estritamente, sem favor, afeição, empenho ou parcialidade, e se poupardes qualquer culpado dêste crime, a maldição de Deus caia sôbre vós e sôbre a vossa descendência: e se eu poupar qualquer que seja convicto e culpado, a maldição de Deus caia sôbre mim e sôbre a minha posteridade para todo o sempre!

Uma horrível imprecação, horrìvelmente cumprida. Deve contudo recordar-se que o homem que pronunciara estas palavras era também autor desta outra máxima: **Aquêle que não souber dissimular não saberá reinar**. Logo depois de ter despedido os juízes o rei seguiu para a sua casa em Royston, levando consigo na própria carruagem Somerset, como se não pudesse separar-se dêle por uma hora. Quando o deixou, à noite, para voltar para Londres, Jaime I deitou-lhe, os braços à roda do pescoço, exclamando:

— Por Deus, quando vos verei outra vez! Por minha fé, não comerei nem dormirei sem que volvais!

— Na segunda-feira, senhor — disse-lhe o conde — contanto que os meus negócios estejam então terminados.

— Que farei eu? Que farei? — repetiu o rei com outro abraço.

Somerset libertou-se desceu a escada, mas Jaime seguiu, insistindo em o abraçar ainda outra vez e outra. Afinal, o favorito conseguiu escapar a tanta ternura e entrou na carruagem. Tão depressa as rodas começaram a fazer ruído sôbre o cascalho, o rei voltou as costas e a expressão da sua fisionomia mudou sùbitamente, ouvindo-se-lhe murmurar estas palavras:

— **Agora que o demônio vá contigo!** Porque eu não mais verei a tua cara!

E assim foi. Naquela mesma noite o conde e a condêssa de Somerset foram presos por ordem do lorde da suprema justiça, e encerrados na Tôrre, acusados de assassinato na pessoa de sir Thomas Overbury.

A condêssa foi a primeira levada a julgamento. O motivo alegado contra ela foi o seguinte.

Lady Frances Howard, como se chamava primitivamente, era filha de lorde de Suffolk e da mesma família do conde de Northampton, cujas cartas dirigidas a sir Gervásio Helwysse, tenente da Tôrre, mostravam não ser estranho ao caso Overbury. Casada ainda muito moça com o moço conde de Essex, ela diligenciou anular aquêle casamento, com o apoio e a aprovação da família, para aceitar a mão do todo-poderoso favorito. Mas levantara-se um obstáculo no caminho, e êsse obstáculo era Overbury, conselheiro do favorito.

Opondo-se Overbury ao casamento dêle com esta má criatura, tinha sem dúvida dado um bom conselho. Mas o homem que se opõe ao casamento de um amigo está pouco mais ou menos nas condições de quem empreende uma rebeldia. Se falha na sua tentativa fica perdido.

Overbury não fôra bastante esperto para prever o resultado. Falhou na oposição ao casamento, e desde êsse instante perdeu tôda a sua influência sôbre Somerset.

Overbury continuou a fazer o caso pior ainda. Em vez de tomar a defesa serenamente, perdeu a paciência e começou a abusar, repetindo pùblicamente todos os escândalos a respeito dela, que êle tinha, prèviamente, apontado em particular, como argumentos contra o casamento. Desde êsse momento, estava previsto que a condêssa trataria de livrar-se dêle.

Depois veio o negócio da embaixada da Rússia. Logo que Overbury aceitou esta nomeação, começou a perceber que era uma espécie de honroso exílio que lhe fôra indigitado para o afastar de Somerset. Um homem verdadeiramente prudente teria preferido partir a ficar e continuar numa luta sem esperança. Mas Overbury mais uma vez não sopitou o seu gênio despótico e quis levar a melhor. Recusou abandonar a sua influência sôbre Somerset, e resignou o cargo de embaixador, como foi visto.

Estava escrito o seu destino. Sôbre os subseqüentes processos não havia mistérios nem defesa possível. A condêssa tinha pedido o auxílio da Turner, que arranjou o resto com os malvados de condição inferior. No julgamento só se conseguiu provar que lady Somerset tinha usado de bruxaria para com o seu inimigo. Engendraram-se na côrte uns bonecos de cêra, e foi chamado um astrólogo para jurar que a condêssa o tinha consultado sôbre o assunto. Mas tudo isto formava parte vulgar dos julgamentos daquele tempo, em que a bruxaria, o envenenamento e a astrologia eram igualmente classificados como artes diabólicas. O único fato inegàvelmente admitido foi que Overbury tinha sido morto por instigação da condêssa de Somerset.

No seguimento dêstes processos veio à luz um horrível pormenor. Quando a condêssa reconheceu que os seus venenos não faziam efeito — devido à interferência de sir Gervásio Helwysse — mandou chamar Weston, repreendeu-o de a ter enganado, e tendo obtido dêle uma nova promessa de levar a obra ao fim, indigitou Franklin a juntar-se a êle. Desta vez, Weston teve o cuidado de esconder do tenente os seus planos. Os dois malvados conseguiram ministrar o suficiente veneno produzindo na vítima horríveis convulsões; porém, quando esperavam a todo instante que fôsse o último, com horror viram que êle principiava a dar sinais de vida. Nessa perigosa situação recorreram ao expediente desesperado de o sufocar com os lençóis da cama. Tal foi o modo como finalmente morreu Overbury.

Pelo tempo em que se fêz esta revelação, Turner e outro cúmplice já tinham sido executados, por uma acusação da qual

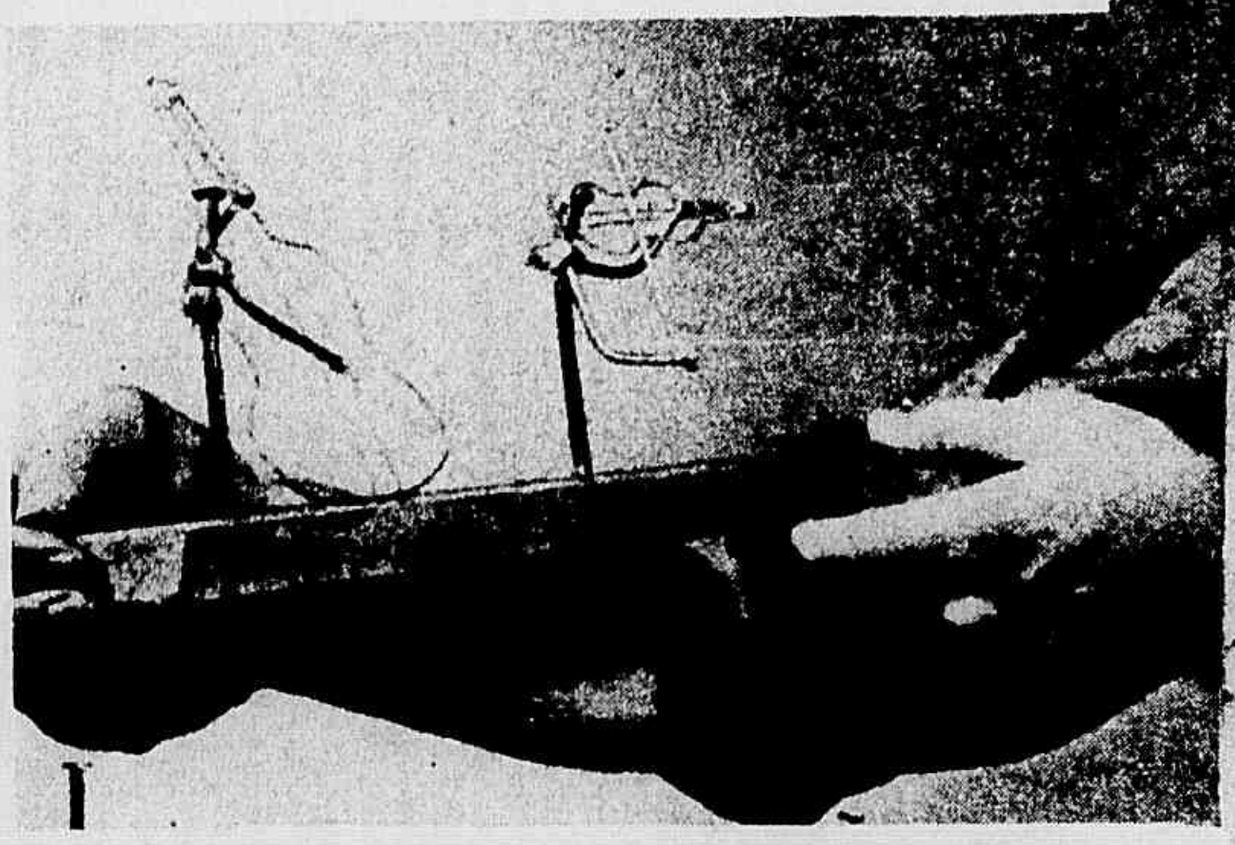
Deslizaram rio abaixo...

talvez não fôssem inteiramente culpados. Mas o crime da condêssa ficou certamente o mesmo. Ela foi condenada à morte. Quatro pessoas foram executadas, incluindo

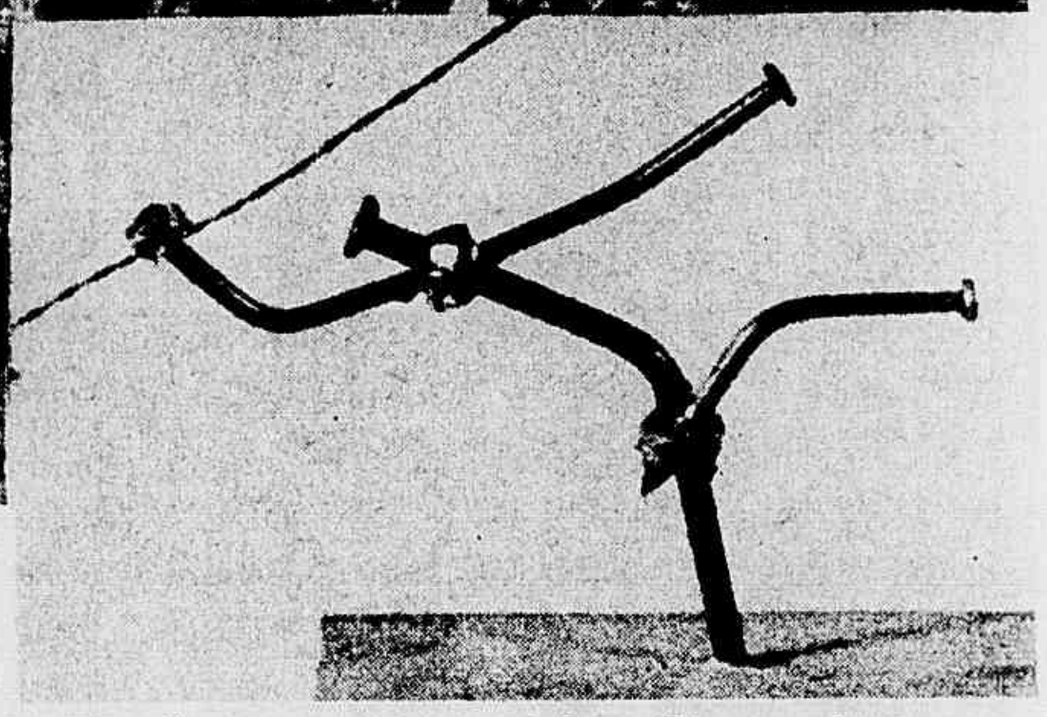
(Continua no fim da revista)

ARTE, COM QUASE NADA!

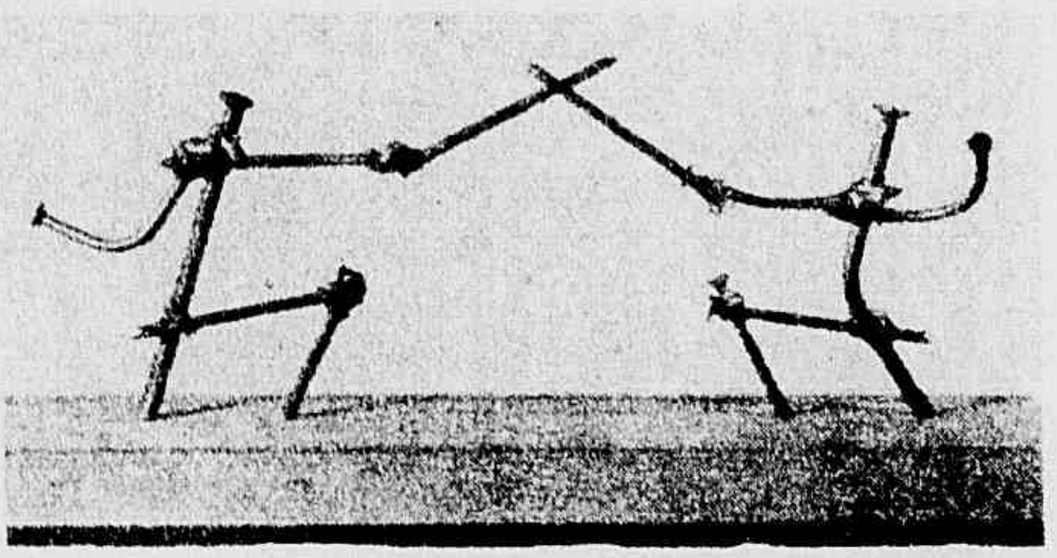
VERDADEIRAS OBRAS-PRIMAS FEITAS COM PREGO, ARAME E SOLDA



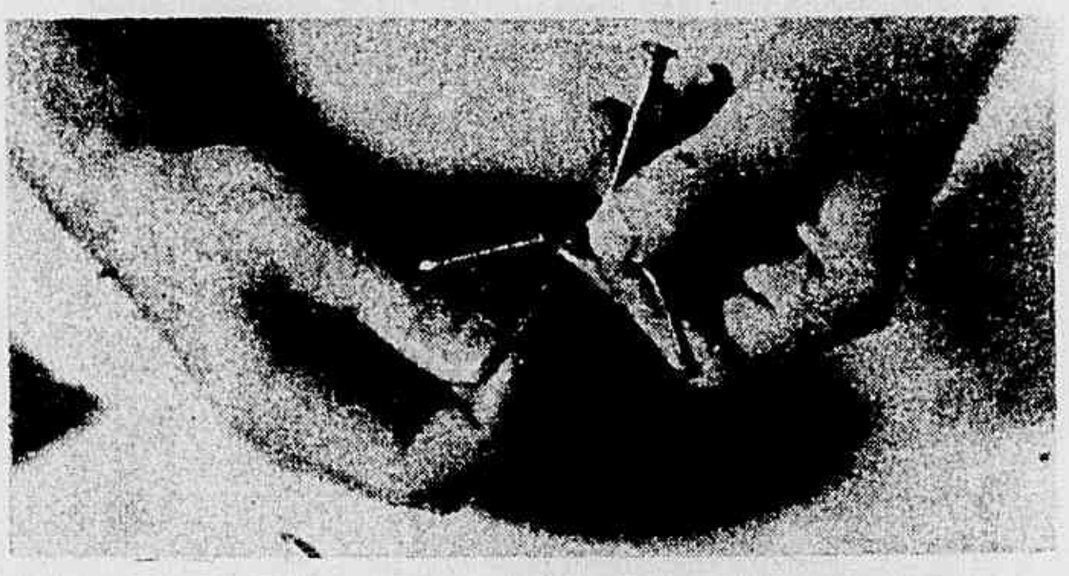
O artista observa com satisfação o próprio trabalho. O grande objetivo é conseguir grupos com movimento e grandes plasticidades. — "Em guarda"! Simples e de grande realismo, são, inegàvelmente, estas duas figurinhas. Boa execução e também graça de movimento.



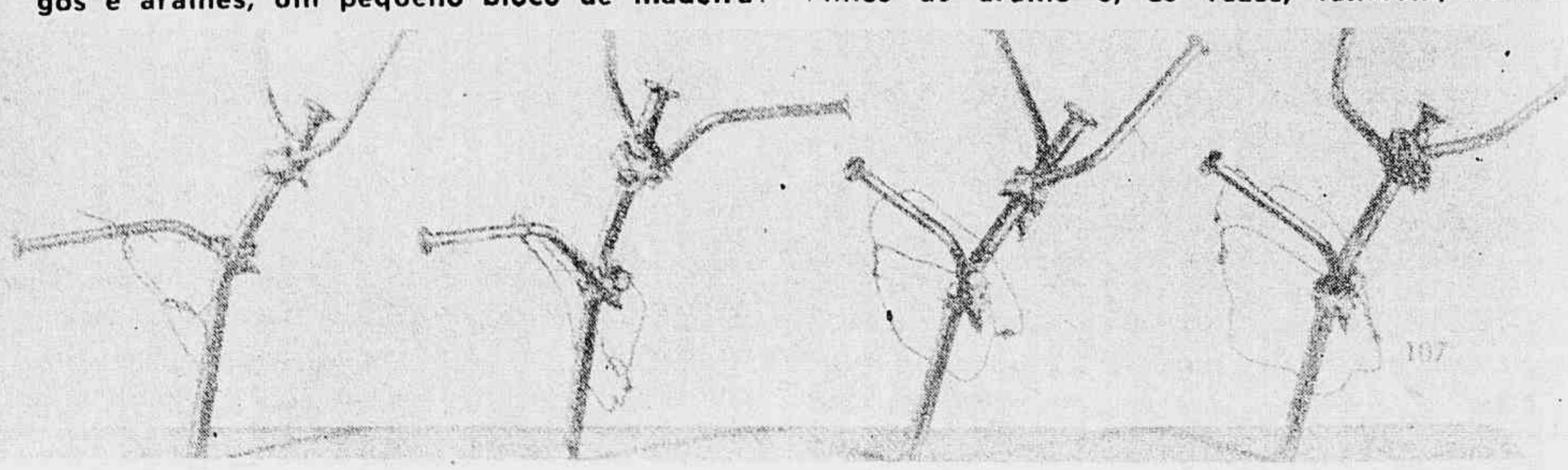
A ação é uma das grandes fôrças dessa escultura com pregos. E são usados apenas dois pregos e pedacinhos de arame finíssimo...



Em baixo: dançarinas dançam o "can-can" com o mesmo movimento e elasticidade das coristas dos "night-clubs" franceses. Além dos pregos e arames, um pequeno bloco de madeira.



Ao alto: Depois de dar forma aos pregos e imaginar como serão unidos, o artista, para a concretização da idéia, usa apenas pedacinhos de arame e, às vêzes, também, solda.



A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de ***ANTHONY BERKELEY*** ★ *Tradução de* ***RENATO DE ALENCAR***

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Janet, filha de um pastor do interior da Inglaterra, fôra tentar a vida em Londres, acabando por aparecer enforcada no seu apartamento, onde residia com uma colega, miss Carruthers. Rogers, repórter especializado em escrever sôbre crimes, recebeu uma carta do pai da morta, pedindo que procurasse esclarecer o destino da filha. O jornalista tem escrúpulos de transmitir à família do pastor notícia tão triste, mas, por fim, resolve ir pessoalmente até lá.

Miss Carruthers, companheira de quarto de Janet fica sabendo que a infeliz se enforcara com a própria meia de seda, pendurando-se num gancho de porta. Sabe também que a suicida tinha as unhas cheias de tinta e pó. No dia seguinte os jornais noticiam outro suicídio, de mulher, com a própria meia de seda. A segunda suicida chamava-se Elsie Benham e era, segundo o jornal "artista lírica". Concluía a notícia dizendo que a morta deixara uma carta. Mas era um simples bilhete, e dizia: **"A prodigiosa morte..."** E mais: **"A morte e seu irmão, o sono"**. Isto era da "Rainha Mab" e surpreendia que uma atrizinha soubesse citar Shelley e citá-lo corretamente! A família de Janet revela que ela tinha numerosas relações masculinas, tôdas pessoas decentes. Ao regressar a Londres, ainda no trem, Roger lê num jornal, a notícia de um terceiro suicídio, ainda com meia de seda! A morta era, desta vez, Ursula Graeme, filha de um figurão. Lady Ursula órfã de pai, jantara em companhia de amigos e depois fôra enforcar-se no "atellier" da pintora Macklane, que estava ausente. Os demais detalhes correspondiam aos das primeiras mortes.

---

messado a mesa a que subira, com um pontapé, encontrando a morte por asfixia, justamente como as duas suicidas precedentes. As palavras deixadas pela morta a miss Macklane eram, não obstante, mais explícitas do que as anteriores deixadas pelas duas vítimas. Assim diziam:

"Estou desolada por ver-me obrigada a fazer isto; mas não sabia onde fazê-lo, e minha mãe teria, seguramente, um ataque, se eu executasse isto lá em casa. Não me queira mal e mil desculpas! — U."

Alguém, que se ocultara sob o pseudônimo de "Uma amiga", escrevera um artigo muito elogioso à morta, estendendo-se sôbre seus encantos, sua simpatia, a originalidade de seu espírito e seu recente noivado com o filho de sólido banqueiro, sendo o próprio rapaz senhor de grande fortuna.

Ter-se-ia ela matado por originalidade, ou para não casar-se? O autor do artigo evitava, cuidadosamente, esclarecer êsse ponto, embora a morta já tivesse tido ocasião de revelar a seus mais íntimos amigos, que a vida que ela levava há tanto tempo a aborrecia muito.

Roger colocou o jornal sôbre seus joelhos e encheu de fumo o cachimbo. Estava-se em meio de verdadeira epidemia de suicídio de mulheres — e com meias de sêda!

Imagens fantásticas começaram a desfilar no espírito do repórter. Era incrível! Tôdas as moças do mundo passariam a utilizar-se de suas meias de sêda, para enforcar-se como estas três desatinadas tinham feito...

O último dêsses dramas não se enquadrava, de modo nenhum, no artigo que êle escrevera antes de deixar Londres. A pequena freqüentadora dos "dancings" podia sofrer de disposições mórbidas, que explicavam seu gesto; mas Roger estava convencido de que lady Úrsula Graeme não possuía, de maneira nenhuma, qualquer tara que a predispusesse para tal procedimento. Admitindo-se mesmo, para discutir, a hipótese de morte voluntária, o que sabia a respeito dessa jovem, lhe contestava, de maneira absoluta, a idéia de haver ela escolhido, para suicidar-se, o mesmo processo empregado por uma obscura atriz e uma miserável bailarina. Se desejasse suicidar-se teria escolhido o exemplo de algum suicida célebre, como fôsse a ruptura de uma artéria durante seu banho, ou inventado qualquer outro meio, de maneira que essa originalidade a fizesse ainda mais comentada depois da morte... Lady Úrsula era mulher para lançar uma moda, não para imitar a de outras!

A própria carta deixada era discutível. A Roger parecera, à primeira vista, bastante explícita; mas, pensando bem, já se lhe afigurava mais obscura do que as outras. Nossa aristocracia nacional é muito educada, temos que reconhecer, quaisquer que sejam seus defeitos por aí a fora. Ora, seria difícil a uma pessoa culta e inteligente, como era lady Úrsula, não reconhecer o mau gôsto de ir enforcar-se no **atelier** de uma amiga. Seria mais lógico

que se suicidasse aspirando gás, dadò o feitio de sua natureza estravagante. E sua mãe ia saber dessa morte, tranqüilamente, sem ataques, apenas porque lady Úrsula, sua filha, não fôra suicidar-se em sua casa de Eaton Square?

Tudo isto era bastante curioso, mas inútil de aprofundar pelo raciocínio. E Roger achou melhor deixar o assunto de lado, passando a ler seu jornal. Em verdade lady Úrsula seria capaz de cometer todos êstes atos inverossímeis.

A morte da aristocrata filha da velha condêssa ocupava a crônica social e artigos de jornais durante três dias seguidos. O inquérito fôra marcado para a quarta-feira, pela manhã, e Roger tomou a decisão de assistir ao mesmo, desejoso de averiguar se os pequenos detalhes que êle havia notado, muito ligeiros por si mesmos, mas interessantes em seu conjunto, não impressionariam igualmente a outras pessoas.

Não foi êle, infelizmente, o único a desejar assistir ao inquérito. Sem risco de ser considerado exagêro, três mil habibitantes de Londres se acotovelavam às portas do tribunal, mas não se haviam munido de uma autorização para entrar; embora Roger também estivesse sem êsse documento, conseguiu penetrar no salão de audiências, porém sòmente quando já se estava em meio da sessão. A primeira pessoa que viu ali foi o inspetor-chefe, Moresby.

Roger compreendeu imediatamente que Moresby não se achava ali oficialmente, pois que êle estava sentado mui tranqüilamente a um canto, como se fôsse um simples espectador. Mas, pensou o jornalista, por que diabo tinha vindo? E assim pensando dirigiu-se ao seu encontro. Um inspetor-chefe não vai assistir a um inquérito sôbre o suicídio de uma bela mulher, apenas para "matar o tempo".

Ao ver aproximar-se o repórter, o outro balançou negativamente a cabeça, como se houvesse adivinhado os pensamentos de Roger e estivesse a responder à muda interrogação. Imobilizado pela multidão antes de chegar ao inspetor, Roger se resignou a ficar por ali mesmo e ouvir a leitura dos autos.

De pé, na barra das testemunhas, estava um belo homem moreno, com traços ligeiramente semitas, e que poderia ter seus vinte e oito a trinta anos de idade. Duas ou três perguntas foram feitas pelo **coroner** e suas respostas mostraram a Roger que se tratava do noivo de lady Úrsula. O jornalista o olhou com bastante curiosidade. Êsse homem devia ter conhecido muito a suicida. Teriam suspeitado qualquer coisa dêle?

Roger não pôde formar opinião definitiva apenas por observar o rapaz, embora atentamente o fizesse. O interrogado dava a impressão de que sofria muito com a tragédia.

— "Pobre diabo! — pensou Roger. — Êste inquérito deve ser um verdadeiro calvário para êle!"

Suas respostas eram prudentes. O repórter havia esperado que o noivo da suicida fizesse alguns comentários; mas nada saíra. Mostrava-se pesaroso, mas com muita dignidade. Era evidente que a morte de sua noiva ficara para êle envôlta em denso mistério.

A uma pergunta da autoridade judiciária, respondeu:

— Ela parecia muito feliz; nada fazia supor que fôsse cometer semelhante ato!

Dava a impressão de ser um rapazola a quem se corrige um êrro e se manda para a cama, a fim de que possa meditar no gesto grave que cometera.

O juiz procurava ser o menos prolixo possível, mas certas perguntas eram indispensáveis.

— Sua noiva tinha o hábito de dizer que a vida a aborrecia. Fêz-lhe ela, pessoalmente, tal confissão?

— Muitas vêzes — respondeu, com um pálido sorriso. — Dizia, muitas vêzes, coisas assim; mas apenas por falar! Eu jamais acreditei nisso — ajuntou êle, em voz tão baixa que Roger mal o ouviu.

— O senhor devia desposá-la dentro de dois meses; em junho, não?

— Sim.

A autoridade judicial consultou umas notas.

— Naquela noite foi o senhor ao teatro, em seguida à reunião com amigos?

— Justamente.

— Não vira lady Úrsula?

— Não.

— Não lhe é possível, então, dar-nos uma opinião acêrca de seu estado de espírito durante aquela noite?

— Não. Eu a deixei mais ou menos às cinco horas e meia, após o chá.

— Perfeito. Ouviu o depoimento das outras testemunhas que estiveram com ela durante aquela noite? Mostrou-se ela alegre e bem disposta durante o tempo em que tomava chá com o senhor?

— Certamente.

— Não lhe percebeu alguma preocupação, alguma intranqüilidade?

— Não.

— Não quero tomar-lhe mais o tempo, sr. Pleydell. Compreendo que êste interrogatório lhe deve ser muito penoso; para resumir, não poderia dizer-nos das razões que a levaram a êste suicídio?

— Desgraçadamente não — respondeu êle com aquêle mesmo ar grave.

E acrescentou com entonação de voz bastante emocionada:

— Eu bem o desejaria, meu Deus!

Para Roger o noivo deixava boa impressão e cimentava a opinião de que aquilo tudo estava pouco claro. E o jornalista pensou:

— Que diabo veio aqui fazer o Moresby?...

Os vinte minutos que se seguiram não trouxeram nada de interessante. Era visível a determinação da autoridade para evitar incômodos à condêssa e ao seu quase genro. E como o assunto lhe parecia bastante claro, não era preciso aborrecer mais as principais testemunhas com perguntas ociosas. Por sua vez o júri se mostrava da mesma opinião, tendo proclamado seu "veredictum" nestes têrmos:

"Suicídio cometido no curso de uma loucura passageira".

O salão, que se achava superlotado, foi-se esvaziando lentamente. Roger, então, procurou um jeito de ficar ao lado de Moresby. Conhecia por experiência a capacidade policial dêsse cidadão e a sua discrição em assuntos como êste; assim, o repórter não podia ter a menor esperança de arrancar-lhe algumas palavras; contudo, não esmoreceu e tentou suscitar conversação.

— Ah, sr. Sheringham! — exclamou o inspetor-chefe. Faz muito tempo que não tenho o prazer de vê-lo!

— É exato, Moresby. Venha, então, tomar alguma coisa comigo.

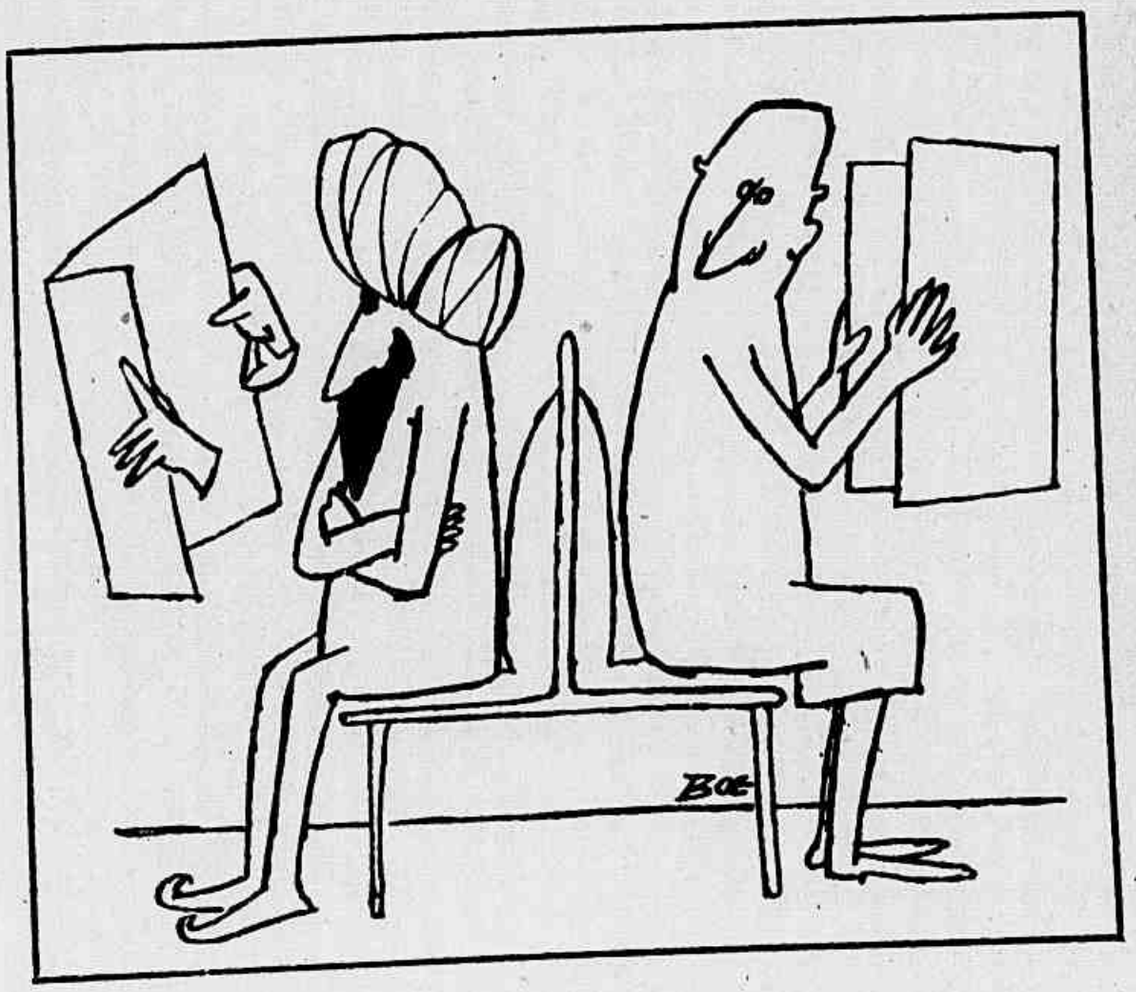
Roger começava o jôgo, e o outro compreendia muito bem as suas intenções ao convidá-lo para um trago. Roger, por sua vez, sabia perfeitamente o que o inspetor estava pensando dessa sua manobra... Era interessante êsse duelo sem palavras, apenas pelo pensamento. Moresby compreendia perfeitamente que Roger não podia ignorar que êle, Moresby, sabia... E ambos se divertiam muito!

A regra do jôgo, que ambos conheciam muito bem, exigia que o jornalista abrisse o fogo. Mas nosso herói não agiu assim. Beberam vários copos de cerveja, conversaram muito, mas sem ferir o assunto de inquéritos judiciais em geral, nem tão pouco sôbre os inspetores da Scotland Yard em particular.

Ao cabo de boa meia hora dêsse beber fraternal, Roger deixou as manobras bordejantes e resolveu entrar diretamente no assunto em que vinha pensando entre os copos de cerveja. No meio de edificante conversa sôbre perfumes e a maneira de cultivar plantas aromáticas, saiu-se Roger com esta pergunta, de chôfre:

— Moresby; também você crê que lady Úrsula tenha sido assassinada?

★



Capítulo VI

Poucas pessoas podem vangloriar-se de haver conseguido sobressaltar um inspetor da Scotland Yard. Entretanto, Roger teve esta satisfação.

— Espere lá, Sheringham! — disse Moresby, um tanto assombrado com a pergunta do jornalista. — Como pode você suspeitar de que lady Úrsula tenha sido assassinada?

Roger não respondeu imediatamente. Sua pergunta o havia agitado tanto, ou mais ainda, do que ao policial; mas, procurou controlar-se e dissimulou sua emoção. Na verdade, o jornalista não tinha desejado chegar ao objetivo de que a morte de lady Úrsula fôsse crime de homicídio. Sua intenção era mais modesta. Queria, apenas, lançar uma "isca" para apanhar uma boa informação por intermédio do inspetor. Apenas **sondar**, saber das razões que levaram Moresby à sessão do tribunal onde se julgava o misterioso suicídio de lady Úrsula. Mas, talvez, pela primeira vez em sua vida, não havia sido feliz na maneira de atirar a **"isca"**...

Reagiu e procurou sair daquele embaraço em que se metera. Era preciso deixar boa impressão em seu amigo. Ora essa! Não seria mesmo um crime? Não havia outra explicação para tantas mortes semelhantes!

— Quer parecer inocente, hein? — disse, entre dentes.

O detetive o encarou, com certo aborrecimento.

— Você está louco, Roger! Que idéia mais absurda!

O jornalista sorveu o resto da cerveja que havia no copo, consultou o relógio e, segurando Moresby por um braço, convidou:

— Venha... Vamos almoçar juntos.

Sem esperar a resposta sôbre o convite, puxou o amigo para fora do bar. O inspetor se deixou conduzir. Roger chamou um táxi e deu o enderêço ao motorista

— Aonde vamos, Sheringham?

— A minha casa. Lá poderemos conversar sem perigo **de surprêsas** em nossa palestra.

Moresby respirou fundamente, como quem diz: "Seja tudo pelo santo amor de Deus!"

Num dos seus momentos de maluquice, estimulado pelos resultados financeiros da venda de seu último romance, Roger alugara um apartamento em Albany. Chegados lá, instalou sua maravilhosa prêsa em bela poltrona e mandou servir o almôço.

Que o leitor não seja muito severo para com o inspetor-chefe Moresby, cuja conduta pode parecer pouco brilhante no desenrolar dêste episódio. É que, se Roger podia exorbitar em suas pesquisas policiais, como cronista especializado, a um homem como Moresby isso não era permitido. Quando a polícia se entrega a investigações sôbre crimes, deve manter a maior discrição, sob pena de ver todo o trabalho desfeito. A imprensa, que, às vêzes, é rigorosa e mesmo rude em suas críticas, merece homenagens da Scotland Yard em certas circunstâncias. Roger sabia disso perfeitamente, e o inspetor não ignorava o que se passava no íntimo de seu amigo ali presente. A situação, porém, desta vez, não era para divertir. O caso se afigurava sério para ambos.

Roger não fêz qualquer alusão ao assunto, antes de ser servido o café e os cigarros, seguindo com isto a melhor tradição dos grandes romancistas, quando tratam dêsses casos.

— E agora, Moresby, conversemos calmamente — diz-lhe o jornalista.

— Como?

— Sim, conversemos. Nada de "blagues", meu caro. Você sabe que eu tenho bom faro. Que faremos?

O inspetor engole o restinho do café que havia na xícara e se dirige ao jornalista:

— Que faremos... sôbre o quê, meu caro Sheringham?

— Bem — disse êle — vou pôr os pontinhos nos **ii**, para que você passe a compreender-me. Quer que eu escreva um artigo, no **Courier**, provando que lady Úrsula deve ter sido assassinada? Assassinada como também o foram Elsie Benham e a desditosa miss Ransome? Devo continuar o meu papel de farejador de delinqüentes, mostrando à polícia como seguir meus palpites, a fim de conseguir vitória

em seus trabalhos? Estou ansioso para escrever êsse artigo.

— É verdade? E por quê?

— Porque acompanhei o caso Unity Ransome, desde sua origem — disse Roger, com ênfase, e não sem dar certa impressão de estar senhor de segredos importantes.

O inspetor-chefe Moresby ficou impressionado com essa manifestação de Roger, apesar das tradições da Scotland Yard em relação aos detetives-amadores.

— Fala sério, Roger? — indagou Moresby, sem ocultar sua admiração. — Acha que se trata de crime, desde que passou a interessar-se pelos casos?

— Sim — respondeu Roger, sem pestanejar. — Não é esta, também, sua opinião?

— Bom... já que é preciso fazermos confidências... sim.

— Mas você não compreendeu isso tão ràpidamente como eu — prosseguiu o jornalista, sem cerimônia. — Foi o caso de lady Úrsula que lhe abriu os olhos?

— Mas eu não tenho, até agora, mais do que simples suspeitas — responde o detetive, firmemente.

Roger puxa algumas baforadas fortes de seu cigarro.

— Sinto que a Scotland Yard tenha suspeitado também que se trata de um crime — disse êle, após uns instantes. — Tinha-me habituado a considerar isto como um **negócio** meu... E não vá pensar agora, que eu o abandone, pelo fato de você estar também metido na sua pesquisa. Espero levar o caso até ao fim. Ademais, meu caro, tenho vantagens de tempo e observação sôbre você.

— Como assim, Sheringham?

— Ouça, meu amigo. Conhece a verdadeira identidade de Unity Ransome?

— Não, sinceramente o confesso.

— Pois eu a conheço — diz Roger, com simplicidade.

Fêz-se ligeira pausa.

— Até onde quer você chegar, Sheringham? — replica Moresby.

— Escute aqui: proponho-lhe minha colaboração. Trabalharemos juntos. Posso ser-lhe bastante útil.

— Útil? Em quê?

— Pergunta **em quê**? Não se faça de ingênuo... Você o sabe perfeitamente. Para começar, possuo certos elementos... Em seguida, chegamos à pessoa do assassino: os detalhes que cercam a morte de lady Úrsula me convenceram de que se trata de uma pessoa da elite, ou, pelo menos, de gente das relações da aristocrata. Como imagino, reconheço que a escolha que fazia de seus amigos não era sempre impecável. Realmente, o assunto se apresenta difícil de deslindar. Nosso assassino é, provàvelmente, um tarado com inclinação para o homicídio, tendências sádicas, mas perfeitamente normal fora de seus momentos de crises de loucura. Não há mais que duas maneiras de agarrá-lo: pegá-lo em flagrante delito, ou conquistar-lhe a confiança e atacá-lo de surprêsa. Está você de acôrdo?

— Tudo isto me parece, realmente, sensato, razoável — reconheceu Moresby...

— Bem. Consideremos a primeira alternativa: é freqüente prender-se em flagrante delito um maníaco dessa espécie? Não, sabe você muito bem. Resta então o último recurso. Desculpe-me, Moresby, mas crê você ser o homem de que precisamos para conquistar a confiança dêsse indivíduo? Sejamos razoáveis. Suponhamos que se tratasse de antigo aluno de

★

Eton, membro do Clube de Oxford e Cambridge, por exemplo. Acha você que um homem dêsse naipe iria fazer-lhe confidências? Você não poderia fazer parte de seu círculo social e aproximar-se dêle.

— Compreendo o seu ponto de vista, Roger — diz Moresby a sorrir. — Não é uma razão desinteressante. Mas, permita-me que lhe esclareça, possuímos, lá na Scotland Yard, funcionários que poderiam, fàcilmente, corresponder a essas condições. E saiba que o diretor adjunto fêz seus estudos em Eton.

— Mas, pensa você — replica Roger, com ironia — que um criminoso dessa envergadura, com, pelo menos, três mortes em sua consciência, vai fazer confidências a um alto funcionário da polícia? Não se faça de ingênuo, Moresby. É, justamente nesse ponto que minha situação vai ser-lhe útil. Não há nenhuma ligação entre a Scotland Yard e mim; escrevo romances; eis tudo. Nosso bandido, de certo, não leu um só número do **Courier**.

— Reconheço o bom fundamento de suas observações, Roger. No caso de recusa de minha parte, iria agir sòzinho?

— Apenas me consideraria livre para escrever os artigos que bem desejasse — esclarece Roger, com dignidade.

— Hum!

O inspetor parecia ruminar uma idéia, conscienciosamente.

— Bem... estou, sem dúvida, interessado no assunto, neste momento. Mas não estamos ainda convencidos de que se trata de crime. Seu artigo sôbre a sugestão que certas formas novas de suicídios exercem em pessoas emotivas, chocou-me bastante.

— Ah! Leu meus artigos? — perguntou Roger, possuído de satisfação infantil. — Mas lady Úrsula não era mulher que se deixasse sugestionar. O caso é diferente. Falaremos disso de outra vez. Vamos ao que serve agora: vai ou não aceitar os meus serviços?

— Serei obrigado a consultar os chefões — respondeu Moresby.

— Claro! E você vai obter tôdas as autorizações necessárias — replica o jornalista, sem modéstia.

Moresby ainda rumina uma desculpa e diz:

— Evidentemente, não contesto que você possa ajudar-nos nesse assunto, Roger. Além de tudo, tem você qualidades preciosas. O fato de haver suspeitado ser crime, desde a morte da jovem Ransome, é a prova... Bem, estamos de acôrdo. Vou solicitar autorização para admiti-lo ao serviço da Scotland Yard, logo que chegar ali.

— Bravos! — exclama o jornalista, com entusiasmo. — Um brinde!

E tocaram os copos cheios de fino conhaque. Roger passou então a pôr seu amigo a par de tôdas as suas diligências em tôrno do suicídio de Unity Ransome, a delicada e inteligente Janet Manners, ficando combinado entre êles que a verdadeira identidade dela não seria divulgada senão em caso de absoluta necessidade. Era para evitar à enlutada família um sofrimento inútil. O inspetor aceita a condição e felicita Roger, calorosamente, por sua perspicácia, o que se justificava, pois já não se tratava de rivalidades, e sim de estreita colaboração. O próprio Moresby reconheceu ter ido ao apartamento de Sutherland Avenue, mas sem resultados apreciáveis.

— Como se levantou na Scotland Yard a suspeição de que se podia tratar de crime, no caso de lady Úrsula? — perguntou Roger, depois de narrar tudo o que sabia.

— Por um fato que você ignora, Roger — replica o inspetor. — Ao examinar o corpo de lady Úrsula, o nosso médico descobriu certas equimoses nos punhos da morta. Eu as vi, e, apesar de pouco nítidas, juraria que aquela mulher teve os punhos amarrados durante um certo tempo. Ora, ela não podia amarrar-se por si mesma.

— Realmente. E os outros dois casos?

— Nada foi notado de mais importante, até agora. Mas tomaremos as necessárias providências.

— Farão exumações? Perfeitamente. E agora, Moresby, qual a sua teoria?

— Você tabe que não costumamos armar teorias, lá na Scotland Yard. Ao contrário da polícia francesa, trabalhamos primeiramente com os dados materiais, sem fazer hipóteses. Mais limitados em nossa atuação do que sucede com a **Sureté**, aqui não usamos de **bluff** como lá, o que nos é mesmo proibido, de maneira que temos que

seguir as pistas e ver até onde elas nos levam.

— Muito bem. Vejamos essas pistas. Por onde vamos começar?

Moresby olha o relógio.

— Chi! Já é muito tarde — exclama êle, como se estivesse surpreendido. — Desculpe-me, Roger, mas tenho que regressar imediatamente à Scotland Yard. Devem estar estranhando minha inexplicável demora.

Roger compreendeu que o inspetor desejava, em primeiro lugar, obter as necessárias autorizações, antes de discutir com êle o plano a seguir. E sorriu, bastante satisfeito, com os resultados daquele almôço em companhia do sagaz Moresby.

Capítulo VII

Lá pelas vinte e uma horas daquela mesma noite, e em resposta a discreto convite telefônico de Roger, o inspetor-chefe voltou a vê-lo provido de tôdas as autorizações necessárias. Nosso herói o recebeu com visíveis demonstrações de contentamento. Instalaram-se ao pé do fogo e acenderam os cachimbos.

— A propósito, leu o "Evening Clarion"? — perguntou Moresby, tirando do bôlso um exemplar do jornal. — Vocês, jornalistas, são muito amolantes.

Passando-lhe a fôlha, indicou certas linhas da coluna em que se tratava do inquérito sôbre a morte de lady Úrsula. Roger leu:

"A presença discreta de um alto funcionário da Scotland Yard nos fêz crer que a polícia não está de todo satisfeita com a situação dêsse caso. Parece, pois, que certos aspectos do assunto ainda estão por esclarecer. Não queremos concluir que a simples presença do inspetor-chefe demonstre ter a Scotland Yard suas suspeitas; mas isso nos leva a julgar que êsse drama não está encerrado definitivamente."

— Muito hàbilmente redigido — foi o comentário de Roger. — Que o diabo o carregue — ajuntou, com indiferença.

— Aborrece isso — diz Moresby. — Minha presença ali foi quase imperceptível e me limitei a "alôs", de simples cortesia, coisa natural. Espero que não tenhamos nenhum embaraço. Mas comentários assim são muito incômodos, quando se está no propósito de levar um caso sério com a necessária discrição. Graças a Deus, ainda ninguém se lembrou de falar no caso de Monte-Carlo.

— Que caso foi êsse?

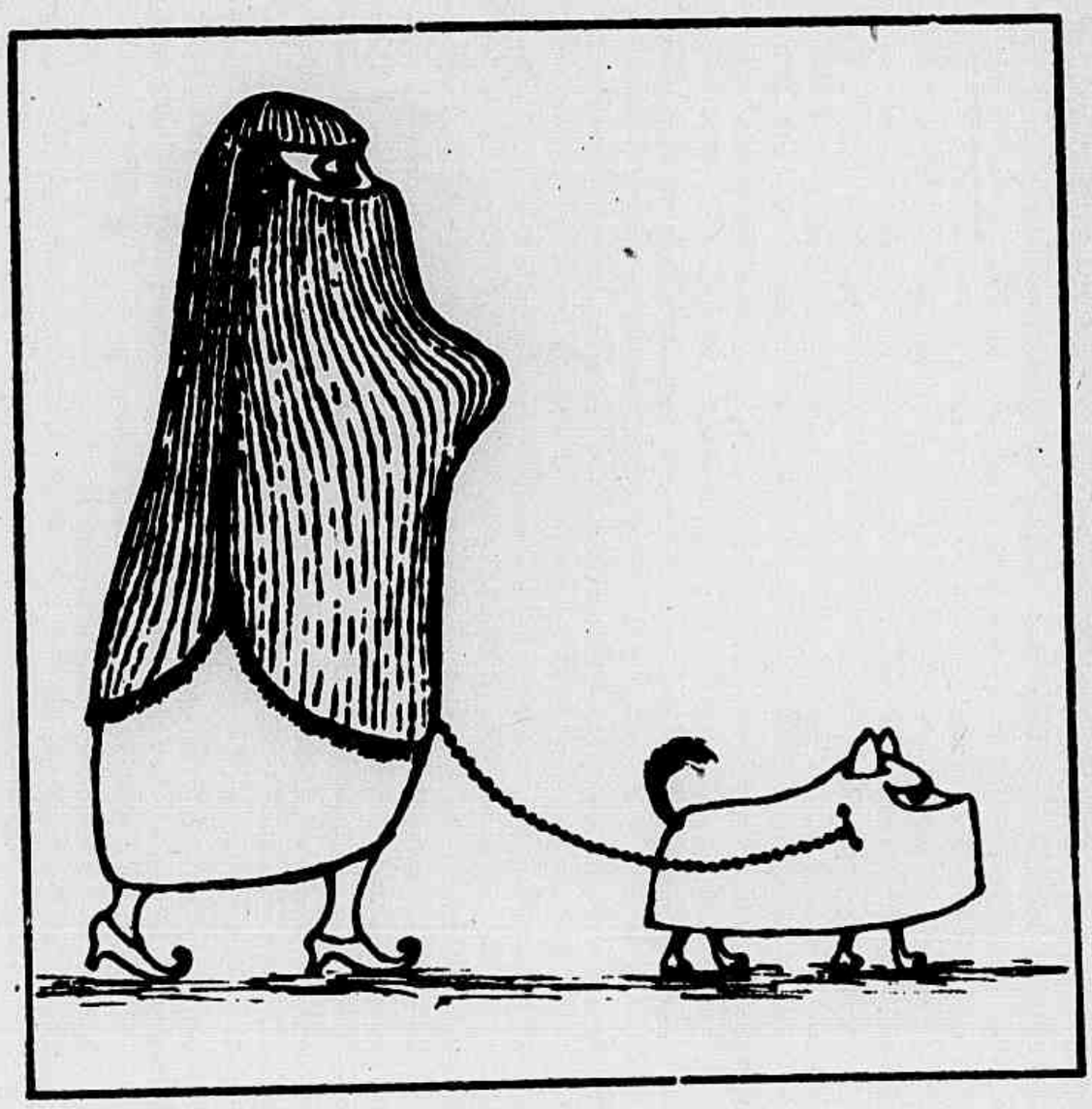
— Será possível, Sheringham, que você o ignore? — ironizou Moresby. — Pois bem. O fato se passou em Monte-Carlo em fevereiro último. Encontrou-se num quarto de hotel, uma mulher morta. E nas mesmas condições dessas que nos interessam. Como a infeliz havia perdido todo o seu dinheiro no cassino, concluiu a polícia que se tratava de suicídio. O processo foi arquivado, como era de esperar, e ficou o caso por isso mesmo.

— Em fevereiro? — quis saber Roger. — Essa particularidade podia ser-nos útil.

— Não temos nada que ver com os crimes lá de fora — diz Moresby, com entonação de enfado. — Mesmo que se tratasse de homicídio perpetrado pela mesma pessoa. Esta morte... e a carta...

— A carta? Ah! A mensagem deixada por lady Úrsula. Evidentemente que eu já o havia compreendido bem, pois supus se tratasse mesmo de crime, e essas cartas devem apresentar significado muito diferente daquele que fazem crer. O assassino é um homem inteligente, Moresby, pode estar certo disso.

★



— De acôrdo. Mas a mensagem de lady Úrsula é mais interessante que as outras. Se ela foi mesmo assassinada, essas linhas devem significar qualquer coisa de muito diferente, como você o julga, e muito bem. Ora, elas foram traçadas sôbre uma fôlha de papel que havia sido dobrada. E aqui está o importante. Eu lha mostrarei, lá na Scotland Yard, quando você quiser.

— Compreendo — diz Roger. — Não fôra colocada perto do cadáver em um envelope; ou melhor dito, esta carta deveria encontrar-se antes, em um outro envelope, e, portanto, não deveria ter sido escrita naquela ocasião.

— Num envelope, ou no bôlso de alguém. O papel apresenta traços de fricção na dobra, como se houvesse passado muitos dias no bôlso. Descubra a pessoa que preparou isto, Sheringham, e você terá a chave da solução do mistério. É a única indicação séria que temos, e eu a julgo essencial.

— De acôrdo — respondeu Roger.

Mas o jornalista não estava assim tão convencido como deixara transparecer. Scotland Yard tinha suspeitas frágeis, como as palavras de Moresby deixavam perceber. Roger pensava em outros planos, e não desejava obedecer ao sistema de cabresto em suas pesquisas. Era possível que isso desse resultados em outros casos; mas o jornalista desejava enfrentar o trabalho de investigações no seu conjunto, sob todos os ângulos. Estava certo de que faria boa dupla com Moresby, que seguiria sua linha, e êle, a do inspetor-chefe.

E os dois passaram a conversar sèriamente.

Durante a meia hora que se seguiu, Roger ficou muito bem impressionado com o bom-senso de seu colega, que demonstrou possuir sólidos conhecimentos de psicologia e de história criminal. Conhecia tudo isso muito mais que Roger.

À medida que a palestra prosseguia, não foi Roger o único a fazer descobertas. O inspetor-chefe estava convencido, até então, que o colaboradcr do **Courier** nada mais era que um amador espiritual, muito preocupado em levantar hipóteses na areia, para procurar explicá-las depois. Mas Moresby ficou muito bem impressionado com o seu companheiro, pelo modo por que Roger conduzia seus raciocínios, indo do distinto ao essencial. Tôdas as suas apreensões quanto ao valor de Roger foram postas de lado, e Moresby passou a ver o rapaz com muito mais confiança.

Para selar o pacto, Roger se ergue e enche novamente, de cerveja, os grandes copos já vazios. A bebida, de bela côr castanha, provinha de pequeno barril conservado num compartimento vizinho. Ó garôtas! Desconfiem tanto dos homens que não bebem cerveja escura, como das jovens que não usam pó-de-arroz na ponta do nariz!

— Parece-me — disse Roger, ao assentar-se novamente — que abusamos das generalidades. Vamos ordenar as coisas. Em primeiro lugar, as mortes em si mesmas. Estamos de acôrdo no ponto em que ambos julgamos que não se trata de coincidências. Tratemos, pois, de reconstituir o crime.

— Ouvi-lo-ei, Roger, com a maior atenção.

— Ora bem. Aqui vai minha hipótese. Em primeiro lugar o criminoso escolheu a vítima com muito cuidado; devia ela reunir certas condições, dentre outras, a de conhecê-lo bastante, para não temer sua presença. O momento desejado deveria ser também escolhido com igual cautela; a vítima deveria estar só, e assim permanecer, durante uma meia hora depois. Mas tudo isso é elementar...

— Não vejo nenhum mal em recordar os aspectos elementares do caso — diz o inspetor-chefe, a fitar as chamas do fogão.

— Desde que se apresentasse a ocasião, o nosso homicida procurava organizar a coisa, de forma a anular qualquer veleidade de defesa ou resistência em casa da vítima. É claro que ela não vai deixar-se pegar sem protesto, nem entregar sua própria meia de sêda ao carrasco, para que êste a enforque. Nenhuma dessas mulheres, contudo, apresentava vestígios de ter sustentado uma luta. Não podemos mesmo afirmar que as marcas em volta dos pulsos de lady Úrsula sejam significativas. Qual foi, pois, o meio empregado para levá-las ao **suicídio?**

— Cruel enigma — disse Moresby.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM DEZEMBRO DE 1955

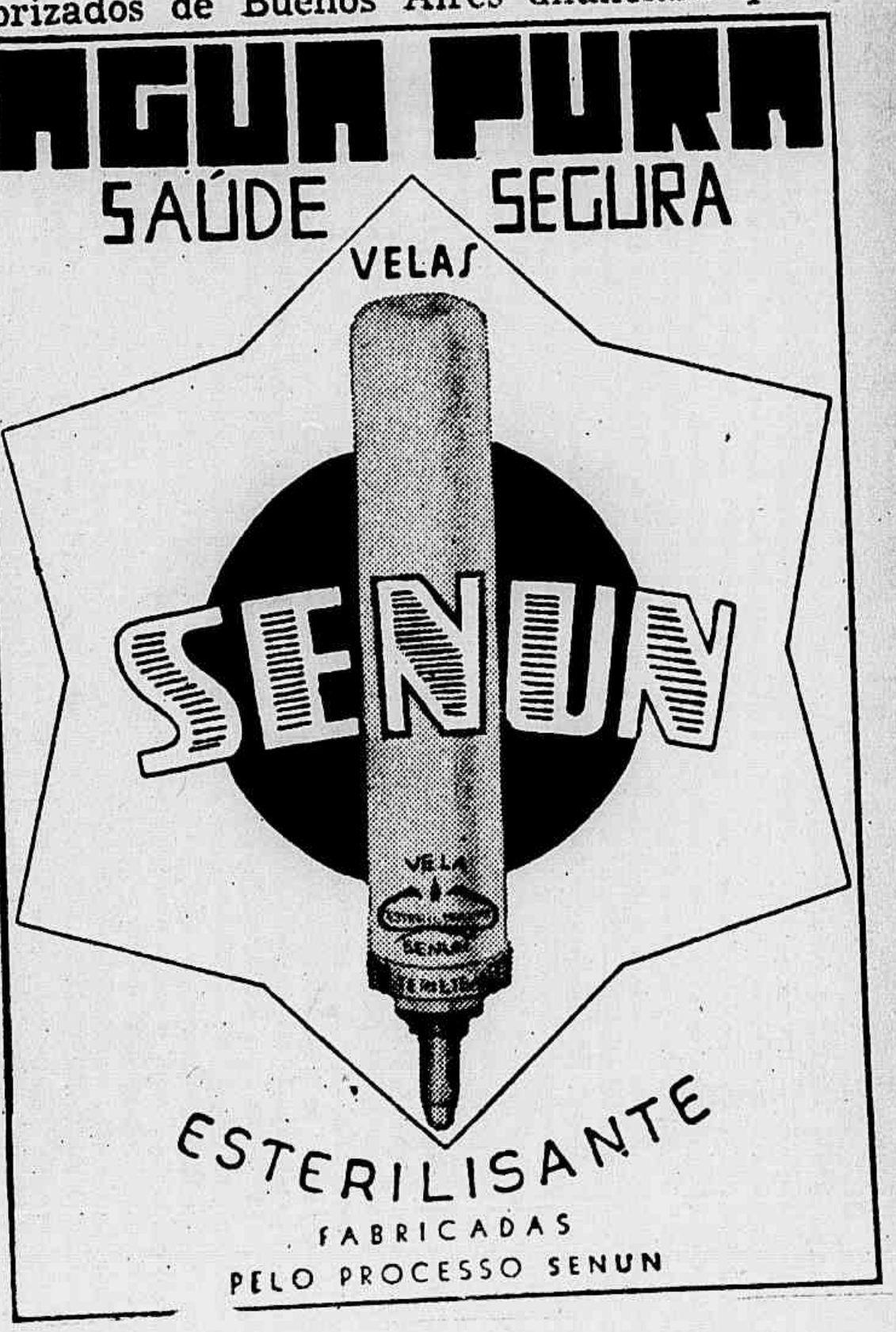
1 — **QUINTA-FEIRA:** — O sr. Edgard Faure, presidente do Conselho, apresenta ao presidente Coty o decreto de dissolução da Assembléia Nacional francesa. — Os comunistas da Alemanha Oriental proclamam que Berlim lhes pertence, e que os Estados Unidos, a Inglaterra e a França devem obedecer às leis orientais alemãs. — E nas Nações Unidas a representação indiana faz um apêlo em favor da suspensão de tôdas as experiências e explosões de armas atômicas e termo-nucleares (hidrogênicas). — Enquanto a questão egípcio-israelita continua sem solução, tendo o govêrno de Israel manifestado desejo de comprar armas ao Canadá.

2 — **SEXTA-FEIRA:** — O premier Edgard Faure assina o decreto que dissolve a Assembléia Nacional francesa, frustrando, assim, qualquer tentativa de interferência nos seus planos de eleições gerais na França, em janeiro. Êste fato determina a expulsão de Faure do Partido Radical. — Uma revista inglêsa comentando a reviravolta na política russa com relação à Espanha de Franco afirma que o "generalíssimo não é mais considerado pelos moscovitas como um reacionário e um fascista". — E em Buenos Aires ocorrem novos e violentos conflitos entre peronistas e os partidários da aual situação.

3 — **SÁBADO:** — O ministro das Relações Exteriores de Portugal, sr. Paulo Cunha, deixa Washington com destino a Norfolk. — E os círculos oficiais britânicos recebem com satisfação a decisão tomada pelo govêrno grego no sentido de não recorrer às Nações Unidas para tentar solucionar o caso da ilha de Chipre. — Enquanto os Estados Unidos continuam apoiando firmemente as Filipinas em sua aspiração a um pôsto no Conselho de Segurança das Nações Unidas. — Na França, os partidos rivais acusam-se uns aos outros de fazerem uso ilícito e parcial das rádios e televisões do govêrno, com finalidades eleitorais.

4 — DOMINGO: — Anuncia-se oficialmente que o premier da Grã-Bretanha, sir Anthony Eden, fará uma visita aos Estados Unidos, a fim de conferenciar com o presidente Eisenhower. — O govêrno americano encareceu às Nações Unidas que apóiem o plano de Eisenhower de inspeção aérea, para que "sentinelas da paz" voem sôbre êsse país e a Rússia. — O presidente Batista, em declarações à imprensa, adverte aos estudantes de Cuba de que "as desordens que os mesmos vêm provocando devem cessar, e cessarão."

5 — SEGUNDA-FEIRA: — Círculos autorizados de Buenos Aires anunciam que



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editôra
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

é pensamento do govêrno argentino colocar fora da lei o Partido Comunista dêsse país. — A Rádio de Moscou revela que George Malenkov foi promovido a primeiro vice-presidente do conselho de Ministros. — Morre, em conseqüência de uma hemorragia cerebral o famoso construtor de aviões Glenn Martin, pioneiro da aviação. — Na Argélia, cêrca de 40 pessoas morrem em uma encarniçada batalha de rua travada entre nacionalistas argelinos e tropas francesas num povoado situado a pouca distância da fronteira tunisiana.

6 — TÊRÇA-FEIRA: — O sr. Foster Dulles reafirma e defende seu recente pronunciamento de que Goa é, realmente, uma província de Portugal. — Os parlamentares trabalhistas inglêses estão na expectativa de uma comunicação oficial de que Clement Attlee abandonará a direção do partido e da sua bancada na Câmara dos Comuns. — Mais uma vez a Assembléia Geral das Nações Unidas não consegue eleger o país sucessor da Turquia no Conselho de Segurança. — O Partido Socialista francês concorda em unir-se aos Radicais Socialistas de Piérre Mendés-France em uma nova aliança de esquerda para derrotar o primeiro ministro Edgard Faure e seus aliados direitistas nas eleições do próximo dia 2 de janeiro.

7 — QUARTA-FEIRA: — Clement Attlee demite-se do pôsto de líder do Partido Trabalhista Britânico. "Minha decisão é efetiva a partir dêste momento" — declara o ex-presidente do Conselho de Ministros, ao anunciar a sua renúncia. — É aprovada pela Comissão Política Especial das Nações Unidas a resolução canadense, recomendando a admissão dos dezoito países candidatos àquela organização. — E na Argentina, é abortada pelas autoridades uma conspiração militar contra o govêrno do presidente Pedro Aramburu.

8 — QUINTA-FEIRA: — Em virtude da terrível onda de terrorismo em Chipre, as autoridades britânicas vasculham todos os mosteiros da ilha. — Jornais indianos de todos os matizes políticos levantam uma verdadeira tempestade de protestos contra a atitude do secretário de Estado americano, sr. John Foster Dulles, diante da questão da colônia portuguêsa de Goa. — Na Inglaterra, deflagra-se a batalha pela sucessão do sr. Clement Attlee à frente do Partido Trabalhista. Adianta-se que o provàvel sucessor será o sr. Morrison.

9 — SEXTA-FEIRA: — Em importante discurso sôbre o sistema político das democracias, o sr. Foster Dulles inaugura uma nova fase na luta contra o comunismo internacional afirmando que "um sistema político combinado de permanente sobreaviso e firme resistência, dará ao Ocidente um sólido fundamento para a paz". — O marechal Bulganin, ora em visita à Cachemira, refere-se ao território litigioso dessa região como "esta parte setentrional da fndia", chamando ainda os seus habitantes de "parte do povo indiano".

10 — SÁBADO: — Inicia-se no Conselho de Segurança das Nações Unidas, o debate final sôbre a admissão de dezoito países no organismo internacional. — O "Osservatore Romano", em artigo publicado, confirma a visão de Jesus Cristo que o Papa Pio XII teve por ocasião da sua moléstia do ano passado. — As tropas britânicas e a polícia empregam bombas lacrimogêneas para dispersar uma manifestação dos estu-

dantes secundários da ilha de Chipre, que percorriam as ruas gritando "slogans" antibritânicos.

11 — DOMINGO: — Um porta-voz militar israelita declara que as cifras finais das baixas sírias na batalha desferida na fronteira de Israel, são de 55 mortos e 29 prisioneiros. — Os líderes soviéticos, ora na Índia, convidam Ghulam Mohamed e o chefe de Estado da Cachemira a visitarem a Rússia. — O ministro do Exterior de Portugal, sr. Paulo Cunha, chega a Otawa para uma breve visita oficial. — Chegam a Berlim Oriental centenas de prisioneiros de guerra alemães que se encontravam na União Soviética.

12 — SEGUNDA-FEIRA: — As declarações feitas por Bulganin, segundo as quais a "Cachemira faz parte integrante da Índia", levantam uma tempestade de protesto no Paquistão. — O govêrno francês assume a decisão de reconhecer a existência do caso de fôrça maior na Argélia e adiar, conseqüentemente, as eleições. — A Espanha declara que não reconhecerá qualquer modificação na situação do Marrocos, caso as negociações sejam realizadas sem a sua participação. — Chega a Caracas o ex-presidente argentino, general Eduardo Lonardi, acompanhado de sua espôsa e filhos.

13 — TÊRÇA-FEIRA: — A delegação síria na O.N.U. solicita ao Conselho de Segurança para discutir o recente ataque dos israelenses a posições sírias. — O marechal Bulganin, primeiro ministro da União Soviética, declara que "as relações entre a Rússia e a Índia são um formidável exemplo da amizade e da cooperação de dois Estados com sistemas políticos diferentes". — Falece em Lisboa o famoso cientista português, prof. Egas Moniz, Prêmio Nobel da Medicina. — A França concorda, finalmente, em devolver à Alemanha o disputado território do Sarre, mas insistindo na preservação dos seus interêsses econômicos nessa rica área industrial. — Os chefes militares da Aliança Atlântica consideram que o perigo que representa o poderio militar da Rússia é, agora, "maior do que nunca". — Segundo fontes oficiais, a Jordânia teria decidido aderir ao Pacto de Bagdad.

14 — QUARTA-FEIRA: — O sr. Hugh Gaitskell é eleito líder do Partido Trabalhista britânico na vaga aberta com a renúncia do ex-primeiro ministro Clement Attlee. — As autoridades britânicas colocam fora da lei o Partido Comunista de Chipre, numa súbita decisão para eliminar a sua crescente influência na campanha pela união com a Grécia. — E a União Soviética pede uma reunião especial do Conselho de Segurança, a fim de ser reexaminada a questão da admissão de novos membros nas Nações Unidas. — Anuncia-se de Londres que o primeiro ministro Anthony Eden encontra-se enfêrmo.

15 — QUINTA-FEIRA: — O primeiro ministro do Egito declara que no caso de Israel "repetir a agressão contra as fron-

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO
PRINCIPE Hotel
BAR RESTAURANTE
A LA CARTE
Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00
Sem mais acréscimos
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

teiras sírias ou egípcias" o Egito lançará o grosso do seu exército contra Israel. — A União Soviética veta a admissão do Japão às Nações Unidas, por proposta dos Estados Unidos no Conselho de Segurança. — O sr. Markus Felomann é eleito presidente da Suíça por 161 votos num total de 227 votantes. — O povo indonésio comparece às urnas pela segunda vez nos três últimos meses para eleger a Assembléia Constituinte que terá o encargo de redigir a Constituição definitiva da República Indonésia.

16 — SEXTA-FEIRA: — O comunicado final OTAN, aprovado pelas quinze nações do Conselho do Pacto do Atlântico afirma que a atual tática no Oriente Médio e na Ásia coincide com o aumento do poderio militar da Rússia e "cria novos problemas e põe o mundo livre diante de um dilema". — O ministro do Exterior de Portugal, sr. Paulo Cunha, declara à imprensa ter esperança de que a Espanha venha a ser aceita na OTAN. — Enquanto a delegação da Síria às Nações Unidas faz ver ao Conselho de Segurança que o problema atualíssimo do Oriente Médio é o iminente perigo de uma guerra.

17 — SÁBADO: — O general Eduardo Lonardi, ex-chefe do govêrno Argentino, chega a New York a bordo do navio "Rio Tunuvan", vindo de Buenos Aires. — E a questão egípcia-israelita agrava-se a tal ponto que círculos bem informados chegam a considerar iminente a guerra entre os dois países. — Enquanto a polícia argentina comunica haver desarticulado uma trama contra o govêrno do general Pedro Aramburu, com a prisão de quinhentas pessoas dadas como conspiradoras. — O papa Pio XII nomeia monsenhor Ottone Mota, bispo titular de Uzita, para servir como auxiliar do arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal Dom Jaime Câmara.

18 — DOMINGO: — Diante do fracasso completo, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha farão novos esforços para romper o impasse sôbre a eleição do novo membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas. — O govêrno nacionalista do primeiro ministro S. Bekkai, procurando tranqüilizar o agitado Marrocos, concede importantes poderes executivos aos 13 governadores provinciais do protetorado. — O primeiro ministro do Afganistão declara que o acôrdo do seu país com a Rússia não contém nenhuma cláusula secreta nem imposta em aliança militar.

19 — SEGUNDA-FEIRA: — Segundo fontes oficiais, o Parlamento do Sudão, antecipando-se ao plebiscito para êsse fim, proclama a independência do país, sob forma de govêrno republicano. — O primeiro ministro da Jordânia, partidário ferrenho da colaboração com o Ocidente, resolve apresentar sua renúncia e convocar eleições gerais para breve. — Após a visita de cinco dias ao Afganistão, regressam à União Soviética os líderes Nikolai Bulganin e Nikita Khruchtchev.

20 — TÊRÇA-FEIRA: — O sr. Anthony Eden, primeiro ministro britânico, anuncia radicais mudanças no seu gabinete, com a substituição dos ministros da Fazenda e do Exterior. — Durante a sessão de encerramento dos trabalhos anuais da Assembléia Geral das Nações Unidas, realiza-se o preenchimento da vaga do Conselho de

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

Segurança, para a qual foi eleita, no 36.º turno de escrutínio, a Iugoslávia. — A imprensa americana afirma que a situação do Brasil quanto a seu comércio exterior melhorou apreciàvelmente no terceiro trimestre dêste ano, em conseqüência do grande volume de café enviado aos mercados.

21 — QUARTA-FEIRA: — Volta a reinar calma na Jordânia, e isto porque o primeiro ministro prometeu restabelecer a ordem e convocar eleições para decidir se êste país árabe aderirá à Aliança do Pacto de Bagdad, apoiada pelos Estados Unidos. — Perigo de novas violências no Marrocos surgem quando os governadores provinciais nomeados pelo Sultão chegam aos seus respectivos lugares com a missão de restabelecer a paz e a ordem. — A Cambódia celebra o seu ingresso nas Nações Unidas, decretando um feriado nacional de dois dias — hoje, 21, e amanhã, 22 de dezembro.

22 — QUINTA-FEIRA: — O comando das fôrças armadas do Paraguai publica um comunicado anunciando que o incidente verificado no seio da guarnição de Campo Grande, perto de Assunção, fôra favoràvelmente solucionado. O comunicado reafirma que reina tranqüilidade em todo o território da República. — O govêrno indiano resolve estabelecer relações diplomáticas com a Mongólia Exterior e trocar com êste país representantes diplomáticos, na categoria de embaixadores.

23 — SEXTA-FEIRA: — Portugal pede à Côrte Internacional de Justiça, com sede em Haia, que ordene que a Índia lhe devolva os diminutos territórios de que se apoderou no passado. — O principal conselheiro do primeiro ministro Edgard Faure afirma que "é absolutamente falso" o rumor de que a França está enviando, apressadamente, 60.000 soldados de refôrço à turbulenta Argélia. — O vice-ministro do Exterior da Índia acusa o Paquestão de violar o território indiano na região de Great Rann e de manter atividades que constituem violação de território.

24 — SÁBADO: — As negociações secretas realizadas pela Grã-Bretanha para solucionar a crítica disputa a respeito da colônia de Chipre caem num verdadeiro impasse, segundo fontes autorizadas. — O govêrno boliviano concede anistia a 135 presos políticos, entre os quais encontra-se o general Bernardino Bilbao, candidato à presidência da República nas últimas eleições. — Informações provenientes de Buenos Aires asseguram que a situação político-militar do Paraguai ainda se mantém incerta, acrescentando que a Marinha de Guerra, até então alheia aos acontecimentos, está prestes a nêles tomar parte. — Em sua Mensagem de Natal, o papa Pio XII faz um apêlo a favor da proibição das armas atômicas e do contrôle dos armamentos em geral.

25 — DOMINGO: — A crise ministerial peruana tem seu desfecho com a nomeação, pelo presidente Odria, de outro ministério, que acaba de prestar juramento. — A polícia francesa prende um "débil mental" que colocou uma bomba-relógio na Basílica do Sagrado Coração (Sacre-Coeur de Montmartre), a qual, por pouco não foi pelos ares. — Um novo levante militar, na

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ..... **Nº** .....

RUA ..... **ESTADO** .....

CIDADE .....

Argentina, visando derrubar o govêrno provisório do general Pedro Aramburu, é sufocado pela rápida intervenção do comando do 2.º Exército, com sede em São Luís.

26 — SEGUNDA-FEIRA: — O generalíssimo Chiang-Kai-Shek, presidente da China Nacionalista, declara que está cada vez mais próximo o momento do contra-ataque nacionalista à China Comunista. — São eleitos respectivamente presidente e vice-presidente do Tribunal Federal de Recursos os srs. Cunha Melo e Alfredo Bernardes. — Na véspera do Natal, os serviços soviéticos de informação irradiaram a mensagem de Natal do Sumo Pontífice, e principalmente a passagem reclamando a proibição das armas atômicas e de hidrogênio.

27 — TERÇA-FEIRA: — As duas Câmaras do Soviet Supremo prosseguem os debates em sessões separadas. Serão encerradas as discussões a respeito do orçamento, da ratificação dos decretos do Presidium e do problema das trocas de delegações parlamentares. — Tropas britânicas empreendem duas operações de grande envergadura à procura de suspeitos e de armas, uma ao norte de Chipre e a outra em Nicósia. — Três aviões egípcios violam o território israelita, logo após uma breve escaramuça entre patrulhas dos dois países, perto da zona de Gaza. — O sr. Mendès-France convida o sr. Antoine Pinay, ministro do Exterior, George Bidault, ex-premier, e o líder comunista Jacques Duclos para um debate público no Parque das Exposições de Paris.

28 — QUARTA-FEIRA: — Nos círculos do Vaticano declara-se que o Papa Pio XII está disposto a servir de mediador entre o leste e o oeste em busca de um pacto internacional para impedir uma guerra nuclear. — Anuncia-se de Moscou que o Conselho das Nacionalidades do Soviet Supremo aprovou o "Orçamento da Paz". — O presidente Tito, da Iugoslávia, chega ao Egito em visita oficial ao premier Gamal Nasser. — O govêrno tunisiano resolve convocar eleições gerais para princípios do próximo ano, a fim de eleger uma Assembléia Constituinte que deverá redigir a primeira constituição do país. — O líder terrorista comunista Chin Peng emerge das selvas da Malaia, para sua primeira conferência com o govêrno do país, destinada a pôr fim às guerrilhas que há 8 anos assolam aquela região.

29 — QUINTA-FEIRA: — O sr. Nikita Khrushtchev, secretário do Partido Comunista Soviético, acusa o presidente Eisenhower de intervir "brutalmente" nos assuntos da Europa Oriental com a sua mensagem de Natal. — Os Estados Unidos

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS

Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95
Telefone 43-8968
End. Telegr.
« B A N C O C I O »
Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

respondem, oficialmente, ao pedido de "esclarecimentos" da Índia, acêrca da declaração conjunta luso-norte-americana sôbre Goa, feita em dois do corrente. Ignora-se ainda em que consiste a resposta norte-americana, mas espera-se que a declaração dê à Índia garantias de segurança sôbre a atitude dos Estados Unidos com respeito a Goa.

30 — SEXTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower, respondendo aos líderes da Rússia Soviética, desmente categòricamente que seja um expoente da intervenção na Europa Oriental. — Os comunistas da Alemanha Oriental reconsideram sua ameaça de bloquear a passagem das barcaças que transportam abastecimentos vitais para Berlim Ocidental. — Pela primeira vez na história, os líderes da União Soviética convidam os chefes de missões diplomáticas acreditados em Moscou para uma festa de Ano Novo no Kremlin.

31 — SÁBADO: — O premier Edgard Faure e seu principal adversário Pierre Mendès-France dirigem esta noite suas exortações finais ao eleitorado. — O primeiro ministro Nikolai Bulganin, em sua saudação do ano novo ao presidente Eisenhower declara confiar em que "o espírito de Genebra", engendrado pela Conferência dos Chefes de Estado das 4 potências "não se deixará enterrar". — Sir Winston Churchill acusa os russos de tergiversar estranhamente, na prática, suas palavras sôbre a co-existência pacífica, mediante a provocação de uma corrida armamentista no Oriente Médio. — Em discurso pronunciado no Cairo e transmitido pela emissora de Belgrado, o marechal Tito condena formalmente o colonialismo.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A história da civilização de um povo não é mais do que a história do seu progresso intelectual; e nesta história é a da linguagem uma parte integrante, ou para melhor dizer, essencial." — FRANCISCO JOSÉ FREIRE

— o —

A LÍNGUA QUE FALAMOS

Carta de jovem leitora (A.G., Rio) novamente me leva a assunto de que tratei pelo menos duas vêzes, através destas páginas, desde o aparecimento da seção, em 1944. O tempo não modificou minha primitiva opinião, que, ao contrário, tem sido corroborada pela leitura de mestres.

Assim foi que, em 1946, escrevi nestas colunas:

"O nosso falar ainda não se reveste daquelas características indispensáveis à vida autônoma de um idioma.

— Que diferenças substanciais podem ser assinalados num estudo comparativo entre páginas da literatura daqui e dalém mar? Quem lê Machado de Assis ou Coelho Neto não entende Eça de Queiroz ou Júlio Dantas?

Nem o próprio José de Alencar, com os recursos do seu gênio, conseguiu levantar as barreiras que sepaarriam, artificialmente, a língua de Camões da do nosso não menos clássico Gonçalves Dias.

Os fenômenos lingüísticos independem da vontade dos homens, estando a evolução dêles subordinada às condições biológicas do povo. Não se precipitam os fenômenos glóticos." (EU SEI TUDO, abril, 1946.)

Em 1949, reiterei o meu entendimento (EU SEI TUDO, maio), já então transcrevendo o parecer da Comissão designada, nos têrmos do art. 35 do Ato das disposições transitórias apenso à Constituição de 1946, para opinar sôbre a denominação do idioma nacional. Tal parecer, publicado em "Arquivos", revista do Ministério da Educação, é trabalho erudito, que honra a cultura nacional e confirma o alto conceito dos ilustres opinantes.

Lê-se, no aludido documento:

"É inteiramente falso dizer-se que assim como do latim vulgar transplantado do ocidente da Península Ibérica resultou o idioma português, assim do português trazido para o Brasil, resultou a língua brasileira. Proceder dêsse modo é comparar fatos diversos, e a conclusão a que se chega, percorrendo semelhante caminho, será, forçosamente, errada."

"Os estudos lingüístico, sérios e imparciais, aplicados ao Brasil, fazem-nos concluir que a nossa língua nacional é a língua portuguêsa, com pronúncia nossa, algumas leves divergências, sintáticas em relação ao idioma atual de além-mar, e o vocabulário enriquecido por elementos indígenas e africanos e pelas criações e adoções realizadas em nosso meio."

Clóvis Monteiro integrou a aludida Comissão, e emitiu notável e substancioso parecer. Êsse parecer, cuja leitura recomendo, constitui, a meu ver, a última palavra sôbre o assunto, que vem sendo discutido desde o século XIX, quando surgiu o Romantismo no Brasil. A luz da ciência da linguagem, conclui o eminente professor, talvez de modo decepcionante para muitos opositores: "Não há problema de língua nacional no Brasil."

Aí fica, A. G., o meu depoimento sôbre a matéria.

JOSÉ RICARDO NETO

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

LUTÉRCIO
SECRETARIO

ANO XXXIX — Nº 9 — FEVEREIRO — 1956
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSILABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇAO DE DIFUSAO DO CHARADISMO, NAO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

PRIMEIRO TORNEIO

Janeiro-Fevereiro-Março

LOGOGRIFOS

— 55 —
(Ao Argos)

Sete anos, linda,
Frágil ainda,
Loura e sapeca.
Traz a **boneca** — 5-4-8-9
Não sei bem de onde
E, afoita, **esconde**. — 6-9-3-7
Toma a peteca,
Joga-a no espaço
Como um **pedaço** — 1-2-3-4
De coisa inútil.
Chamo-lhe **fútil**,
Quase não nota,
Diz-me na **cara**: — 1-2-6-7
— Que homem arara,
Parece **idiota**!

Lutércio, CEC (Rio)

— 56 —

Eu descubro nesta vida — 1-3-6-10-7-2-11
Nesta vida de amarguras,
Tanta coisa descabida,
Erros mil e mil agruras.

Ninguém há que me convença.
Êrro, delito, pecado,
Zoada, briga, desavença, — 5-4-1-8-2-2-11
Tudo fica bem marcado,

Evidente, bem guardado — 7-2-8-9-4-1-8-2-10-6-7-3
Lá no livro do Eterno;
Se grande é o mal praticado
Vai o homem para o inferno.

Fala **claro** o padre-cura — 7-3-2-4-11
Quando à missa o sermão faz.
E convence à criatura
Que não pecar é **eficaz**.

Dr. Legnar (Urupês)

CHARADAS CASAIS

57 — Três — O carola **inscreve** a oração na própria **estampa de santo**.

Alô Tropina, CEC (Rio)

58 — Quatro — Conduzindo o **pesado** fardo, fiquei numa posição **incômoda**.

Cysneirense Júnior

59 — Duas — **Pessoa importuna** irrita mais que **mosquito**.

Champollion (P. Alegre)

60 — Quatro — O **roubo** é um delito torpe, que ao homem avilta e **perverte**.

Dr. Legnar (Urupês)

61 — Três — Com tanta **confusão**, qualquer um acaba **embrulhado**.

Fiote (Cuiabá)

62 — Quatro — Moça **cuidadosa** não namora homem **casado**.

Gil Vírio (Andradina)

63 — Três — **Digo com insistência** que mulher **irritadiça** é o diabo em pessoa.

José Coelho Vieira (Maceió)

64 — Duas — **Cansa** o corpo no trabalho, depois se sente **abatido**.

Oarcim

AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fino

Calçado
SOUTO

Conforto
máximo
Garantia
absoluto

65 — Duas — Repare na **roupa** nova daquele homem **taciturno**.

P. Del Debbio, CEP (SP)

---

66 — Duas — Foi um **acontecimento** quando aqui se construiu o primeiro **edifício para habitação**.

R.A.C.H.A. (Rio)

---

67 — Três — Por fazer **pirraça**, deixei de tirar **proveito** do negócio.

Rafinha (P. Alegre)

---

68 — Duas — Nem sempre quem **tagarela** profere um dito **sem valor**.

Seamva (Santos)

---

69 — Duas — Ela se julga em **evidência** desde que passou a tomar banhos de **mar**.

Nilva, CEC (Rio)

---

70 — Duas — Depois de uma **bebedeira** sempre fico **macambúzio**.

Tartarin (Itajubá)

★

CHARADAS SINCOPADAS

71 — Três (duas) — Quem **vive adoentado** não sente **prazer** na vida.

Beatriz Cardoso, CEP (SP)

---

72 — Três (duas) — O **secretário** escolheu um **desvão** para escrever sossegado.

Coringa (Rio)

---

73 — Três (duas) — Um **chefe de repartição** deve ser **homem austero**, porém justiceiro.

Conselheiro (R. G. Norte)

---

74 — Três (duas) — **Discurso, pairação**? Reunião de algum **partido político**.

Ed Vep (Recife)

---

75 — Três (duas) — **Batata doce** é sobremesa de **caipira**.

Eurico II (Bauru)

---

76 — Três (duas) — **Cadeia** não foi feita só para quem tem má **índole**.

Farani (Salvador)

---

77 — Três (duas) — **Não use** roupa **mal feita, procure um** bom alfaiate, seja elegante, não **desista**!

José Coelho Vieira (Maceió)

---

78 — Três (duas) — Além de **intrépido** soldado, Camões foi grande **poeta**.

Marciano (Souzas, SP)

---

79 — Três (duas) — A **multidão** sempre se ilude com o **canto** da sereia.

Sertanejo II

---

80 — Três (duas) — Astúcia, pura **astúcia**!

Tonnew (Rio)

---

81 — Três (duas) — Desafiando o **destino** é que venço **dificuldades**.

Nilva, CEC (Rio)

---

82 — Três (duas) — Não, não é um **chefe** qualquer, é um **chefe de ordem religiosa**.

Pia, CEC (Rio)

---

83 — Três (duas) — Não diga **mentira**, ainda que por mera **ostentação**.

Tufankâmon, CEC (Rio)

---

84 — Três (duas) — Ser **famoso** é já não ser senhor da própria **sorte**.

Lutércio, CEC (Rio)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

85 — Três-uma — Causou grande **distúrbio** a aparição, **neste lugar**, de uma onça **pintada**.

Beatriz Cardoso, CEP (SP)

---

86 — Duas-duas — **Defende** tua pátria, **defende** teu lar, **defende** tua propriedade.

Conselheiro (R. G. Norte)

---

87 — Duás-duas — No fim de contas, que **juízo** pode demonstrar um **mau comediante**?

Champollion (P. Alegre)

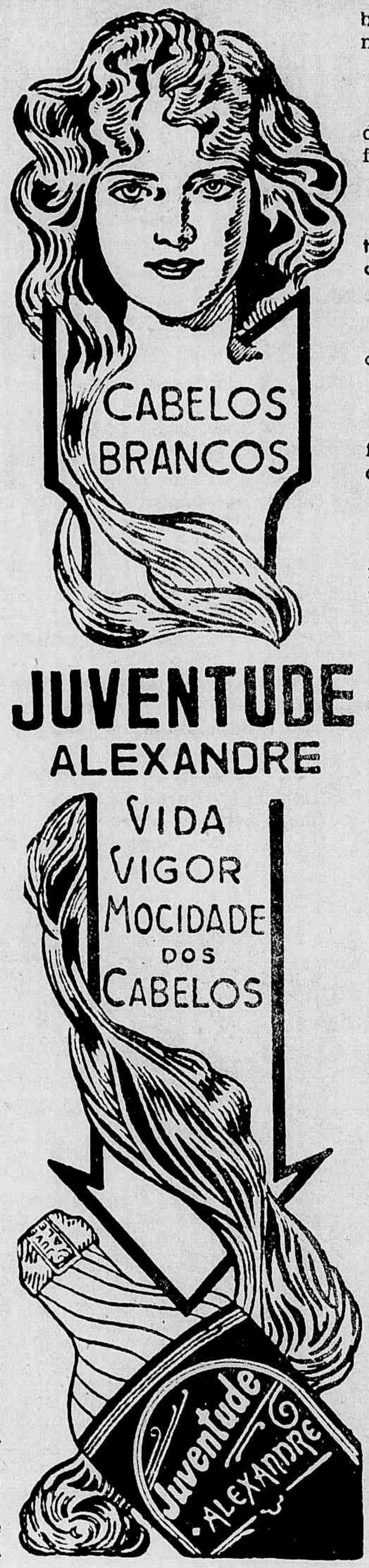
---

88 — Duas-uma — Embora o médico **afiance** ser o **tumor** benigno, sua extirpação é **tarefa difícil**.

Dr. Kean

---

89 — Duas-uma — Dar **pancada na água**, eis um **divertimento tanto** do agrado de uma



criança como de um homem tolo

Florentino (J. Pessoa)

---

90 — Duas-duas — O que êle **produz não consta do catálogo**, pois é sempre teimoso êsse **mineiro**.

Plá, CEC (Rio)

---

91 — Duas-duas — **É coisa doce, agradável** assistir a êste **culto**, de todos o **melhor**, o **preferido**.

Nilva, CEC (Rio)

---

92 — Duas-duas — Pouco **adquire**, com a **quantia** que ganha, êste pobre **trabalhador**.

Ronega, CEC (Rio)

---

93 — Duas-três — Raivoso, deu com o **pé** na lata de **barrela** e a espôsa censurou-lhe o **disparate**.

Paraná, CEC (Rio)

---

94 — Uma-duas — **Viajar** é tentação a que não **resiste** a afoita **mocidade**.

Tutankâmon, CEC (Rio)

---

95 — Duas-duas — Nenhum **obstáculo** deterá essa **quadrilha de ladrões** enquanto não se acabar com certo **comércio proibido**.

Dom-Fafe (Rio)

96 — Duas-duas — O **vinho** pode dar **energia** exagerada a um **indivíduo valentão**.

Ceres, CEC (Rio)

---

97 — Duas uma — Queres saber onde **mora** a felicidade? **Bate** à porta daquela **choupana**.

Mara (Rio)

---

98 — Uma-três — Só com a **influência** de amigos não darás **solução** ao caso; tens que agir como **pessoa generosa, liberal**.

Lutércio, CEC (Rio)

★

ENIGMAS

— 99 —

Mas se dou golpes com [fôrça
Num desairoso gigante,
É porque êle não se es-[força
Em se tornar **elegante**.

Heron Silpes

— 100 —

(Ao Gil Vírio)

Na **encruzilhada** da vida
Temos um rumo a escolher.
Seja com pito ou sem pito,
Muito havemos de sofrer.
Onde?

Sertanejo II (Lavras)

— 101 —

Pedes trevo em vez [de rosa.
Em vez de vinho [licor,
Não sejas ganan-[ciosa,
Sê **humilde**, sem [rancor.
Onde?

Néo-Rosas (PE)

—102 —

Na tua face qual [arminho
Duma beleza sem [par,
Eu vejo nela, adi-[vinho
Ternura pouco **vul-**[**gar**.

Ruvina (Pôrto)

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453. São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja Tel.: 37-5679

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

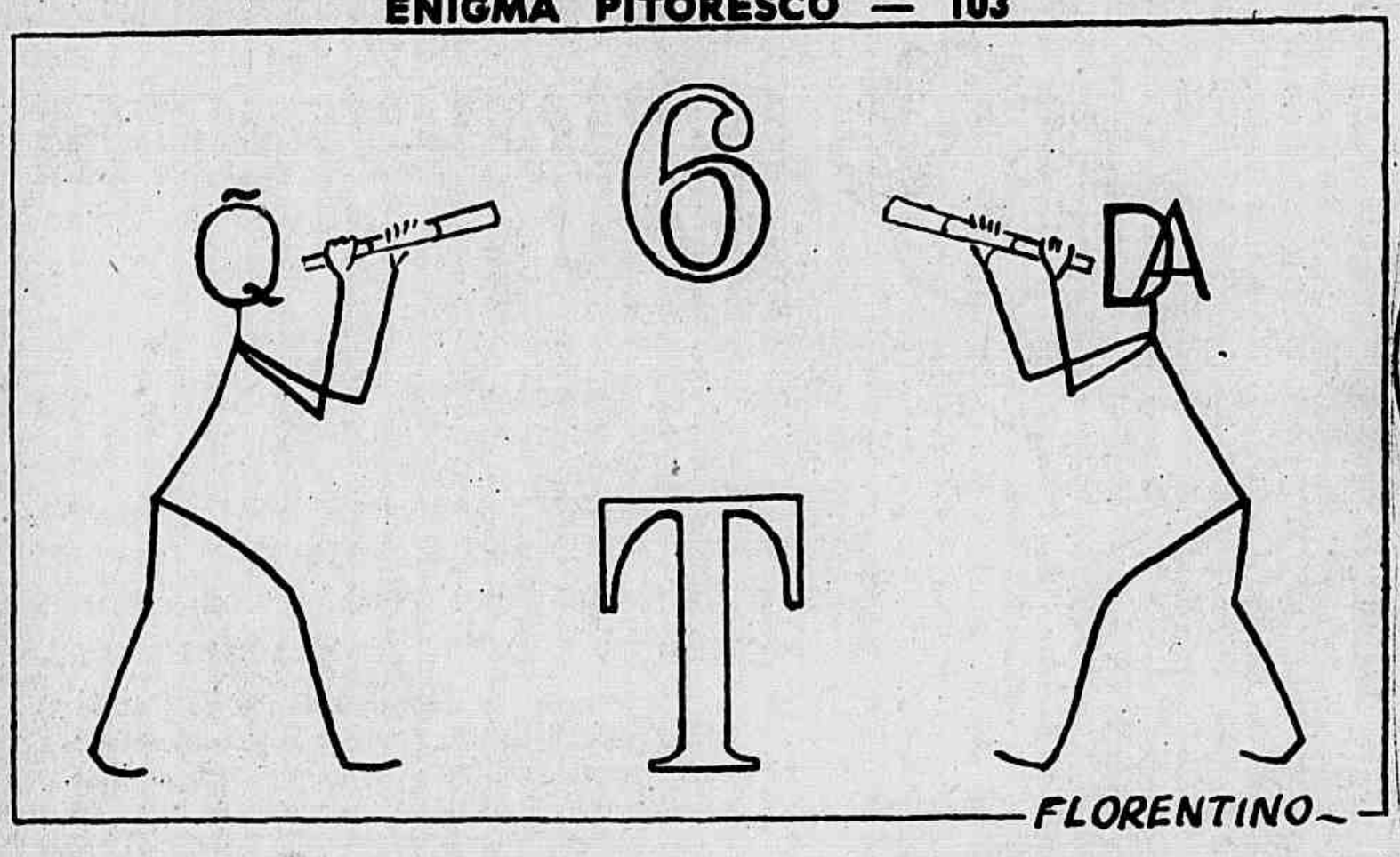
Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

ENIGMA PITORESCO — 103

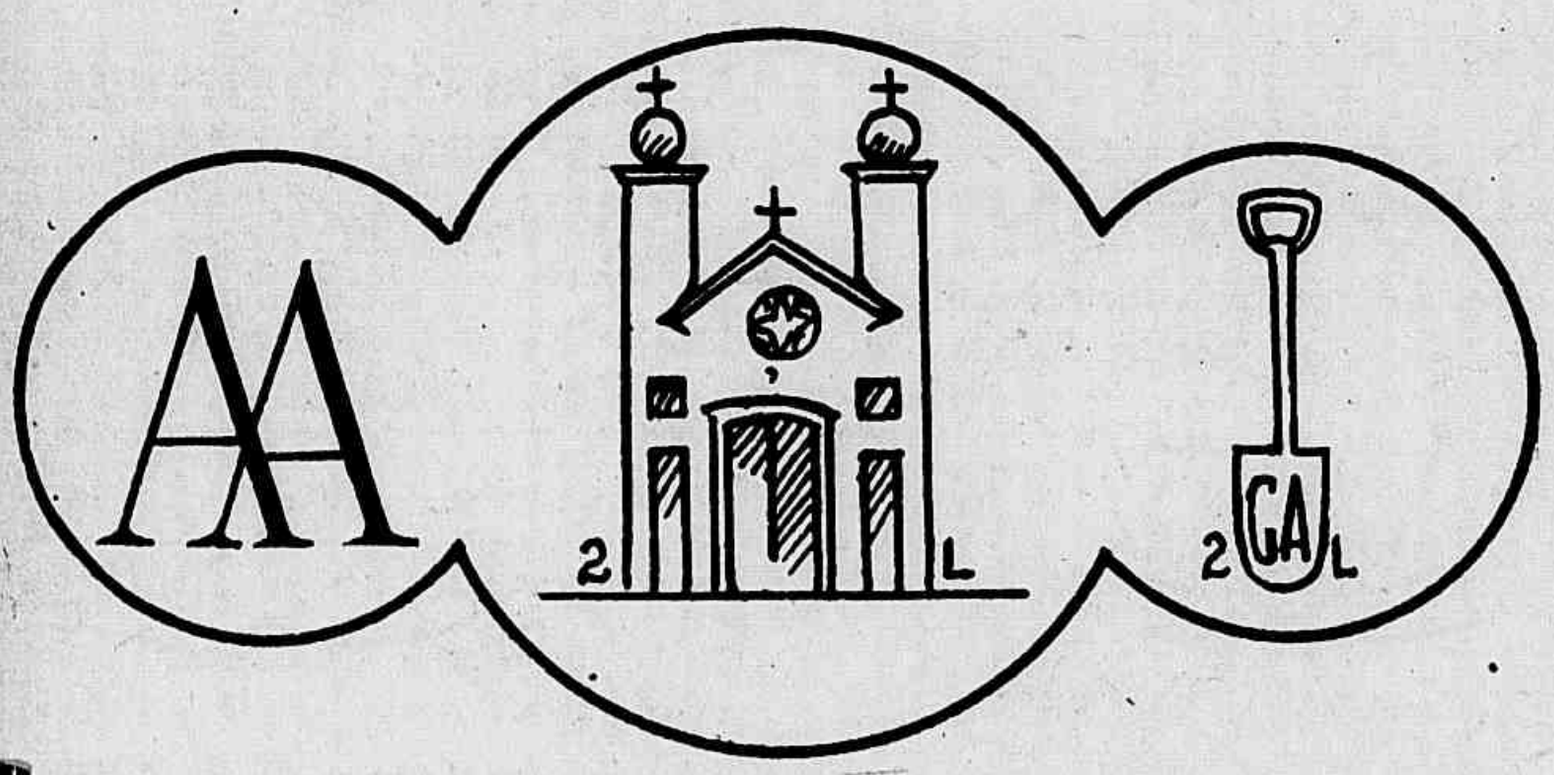


Florentino (J. Pessoa)

★

ENIGMA PITORESCO — 104

(Ao Dr. Lavrud — agradecendo, como uma parcela dos campineiros, seu figurado n.º 110)

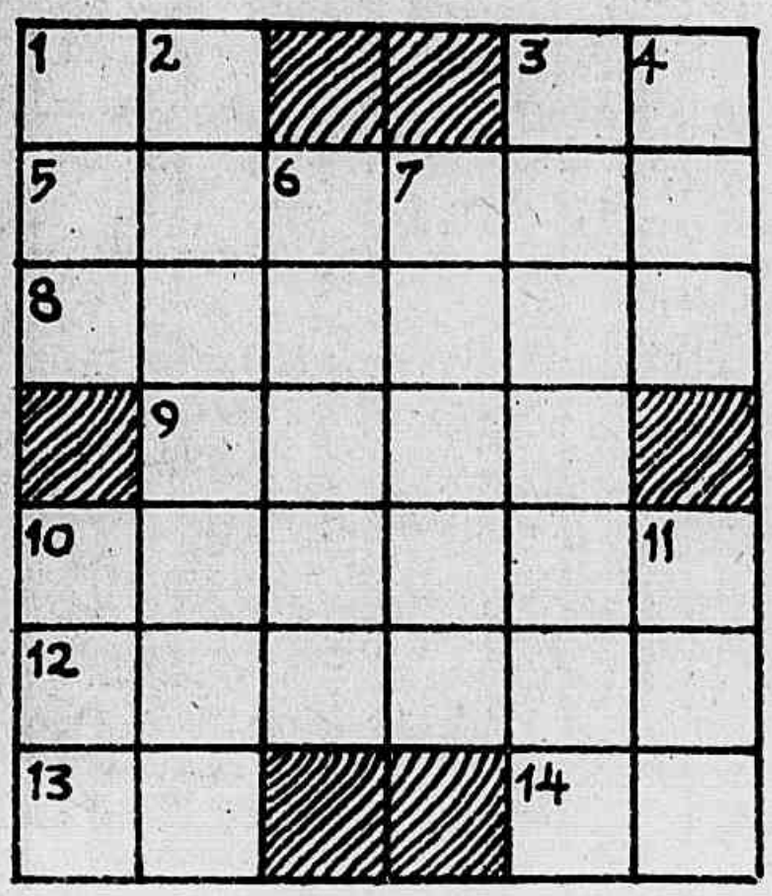


Marciano (Souzas, SP)

★

PALAVRAS-CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3

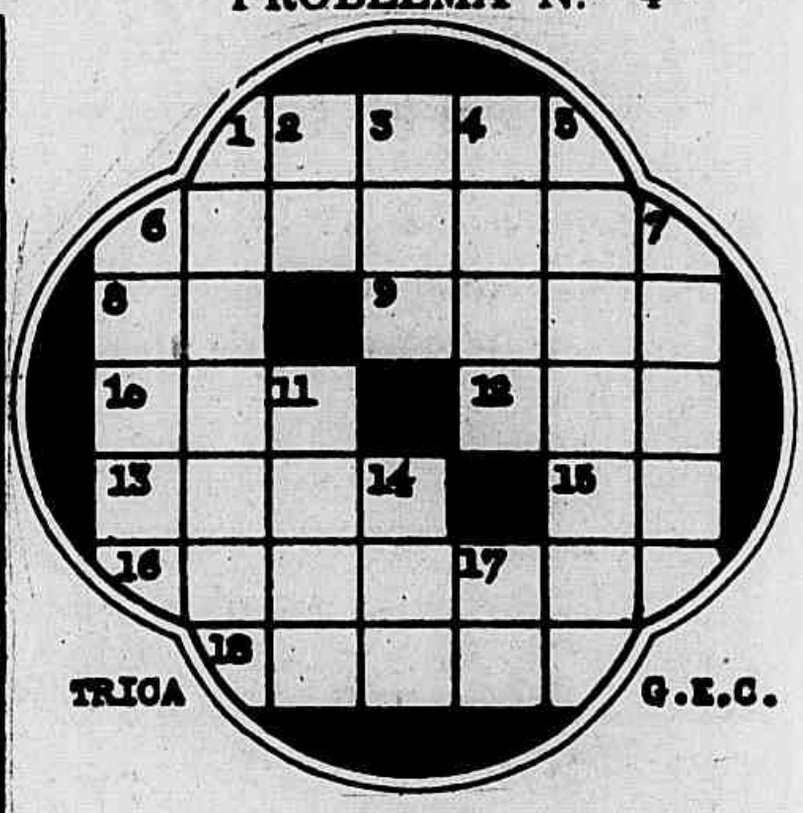


Horizontais: 1 — A primeira nota da escala, hoje dó; 3 — Atmosfera; 5 — Tira, lasca; 8 — Momentos propícios; 9 — Prendem; 10 — Escapar; 12 — Trejeito do rosto, esgar; 13 — Êles; 14 — Símbolo do ouro.

Verticais: 1 — Grito de agonia; 2 — Destruías; 3 — O natural ou habitantes do Anão (Ásia); 4 — Designação da essência de terebentina; 6 — Extingüir; 7 — Velhice; 10 — Repetição; 11 — Título honorífico da índia.

Dr. Lavrud (Rio)

PROBLEMA N.º 4



Trica, G.E.C. (Rio)

Horizontais: 1 — Fruto da amoreira; 6 — Repetida; 8 — Pedra de moinho; 9 — Afeição profunda; 10 — Fôlha de palma, na índia portuguêsa; 12 — Reza; 13 — Lôdo; 15 — Postura, clima; 16 — Aceitava; 18 — Mentira.

Verticais: 1 — Afiada; 2 — Terceira nota da escala moderna; 3 — O mesmo que upa (interj.); 4 — Descendência; 5 — Venerava; 6 — Sacrifica; 7 — Balela; 11 — Cupido; 14 — Amarra; 17 — Caráter.

★

NOVO AUXILIAR

Passa a fazer parte da nossa redação o competente confrade **Lutércio** (Heitor Lúcio de Oliveira e Silva), que ocupará o cargo de secretário.

★

NOVOS DOUTORES

É com muita satisfação que registramos a formatura dos seguintes confrades: **Ed Vep** (Edmilson de Vasconcelos Pontes), engenheiro pela Escola de Engenharia de Pernambuco, **Plapece** (Plácido Pedreira de Cerqueira), bacharel pela Faculdade de Direito da Bahia, e Aldo Pereira da Cruz, diplomado pela Faculdade Nacional de Arquitetura, desta Capital.

★

BOAS-FESTAS

Sensibilizados agradecemos e retribuímos os votos de Boas-Festas a nós enviados.

RESULTADO DOS TORNEIOS

4.º torneio de 1953 — 1.º prêmio — Nostradamus (Santos); 2.º — Heron Silpes (Canavieiras - Bahia). Palavras-cruzadas: 1.º prêmio — Mr. Trinquesse (S. Paulo); 2.º — P. Del Debbio (S. Paulo).

1.º torneio de 1954: 1.º prêmio — Marcimento (Recife); 2.º — Mavicaro (Recife). Palavras-cruzadas: 1.º prêmio — O. Janz (Passo Fundo - R.G.S.); 2.º — Sefton (Rio).

2.º torneio de 1954 — 1.º prêmio — Julião Riminot (São Paulo); 2.º — José Coelho Vieira (Maceió). Palavras-cruzadas: 1.º prêmio — Pompeu Júnior (Botucatu - S. P.); 2.º — Dr. Barreto Cardoso (Maceió).

3.º torneio de 1954 — 1.º prêmio — Toberal (Rio); 2.º — Alvasco (Recife). Palavras-cruzadas: 1.º prêmio — Bisilva (Manaus); 2.º — Águia (Ribeirão Prêto - S.P.).

4.º torneio de 1954 — 1.º prêmio — Alguém (Lisboa); 2.º — Nilva (Rio). Palavras-cruzadas — Lujoca (Lisboa); 2.º — Gil Vírio (Andradina - São Paulo).

Almanaque EU SEI TUDO — 1954 — 1.º prêmio — Edipo (Lisboa); 2.º — Seamva (Santos); 3.º — J. D. Mingo (Botucatu - S.P.). Palavras-cruzadas — 1.º prêmio — Buridan (Niterói); 2.º — Bereco (Recife).

Almanaque EU SEI TUDO — 1955 — 1.º prêmio — Gomes Júnior (Maceió); 2.º — Conde de la Fére (Bahia); 3.º — Durmel (Campinas). Palavras-cruzadas: 1.º prêmio — Rafinha (Pôrto Alegre); 2.º — O Sineiro (S. Paulo).

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por êles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pílulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência, nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Em vidros de 40 e 100 pílulas

O grande é mais economico

Pilulas DEWITT

Para os Rins e a Bexiga

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

COMO É FÁCIL SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PEPINO I — Rei da Aquitânia, morto em 838, segundo filho de Louis le Débonnaire e de Ermengarda. Governou a Aquitânia durante 14 anos. Tomou parte nas lutas dos filhos de Débonnaire contra o pai. No ano de 830 apoderou-se de Paris, capturou a imperatriz Judite, e mais tarde prendeu o próprio Louis le Débonnaire nas proximidades de Compiègne; porém, indisposto com Lotário, entra em contacto com Louis, o germânico e pede-lhe para entregar novamente o poder a seu pai. Depois de uma infeliz expedição, Louis o privou da Aquitânia, que êle havia entregue a Carlos; prêso por ordem do Imperador, Pepino escapa, une-se aos seus dois irmãos e provoca a revolução que determinou a segunda deposição de Louis de Débonnaire. A atitude de Lotario o levou a reconciliar-se com o pai; finalmente, apóia seu irmãos Carlos e a sua coroação.

PEPINO II — Rei da Aquitânia, filho do precedente, morto em Senlis, no ano de 870. Reconhecido como rei pelos aquitanos, aliou-se a Lotário e tomou parte na batalha de Fontenoy (Yvone). Pelo tratado de Verdun, foi despojado em favor de Carlos; porém, tendo Pepino sublevado Toulouse, Carlos viu-se obrigado a ceder-lhe a Aquitânia, com exceção de Poitou, Saintonge e Angoumois. E em 850 foi completamente despojado de seus domínios. A seguir, aliou-se aos normandos e os auxiliou no saque de Toulouse. Perseguido por Carlos foi condenado ao enclausuramento no mosteiro de S. Menardo (852), de onde fugiu. Após uma curta temporada na Bretanha, recomeçou a luta na Aquitânia, foi vencido e feito prisioneiro. Condenado à morte pela Assembléia de Pitres (864), teve a pena comutada por Carlos na de prisão perpétua em Senlis, onde morreu.

PERCIVAL — Herói dos romances do ciclo da Távola Redonda. De acôrdo com os textos mais antigos é o filho de um cavaleiro morto num torneio. Acreditando que a mesma sorte estava reservada ao filho, sua mãe o esconde no centro de um imenso bosque, onde ignorasse para sempre os atrativos da vida mundana. Porém, ao atingir os quinze anos, êle encontra em plena floresta três cavaleiros da côrte do rei Artur; e os acompanha, não obstante as súplicas da mãe, que, ao deixá-lo partir, deu-lhe um anel de presente. Apenas Percival chega à corte de Artur, é insultado pelo Cavaleiro Vermelho, o mesmo que havia morto o pai do herói. Percival luta com êle e o mata. Em seguida, mete-se em numerosas aventuras, onde perde o anel. Sua mãe, depois de esperá-lo durante muito tempo, julga-o morto, cai no desespêro e perde a razão. Percival, com o auxílio de um filtro milagroso, consegue curá-la. A seguir, desposa uma jovem princesa, que o havia livrado de um terrível inimigo e reina em paz durante o resto da sua vida. Foi provàvelmente Chrétien de Troyes o primeiro a misturar esta lenda com a de Santo-Graal; em seu poema, Percival estava evidentemente fadado a conquistar o Graal; porém a morte não permitiu que o autor concluísse a sua obra. Os continuadores de Chrétien; Gaucher de Dourdan, Mennessier e Gerbert de Montreuil foram um tanto confusos. Percival aparece também como o buscador do Graal no romance (em prosa) "O Grande Santo-Graal". Esta obra foi impressa por Potvin em 1866; foi imitado por Wolfram d'Eschenbach, no qual baseou-se Wagner para escrever o seu drama "Parsifal".

PERDICAS I — Rei da Macedônia (século VIII antes de Cristo). Originário de Argos, tomou posse, juntamente com seus irmãos Eropos e Gavanes, de uma grande parte da Macedônia, onde fundou a dinastia macedônica. Construiu Edessa, que foi por muito tempo a capital do país. Seu filho Argeu sucedeu-lhe no trono.

PERDICAS II — Rei da Macedônia, morto no ano 413 antes de Cristo. Sucedeu a seu pai Alexandre em 433 e teve de sustentar uma terrível luta contra os trácios. Por ocasião da guerra do Peloponeso, Perdicas II hesitou em aliar-se a Atenas e a Esparta, e acabou traindo sucessivamente as duas cidades.

PERDICAS III — Rei da Macedônia, morto no ano 359 antes de Cristo. Sucedeu a seu irmão Alexandre II, que foi vítima de assassinato, e teve de lutar contra um competidor chamado Pausanias. Socorrido pelo general ateniense Ificrate, desconfiou do regente Ptolomeu e passou, desde então, a governar sòzinho. Depois manteve uma guerra contra os atenienses e encontrou a morte numa batalha contra os Ilírios.

PERDICAS — General macedônio, um dos imediatos de Alexandre, o Grande, morto em 321 antes de Cristo. Foi membro da guarda pessoal de Felipe, acompanhou Alexandre nas campanhas da Ás aie assistiu a morte do grande conquistador. Depois, Perdicas foi elevado ao cargo de primeiro ministro de Arrideu, filho natural de Felipe, proclamado rei da Macedônia. Mais tarde recebeu a nomeação de tutor do filho de Roxana, viúva de Alexandre. Ajudou Roxana a assassinar Estatira, outra viúva de Alexandre, entregou a Capadócia à Eumênio, e desposou Nicéa, mas com a intenção de abandoná-la mais tarde para casar com Cleópatra, irmã de Alexandre. Os seus ambiciosos projetos excitaram o ódio e a inveja de outros generais. Antígona, Cratére, Antipater e Ptolomeu se coligaram contra êle. Apenas com o apoio de Eumênio, Perdicas mandou matar Meleágro, que com êle dividia a tutela do jovem rei e declarou guerra a Antígona, governador da Lídia e da Frígia; perseguiu-o até ao Egito, travou com êle uma batalha perto de Mênfis, e foi massacrado por seus próprios oficiais.

A GARRAFA ACUSADORA

(EPISÓDIO REAL)

COSTUMAVAM advertir a Dalbert Naylor de que um dia o álcool acabaria com êle. Entre os companheiros do "bas-fond", gozava êle a reputação de beber demais e em horas inconvenientes.

Diziam que, mais cedo ou mais tarde, êle seria apanhado embriagado e conduzido de volta para a prisão. Fato evidentemente desinteressante para êle, que era um competente arrombador.

Mas, quando teve, afinal, que ajustar contas com a Polícia foi um trago que Naylor não bebeu que o colocou em má situação... Uma série de pequenos arrombamentos em Cleveland estavam em pauta para a devida investigação. Entre as cartas recebidas pela polícia havia uma dizendo que Naylor e sua espôsa tinham sido vistos num bar da zona oriental da cidade, discutindo acerbamente a respeito de um ou dois roubos.

O sargento Richard Daly, um dos encarregados da investigação, encontrou o casal em casa. Lá descobriu ferramentas comumente empregadas em arrombamentos, e notou em Naylor um ar de mal fingida inocência.

— Alguma coisa errada? — perguntou Naylor. — Afinal, tenho ou não tenho o direito de guardar em minha casa qualquer ferramenta? A carpintaria, para mim, é um "hobby". Além disso, o senhor não vê aqui nenhum objeto roubado!

Embora com relutância, Daly se viu forçado a concordar. De fato, a simples possessão de talhadeiras, puas e serras não constituía prova suficiente de culpabilidade de Naylor. E já estava pensando em retirar-se quando viu uma garrafa de uísque debaixo da mesa.

A curiosidade o levou a apanhá-la; e, ao examinar mais de perto a garrafa, franziu o sobrecenho. A garrafa estava pela metade, a rôlha havia sido novamente selada com cêra e uma série de marcas, à lápis, traçadas sôbre o rótulo, assinalavam qualquer coisa, sendo que o último traço

coincidia exatamente com o nível do líquido que ainda restava. Era como se alguém anotasse, cuidadosamente, o número de doses retiradas da garrafa.

O sargento Daly deixou de examinar a garrafa e olhou para Naylor.

— Que significam estas marcas? — perguntou o policial. — Você não está tentando abandonar a bebida!

A resposta de Naylor não foi convincente. Daly meteu a garrafa no bôlso e levou-a consigo.

De volta à delegacia, Daly examinou cuidadosamente os relatórios sôbre os arrombamentos da semana passada. Passaram-se cêrca de três horas antes de que, finalmente, êle soltasse um grito de satisfação; depois copiou, palavra por palavra, a informação que descobrira. Tratava-se do relatório sôbre um roubo praticado na casa de Joseph Royce, à rua Herrick, durante a noite do último sábado. Dois relógios e uma garrafa de uísque haviam sido roubados.

Meia hora mais tarde Daly batia à porta de Joseph Royce, com a garrafa de uísque

no bôlso. Não sabia ao certo se seria bem sucedido. Por isso estava preparado para qualquer desapontamento; mas nunca imaginou que Royce demonstrasse tão triste expressão ao reconhecer a garrafa. Mas Royce tinha razões para isso, uma vez que ainda estava muito acabrunhado pela morte recente de sua espôsa, Mary.

Mary Royce havia sido uma boa mulher e excelente espôsa. Claro que desaprovava as bebidas fortes, mas ao mesmo tempo tolerava que o marido bebesse pequenas doses.

Ela própria comprava, muitas vêzes, garrafas de uísque e trazia para casa. E tôdas as noites servia uma modesta porção ao marido, selando depois a garrafa com cêra e assinalando com lápis, sôbre o rótulo, o nível do líquido.

Quando ela morreu, a garrafa de uísque estava pela metade, guardada dentro de um armário; Joseph não havia tocado na mesma...

E foi justamente essa garrafa que Naylor roubou. E foi, também, essa a garrafa que o acusou:

Daly explicava isto, enquanto conduzia Naylor para a cadeia, a fim de aguardar julgamento por crime de roubo.

— EU não podia compreender o que você estava fazendo com uma garrafa pelo meio e cuidadosamente selada. Era um fato que não estava de acôrdo com a sua conduta.

— Não resta dúvida de que eu devia ter bebido um pouco — murmurou Naylor.

— É certo — concordou Daly. — Mas agora é tarde. Vocês costumam beber muito e em ocasiões inoportunas. O seu êrro, desta vez, Naylor, foi **não beber**!

Ficou em silêncio por alguns instantes e depois acrescentou, calmamente:

— Se você tivesse esvaziado a garrafa eu jamais teria descoberto o roubo e você estaria livre ainda.

REVOLUÇÃO NAS FECHADURAS

AS chaves mudam de linha com o invento de um sueco, Fabian Nilsson. Segundo êle, até hoje nada houve mais "a prova de ladrão" como suas lâminas de aço. Têm apenas um milímetro de espessura e funciona por meio de uma série de orifícios, com os quais pode fazer até quatro bilhões de combinações diferentes, de modo que não haverá gazua nem chave-mestra que valha com elas. Podem ser utilizadas duzentas mil vêzes (dez vêzes por dia, durante cinqüenta anos) sem sofrer desgaste nem deterioração. É bastante introduzir a lâmina numa fechadura e tornar a tirá-la para que a porta fique aberta ou fechada, apertando para baixo ou para cima.

Também permite estabelecer sinais de alarma em tôdas as portas. Com êsse invento Nilsson ganhou um Grande Prêmio, em recente exposição industrial de Paris. Além do mais, cinqüenta chaves Nilsson fazem tanto volume quanto dez das usuais.

★

VIDA DEPOIS DA MORTE

QUANDO um ser humano morre e é enterrado como algo definitivamente acabado, partes do corpo continuam vivendo e crescendo. O cérebro morre aos dez minutos; os olhos depois de meia hora; os músculos internos dez horas mais tarde; as células sanguíneas após dezoito horas, e o pêlo e as unhas sòmente depois de decorridos sete dias.

CONDENADO O BOMBARDEIO EM MASSA

(Continuação da página 24)

atômicas da Rússia é consideràvelmente inferior ao norte-americano. E se êles perderem uma grande parte dêsse estoque num ataque frustrado contra êste continente, correrão imediatamente incontestável perigo.

É provável, ainda, que os russos levem a efeito também o ineficaz sistema de bombardeio por área. Talvez não se interessem pelo aspecto moral do morticínio em massa, mas em caso de uma guerra de vida ou morte certamente não estarão dispostos a dissipar seu poderio militar em bombardeios inúteis. Há fortes razões para crermos que não sòmente os Estados Unidos serão capazes de evitar a destruição total das cidades inimigas, como, por outro lado, as suas populações civis gozam de mais segurança **agora** do que por ocasião da primeira explosão no deserto do Novo México.

O ASPECTO MORAL — Uma comissão nomeada pelo Conselho Federal das Igrejas, em 1943, com o fim de estudar o bombardeio e outros modernos métodos militares, declarou que **"o sistema de bombardeio praticado durante a Segunda Grande Guerra e que culminou com o uso de bombas atômicas contra o Japão, é repudiado pela doutrina cristã."**

Diz-se comumente que **"não é mais imoral matar com superbombas do que com o arco e a flecha"**, mas os chefes religiosos de tôdas as doutrinas afirmam que **é sempre imoral matar "desnecessàriamente"**. A não ser que haja **"premente necessidade"**, não se pode perdoar o assassínio **de uma única** pessoa humana, sob qualquer circunstância.

Portanto, muitos chefes religiosos condenam os bombardeios em massa. Declarações oficiais de líderes católicos e protestantes deixaram claro que o bombardeio de não-combatentes só deve ser permitido em caso de "desespêro" ou então quando a destruição das populações civis está inevitàvelmente vinculada à de objetivos militares.

UMA ARDUA QUESTÃO — Se a "área" de bombardeio fôr abandonada (como é propósito da política militar dos EE.UU.) não são sòmente as vidas americanas que serão salvas pela mudança da tática militar. No caso de uma guerra os seus chefes, tanto políticos quanto militares, acham de importância fundamental **vencê-la sem destruir as cidades da Europa e da Ásia**. Mas aqui surge uma questão que de há muito vem apaixonando os políticos norte-americanos e europeus. Suponhamos que a Rússia inicie a Terceira Guerra Mundial e se apodere de todo o continente europeu. Poderíam os norte-americanos usar bombas atômicas do tipo **Hiroshima**, a fim de desalojá-los das capitais européias?

"Quantos **aliados** teriam que matar para poder derrotar os seus inimigos?"

Supondo que vencessem uma outra guerra na Europa, através dos bombardeios em massa, que esperança haveria para uma paz futura, uma vez que o comunismo prolifera melhor no meio da fome, da miséria e da desorganização das cidades arruinadas? E de que maneira poderiam ser responsabilizados pela matança de milhões de civis? Em meio ao sangue e ao suor das batalhas os homens podem pensar que a finalidade última da guerra é matar. (Como exemplo podemos citar a famosa "Operação Matadora" realizada durante a guerra da Coréia.) Mas, como explicou o gen. William Sherman, o propósito da guerra deve ser **"parar de matar"**.

Sherman resumiu o problema numa única sentença: **"O legítimo objetivo da guerra é uma paz realmente perfeita."**

Os Estados Unidos não utilizaram bombas atômicas tipo Hiroshima na guerra da Coréia — e hesitam mesmo em utilizar suas modernas bombas noutra guerra. Mas, se forem forçados a entrar numa luta, êles e os seus aliados confiam plenamente no fato de que nossas novas armas serão lançadas **apenas contra os soldados** e não contra cidades indefesas. E, se usarem essas bombas para salvar a civilização — "como também a civilização do inimigo" — poderão conseguir uma paz mais vantajosa que as firmadas em Lídice, Varsóvia, Berlim e Hiroshima.

O CASO DOS JARDINS SUSPENSOS

(Continuação da página 50)

— Senhor Haney — disse a seguir — nada mais sei! Já disse tudo o que sabia.

Então, Haney a havia despachado, pedindo que ela aguardasse, juntamente com os demais, na portaria.

Mas, agora, a rispidez de Wes Gelb lhe parecia o máximo que podia suportar. Não se reuniu ao grupo que se encontrava no extremo do salão. Deixou-se cair sôbre um sofá, junto à chaminé. Fechou os olhos e com ambas as mãos apertou ás frontes que latejavam. E agradeceu a Deus o fato de que ninguém, nem mesmo Nick, se aproximara para perturbar o seu silêncio.

A seguir, ouviu o motor de um automóvel que parava diante da portaria. Um policial abriu a porta do veículo e saltou do mesmo acompanhando Lola Kramer; depois, fêz um sinal para que a moça entrasse para o escritório de Woody. Ela, entretanto, não lhe deu atenção. Ficou parada, olhando seguidamente para Febe, Woody, Nick e Viviana.

Elsa sentiu um tremor de repulsão ao ver a bela e voluptuosa criatura. Tinha os lábios pintados de um vermelho brilhante, e o rosto calmo, não parecia entristecido pela morte de Robert Powell; mais parecia sentir nôjo.

Woody e Nick ficaram de pé ao vê-la entrar, porém quem falou foi Febe.

— Lola; estávamos pensando justamente em você.

— Sim?

Em sua voz rouca havia um tom de desafio

— Mas nenhum de vocês pensou em mim o suficiente para ir comunicar o que sucedeu... — acrescentou.

— Não nos foi possível sair daqui — disse Viviana. — A polícia...

Lola a interrompeu:

— De que maneira estiveram pensando em mim?

— Lola — disse Febe — por favor, não fale assim. Foi um golpe terrível para todos nós!

— O que vocês estiveram pensando, eu sei **de sobra**! E, afinal, não foi um golpe **tão terrível** como dizem!

— Enfim, Lola — disse Woody, severamente — vamos acabar com isto!

— Você também, Woody — replicou ela, com rancor. — Do mesmo modo que êsses três, você não aprovava o meu noivado com Robert. E por quê? Você é um dos filhos desta cidade que teve mais sorte, não é verdade? Casou com uma das distintíssimas senhoritas Powell...

— Aí está! — falou Viviana, com voz nervosa. — Esta é a moça que, segundo você dizia, era, no fundo, **uma boa criatura**!

Falava, dirigindo-se a Nick, porém, fazendo todo o possível para ser ouvida também por Lola.

— Esta é a mulher que, segundo você afirmava, ia converter Robert num ser humano! — acrescentou. — Agora pode ver o quanto ela é ordinária e vulgar! Agora pode ver que ela não tem coração!

Os lábios de Lola se crisparam num desdenhoso sorriso.

— Por isso é que vocês não queriam o meu casamento com Robert? Só porque sou ordinária e não tenho coração? Ah, Viviana! Não me recordo que pensassem o mesmo quando Nick me amava. Para o seu irmãozinho, estava muito bem, não? Mas, ao tratar-se de Robert... Quer dizer que, de repente, perdi o coração e tornei-me ordinária! E por que, Viviana? **Não seria porque, se me casasse com êle, ia ser para mim o dinheiro que vocês tanto cobiçam?**

— Como te atreves a falar assim de dinheiro — disse Viviana, àsperamente — e especialmente nesta circunstância? Como...?

— Ah, quer dizer que, para você, o dinheiro pouco importa, não é verdade? — disse Lola com sarcasmo. — E passou grande parte da vida servindo de ama para Robert sòmente pelo carinho que lhe dedicava. Não esperava recompensa de espécie alguma? Ora! O melhor que você faz

é calar, pois a verdade é que você viveu naquele horroroso casarão, só por que pensava que, algum dia, ficaria com o dinheiro.

— Lola! — gritou Febe, colérica, em defesa da irmã. — Você não conhece Viviana! Não conhece nenhum de nós o bastante para falar como fala.

— Não, Febe? Pois bem; asseguro que os conheço até demais. Robert não tinha segredos para mim. De modo que não se elevem muito. Não pretendam dizer que o dinheiro não lhes importa. Sei que nada disso é verdade. E sei até que ponto vocês precisam dêle! Vocês, as senhoritas Powell, as prodigiosas, as maravilhosas senhoritas Powell! Estão muito acima de uma coisa tão baixa e tão vil como o dinheiro! Isto dizem vocês, porém, eu é que sei de tudo!

— Lola — disse Nick, com vivacidade — por favor...

— Está bem, Nick, calarei a boquinha.

E o eco de sua amarga voz continuou ressoando pelo amplo salão. Circunvagueou o olhar pelo círculo de rostos hostis e seus olhos pareciam revelar mêdo. Mas, imediatamente, tornou a levantar a cabeça, num gesto evidentemente desafiador, e disse:

— Nada mais direi. Mas não exagerem a comédia da dor. Eu sei exatamente o que estão sentindo... Todos, menos Nick, preferiam ver Robert morto, antes que casado comigo... ou com qualquer outra.

Walter Carr caminhou na direção de Lola, colocando-se entre ela e os demais.

— Lola, querida, o sr. Haney quer falar com você, por isso é que foi chamada...

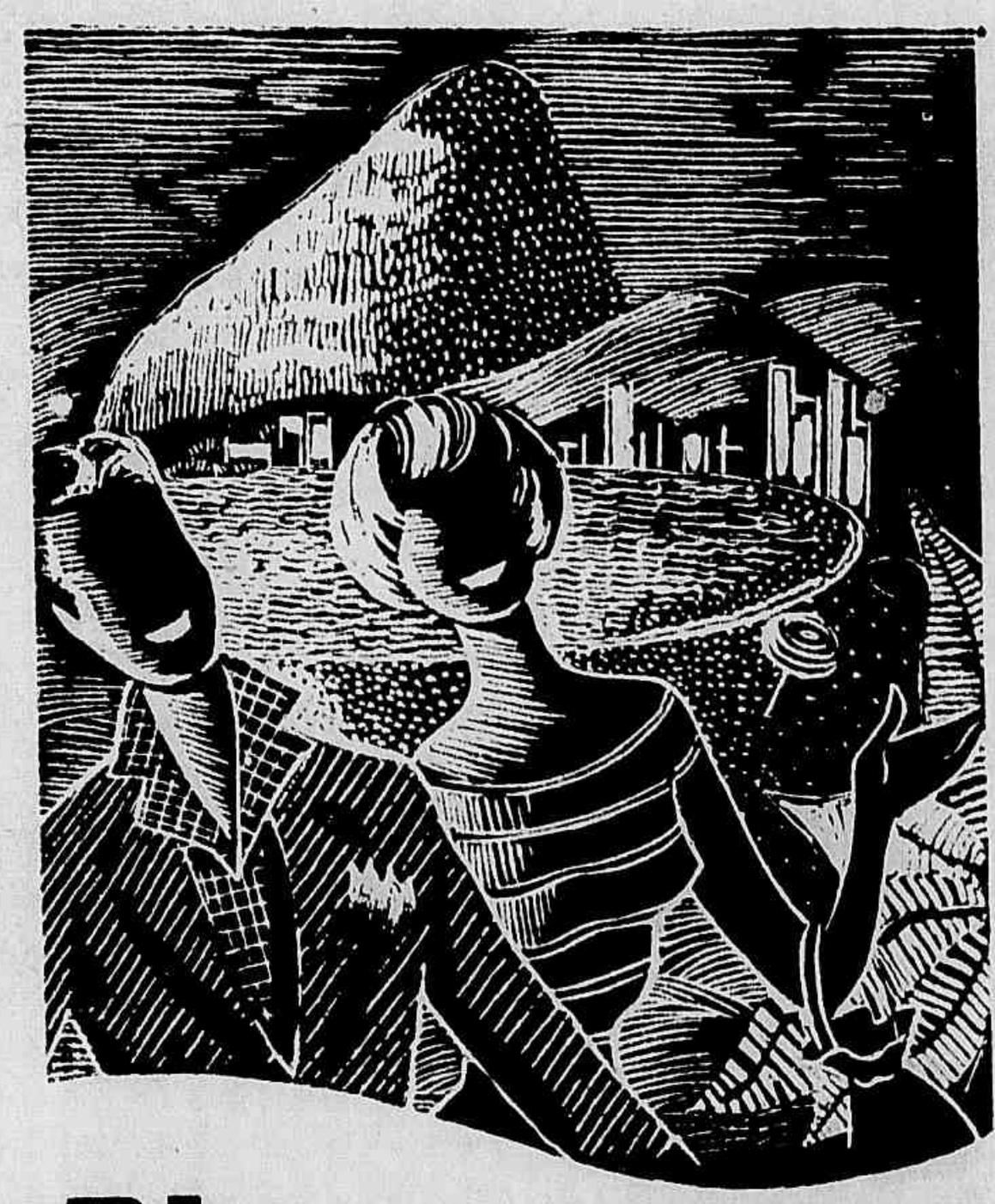
— Que deseja êle de mim?

— Eu mesmo direi — falou Haney, que havia entrado pela porta de serviço, que se encontrava por trás de onde estava Elsa. — Lola, o sr. Powell falou com você esta tarde, pelo telefone?

— Não; falei com êle antes do almôço, e isto é tudo.

— Continua trabalhando no Dress Box?

(Continua no próximo número)



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS
(ida e volta)

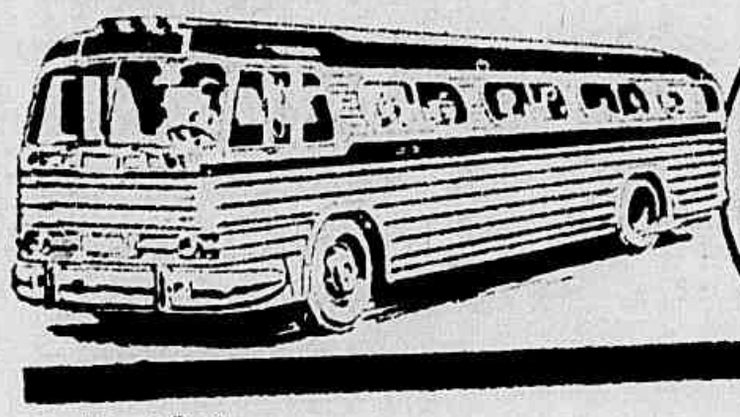
0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches e refeições.

38 VIAGENS POR DIA cada meia hora

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:
SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)
RIO DE JANEIRO
Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912

VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO
VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB - 1

Neblinas da História: A TÔRRE DE LONDRES

(Continuação da página 89)

o infeliz tenente da Tôrre, que foi julgado culpado de não ter denunciado, como devia, a conspiração. A quinta, que era a condêssa, ficou debaixo da sentença esperando a execução. Chegava a vez de ser julgado o sexto e último, o conde. O país inteiro agitara-se profundamente com estas assombrosas revelações, e aguardava ansiosamente ver no banco dos réus o homem que por tanto tempo figurara como o querido da côrte e o primeiro ministro do estado.

Durante todo êste tempo o rei Jaime não dera a menor manifestação do seu sentir. Quais eram, porém, os seus verdadeiros sentimentos com respeito ao réu? A cena da partida, em Royston, fôra sem dúvida simples representação. Por aquela mesma época ou antes mesmo da chegada do despacho sensacional, expedido de Bruxelas, tinha aparecido no horizonte um novo favorito na pessoa de Jorge Villiers, depois duque de Buckingham. A rivalidade entre os dois tinha sido azêda e homens, como o secretário Wynwood, eram bastante astutos para antever qual seria o fim provável.

É neste ponto que começa o extraordinário e significativo paralelo entre os casos de Somerset e da vítima de Somerset, Overbury. Como Overbury, Somerset se viu em risco de ser suplantado na estima daquele a quem êle devia tôda a consideração de que usufruía. Como Overbury, em lugar de prudentemente se vergar ao inevitável, resistiu e lutou contra êle. Jaime I tinha-lhe solicitado que tomasse Villiers sob a sua proteção: êle respondeu com a ameaça de torcer o pescoço de Villiers. Êstes fatos foram o verdadeiro guia para o procedimento do rei, vitimando, na prisão, os assassinos de Overbury. Quis ver-se livre de Somerset, como Somerset e sua mulher se tinham querido livrar de Overbury. Por que tão cautelosamente encobriu de Somerset o seu procedimento e fingiu, até o último momento, uma afeição que êle não sentia na realidade? Seria dissimulação por simples dissimulação: ou haveria, atrás disto, um mais fundo motivo? Ver-se-á depois.

Agora repete-se o confronto com a paralela conduta de Somerset nas suas visitas a Overbury, na Tôrre, e nas suas promessas hipócritas de próxima libertação.

Uma tarde, chegaram à Tôrre notícias de que estava fixado para o dia seguinte o julgamento do conde de Somerset. O tenente, que substituiu Helwysse, cujo nome era sir Jorge Moore, seguira logo para o quarto do prisioneiro, a fim de o avisar.

Achou o conde muito exasperado contra a prisão, e evidentemente desprevenido para semelhante mensagem.

— Que é o que me diz, sr. tenente? Tenho de suportar um julgamento? Isso é que nunca farei, e assim o poderá dizer lhes da minha parte.

— Mas, senhor, não há outro remédio — respondeu Moore, delicadamente. — A câmara dos lordes assim decidiu e eu tenho de o conduzir à presença dêles amanhã.

— Então levar-me-á na minha cama — retorquiu furiosamente o prisioneiro — porque nunca irei lá pelos meus pés. Nem acredito que sua majestade permita o meu processo criminal.

— Nesse ponto receio que se engane, senhor conde — respondeu o tenente, pensando que o favorito caído estivesse alimentando falsas esperanças. — Sua majestade não mostrou nenhuma disposição em interferir a seu favor na ação da justiça.

Somerset vociferou e praguejou desabridamente.

— Não esteja tão seguro, senhor Moore. Digo-lhe que o rei prometeu que eu nunca seria levado a julgamento, e além disso afirmo-lhe que **êle não se atreverá a levar-me a um julgamento**.

Sir Jorge Moore tremia ao ouvir esta linguagem provocante. Sentia rastejar por alguma coisa mais escura e mais perigosa de que o que já viera à luz. Meio perturbado entre o receio de fazer pouco de mais ou de fazer muito de mais, tomou a resolução de dirigir-se diretamente ao rei e repetir-lhe o que o prisioneiro acabara de dizer.

Até êste ponto o paralelo entre Overbury e Somerset é completo. Exatamente a

mesma linguagem que Overbury empregara para Helwysse a respeito de Somerset, pela sua vez Somerset a usava com Moore a respeito do rei. Ver-se-á se a ameaça deu resultados tão inúteis num caso como no outro.

A côrte estava então em Greenwich. O tenente tomou um bote no cais em escadas da Tôrre e ordenou aos barqueiros que empregassem a maior velocidade. Remaram ràpidamente, rio abaixo, ocultos pela noite, passando pelas embarcações silenciosas, até o célebre palácio de Elisabeth. Logo que o bote abordou à escada do cais real, saltou em terra, seguiu apressadamente para a porta de entrada nos fundos do palácio e começou a bater fortemente.

Um criado escocês chamado Loveston, levantou-se e veio à porta, esfregando os olhos cheios de sono.

— Sou o tenente da Tôrre e vim aqui para falar a sua majestade em negócio urgente — anunciou o visitante.

— Sua majestade está recolhida — objetou o criado, ainda mal acordado.

— Pois é preciso acordá-lo — foi a resposta de intimação decisiva.

O criado, espantado, conduziu acima a visita. Jaime se levantou, assegurando-se de que ninguém podia ouvir e fechou a porta do quarto. E então Moore, em frase humilde, preocupado e receioso, contou-lhe o que se passara.

Com pesar e terror viu nos olhos do rei lágrimas a correr em fio.

— Por minha vida, Moore, não sei o que hei de fazer — rompeu, afinal, em tom lastimoso. — Tu és um homem inteligente; ajuda-me nesta grande colisão, e hás de ver que fazes teu amo agradecido.

Moore ouviu com espanto estas frases. Não se atreveu, porém, a perguntar a causa de tão abjeto mêdo, a qual talvez adivinhasse. Acalmou o amo o melhor que pôde, e prometeu executar fielmente as suas ordens para o servir e retirou-se, voltando para a Tôrre pelas três horas da manhã. Aquela noite de trabalho valeu depois a sir Jorge Moore mil e quinhentas libras, o que hoje equivaleria talvez a quinze mil.

Ao entrar na Torre, Moore foi direito ao quarto de Somerset e disse-lhe de onde vinha:

— Encontrei sua majestade o mais benévolo para com sua excelência; completa e inteira a sua velha amizade, e resolvido a evitar que lhe suceda mal. Para satisfazer a justiça é preciso comparecer perante o tribunal, mas nada será resolvido contra vós; sòmente podereis assim ver quem são os vossos inimigos e conhecer-lhes a astúcia, conquanto não possam ter poder contra vós.

O prisioneiro ouviu alegremente estas afirmações, que ecoaram nas suas próprias esperanças risonhas de ser restituído pelo perdão à liberdade. Consentiu em ir a Westminster Hall; e o tenente deixou-o aparentemente satisfeito de espírito.

Para a ocasião do julgamento, Moore tomou uma outra precaução especial. Quando Somerset se sentou no tribunal, para onde fôra seguido por dois guardas da Tôrre, cada um com o manto no braço, êstes sentaram-se também de um e de outro lado do prisioneiro, não o perdendo de vista e de atenção um só momento. Êstes dois homens tinham recebido secretas instruções do tenente para que, se Somerset fizesse a mais ligeira alusão ao rei, lhe deitassem imediatamente as capas sôbre êle e o tirassem do tribunal.

Quando Somerset reconheceu que tinha sido enganado e que ia realmente ser julgado ficou evidentemente inquieto; mas, ou porque tivesse adivinhado a intenção dos guardas com as capas, ou porque concluísse que nada ganharia em atacar o rei, nada tentou naquele sentido, e o julgamento seguiu até o fim sem incidente.

O processo contra êle era menos consistente do que o da condêssa, não podendo provar-se que tivesse tomado parte qualquer na execução do crime. Julgado segundo as regras dos processos modernos teria provàvelmente ficado absolvido por falta de provas. Mas naquele tempo os tribunais não eram tão melindrosos e o conde de Somerset foi julgado culpado pelo veredito de seus pares.

Enquanto isto sucedia em Westminster, Jaime I passava o dia na maior ansiedade em Greenwich. Desde a madrugada colocara-se junto de uma janela que dominava tôda a vista do rio e quando via aproximar-se do palácio qualquer bote, logo mandava saber notícias do julgamento, praguejando

furiosamente, se lhe falhava a informação desejada. Foi só depois do anoitecer que um mensageiro especial, mandado por Moore, lhe levou as boas notícias de que o julgamento havia acabado sem a mínima referência a êle, e de que Somerset fôra condenado sem perigo.

Somerset foi condenado, mas nem nêle nem na condêssa as sentenças foram executadas. Depois de alguns anos de prisão foram soltos por ordem do rei. Êste conferiu ao seu antigo favorito a enorme pensão anual — para aquela época — de 5.000 libras, e trocou com êle constante e afetuosa correspondência até a sua própria morte.

A condêssa de Somerset morreu pouco tempo depois da sua libertação, mas o conde viveu ainda muitos anos e tomou ainda parte nas desordens políticas do reinado seguinte, movido, sem dúvida, pelo ódio ao seu antigo rival Buckingham. Mas a mancha do seu passado enodoava-o todo e os líderes do Parlamento desprezaram a ação e o auxílio de um lorde que fôra réu.

Para a história pública dêste extraordinário acontecimento é tudo quanto há. Nada mais foi nunca possível enuncair. A teoria de que tão altos personagens conspiraram juntos para assassinar um insignificante cavalheiro, meramente porque se opusera ao casamento de dois dêles, e porque divulgara casos difamatórios sôbre uma grande dama, foi aceita pelos tribunais que assentaram julgamento do caso e passada para a história popular dos livros. Em si própria parece improvável. Examinando no conjunto a sobressaltada linguagem pronunciada primeiro pela infeliz vítima e depois por Somerset, e ainda mais o espantoso procedimento do rei Jaime, semelhante teoria é totalmente absurda.

Qual será, pois, o segrêdo, o horrível segrêdo cujo conhecimento pôde arremessar com tanta afoiteza prisioneiros para os cárceres da Tôrre, e cujo mêdo de divulgação fêz tremer um poderoso soberano e verter lágrimas como o mais fraco dos homens? Debaixo desta tragédia de sir Thomas Overbury é positivo andar oculta outra bem maior, e de caráter a fazer tremer o próprio trono.

No ano de 1612, justamente doze meses antes do assassínio na Tôrre, morreu ali Henrique, príncipe de Gales, filho mais velho de Jaime I, e o mais esperançoso de todos os príncipes da casa Stuart. Foi classificada de febre maligna a sua doença; fêz-se a autópsia do corpo e o relatório dos médicos, o qual foi conservado como reservado, provou, para satisfação dos que crêem na incorruptibilidade dos médicos da côrte, que o príncipe morrera de morte natural.

Aquêles que têm conversado até mesmo com um oficial de justiça de aldeia nos seus momentos de confidência, melhor poderão saber o que é a natureza humana, e como são piores ainda os documentos oficiais. Era conhecido quanto o príncipe Henrique desprezava seu pai e detestava o seu favorito Carr, em quem êle uma vez, pùblicamente, bateu com a raqueta de tênis. Êle era, além disso, rival de Carr em amôres, estando secretamente ligado com a condêssa de Essex, que só casou com Carr, depois da morte do príncipe. O rei Jaime, pelo seu lado, odiava e temia seu filho, cujas qualidades superiores o distinguiam e avantajavam.

Numa ocasião, em Newmarket Heath, o perverso Jaime chorou de raiva ao ver os grandes da côrte abandoná-lo para seguir seu filho. Êstes fatos se congraçam estranhamente com o boato, que se tornou predominante no tempo da prematura morte de Henrique, de que êle fôra envenenado, boato não confirmado para o público, mas sustentado então pelos embaixadores e secretários de estado nos seus despachos confidenciais.

Admitindo esta hipótese, torna-se bem claro o seguimento da inteira história. Não se pode, sem inútil insinuação, deduzir que o rei, de espírito fraco, fôsse parte ativa no assassínio de seu filho. A sua culpa, como foi depois a de sir Gervásio Helwysse, consistiu em ter fechado os olhos ao crime que êle sabia estava para ser perpetrado. Demasiadamente covarde para êle próprio planejar um assassínio, foi também demasiadamente covarde para conter o atrevido e ainda mais vingativo Carr. Por êste perdão, que o tornava cúmplice, colocou-se debaixo do poder do seu favorito.

A expressão que empregara Somerset na noite anterior ao seu julgamento denuncia em extremo a cumplicidade de Jaime. A promessa com que contava Somerset, uma

promessa de que nunca havia de ser levado a um julgamento, não era uma simples garantia dada em relação à morte de Overbury; era evidentemente uma segurança a que se houvera obrigado o rei, com respeito a um acontecimento muito mais sério e a qual não ousaria quebrar.

Duas ordens de motivos podem explicar o proceder de Carr contra o príncipe. Henrique não era sòmente o amante de sua futura mulher, era também o sucessor da coroa. Enquanto êle vivesse, a fortuna do favorito estaria arriscada. Teria podido, talvez, persuadir o estonteado rei, poderia êle próprio estar convencido de que o príncipe conspirava para se apoderar do trono na vida do pai. Na verdade, uma tentativa sem esperança de êxito; contudo, as opiniões dos contemporâneos, mais bem informados, estabelecem esta hipótese. A ela aludiu muito discreta, porém claramente, o procurador-geral, Bacon, no seu discurso no julgamento de Somerset.

Sir Eduardo Coke, um hábil advogado, mas um grosseiro cortesão, durante as primeiras frases dêstes processos, pronunciou no tribunal de justiça estas palavras:

— **"Deus sabe o que foi feito daquela doce criança, o príncipe Henrique! Eu sei alguma coisa."**

Anos depois, quando já tinha esquecido a morte de Overbury, o rei Carlos I declarou, na presença de uma testemunha, a qual repetiu a declaração ao bispo Burnet, que seu irmão Henrique fôra envenenado pelo visconde de Rochester, depois conde de Somerset!

Mas Carr, sem dúvida, não cometeu o crime sem ajudas. Não o podia cometer tão cautelosamente a ponto de escapar aos olhos dos seus íntimos amigos e mais próximos conselheiros. Ora, o que apenas suspeitavam os outros cortesãos devia sabê-lo sir Thomas Overbury. Daí as misteriosas ameaças proferidas a Helwysse; dali a a presunçosa arrogância com que rejeitou a embaixada da Rússia; e tão resolutamente arrostou com a inimizade da mulher de Somerset.

É finalmente para esta mulher que converge a atenta investigação dêste misterioso caso. É ela — e não o marido — quem aparece como agente ativo na tragédia. O favorito, seguro da proteção de seu amo, podia ter desprezado a maliciosa oposição do seu antigo confidente. Todavia, a morte de Overbury (repare-se bem) foi no processo obra de Frances Howart.

É difícil supor que o tribunal que a julgou e o público que a condenou por êste terrível crime pudessem ter ingênuamente acreditado que êle fôsse sugerido por singular desavença ou vingança de se ter oposto Overbury ao seu casamento e de ter usado de algumas expressões injuriosas contra o caráter dela. O motivo pareceria insuficiente para o tempo e era-o claramente assim no caso de Somerset. Se a sua intervenção no crime foi proveniente do receio em que estava das revelações que Overbury poderia fazer, êste mesmo receio poderia também ter-se comunicado de Somerset para sua mulher. Não obstante tudo quanto procure explicar ter ela tomado parte na conspiração, não explica o ter tomado a **principal**. Por que a condêssa de Somerset, em vez de se apresentar como cúmplice do marido, manteve-se firme, no processo, quase como a **única** autora do assassínio?

A condêssa de Somerset era mulher perversa; era, talvez, a mais depravada mulher do seu tempo. Mas ainda mesmo no coração da pior mulher há alguma coisa de bom, pelo menos na ternura pelo homem que ama. O príncipe morto amara Frances Howard; é lícito supor que ela lhe tivesse igualmente algum afeto. Se assim foi, a subseqüente união com Carr — uma união na qual havia, pelo menos, tanto de ambição como de amor — não podia ter apagado completamente a imagem do príncipe, novo e formoso, que, durante longos tempos, conquistara o seu coração.

Quem sabe se essa mulher, dentro da sua própria malvadez, foi movida de verdadeiro sentimento de vingar o cruel destino do moço que ela amara? Quem sabe se, com a lógica de mulher, tivesse passado a culpa da morte dêle dos ombros do marido para os do mais velho e mais experimentado conselheiro dêste e que era, além de tudo, seu atroz inimigo? Quem sabe se assim foi levada a exercer aquela vingança que, pelas suas muito próximas conseqüências, anunciou a longa tragédia da queda dos Stuarts do trono de Inglaterra?

EU SEI TUDO

N.º 465 — Ano XXXIX N.º 9 — Fevereiro — 1956

CORRESPONDÊNCIA

Carlos E. Lippman — D. Federal — Recebemos. As fotografias são fracas. Vamos estudar. Quanto ao pedido já foi remetido.

★

Guiomar Ladeira Vasques — Belo Horizonte — Creia que não é possível. Foi tão recente! Já procurou obter os números? Queira indicá-los, pois talvez possam ser encontrados em nossos arquivos.

★

Alberto Kuntz — P. Alegre — A nossa intenção é essa, realmente. Causou-nos, portanto, grande satisfação. Dentro de pouco tempo atenderemos o seu pedido, pois faz parte do nosso programa.

★

Maria de Lourdes M. Moreira — D. Federal — Será mais fácil se nos indicar o autor, pois sendo — conforme diz — inglês, a obra que leu, em francês, pode ter sido editada com título bem diverso do original.

★

Jorge Miranda Corréa — Belém do Pará — Nada recebemos do que anunciou.

SUMÁRIO:

Passos na noite (conto)	5	a	8
A energia solar em 1956			8
Bênção a cavalo			9
A morte chegou sorrindo			9
"Achados preciosos"			9
Dez mitos acêrca da saúde	10	a	12
As latas "imprestáveis" (episódio real)			13
A grande estréia (conto)	14	a	18
Condenado o bombardeio em massa?	19	a	24
Veredicto numa bola de cristal (episódio real)	25	a	26
O mistério da fala	27	a	31
Tato oriental			31
A mulher, essa desconhecida... (O espírito de contradição)	32	a	34
A diferença entre um diplomata e uma mulher			34
Êste mundo louco			34
O mistério das esferas de ouro (romance-cont.)	38	a	42
O caso dos Jardins Suspensos (conto)	43	a	50
S.O.S. para o seu lar			51
Pertinácia			52
Direito de proprietário			52
Plágio			52
Os doutôres feiticeiros (policromia)	53	a	59
A lua terá que trabalhar!	60	a	63
Agora, já fizeram isto!			63
Veículos mais curto			64
Andaremos nisto?			64
As radiações do corpo humano			64
Maior segurança			64
Precaução!			64
O caso das pisadas reveladoras (Segredos de Scotland Yard)	65	a	68
Visão mundial: O fantasma da guerra fria	69	a	75
Para a futura guerra andaremos assim			76
Tocando de ouvido			76
Enquanto o cão salva vidas, o gato as envenena	77	a	79
Enfim, vamos navegar sem enjoar	80	a	81
A tôrre de Londres (Neblinas da História)	83	a	89
A morte com meias de sêda (continuação)	91	a	98
Memento EU SEI TUDO (Dezembro de 1955)	99	a	105
Nos domínios da gramática			106
Charadas — Quebra-cabeças			107
Dicionário de nomes próprios			112
A garrafa acusadora (episódio real)			113

A CAPA A máscara, de côres berrantes, faz parte dos "trabalhos" médicos dos "doutôres" selvagens da Ásia, África e Américas. Há mesmo um tipo determinado de máscara para cada "especialidade" e cada moléstia, podendo-se fazer, por isso mesmo, uma aproximação bastante curiosa com os fantoches do teatro de pantomima e, afinal, com o próprio Carnaval. E por falar em carnaval... Já escolheram a máscara?